Oldair de Oliveira

O MESTRE DAS SOMBRAS

Um raio X histórico de **Manoel de Abreu**

SPR

FAROL

Oldair de Oliveira

O MESTRE DAS SOMBRAS

Um raio X histórico de **Manoel de Abreu**

1ª edição
São Paulo, 2012

SPR

Copyright © 2012 Oldair de Oliveira. Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, mesmo que parcial, por qualquer meio
e processo, sem a prévia autorização escrita do autor.

ISBN: 978-85-913455-0-2
Impresso no Brasil em abril de 2012

Editor: Rubens Schwartz
Coordenação editorial: Daddy Mallagoli
Revisão: Ederson Gomes Benedicto
Projeto gráfico: Marco Murta
Capa: William Castro
Tratamento de imagens: Roberta Bassanetto
Editoração: Farol Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Oldair de
O mestre das sombras: um raio X histórico de Manoel de Abreu / Oldair de Oliveira.
-- São Paulo : SPR, 2012.

Bibliografia
ISBN 978-85-913455-0-2

1. Abreu, Manoel de, 1891-1962 2. Médicos – Biografia I. Título

12-04464 CDD-610.92

Índices para catálogo sistemático:
1. Médicos : Biografia e obra 610.92

Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR)

Av. Paulista, 491 – Conj. 41/42 – 01311-000 – São Paulo, SP
Tel. (11) 3284-3988 – Fax (11) 3284-3152
www.spr.org.br

Dedico esta obra
à Radiologia

Sobre o autor

Oldair de Oliveira é mineiro da cidade de Umburatiba. É jornalista, formado pela Cásper Líbero (2000) e licenciado em História pela Universidade Cruzeiro do Sul (2009). Iniciou sua carreira no antigo *Diário Popular* (hoje *Diário de S. Paulo*), passando pelas redações das revistas *HOSP* e *Hotelaria*, da Editora Suprimentos, e *MetrôNews*. Neste último trabalhou por seis anos e meio, inicialmente como repórter de Saúde e, posteriormente, como editor. Foi também editor de Turismo-Gastronomia e Arquitetura da revista *Chiques&Famosos* e editor-chefe da *Universo Masculino*. Entre suas muitas colaborações, escreveu como *freelancer* para a publicação *Leituras da História*, da editora Escala. Para essa publicação produziu perfis biográficos, como *Maria Leopoldina, uma estrangeira entre estranhos* e *Saladino, o herói muçulmano*. Ambos são sínteses de duas de suas paixões: a cultura árabe-muçulmana e a história do Brasil, principalmente dos fatos e personagens cujo viço foi se perdendo com o tempo.

Apresentação

Resgatar a história de Manoel de Abreu, 50 anos depois de sua morte, foi mais que fazer uma viagem no tempo. Foi seguir suas pegadas em bibliotecas, arquivos, museus, cartórios, cemitérios, instituições nas quais se associou e, evidentemente, entre os poucos familiares vivos que ainda lhe restam. Foi também enxergá-lo além do médico inovador e genial e vislumbrá-lo em sua rica poesia, na sua corpulenta filosofia ou nos seus ideais sobre os mais variados temas, em que se revela o homem cheio de sonhos e aspirações, angústias e desejos. O homem além do mito.

E assim, desvendando suas múltiplas facetas e características, ocorreu o encontro com um cientista incansável, que ousou sonhar e desafiar o senso comum ao dar à luz sua obra-prima: um aparelho de raios X que mudaria radicalmente o combate à tuberculose, por permitir o diagnóstico precoce, quando o paciente ainda não demonstrava qualquer sintoma da doença. O equipamento, batizado posteriormente de abreugrafia, levou a uma revolução na época. Como alguém poderia estar doente

se aparentemente estava são? Essa era a pergunta de muitos. A abreugrafia não só conseguiu responder a essa indagação como também trouxe uma chance de cura – quando seguida de tratamento adequado – àqueles que fatalmente se juntariam às estatísticas de mortalidade.

Pela simplicidade de operação da máquina e menor custo do processo (substituía os filmes grandes, de 30 x 40 cm, por minúsculos, de 35 mm), a invenção ganhou o planeta e fez de Abreu uma justa celebridade nacional e internacional. E não lhe faltaram homenagens e condecorações para assegurar tal posto. Ainda assim, faltaram-lhe o prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina — ao qual foi indicado em três ocasiões distintas (1946, 1951 e 1953) — e a glória póstuma. Hoje Manoel Dias de Abreu é apenas um ilustre desconhecido, apesar da grandeza de sua história e de suas realizações, como as próximas páginas revelarão. Passado meio século da sua morte, seu nome saiu de cena e seu aparelho foi engolido por ferramentas mais modernas e complexas. E assim, vagarosamente, criador e criatura foram tomados pelas sombras do esquecimento. Só agora, 50 anos depois, voltam à tona com seus segredos e peculiaridades.

Paulistano, filho de pai português, Manoel Dias de Abreu nunca pensou em ser um benfeitor da humanidade. Porém, juntamente com a geração dos grandes cientistas que nasceram no Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX, tinha consciência de que havia muito por se fazer, descobrir e realizar. Por isso, tal qual Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolpho Lutz, Vital Brazil e Emílio Ribas, ajudou a moldar a cara da moderna medicina brasileira, fazendo do Brasil, em determinados momentos, uma referência entre a elite mundial. E é esta história de superação, persistência, luta e doação que o leitor é convidado a conhecer nas próximas páginas. Boa leitura!

Prefácio

Contar a história da vida de uma pessoa é um trabalho de enorme responsabilidade. Pode acontecer de não conseguirmos traduzir claramente o que ela sentiu, por que agiu de determinada forma ou o que a levou a tomar determinada decisão. Podemos, sim, reproduzir o cenário, o ambiente, descrever causas e consequências, podemos sempre buscar a melhor interpretação dos fatos. E, ainda assim, podemos nunca fazer justiça, ao valorizar demais ou menosprezar um fato, um dia daquela vida.

A partir daí, você, leitor, imagina o que significa redigir uma biografia. Paradoxalmente, é quase um trabalho desumano com o pobre do autor; ele deve ser preciso sem soar parcial, deve ser claro sem pender para a injustiça, deve pesquisar, procurar documentos, entrevistar pessoas e confrontar dados para descobrir uma data, um ano, nada mais do que quatro dígitos.

Assim aconteceu com esta obra. Entre outras descobertas, nosso jornalista e historiador, Oldair de Oliveira, contrariando publicações anteriores, descobriu que o dr. Manoel de Abreu

nasceu em 1891, fato comprovado com documentos. Mudamos a data de nascimento de uma pessoa? Ao que parece, sim. E isso é só um pequeno exemplo do tamanho da responsabilidade que um projeto como este exige.

A história deste livro começou no início de 2011, quando o próprio Oldair, prestando serviços para a nossa Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR), durante uma reunião do Clube Manoel de Abreu, se deu conta de que em janeiro de 2012 faria 50 anos que o médico que dá nome ao evento havia falecido. E ele mesmo veio nos questionar sobre a importância dele – quem foi esse homem, que por vezes é citado nas histórias escritas sobre a radiologia e dá hoje o nome a uma importante e tradicional reunião médica organizada pela SPR? O pai da abreugrafia é sempre a primeira e mais rápida resposta. Mas e o que mais? O que mais sabemos ou temos de informação sobre essa figura? Qual foi de fato sua importância para a medicina e, diante dela, há o reconhecimento adequado?

Esses questionamentos me fizeram perceber que há, na verdade, pouco material sobre Abreu, e muito do que há não é tão apurado – vide o fato de descobrirmos que as datas de nascimento antes divulgadas não eram corretas. Um homem que construiu tanto, que com sua curiosidade e sua vontade de expandir o conhecimento nunca parou de estudar e de testar, precisava ter sua história contada com mais clareza e assertividade. Dr. Abreu contribuiu imensamente para o desenvolvimento da medicina e, principalmente, para a área de diagnóstico por imagem. Se hoje temos equipamentos modernos, ressonâncias e tomografias, nos lendo por dentro e permitindo a médicos nos desvendar quase que por mágica, é porque um dia, lá atrás, quando nada disso parecia possível, alguém pensou além e não temeu desafios, erros que surgiriam ou qualquer dificuldade. Um inventor pode ser visto

como um louco, afinal, ele teima e insiste em dar vida a algo que, até então, nos parece absurdo. Como assim, um equipamento que conta os segundos, minutos e horas do nosso dia? Como assim, um pássaro de ferro tão pesado subir e voar por sobre nuvens e oceanos? Como assim, uma máquina que transpassa nosso corpo e fotografa nosso pulmão, mostrando se estamos ou não doentes?

A iniciativa de Oldair em querer saber mais se somou à vocação da SPR em buscar e oferecer o conhecimento, a educação. Quando ele surgiu com suas dúvidas, vimos a possibilidade de passarmos a história a limpo e fazermos justiça ao Dr. Abreu, contando sua trajetória da forma mais clara, coerente e aberta possível. Fizemos então a parceria com Oldair, que iniciou suas pesquisas.

Para nós, da SPR, é um orgulho poder trazer às suas mãos este livro. Nele, você vai descobrir que o médico Manoel de Abreu foi também um poeta, sociólogo, autor, inventor e filósofo; foi um homem que enfrentou os desafios de seu tempo com coragem e determinação.

Infelizmente, nosso País tende a valorizar e perpetuar nomes sem tanta importância e se esquecer de homens como o dr. Abreu, que com suas pesquisas e invenções fez o Brasil ser reconhecido e admirado no exterior. Ainda que ele empreste hoje seu nome ao nosso evento e a praças e ruas espalhadas por inúmeras cidades, poucos sabem de fato quem ele foi – e posso afirmar, sem medo, que esse desconhecimento reina inclusive entre os profissionais radiologistas.

Assim, entregamos um livro que é um romance, a história de uma vida que conheceu a glória e o esquecimento, voltado para todos os tipos de leitores – médicos ou não. Com esta publicação, ficará mais claro para os radiologistas e outros profissionais da medicina quem foi o homem que com certeza influenciou os meios como trabalhamos e lidamos hoje com

nossos pacientes. Para os brasileiros, será aqui apresentado um homem que honrou seu país, apresentou-o ao mundo e trabalhou para que cada conquista sua fosse a conquista de todos, com benefícios a todos.

Contar a história da vida de uma pessoa é um trabalho de enorme responsabilidade. Contar a história da vida do dr. Manoel de Abreu deve ser considerado um ato de audácia sem tamanho. Por isso, desejo que você aprecie esta obra sem moderação!

Rubens Schwartz, médico radiologista,
tesoureiro geral da SPR (biênio 2011-2013)
e idealizador deste trabalho.

Sumário

Apresentação 7
Prefácio 9

A visita dos magos 15
Uma aventura nos trópicos 25
A faculdade de medicina 39
Prólogo parisiense 51
Uma ideia para o futuro 65
De volta ao Rio de Janeiro 77
Um trabalhador compulsivo 89
Paris e Berlim 101
O Sete de Setembro 115
Um divisor de águas 131
Eis a Abreugrafia 149
O criador e suas outras criaturas 169
Anos dourados 187
O poeta 201
O educador 217
O filósofo 225
Últimos anos 231
Últimos dias 243
A viúva de Abreu 257
O renascimento de um gênio 271
Bibliografia 275

Índice onomástico 284
O autor agradece 289
Arquivos e bibliotecas 291
Créditos das imagens 292
Depoimentos ao autor 293
Abreu em frases 294

A visita dos magos

Rio de Janeiro, novembro de 1937. Na estreita Rua do Rezende, no número 128, um grupo de médicos, vindos de uma conferência sobre tuberculose no Chile, direcionava as suas atenções a um equipamento de raios X que estava causando um verdadeiro *frisson* entre a comunidade médica internacional. No endereço em questão, dentro de um prédio de três pavimentos, funcionava aquele que foi o primeiro posto de cadastramento torácico do Brasil, que estava sob a chefia do médico paulistano Manoel Dias de Abreu. A missão dele e de sua equipe era radiografar os pulmões dos que por ali passavam e descobrir, de forma precoce, casos de tuberculose, principal preocupação da saúde pública mundial. Ciente de sua responsabilidade, Abreu caprichou. E após muitas noites de estudo inventou um aparelho que tinha tudo para revolucionar o combate à doença, por revelar casos ainda não sintomáticos, mas igualmente perigosos. O inventor ainda não sabia, mas estava diante não só de uma criação que mudaria radicalmente a forma de diagnosticar a doença, bem como a sua própria vida.

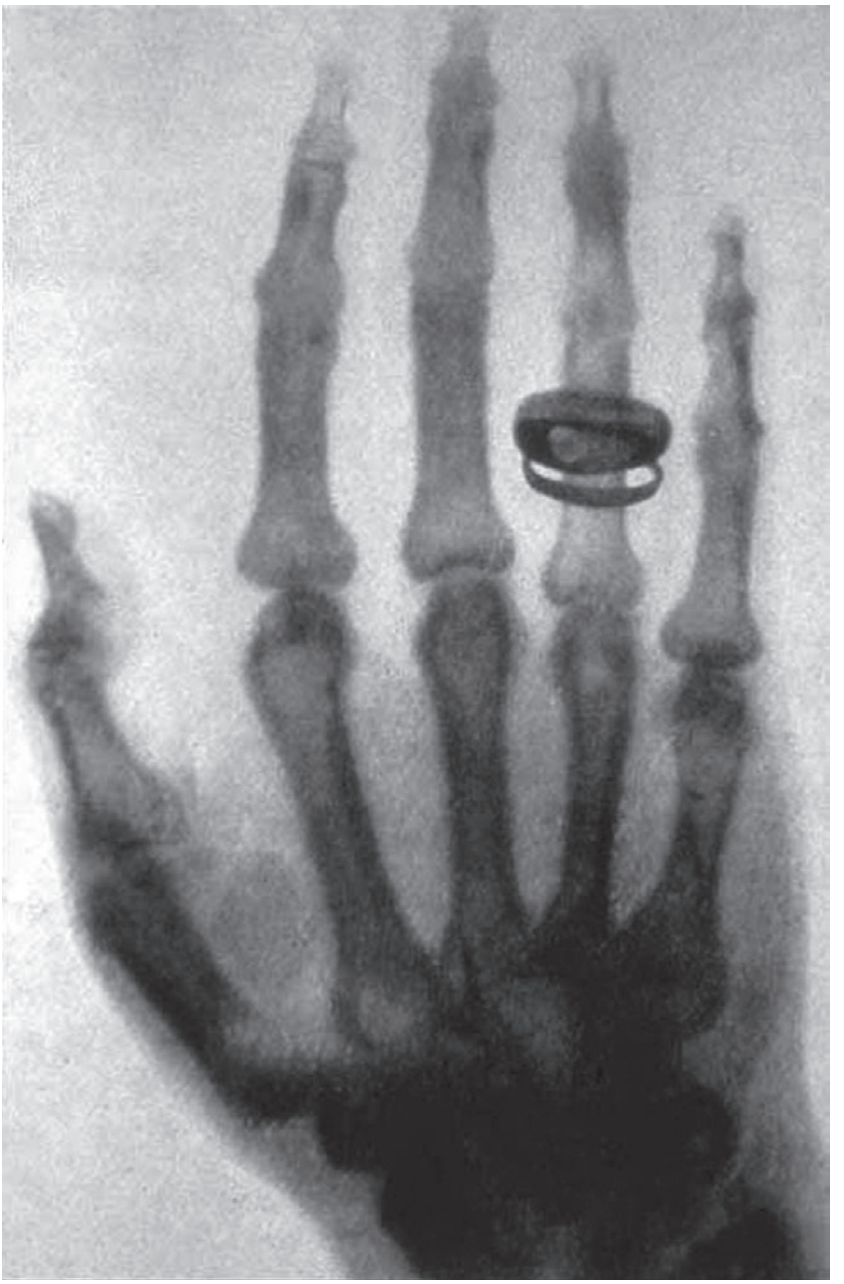
Wilhelm Roentgen, descobridor dos raios X

Mão de Bertha Roentgen, a primeira radiografia

O método criado já tinha sido tema de diversos artigos publicados em revistas especializadas. Com ele seria permitido pela primeira vez fazer o exame de amplos grupos populacionais, de forma rápida e barata, algo que alguns anos antes tinha sido considerado uma utopia. A teimosia do médico, no entanto, provou que não era. E quase duas décadas depois, após falhar em duas tentativas anteriores, a invenção de Abreu confirmava-se certeira e eficaz.

Na prática, o sistema desenvolvido por ele revelava que entre a população aparentemente sadia circulavam muitos tuberculosos, uma rica fonte de contágio. Conhecê-los significava isolar esses pacientes em um local especial – os chamados dispensários – e combater a moléstia em sua fase inicial. E, como acontece na maioria das grandes invenções, o aparato era muito simples e preciso. Grosso modo, o aparelho emitia um feixe de raios X, que sensibilizava um écran (uma placa quadrada de tungstato de cálcio). Esta ficava fluorescente e gerava uma imagem visível a olho nu, que era captada por lentes de uma câmera fotográfica. A imagem era registrada em filmes de 35 mm, muito mais baratos que os em voga naquele momento, de 30 X 40 cm, típicos de outros processos concorrentes, como a radiografia. Apesar da menor dimensão do filme, o registro era plenamente eficaz para o diagnóstico, bastando o uso do negatoscópio ou de uma lente de aumento.

O equipamento, batizado inicialmente de roentgenfotografia (em homenagem a Wilhelm Roentgen, descobridor dos raios X), foi idealizado e testado dentro do antigo Hospital Alemão, em 1936, quando Abreu era o chefe do serviço de radiologia. No local, na Rua Barão de Itapagipe, funciona hoje o Hospital Central da Aeronáutica, e da construção original restou apenas a fachada do prédio principal. Foi para uma de suas salas que o radiologista levou o equipamento produzido pela Casa Lohner, na Avenida Rio Branco, 133, conforme projeto desenvolvido



Mão de Von Kölliker, primeira radiografia pública

pelo médico. A empresa era a subsidiária da alemã Siemens no Brasil e estava localizada bem ao lado do Edifício Guinle.

Os próprios engenheiros do estabelecimento duvidavam que aquela parafernália fosse funcionar. Mas cederam ao argumentador terrível e à forma apaixonada e confiante com a qual Manoel de Abreu "vendeu" seu projeto. Além disso, tudo estava muito bem exposto, fazendo com que o bom matemático e desenhista que era Abreu adiantasse e facilitasse o trabalho dos profissionais responsáveis por transformar aquela ideia em matéria.

Ainda bem. Já nos primeiros testes, Abreu observou-as longamente e deu conta do material que tinha nas mãos. Entre as poucas testemunhas desse momento estava o amigo de primeira hora, Vitor Côrtes, que trabalhava com ele desde 1922, quando aquele paulista voltou da França para se estabelecer no Rio de Janeiro, abrindo no centro da cidade seu consultório. Naquele fim de tarde, conforme a lembrança de Côrtes, ao ver as primeiras provas impressas nos rolos fotográficos, ele tinha a noção de que ali estava se fazendo a história. "Tive a convicção do seu (de Abreu) destino. Crepitava nele a chama de um entusiasmo contagiante", descreveu, em depoimento ao dr. Itazil Benício dos Santos, autor de *Vida e Obra de Manoel de Abreu*. Tinha seus motivos. Afinal, caía ali uma barreira tecnológica e surgia a chance de se combater em larga escala a mortalidade causada pela tuberculose.

Ainda em 1936, Manoel de Abreu testou arduamente sua criação. Se quisesse poderia radiografar o tórax de até cinco pessoas por minuto. Dessa forma, dada a rapidez de operação e o farto material humano, muitos foram os exames realizados e múltiplos os pormenores relevados, que nada ficavam a dever às técnicas radiológicas que se dispunham

até aquele momento. E foi assim, após muitos estudos e exames, que se preparou para tornar pública a sua invenção e os resultados que dela advinham. Fez isso na principal entidade médico-científica de então, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em nota prévia de julho daquele mesmo ano, e, a seguir, em conferência realizada em setembro na Associação Paulista de Medicina.

Foi nesta condição, de inventor e grande investigador da tuberculose, que Manoel de Abreu foi convidado por João de Barros Barreto, chefe da Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social, para assumir o comando do Serviço de Diagnóstico Pulmonar e Cadastro Torácico, órgão federal destinado ao combate da doença. Estava localizado dentro do Centro de Saúde número 3, dirigido por Aloysio de Paula, onde também funcionava um dispensário de tuberculosos.

O serviço chefiado por Abreu não passava de um sombrio e estreito espaço entre duas largas paredes do prédio e causava surpresa e constrangimento entre aqueles que chegavam ali. Essa foi a impressão daqueles primeiros visitantes ilustres vindos da conferência no Chile, entre eles duas referências alemãs: Hans Holfelder, de Frankurt, e Walter Unverricht, de Berlim. O currículo de Holfelder era extenso. Além de membro do Partido Nazista e coronel da SS (poderoso grupo paramilitar a serviço de Adolf Hitler), era autor reconhecido, principalmente por trabalhos relacionados à terapia de radiação. Além disso, também era conhecido por comparar, durante suas palestras, as células cancerígenas como sendo os judeus e a radiação ionizante como as tropas de assalto nazistas. Seu nome também fazia parte do grupo de professores da Universidade de Frankfurt, o que o tornava tão somente uma das figuras mais respeitadas do meio médico.

Também estavam entre os visitantes o médico catalão radicado no Uruguai, Lluís Sayé, que, já em 1911, realizava a técnica do pneumotórax artificial, que seria durante muito tempo

a principal arma contra a tuberculose pulmonar. A base teórica desse procedimento foi definida pelo italiano Carlo Forlanini, em 1882, no mesmo ano que Robert Koch identificou o bacilo que seria batizado com seu nome e estabeleceu a base infecto-contagiosa da doença. Como se não bastasse esse pioneirismo, Sayé foi um dos colaboradores estrangeiros do francês Albert Calmette, que, ao lado de Camille Guérin, desenvolveu a vacina BCG (bacilo Calmette-Guérin) testada inicialmente em 1921, nas crianças do Hospital de Caridade de Paris. No entanto, com a eclosão da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), Sayé foi obrigado a se exilar do seu país, daí a se encontrar estabelecido no Uruguai naquele momento.

O grupo teve recepção à altura, com direito a almoço no Jockey Club oferecido pela Casa Lohner em parceria com Abreu. Mas não era o glamour do Jockey e dos demais encontros cheios de pompas e melindres que aqueles homens da ciência buscavam. Era justamente no espaço exíguo do laboratório do Centro de Saúde número 3, com um mobiliário modesto e até certo ponto desorganizado, diversos dispositivos mecânicos e metros de filmes fotográficos à mostra, que a conversa rolava solta. Sem censura, deixavam-se surpreender com o que lhes era apresentado.

Na condição de meros alunos, aqueles magos europeus ouviam atentamente tudo o que Abreu dizia. E se surpreendiam com a inteligência e o conhecimento daquele moreno espigado, cujas olheiras salientes ressaltavam os vivíssimos olhos negros – conforme descrição do dr. Navarro Gutierrez, da Espanha.

Enquanto isso, Abreu controlava o seu nervosismo em falar diante de grandes nomes da medicina fumando compulsivamente, emendando um cigarro atrás do outro, hábito que aprendeu durante sua juventude na França. Perante eles, Abreu demonstrava um embaraço típico dos universitários se apresentando para seus mestres, ainda que já contasse com 44 anos,

fosse uma referência da medicina nacional e já tivesse escrito vários livros de impacto no exterior. Sua inquietação não era em vão. Afinal, sabia que causar boa impressão e demonstrar a eficiência do aparelho era o primeiro passo para fazer com que sua criação ganhasse o mundo. E ele conseguiu.

Prova disso é que outros especialistas continuaram chegando ao Rio e procurando-o na Rua do Rezende, 128. Por ali passaram também Helmuth Ulrici (Alemanha), Gumersindo Sayago e Rodolfo Vaccarezza (Argentina), Armando Sarno (Uruguai), Cruz Coke (Chile), D. Lindberg e George Pfhaler (EUA) e muitos outros. Foi uma das poucas vezes em que o fluxo pela busca do conhecimento se inverteu. Acostumado a buscar no exterior as novidades científicas, o Brasil, mais precisamente Manoel de Abreu, teve de abrir as portas de seu laboratório para receber os colegas de fora. E todos voltavam a seus países de origem impressionados com a simplicidade daquela engenhoca e o quanto ela seria útil à luta diuturna antituberculose. Mas essa história não começa nem termina aqui. Para conhecê-la a fundo é preciso retroceder algumas décadas e voltar a ainda provinciana cidade de São Paulo do século XIX.

A mão no queixo ao ser fotografado foi a pose preferida de Abreu desde a infância

O frágil Manoelito: uma típica e bem nascida criança paulistana

Uma aventura nos trópicos

Uma casa da Rua Riachuelo, em São Paulo, estava coberta de tristeza em 8 de dezembro de 1889. Naquele dia, o casal Júlio e Mercedes cumpria a dolorosa missão de enterrar o primeiro filho, de apenas alguns meses. Acompanhados de amigos, partiram da residência em que moravam havia pouco mais de dois anos e seguiram em cortejo fúnebre para um distante cemitério localizado nos Altos da Consolação, em um percurso de quase três quilômetros. Em silêncio, o grupo atravessou o vale do riacho Anhangabaú e subiu a colina pela Rua Consolação. Ali se encontrava a única necrópole da cidade de 50 mil habitantes, acostumada até pouco tempo antes a enterrar seus mortos no interior das igrejas.

O nome da inocente vítima era Luís, uma clara homenagem ao avô paterno de Júlio, Luís Antônio de Campos, e da avó materna, Luísa Clara Mello. Naquele dia, sob a poeira do caminho e do sol que ardia, o pai repassou a sua história, contrastando a tristeza daquele momento com a felicidade de apenas três dias antes, quando celebrou seu 34º aniversário. O que ele

ainda não sabia é que passaria por situação semelhante 16 meses depois, para enterrar seu segundo filho, que também se chamou Luís. A alegria só seria devolvida àquela família com a chegada do terceiro herdeiro. A este, que cobririam ainda mais de cuidados, chamaram de Manoel.

Júlio Antunes de Abreu nasceu em 5 de dezembro de 1855, em Santa Maria dos Anjos da Vila de Monção, região do norte de Portugal separada do território espanhol apenas pelo rio Minho. Era filho de Felizardo Anacleto Antunes e Luiza de Abreu Motta. Seus pais tinham uma quinta e nas redondezas também vivia boa parte do núcleo familiar, como os avós paternos Luiz Antunes de Campos e Maria David, e maternos, Manoel Antônio Abreu e Luísa Clara Mello.

Ainda que mantivesse uma vida economicamente tranquila na sua terra natal, desde cedo se revelou em Júlio um caráter ambicioso e aventureiro, que tem marcado o povo português ao longo de sua história. Sendo assim, foi influenciado pela propaganda da época, que vendia o Brasil como uma terra de riquezas e de oportunidades. E, com cerca de 13 anos, atravessou o Atlântico e desembarcou na cidade do Recife para trabalhar em uma casa de tecidos. Na capital pernambucana ainda ficou por alguns anos até buscar outros ares. Desembarcou dessa vez na cidade de Santos, subiu a Serra do Mar e se fixou na promissora cidade de São Paulo.

No novo endereço, o português bem afeiçoado finalmente descobriu a fórmula para ganhar dinheiro ao se tornar representante de loterias. Esse tipo de jogo já fazia muito sucesso no final do século XIX e mexia com o sonho dos apostadores de ficar rico de um dia para o outro. E os negócios prosperaram. Tanto que, tempos depois, quem abrisse os principais jornais paulistanos, entre os anúncios do "poderoso tônico" da Vinha Marsala-Florio (recomendado por muitos médicos a convalescentes) e das "purgativas e antibilicosas" pílulas do Dr. C. Novais, via também a

Júlio, o pai Felizardo (sentado), dona Mercedes e o major Flaviano Rego

propaganda da Júlio Antunes de Abreu & Comp. Na empresa, fundada em 1881 e localizada na então torta Rua Direita, 39, ele tinha como sócios, inicialmente, os irmãos Luiz e Antônio e, posteriormente, Cláudio Carvalho (genro de Antônio).

Sorte no jogo, sorte também no amor. Em São Paulo, Júlio conheceu Mercedes da Rocha Dias, filha do tenente Francisco Antônio Dias e Joaquina da Rocha Dias. Depois de quase 20 anos longe de sua pátria, o português se sentia bem estabelecido e pronto para o matrimônio, o que de fato aconteceu em 29 de outubro de 1887.

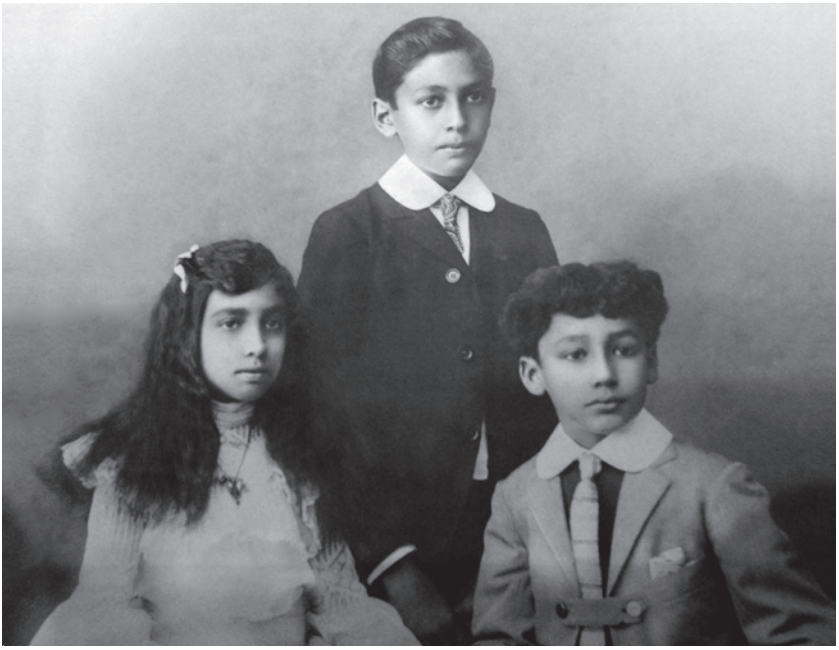
Mercedes nasceu na fazenda São João do Ipanema, localizada na atual cidade de Iperó, região de Sorocaba. Ali funcionou, de 1810 a 1895, a Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema, que é considerada a primeira siderúrgica do País. Seu pai foi um dos diretores dessa fábrica, que, durante um tempo pregresso, atraiu muitos trabalhadores europeus, basicamente, suecos e alemães. No entanto, nunca foi lucrativa, chegando a ser desativada em 1860, para ganhar uma sobrevida às pressas com a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando justificou pela primeira vez o investimento.

Foi aquela filha de gaúchos, criada longe dos encantos da cidade, que o filho de Felizardo e Luiza escolheu para casar. Quando, naquele sábado de 1887, ele confirmou a sua vontade diante do cônego Antônio Paulino Benjamin, na Igreja do Carmo, se sentia um homem realizado. Ele já estava com 32 anos. Ela, com 24. Para a felicidade ficar completa, agora só faltavam os filhos.

O casal Júlio e Mercedes ainda se recuperava da dor pela perda do segundo Luiz quando nasceu seu terceiro filho. Durante muito tempo, o pai não sabia que nome escolher para o rebento. Só tinha uma certeza: aquele não chamaria Luiz, pois, no fundo, achava que essa nomenclatura não estava trazendo sorte. Para resolver o problema, o homenageado desta vez seria seu avô materno. Sendo assim, estava decidido: a criança se chamaria Manoel.

Manoel Dias de Abreu nasceu em 4 de janeiro de 1891[1]. Diante do histórico familiar de perdas prematuras dos filhos, sempre

1. Diferente do que foi divulgado até agora, todos os documentos oficiais (certidão de casamento civil e religioso e registros do Cemitério da Consolação) dão conta que Manoel de Abreu nasceu em 1891.



Manoel de Abreu, no centro, acompanhado dos irmãos Julinho e Mercedes

foi tratado com extremo zelo e carinho. Quando, aos dois anos, o garoto se apresentou com o estado de saúde fragilizado, o pai não teve dúvidas. Abriu mão dos seus negócios e conduziu a família para a quinta dos Abreu, para onde nunca mais tinha voltado desde que chegou ao Brasil. Foi na tranquilidade rural da Vila de Monção, paparicado por todos, que Manoelito, como era chamado em ambiente familiar, se restabeleceu. Quando esse dia chegou, tomaram o vapor de volta ao Brasil.

A família seguiu crescendo e as homenagens se sucederam. Em 1894 nasceu Mercedes, que será chamada carinhosamente por todos simplesmente de Yayá. Homenageada a mãe, era a vez de homenagear o patriarca. A oportunidade veio já no ano seguinte, com o nascimento de Julinho, que assim como Manoel também iria brilhar no seu campo de atuação, neste caso,

como engenheiro e arquiteto. Trinta e dois anos depois, por exemplo, ele construiria aquele que é considerado o primeiro edifício residencial da cidade de São Paulo com características modernistas, na Avenida Angélica.

A educação dos filhos era a tarefa e preocupação de dona Mercedes, que sempre acompanhou de perto o desenvolvimento dos filhos. Anos mais tarde, o já então médico não iria esquecer desses tempos. "Minha mãe preocupara-se com minha educação desde o dia em que completei seis anos. Tive professores especializados em tudo, por isso quando entrei na Faculdade de Direito, para os exames preparatórios, já possuía uma sólida base cultural", diria, conforme Gil Ribeiro, na obra *Manoel de Abreu*.

Dessa forma, os três irmãos seriam encaminhados para receber a formação inicial na mesma instituição, a tradicional Escola Americana, que, na época, funcionava na esquina das ruas Ipiranga e São João. Manoelito estudaria ali por pelos menos três anos (1899, 1900 e 1901), como demonstram documentos do acervo do Instituto de História do Mackenzie. Nesta fase, já morava na Rua Barão de Itapetininga, 61, a menos de 500 metros da instituição fundada pelo reverendo presbiteriano George Whitehill Chamberlain e sua esposa, Mary.

Apesar de "protestante", a escola, construída em tijolinhos aparentes, recebia filhos de famílias de outras orientações religiosas, majoritariamente católicos e judeus, assim como de múltiplas nacionalidades. Dentro das salas e nos intervalos, Manoel de Abreu se relacionava com pequenos estrangeiros. Em 1900, por exemplo, dos 440 alunos matriculados, 40 eram italianos, 34 alemães, 19 franceses, 14 americanos, 11 ingleses e 21 portugueses. Ali, diferente da praxe da época, as classes eram mistas e não havia submissão a castigos físicos.

A São Paulo deste período ainda era um lugar sem cinema – o primeiro só seria inaugurado em 1907 – e com ruas tomadas por tilburis (espécie de carroça com capota). A população assis-

tia extasiada à chegada dos primeiros bondes elétricos e se impressionava ainda mais com os primeiros automóveis, que, em 1903, já eram seis. Um dos divertimentos dos jovens era "fazer o Triângulo", referência ao eixo formado pelas ruas São Bento, Quinze de Novembro e Direita, local onde nasceu a cidade. Eles faziam o percurso em uma direção e as moças, no sentido oposto, permitindo assim o flerte.

Depois da Escola Americana, Manoel de Abreu seguiu para outra instituição estrangeira, o Hydecroft College. Se antes estudava a cinco minutos de casa, bastando pegar a Conselheiro Crispiniano para cair na São João, agora teria que rumar para a distante e isolada Avenida Paulista, número 224. O esforço se justificava, uma vez que o Hydecroft era uma instituição tradicional, onde estudavam apenas os filhos das famílias mais abastadas da capital paulista e do interior do Estado.

Terminada essa fase, Manoelito estava pronto para fazer os exames preparatórios na Faculdade de Direito, uma fase escolar que era continuação do secundário e que servia para preparar o estudante à vida acadêmica. Foi aprovado com facilidade. Já era 1905. No ano seguinte, a família Abreu retornou mais uma vez para Portugal, onde o filho mais velho ficaria por mais dois anos e completaria sua formação humana com professores particulares. Ali descobriu sua vocação. Poderia ter sido um bom advogado. Mas esse não era seu destino. Na volta, mudaria de cidade e de curso e, em 1908, já estava matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Enquanto o filho Manoel estava mudando de ares, o patriarca, Júlio, seguia o mesmo destino. Por essa mesma ocasião, deixou no Brasil esposa e filhos e rumou para Lisboa. Ali se entregaria a um novo amor e iniciaria uma nova vida e uma nova

família. Passando-se inicialmente por um viúvo que fez fortuna no Brasil, acabou se relacionando com Maria Gomes da Cunha (de Abreu). A jovem, de 24 anos, tinha bom trânsito na alta sociedade lisboeta, sendo inclusive, conforme registros familiares, amiga da rainha dona Amélia, deposta e exilada com o advento da Proclamação da República portuguesa. Assim como a monarca, era dada a obras sociais, talvez tendo aí um ponto de intersecção no relacionamento das duas.

Do outro lado, o cinquentão Júlio gostava de cultuar a figura de um legítimo aristocrata. Era um homem vaidoso, bonito e pedante. Tinha orgulho do que conquistara e gostava de exibir a fortuna que amealhara. Só viajava em navios ingleses; em Paris, só se hospedava no Ritz; e, em Lisboa, se instalava na Avenida Antonio Augusto de Aguiar, região nobre da cidade, onde tinha uma casa. Da relação entre ele e Maria Gomes, nasceu, em 1910, Júlio Gomes da Cunha de Abreu, filho único do casal, que, por essas coincidências do destino, viria também a fazer medicina e se especializar em radiologia.

Quase três décadas depois, em dezembro de 1938, Júlio Gomes casou-se com Maria Tereza, também filha única do ex-presidente português Antonio José de Almeida e Maria Joana Perdigão Queiroga de Almeida. Com eles, a linhagem dos Abreu seguiu crescendo. Tiveram três filhos: Antonio (de 1943), Maria Manuel (de 1944) e Maria Tereza (de 1946). A primeira Maria viria a se casar com o brasileiro José Elvas, em 1970, mudando-se para o Brasil no ano seguinte.

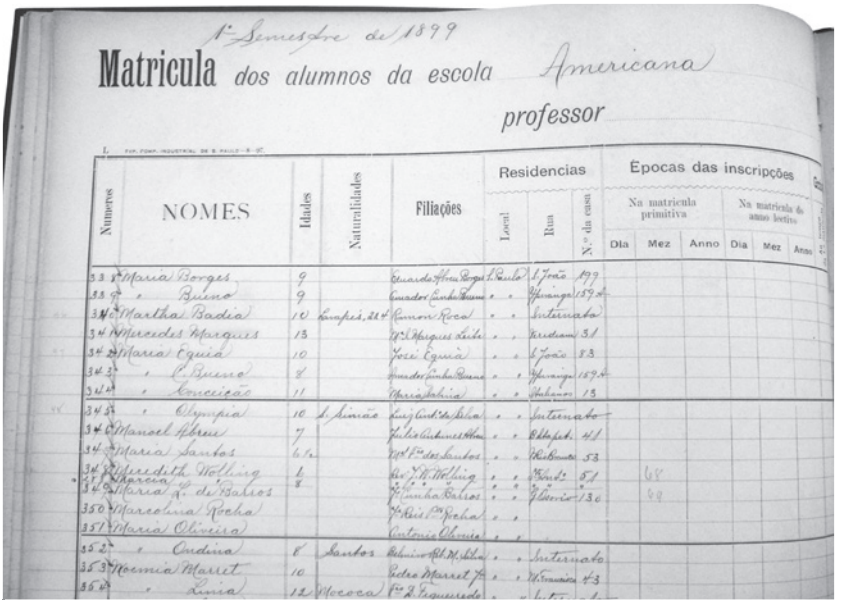
Manoel de Abreu acabaria tendo contato com os integrantes da nova família do pai. Segundo Maria Manuel, ele frequentou algumas vezes a casa em que moravam em Portugal. A lembrança que ela guarda dele é de uma pessoa agradável, paciente e atenciosa. Em uma dessas visitas, durante um evento que aconteceu em Lisboa, conta, coincidiu de ela estar com febre reumática e Abreu a teria ajudado. “Ele apareceu em casa

com (Alexander) Fleming, o descobridor da penicilina, e me disse: 'você vai ter de tomar injeção'", lembrou Maria, remetendo a um fato que teria acontecido na década de 1950, quando ela tinha cerca de dez anos.

O filho mais velho de Júlio com Mercedes teria sido o único que permitiu essa aproximação. A nobreza de Manoel, qualidade que lhe acompanharia por toda a vida, possibilitou que lutasse contra as naturais barreiras familiares. Uma mensagem afetuosa assinada por ele sugere o seu grau de aceitabilidade para com o seu irmão consanguíneo. Nela escreve: "Meu querido irmão, nosso encontro tardou, mas foi uma grande alegria para mim."

A tese da afabilidade de Manoel para com o fraterno português é igualmente confirmada por Maria de Lourdes Antunes de Brito, neta de Luiz Antunes de Abreu (irmão Júlio) e, portanto, prima em segundo grau do brasileiro. "Abreu o reconheceu (Júlio Gomes) como irmão e sempre o tratou muito bem. Chegou inclusive a pagar os estudos dele, que se formou em Coimbra". Tal generosidade não surpreende no maduro Manoel de Abreu, como veremos a seguir. E um bom ponto de partida é a Faculdade de Medicina.

A tradicional Escola Americana, localizada na esquina das avenidas Ipiranga e São João: primeiros passos



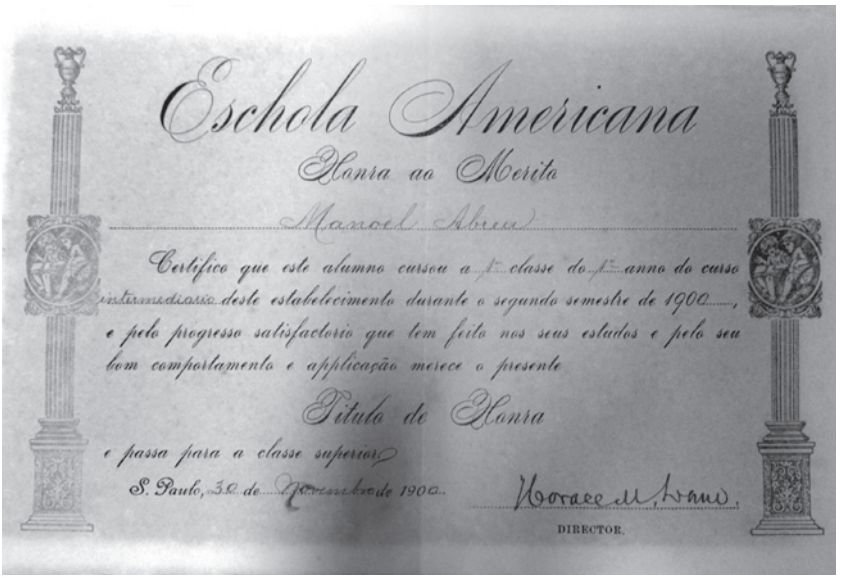
1º Semestre de 1899

Matricula dos alumnos da escola Americana

professor

Numeros	NOMES	Idades	Naturalidades	Filiações	Residencias: Local	Residencias: Rua	Residencias: Nº da casa	Épocas das inscripções: Na matricula primitiva: Dia	Mez	Anno	Na matricula do anno lectivo: Dia	Mez	Anno
33	Maria Borges	9		Eduardo Affonso Borges	S. Paulo	S. João	199						
33	" Bueno	9		Eduardo Lindo Bueno	"	"	Aliança	189 A					
34	Martha Badia	10	Campos, Est.	Ramon Roca	"	"	Internato						
34	Mercedes Marques	13		Fr. Marques Leite	"	Verdum	31						
34	Maria Equia	10		José Equia	"	S. João	83						
34	" C. Bueno	8		Eduardo Lindo Bueno	"	"	Aliança	189 A					
34	" Conceição	11		Maria Sabina	"	"	Alabama	13					
34	" Olympia	10	S. Simão	Luiz Lind. da Silva	"	"	Internato						
34	Manoel Abreu	7		Felix Cardoso Abreu	"	"	Bella Vista	41					
34	Maria Santos	6 1/2		Fr. dos Santos	"	"	Alabama	53					
34	Meredith Molling	6		Dr. J. H. Molling	"	"	Rua Dr.	51	68				
34	Maria Q. de Barros	8		Fr. Cunha Barros	"	"	Glycerio	130	68				
350	Marcolina Rocha			Fr. Luiz Da Rocha	"	"							
351	Maria Oliveira			Antonio Oliveira	"	"							
352	" Ondina	8	Santos	Belmiro Alf. M. Silva	"	"	Internato						
353	Noemia Marret	10		Pedro Marret Fr.	"	"	Alabama	43					
354	" Lina	12	Mococa	Fr. A. Fagundes	"	"	[illegible]						

O livro de matrículas do ano de 1899 em que aparece pela primeira vez o nome do aluno Manoel de Abreu



Eschola Americana

Honra ao Merito

Manoel Abreu

Certifico que este alumno cursou a 1ª classe do 1º anno do curso intermediario deste estabelecimento durante o segundo semestre de 1900, e pelo progresso satisfactorio que tem feito nos seus estudos e pelo seu bom comportamento e applicação merece o presente

Titulo de Honra

e passa para a classe superior.

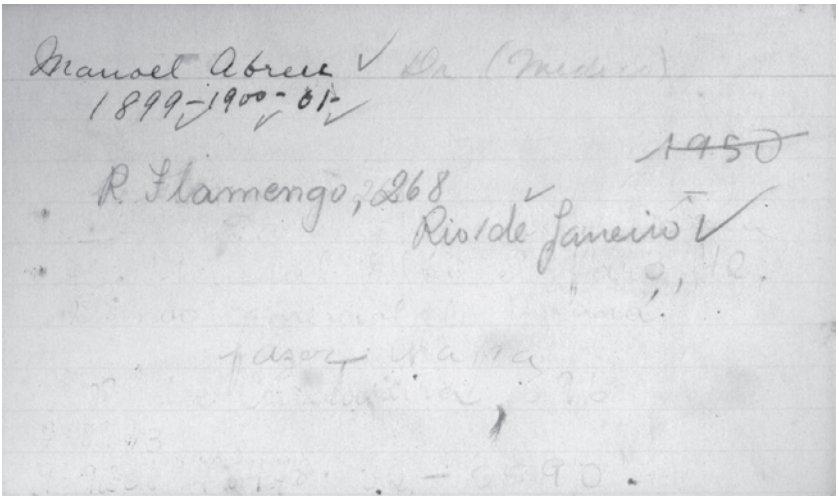
S. Paulo, 30 de Novembro de 1900.

Horace M. Lane

DIRECTOR.

Um diploma escolar revela a aplicação precoce do filho de Júlio e Mercedes

O português Júlio de Abreu fez fortuna no Brasil explorando o jogo de loterias



Uma das raras provas da passagem de Abreu pela Escola americana

Associação Paulista de Medicina

Sócio Honorário

A Associação Paulista de Medicina confere ao Dr. Manoel de Abreu o título de Sócio Honorário de acordo com Resolução aprovada pela Assembléia Geral realizada em 18 de Janeiro de 1958.

São Paulo, 13 de Março de 1958

Dr. Sebastião A. P. Campaio
Secretário Geral

Prof. Darcy Villela Hiberé
Presidente

A APM também foi palco de importantes momentos na vida de Abreu: respeito mútuo

A faculdade de medicina

A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, para onde seguiu Manoel de Abreu, funcionava dentro do complexo da Santa Casa de Misericórdia, no centro da cidade. Desde 1856, ocupava as amplas salas do antigo prédio do Recolhimento das Órfãs[1], onde ficaria em sua totalidade até 1918, quando finalmente mudaria para um edifício próprio, localizado na Praia Vermelha.

Estar dentro da principal unidade hospitalar do Distrito Federal tinha seus prós e contras. Para alunos e professores não faltava material humano a ser pesquisado, uma vez que doentes e cadáveres da Santa Casa eram empregados para as práticas de anatomia e de outras disciplinas curriculares. Por outro lado, os desentendimentos entre as diretorias da faculdade e da irmandade eram frequentes, geralmente em virtude de atritos decorrentes do controle das enfermarias e dos espaços utilizados por professores e alunos.

1. Fundado em 1739, amparava meninas órfãs, que eram instruídas pelas irmãs e que, ao casarem, tinham direito a um dote.

Naqueles tempos, o curso de Medicina primava por um corpo docente mal preparado, ensino ruim e períodos letivos de apenas quatro meses. Além disso, em função da desorganização, não havia obediência às datas dos exames, o que acabava gerando a prorrogação do início das aulas. Conforme escreveu Fernando Magalhães, em sua obra *O Centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, a instituição "vegetava sossegada, no silêncio das coisas mortas".

Por tudo isso, Manoel de Abreu estudou em uma faculdade que era um verdadeiro estopim de pólvora pronto para explodir e que não agradava nem aos professores nem aos alunos. Ambos os grupos pediam reforma no ensino. A isso se somava o instável cenário político nacional daquele momento, que reverberava dentro das salas de aula. Lá fora, a temperatura começava a aquecer diante da sucessão presidencial, que oporia o baiano Rui Barbosa e o marechal gaúcho Hermes da Fonseca. Abreu presenciou tudo aquilo. Não como um mero espectador, o que não fazia o seu perfil, mas como um jovem ativo e loquaz que percebia a olho nu as transformações pelas quais o Brasil estava passando.

Tempos agitados aqueles. Um ano depois de ter mudado para o Rio, na noite de 21 de setembro de 1909, viu sua velha faculdade ser palco do velório de dois dos seus alunos, mortos durante um conflito policial. O episódio ficou conhecido como Primavera de Sangue. As vítimas participavam de um enterro simbólico do general Souza Aguiar, chefe da polícia local. Depois que o cortejo de estudantes saiu da Faculdade de Medicina foi surpreendido no Largo de São Francisco por soldados à paisana, de cujo embate resultou a tragédia. O fato seria capitalizado por Rui Barbosa durante sua campanha derrotada para presidente, que contaria com o apoio dos paulistas.

Para o jovem Abreu, a leitura representava a fuga da balbúrdia que tomava conta do Rio de Janeiro. Sempre foi um

leitor contumaz. Satisfazia sua sanha na poesia de Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé e Antero de Quental; na filosofia de Friedrich Nietzsche; no evolucionismo de Charles Darwin; na ficção científica e policial de Edgard Allan Poe; só para citar seus prediletos. Ainda assim, a paz que tanto buscava nas suas visitas ao Jardim Botânico e na produção de sua própria poesia contrastava com o cenário agitado que presenciava no seu dia a dia de aluno. Os tempos nebulosos não passavam. A posse de Hilário de Gouveia[2], em novembro de 1910, como novo diretor, mais uma vez, deixou a instituição dividida. Professores incentivavam a greve dos estudantes, que, por sua vez, se negavam a responder às chamadas em sala de aula.

O ápice do descontentamento foi quando aproximadamente 300 jovens cercaram o prédio da faculdade, cortaram as linhas telefônicas e apedrejaram vidros. A situação se acalmaria nos anos seguintes. Durante suas férias, ao fim daquele período letivo, Gouveia elaboraria uma reforma no ensino, que seria aprovada pelo novo presidente, Hermes da Fonseca, e pelo ministro da Justiça e Negócios Interiores, Rivadavia da Cunha Correa.[3]

Vencendo as barreiras de uma medicina frágil e desorganizada, Abreu concluiria o curso ao final de 1913, ainda incerto de que rumo queria dar para a sua vida. Em algum momento, conforme destacou o amigo e biógrafo Itazil Benício dos Santos, manifestou o desejo de abraçar a Psiquiatria.

2. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Hilário de Gouveia foi um dos pioneiros da oftalmologia brasileira e um dos fundadores da Liga Brasileira contra a Tuberculose, em 1900, e é patrono da cadeira 73 da Academia Nacional de Medicina.

3. Conhecida como Reforma Rivadavia, o texto trazia elementos do germanismo e positivismo e se caracterizava por oferecer mais autonomia para as instituições de ensino.

Mas talvez tenha sido apenas uma das conjecturas daqueles que têm muitas opções e não sabem por qual caminho seguir. Tendo como base um ensino por demais teórico e pouco prático, não é de se estranhar que se sentisse mais próximo das Ciências Sociais do que de uma das especialidades médicas. Prova disso é a tese obrigatória que apresentou com a finalidade de obter o grau de doutor em medicina, à qual intitulou *Natureza Pobre (Higiene Social)*.

Em um tempo em que os trabalhos de doutoramento não se caracterizavam por trazer qualquer contribuição de ordem experimental a um determinado problema, o jovem de 23 anos produziu um estudo social no qual defendeu a influência do clima no desenvolvimento das sociedades, focando nas regiões Norte e Sul do Brasil. Suas ideias são, no mínimo, polêmicas para o presente século XXI, mas apenas representavam o consenso da época, pois eram reflexo do positivismo, da eugenia e do evolucionismo. O primeiro trazia por lema fundamental "o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim", sintetizado na frase que faz parte da nossa bandeira nacional (Ordem e Progresso). A segunda dividia os seres humanos em raças superiores e inferiores. Com Charles Darwin aprendeu como o meio ambiente interfere no desenvolvimento dos seres vivos.

O trabalho foi escrito às pressas, apenas para cumprir o protocolo, como deixa claro o próprio autor. "É quase bárbara de tosca e mal feita", exagera. Reitera seu posicionamento na dedicatória aos pais e irmãos. Vestindo uma couraça de humildade plena ou de convicção de que seria capaz de algo mais, justifica os oferecimentos destacando que o faz "não porque ele (a tese) valha muito", mas por ser aquele o seu primeiro trabalho. Seria o primeiro de muitos outros com maior impacto. Além disso, pode-se até discordar dos conceitos apresentados, mas é claro o vigor intelectual com o qual o autor defende seus pontos de vista.

Trata-se de um olhar eurocêntrico e preconceituoso sobre os demais povos, tendo como suporte a pseudociência da época, que bebia nas fontes de conhecimentos franceses e alemães, basicamente. Em síntese, opõe civilização à barbárie. Ao longo dos sete capítulos de *Natureza Pobre* (sendo o último a conclusão), o jovem Manoel de Abreu divide o Brasil em Norte e Sul e defende que o atraso do primeiro não está relacionado com a raça, a política nem a questão cultural e sim ao clima tropical. Na sua visão, as temperaturas elevadas impedem o trabalho, que, por sua vez, é o ponto de partida para o progresso. "O trabalho é a clava da civilização moderna, com que o homem tudo constrói, abate, engenha e sublima. Diminuí-lo chama-se barbarizar", escreve.

Para Abreu, três são os fatores que impactam no desenvolvimento humano: o meio social, a herança (genética) e o meio físico-químico (meio ambiente), sendo o último o mais relevante. Com base na contraposição entre clima temperado e tropical, ele considera que a terra foi madrasta para as populações do norte brasileiro enquanto foi maternal com o sul, permitindo que se desenvolvesse nesta parte do território brasileiro "uma gente forte e audaz".

A tese de Abreu é resultado do grande impacto que o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, exerceu sobre ele. Lançado em 1902, a obra máxima do escritor fluminense tem como base a campanha militar em Canudos (Bahia) e, apesar de sua linguagem hermética, mesmo para época, se tornou um *best-seller*. Ainda assim, o jornalista será alvo do candidato a médico, que elogia a argumentação veemente e clara de Euclides, mas critica suas conclusões, que, segundo Abreu, são "inverossímeis".

O paulista dedica especial atenção à frase "o sertanejo é, antes de tudo, um forte", que inicia a terceira parte do capítulo "O Homem". Manoel de Abreu segue justamente em um caminho oposto. "Uma raça forte é uma raça que, pelo adian-

tamento e pela sua inteligência, extrai da terra que vive uma grande riqueza e uma grande doçura. Ora, o jagunço é uma vítima do clima, é um abatido", diz.

Da mesma forma, usa sua tese para criticar o sergipano Silvio Romero, que acreditava ser necessário distribuir a colonização por todas as zonas do País, para equilibrar suas diferenças. Na visão de Abreu, isso não é suficiente, pois deve-se levar sempre em consideração o clima, que é o responsável por criar sociedades radicalmente distintas. "As raças que se aclimatarem em nossas terras quentes tomarão uma fisionomia social própria", complementa.

Neste ponto, ele condena a antropossociologia, conceito comum à sua época que defendia que a sociedade varia ou floresce conforme a constituição étnica. Essa doutrina, defendida pelo antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge (1854-1936)[4] se baseava no biologismo racista e estava ganhando força naquele momento. Mas, diante do clima abrasador das regiões tropicais, Abreu acreditava que mesmo os homens superiores são obrigados a se adaptar para sobreviver, tornando-se inertes e vencidos. Cita o exemplo de europeus imigrados para as regiões quentes, cuja descendência, sem mestiçagem, na segunda geração, perde suas características inerentes para se confundir, apesar do biotipo – cabelos louros e olhos claros –, sob todos os pontos de vista, com o nacional. "Nos climas tropicais, a adaptação é um mal inevitável", conclui.

Apesar de acreditar em raças superiores, Manoel de Abreu não vislumbra a vitória de um grupo sobre o outro em função de suas qualidades étnicas, mas em função da região em que ocupam. Quem ocupa territórios mais aptos à ocupação humana, pelas suas riquezas e pelo clima, está em vantagem. Com

4. Lapouge também era um dos proeminentes que defendiam a craniometria, pseudociência que hierarquizava os seres humanos conforme o forma de sua caixa craniana.

esse argumento ele justifica as diferenças socioeconômicas entre o Norte e Sul do País, que foram igualmente ocupados por uma população em sua essência idêntica, resultado da mestiçagem de brancos, negros e índios.

Em sua *Natureza Pobre* Abreu também está atento ao atraso acadêmico e científico brasileiro. Ele critica a falta de um centro que produza conhecimento e irradiador de ideias e a falta de professores capazes, o que obriga a importação de docentes mercenários para a fundação de escolas. "O estudo prático, principalmente, é nulo", escreve, o que obrigava as companhias estrangeiras que aqui operavam a importar mão de obra especializada. Quando diz isso, ele olha para o ensino na América espanhola e nos Estados Unidos, que investiram nesta questão de forma muito mais precoce que o Brasil. A primeira universidade do Novo Mundo, a de São Domingos, foi inaugurada em 1538. Depois dela vieram as de San Marco, no Peru (1551), e as universidades do México (1553), Bogotá (1662), Cuzco e Havana (1728) e Santiago (1738). As primeiras norte-americanas foram as de Harvard (1636), Yale (1701) e Filadélfia (1775). Já por aqui os primeiros cursos superiores só foram autorizados com a chegada da família real portuguesa, em 1808, e os primeiros centros universitários só seriam inaugurados em pleno século XX.

Paradoxalmente ao pensamento eugênico da época, Manoel de Abreu reserva elogios à capacidade de adaptação do negro, transformando-se de acordo com o clima e o meio social em que vivem. "A ciência, pondo de parte pudicos preconceitos de cor, há de reabilitá-la (a pessoa negra), porque ela o exige eloquentemente", diz. No seu entendimento, a epopeia do negro só se completará quando a sociedade lhe restituir todos os direitos, "inclusive o orgulho e a ambição, de que o homem necessita para vencer na vida gloriosamente".

Mas a síntese de seu pensamento é o antagonismo entre o Norte (atrasado, bárbaro) e o Sul (moderno, civilizado). Para Manoel de Abreu, a parte temperada do Sul é um oásis frente à vasta região tropical que compreende o Brasil. Portanto, seria necessário investir no desenvolvimento dessa região para, a partir daí, irradiar uma civilização forte para o restante do País. Ter essa política como foco ajudaria a acelerar o progresso do Sul, que, apesar de ter todas as condições climáticas para tal, se desenvolvia em um ritmo lento. "Nós, depois de fortes e coesos aqui no Sul, te iremos buscar e à custa do nosso trabalho, havemos de te dar – Natureza Pobre, a riqueza que não tens", escreve.

Para isso, seria necessário criar um governo centralizado e forte. A sugestão que dá é que a república federativa se transforme em unitária, pois a primeira forma de governo, que é o modelo brasileiro, "dá excessiva liberdade a Estados que não a podem gozar" dela. Isso, acredita, também ajudaria a minimizar o risco de esfacelamento do País em diversas "republiquetas inermes". Outra ideia inovadora é a mudança da capital federal para o Sul, em um lugar que poderia ser no Paraná ou Santa Catarina. "O português errou. Em lugar de estabelecer-se nos bons climas, procurou as regiões quentes e deprimentes." O mesmo sugere aos Estados, que mudem seus centros administrativos para as regiões mais altas, com clima mais ameno.

Apesar de palavras que, fora do seu contexto histórico, podem parecer duras, o médico deixa claro que não tem qualquer tipo de antipatia contra o Norte do País e sua natureza de esplendor rude. Sua ambição maior é o desejo de uma Pátria forte. Na verdade, ele está imbuído da filosofia utilitarista que, resumidamente, prega o agir sempre para obter o máximo bem-estar, não de uma única pessoa, mas de toda uma coletividade. Eis o gérmen daquela que será a característica principal do Manoel de Abreu gigante: o pensar no todo e não o individualismo puro e simples. Não é possível cravar o quanto mudou as suas

ideias da juventude com o passar dos anos. O que se sabe é que os princípios utilitaristas permaneceram, como comprovariam mais tarde sua luta de quase 20 anos para conseguir um método que favorecesse eficazmente a grandes populações. Mas, antes disso, ele ainda precisava se descobrir como médico e cientista. Começaria esse processo em Paris.

Os irmãos reunidos na escadaria do casarão da família na Avenida Angélica, no bairro paulistano de Higienópolis

A irmã Yayá, como era chamada pelos familiares, ganhou requinte e sofisticação na França

Durante muito tempo, o radiologista reservou suas manhãs para atender na Policlínica Geral do Rio de Janeiro

Prólogo parisiense

O plano de Júlio de Abreu de levar a família para uma longa temporada na capital francesa já havia sido traçado muitos meses antes de Manoel concluir a faculdade de medicina, no Rio de Janeiro. Por isso, em julho de 1914, o clã Abreu, cheio de expectativa e flagrante felicidade, subiu a bordo de um vapor com destino a Paris. Os objetivos eram claros: esse período no Velho Mundo serviria para Manoelito encontrar seu rumo profissional, Julinho fazer Engenharia na Escola de Belas Artes e Yayá ganhar bagagem cultural e, quem sabe, até mesmo encontrar um bom partido. A ideia parecia perfeita não fosse a instabilidade política no continente europeu, que era cada vez mais evidente. Ainda assim, o patriarca acreditava que este era apenas um cenário passageiro, não havendo porque se preocupar.

No entanto, a alegria deu lugar à tensão quando os Abreu foram obrigados a mudar o percurso da viagem e desembarcar em Lisboa, porto seguro onde ficariam por cerca de seis meses. Isto porque as notícias não eram nada boas. No dia

28 daquele mesmo mês de julho, o império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia; três dias depois, a Alemanha fez o mesmo com relação à Rússia e, em seguida, em 3 de agosto, também à França. Estava começando ali um conflito que se estenderia por quatro anos e mudaria a cara da Europa: a I Guerra Mundial (1914-1918). Manoelito acompanhava tudo com apreensão. Ele ainda não sabia, mas aqueles tempos difíceis também transformariam a vida dele e o ajudariam a iniciar a sua carreira de médico.

No início de 1915, a família Abreu finalmente chega ao seu destino final: Paris. Nas ruas, contrastando com o marasmo do comércio, grande era a movimentação, principalmente de soldados dos exércitos aliados. A noite seguia agitada, com o burburinho dos cafés, bares e teatros. O cinema também estava em alta. Em abril de 1915, o número de bilhetes vendidos superou 1 milhão e continuou crescendo. Em junho, os franceses assistiram na telona à estreia de um desconhecido norte-americano chamado Charles Chaplin.[1]

E era assim, sob a tensão da guerra, que a Cidade Luz continuava mantendo os seus atrativos, principalmente para Manoel de Abreu, na época um jovem de 24 anos encantado com a atmosfera cosmopolita de Paris. Como era doce a vida neste primeiro momento de incerteza profissional, em que deu vazão ao seu lado boêmio e explorou as delícias que a cidade oferecia. Nos agitados cafés e bares, discutia Filosofia e debatia problemas sociais. Não foi à toa que passou a frequentar a Universidade de Sorbonne e fazer parte de círculos que, nas suas palavras, eram insubmissos contra a engrenagem oficial. "As ideias filosóficas, fluídas demais, vaporosas demais, me levavam numa correnteza inexorável para o abismo. Eu estava em Paris, sem saber ao certo o que

1. DARMON, Pierre. *Vivre à Paris pendant la grande guerre*, p. 321.

fazer", escreveria décadas mais tarde, em comunicado à Academia Nacional de Medicina, em que relembra a origem de sua principal invenção, a fluorografia em massa.

Aos poucos, Abreu misturava-se e relacionava-se com figuras que povoavam o universo parisiense. Entre oficiais aliados, celebridades, empresários, jornalistas do exterior, aventureiros, escroques e prostitutas, era apenas mais um a compor aquele cenário heterogêneo e fascinante. Para cada um desses grupos, um lugar para se reunir, como o café Napolitain, na Rue de Caumartin, preferido da imprensa estrangeira; o bar Maxim's, da juventude abastada; o Tipperari, de clientela variada e selecionada; entre tantos outros. Nestes ambientes, a escassez geral de uísque e cigarro, devido à guerra, não se fez sentir junto à clientela, que pagava preços evidentemente exorbitantes para manter os seus gostos.[2]

Enquanto isso a vida seguia, ainda que, vez ou outra, Paris recebesse a incômoda visita da força aérea alemã. Os ataques pelo céu eram uma letal novidade introduzida neste conflito. A primeira investida aconteceu em 30 de agosto de 1914, quando um Taube, pilotado por Ferdinand von Hiddensen, lançou quatro bombas sobre a cidade. Apesar de não ter deixado vítimas, a ação destruiu o telhado da Catedral de Notre-Dame. Abreu chegou a presenciar esses ataques pouco tempo depois de chegar à cidade. Em 22 de maio de 1915, 45 bombas caíram sobre Paris, deixando seis mortos e 38 feridos. Dias antes, gigantescos Zeppelins tiraram o sossego da madrugada de 20 para 21 de março, disparando seus artefatos explosivos a 3 mil metros de altitude. Foi neste cenário apocalíptico que o brasileiro vivenciou o que era uma guerra e percebeu que se Paris tinha bons lugares para um boêmio, mais do que nunca tinha espaço para bons médicos. Só faltava descobrir a que especialidade se dedicar.

---

2. DARMON, Pierre. *Vivre à Paris pendant la grande guerre*, p. 287.

O próprio Abreu confessaria mais tarde que se sentia perdido diante de sua indecisão sobre qual caminho seguir. Não foram poucas as vezes que, ao percorrer os bulevares de Paris, buscava uma resposta que tardava em conseguir. Sabia apenas que aquela não era uma inquietação só sua, mas de grande parte de sua geração, marcada por um período de profundas mudanças. "Reconheço agora que a minha crise dos vinte anos não era somente minha: a geração a que eu pertencia, que preparou o movimento do pensamento moderno, também sofria comigo", escreveria mais tarde. Ainda que tivesse dúvida sobre a verdadeira vocação, ele entendia que a Medicina já fazia parte de sua vida. Afinal, não foram vãos aqueles seis anos na faculdade e as lições de mestres como Benjamin Batista, Dias de Barros, Rubião Meira, Afrânio Peixoto, Miguel Couto e Antônio Austregésilo. "Só havia uma salvação: a Ciência, a pesquisa científica", afirmava.

Na ânsia de se encontrar com seu destino, voltou a ler obras de grandes nomes da Ciência e da Medicina. Um deles foi Jules Henri Poincaré[3], professor de Física e Matemática da Sorbonne, que tinha no seu leque de estudo questões relacionadas à Óptica, Eletricidade, Teoria da Relatividade e Cosmologia. Outro foi Claude Bernard, filho de um modesto vinicultor francês que se tornaria um dos médicos mais renomados de seu tempo, considerado o pai da moderna Fisiologia Experimental. Além dos livros, fez questão de conhecer pessoalmente grandes personalidades da área na época, como o médico e bacteriologista Fernand Widal, que desenvolveu um teste simples para o diagnóstico da febre tifoide (conhecido como reação de Widal) e uma vacina para a mesma moléstia, que ajudou a reduzir o número de casos entres os soldados aliados durante a Primeira Guerra. Visitou também as dependências do Hôpital Saint-An-

3. Era primo de Raymond Poincaré, presidente francês durante a Primeira Guerra.

toine, onde foi recebido por Anatole Chauffard[4], membro da Academia de Medicina francesa e de reconhecido valor como clínico e pesquisador das patologias do fígado. "Esse último me agradou muito pela sua sinceridade; errava de modo triunfal os seus diagnósticos, o que me deu pela primeira vez a vaga antevisão da medicina do futuro", diria.

No périplo por conhecer figuras eminentes e hospitais parisienses, chegou às novas instalações do Hôpital de la Pitié, no 13º *arroundissement*[5], que tinha recebido seu primeiro paciente há apenas quatro anos. No Nouvelle-Pitié conheceu Gaston Lion, que, na descrição feita por Abreu, "era um homenzinho seco, triste, meio só". Ali naquele ambiente, teve uma grata surpresa: foi convidado por Lion para trabalhar no laboratório do serviço ao qual chefiava, devendo ficar responsável pelas análises gástricas. A ideia de estar dentro de um lugar como aquele faria brilhar os olhos de qualquer médico jovem de um país periférico como o Brasil. Mas Abreu disse sim apenas para não ser descortês diante de alguém que o recebeu tão bem. "Aceitei para não dizer não, para não perder a esperança."

Tempos depois, foi incubido de fotografar peças anatômicas produzidas a partir das ressecções feitas por ninguém menos que Victor Pauchet, cirurgião-chefe do Nouvelle-Pitié. Assim como Abreu, ele havia chegado a Paris em 1915, mas já era referência quando o assunto era cirurgia gástrica e abdominal. Inventivo, Pauchet deixou sua contribuição criando novos instrumentos cirúrgicos, melhorando técnicas anestésicas e sendo o primeiro a usar filmes no ensino de medicina. Uma de suas técnicas, inclusive, batizada de *amputation en section plane*, foi utilizada largamente durante a Primeira Guerra.

---

4. Na Medicina, o nome de Anatole Chauffard está relacionado à síndrome Minkowski-Chauffard, uma anemia hereditária, causada pelo rompimento das hemácias.
5. Paris é dividida em 20 distritos (arroundissements), sendo que o primeiro marca o ponto central (o Louvre); os de numeração maior estão mais afastados do centro.

E foi fotografando aquelas peças anatômicas de Pauchet que Manoel de Abreu se permitiu pela primeira vez ser inovador e criativo. Ao ficar descontente com os resultados das imagens que fazia descobriu uma maneira simples de aperfeiçoar o processo. Ele percebeu que bastava mergulhá-las na água para que suas superfícies ficassem mais uniformizadas, resultando em um efeito final visivelmente melhor. Aquilo o animou e despertou seu interesse por fotografia, quando a técnica apenas engatinhava e ainda não havia revelado o quanto seria importante para a evolução da medicina.

A excitação súbita pelo novo encorajou o seu lado de inventor, que até então permanecia adormecido. Depois de muito estudar, idealizou e construiu um pequeno aparelho que era introduzido no estômago do paciente e com o qual era possível fazer de 20 a 30 fotografias sucessivas da mucosa gástrica. Era a sua contribuição à nascente Endoscopia, técnica pouco usual até então devido aos desafios tecnológicos que ainda teriam de ser superados.[6] Nascia ali o inventor Manoel de Abreu.

Apesar de aplicar todo o seu empenho ao trabalho e ao estudo de técnicas que facilitassem o diagnóstico dos pacientes, Abreu ainda não se sentia um médico. Isso porque enquanto estava no Nouvelle-Pitié não abriu mão de sua paixão por poesia. Ainda que seus primeiros contatos com a medicina francesa se revelassem promissores, ele considerava tudo aquilo "uma tentativa inútil" de se encontrar, pois seu pensamento estava inteiramente voltado à poesia abstrata, em que procurava "o elixir da verdade sob a forma da volúpia do inexistente." Por isso,

6. Só em 1932 que Rudolph Schindler inventaria seu gastroscópio semiflexível. Até então, as peças eram rígidas.

entre um livro técnico e outro, se entregava com intensidade à poesia, que lia e escrevia com devoção. São dessa época os versos que fariam parte de sua primeira coletânea de poemas, que seria publicada pela Editora Monteiro Lobato em 1924.

Mas o destino teimava em conduzir Manoel de Abreu para para a Medicina. Ainda era 1915 quando fez uma visita de rotina ao secular Hôtel-Dieu, o hospital mais antigo de Paris, localizado na Île de la Cité, bem ao lado da catedral de Notre Dame. Queria conhecer o trabalho do professor Augustin Nicolas Gilbert, figura que, embora de aspecto aparentemente frio e distante, era muito bem quista por jovens profissionais e respeitada pela elite médica. Naquele dia, a conversa com o grande mestre foi igualmente aprazível, mas não a ponto de fazer com que Abreu mudasse uma ideia que estava começando a se consolidar em sua mente: largar tudo e buscar um novo alento na Sorbonne. Mais uma vez, um convite inesperado, no entanto, mudaria definitivamente seus planos:

— Vamos examinar este doente que é um velho amigo meu.

A frase de Gilbert soou trivial para Abreu e ele acataria ainda que não fosse dita de forma tão paternal. Observou atentamente aquele senhor de sobrecasaca, de punhos duros e um semiavental característicos dos médicos da época. O francês auscultou pacientemente o amigo e sua feição tranquila indicava que não havia motivo para preocupação. Verbalizou então o diagnóstico:

— Não há nada de anormal no tórax. Não se trata de uma afecção pulmonar.

Abreu fez o mesmo e concordou com o mestre. O problema não haveria de ser o pulmão. Ainda assim, por precaução, Gilbert pediu que o jovem fosse até o laboratório e submetesse o paciente a um exame radiográfico. "A chapa confirmará o exame clínico", completou. No entanto, a guerra havia tirado do Hôtel-Dieu, assim como dos demais hospitais parisientes,

boa parte dos especialistas. Dessa forma, quando chegou ao laboratório, Abreu só encontrou uma enfermeira, identificada por ele apenas como *mademouselle* Lemaire, que nas suas palavras era "uma francezinha simples, laboriosa, eficiente". Foi ela quem o ajudou naquele procedimento de rotina. Feita a chapa, Abreu olhou-a curiosamente. Mas, conforme ele mesmo ressaltou, aquele documento ainda era misterioso ao seu entendimento. Por isso, levou a chapa para seu mestre que, próximo à janela, colocou-a contra a luz. Não demorou para que Gilbert percebesse um erro de diagnóstico. A radiografia revelava que seu amigo apresentava um piopneumotórax, problema decorrente da introdução patológica de ar na cavidade torácica, que leva a um corrimento purulento. Além disso, havia sinais de uma avançada tuberculose pulmonar que evoluia silenciosamente. Enfim, a situação era grave.

Se o experiente médico encarou seu erro como normal, Abreu entendeu que havia algo na medicina a se provar, que o desafiava e por cuja resposta valeria a pena lutar. "Para Gilbert, homem de sua geração, aquela contradição entre a estetacústica e a radiologia não tinha menor significação; para mim foi o começo da minha carreira, o momento prodigioso em que encontrei o meu próprio destino." Essa descoberta se tornou ainda mais latente quando Gilbert o convidou para chefiar interinamente o Laboratório Central de Radiologia, no lugar do efetivo Edmé Hyacinthe Guilleminot. Não receberia qualquer salário por isso, contudo aceitou e mais tarde ironizou: "até aquele momento, eu nada havia dirigido, nem sequer a mim mesmo".

O experiente profissional a quem Abreu deveria substituir havia sido mobilizado para o corpo médico do exército francês, fixado em Bordeaux. Um dos pioneiros da radiologia francesa, Guilleminot havia estudado Medicina em Paris, formando-se em 1896, e trabalhado como assistente do professor Charles Bouchard, participando assim dos primeiros experimentos de radio-

diagóstico em Paris. Em 1908, ele organizou o serviço radiológico do Hôpital de la Charité[7], berço da radiologia francesa e, posteriormente, implementou o mesmo serviço no Hôtel-Dieu.

Para Abreu, o desafio era gigantesco e nem se sentia preparado para tal. Mas a guerra estava lhe abrindo uma porta e ele estava disposto a transpô-la. "Estudei muito, estudei pela primeira vez; o estudo tem alguma coisa das bebidas fortes que assustam e fascinam ao mesmo tempo", escreveu. Aquela oportunidade lhe arrancava do marasmo da tradicional medicina clássica e o colocava à frente do que existia de mais moderno até então. Era o seu encontro com a Radiologia Pulmonar. E para dar conta de tudo aquilo buscou mais uma vez auxílio nos livros dos grandes mestres da época, indo além da pura e simples radiologia. "Foi preciso fazer a minha modesta cultura, sem a qual não me seria possível levar adiante, longe, muito longe, aquela inexperada aventura."

Alguns meses se passaram e era 1916 quando mais uma vez foi surpreendido, em uma determinada manhã, desta vez pela visita não anunciada de Guilleminot. A guerra fizera do médico um velho aos 47 anos e a aparência sofrida sensibilizou e marcou o brasileiro, que lembraria daquele encontro para sempre. O chefe efetivo do laboratório usava um fardamento militar e entrara de forma lenta e tímida, como se já não fizesse mais parte daquele lugar. Estava de licença e aproveitou para procurar por Abreu. "Tive a impressão que saía, lívido e exausto, de uma trincheira, o que me comoveu profundamente".

Seria apenas uma visita rápida, mas conversaram longamente e Guilleminot contou a Abreu sobre os estudos que estava fazendo antes de ser mobilizado para a frente de batalha. O francês empolgou o jovem ao falar apaixonadamente

7. O Hôpital de la Charité encerrou suas atividades em 1935. Seu prédio foi demolido naquele mesmo ano para dar lugar à Faculdade de Medicina de Paris.

de suas tentativas com a radiocinematografia indireta[8] e da inviabilidade técnica, em função da qualidade da fluorescência dos écrans, da sensibildade das emulsões fotográficas e da abertura das objetivas.

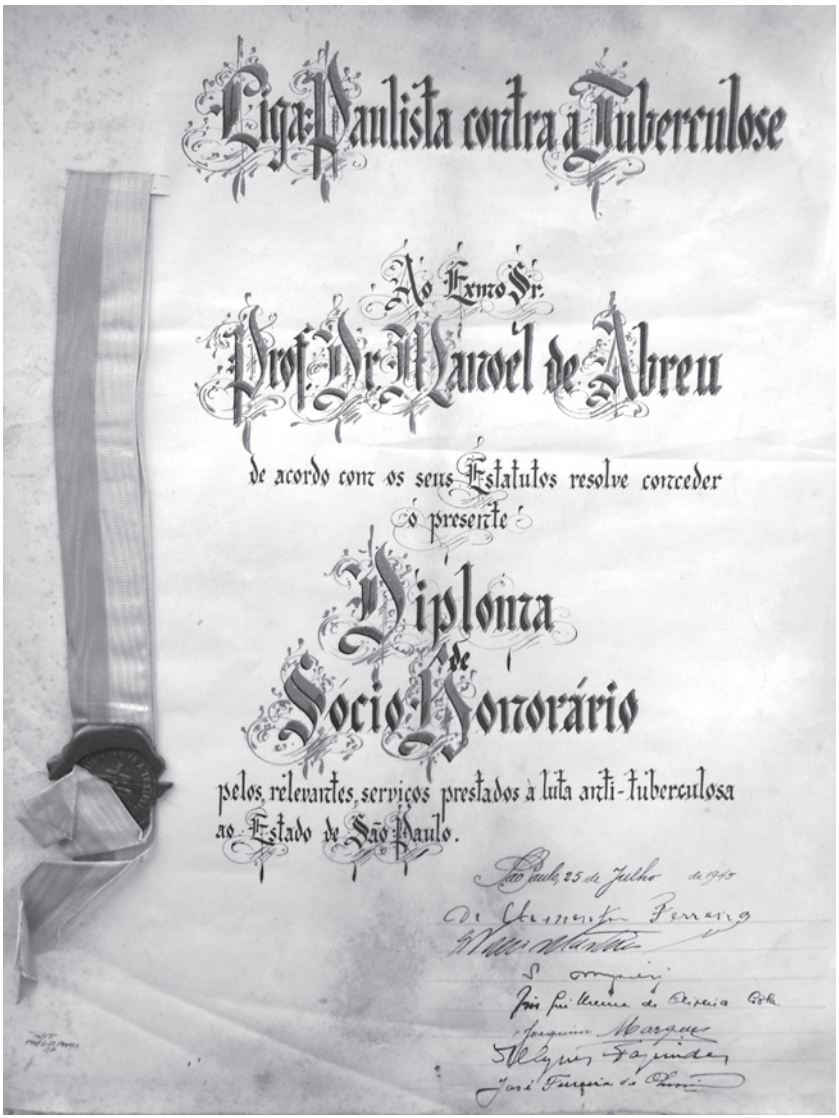
O velho médico foi embora, mas deixou naquele jovem a semente da curiosidade científica. Fascinou a Abreu a ideia de tentar resolver o problema que desafiava ao próprio Guilleminot e a outros grandes mestres. Começou então a fazer suas próprias investigações. Era o combustível que faltava para devotar-se com paixão e fervor típicos dos novos crentes a um mundo cheio de promessas e possibilidades. A partir do encontro com Guilleminot, entregava-se em definitivo à Radiologia para nunca mais a deixar.

8. A radiocinematografia é o registro radiológico de imagens móveis, como coração e vasos. Desde o início da radiologia são utilizados os métodos diretos (série de radiografias) e indiretos (reprodução da imagem na tela radioscópica).

Uma foto com dedicatória à irmã Yayá do jovem recém-chegado de Paris

59
12
1

Os irmãos se divertem durante uma festa à fantasia a bordo de um navio



Liga Paulista contra a Tuberculose

Ao Exmo Sr.

Prof. Dr. Manoel de Abreu

de acordo com os seus Estatutos resolve conceder o presente

Diploma de Sócio Honorário

pelos relevantes serviços prestados à luta anti-tuberculosa ao Estado de São Paulo.

São Paulo, 25 de Julho de 1945

A Liga Paulista Contra a Tuberculose foi criada em 1904, graças aos esforços do tisiologista Clemente Ferreira

Uma ideia para o futuro

Querendo aprofundar seus conhecimentos sobre radiologia pulmonar e já imaginando que, neste campo, chegaria o dia em que seria possível diagnosticar as doenças de forma antecipada, Manoel de Abreu tratou de mudar de endereço. A partir de 1917, seu novo local de trabalho seria a Rue de Sèvres, no Hospital Läennec, principal centro de medicina especializada do tórax. O nome fazia uma homenagem ao médico francês René-Théophille-Hyacinthe Laënnec. Pequeno em estatura, frágil na aparência e vítima de crises frequentes de asma, Läennec tinha tudo para ter seu nome apagado da história se, durante seus trabalhos no Hotel Necker, não tivesse inventado um objeto simples, mas que revolucionaria o dia a dia médico: o estetoscópio. Nas palavras de Edouard Rist, seu biógrafo e uma referência na época de Abreu, Laënnec tirou a medicina de sua infância e deu a ela o caráter de ciência no sentido moderno.

Quase 100 anos depois de Laënnec ter concebido seu genial aparelho de diagnóstico clínico, inicialmente a partir de folhas de papel enroladas na forma de cilindro, o jovem

Abreu adentrou no prédio clássico, projetado por Christophe Gamard, para receber o então Hospice des Incurables[1], em 1634. Na Rue de Sévres foi alocado no laboratório de radiologia, como assistente do também jovem Georges Maingot, que desde 1910 chefiava aquele serviço. Maingot era um dos discípulos de Antoine Béclère, pioneiro e "apóstolo" da nova disciplina, que já na época era adjetivado de o "Laënnec da radiologia". Era a aurora dessa nova técnica, que havia nascido tinha apenas duas décadas, com as experiências do alemão Wilhelm Conrad Roentgen. Tantas inovações, porém, traziam consigo os seus riscos. Naqueles tempos, ainda era comum, por algum descuido, morrer eletrocutado durante a operação do equipamento ou, por falta de proteção, ser vítima de radiodermites.

Riscos à parte, Manoel de Abreu estava no melhor lugar para quem buscava descortinar os segredos da nascente radiologia. Aproximou-se do mentor e buscou aprender com ele. Não esqueceria de agradecer depois, quando já havia conquistado um lugar no panteão dos grandes médicos. "Fui seu assistente no decurso de 1917 e 1918; devo muito a Maingot; ele me fez correr com botas de gigante."

Apesar de suas qualidades, Maingot não tinha respostas a todas as dúvidas que a radiologia suscitava em Abreu. Muitas vezes recorria a ideias metafísicas, utilizava-se da Trigonometria, Estética, Psicologia, deixando tudo ainda mais cinzento. Com ele, o paulistano viu o que as demais mentes de outrora viam. Mas não era o suficiente. Ainda tinha um vasto caminho pela frente e era preciso avançar para descobrir até onde ele levaria. Em síntese, desconfiava que as imagens produzidas poderiam dizer muito mais do que estava sendo interpretado.

1. Foi apenas em 1878 que a unidade hospitalar foi rebatizada em homenagem a Laënnec.

A solução mais uma vez estava na investigação, visando ao conhecimento profundo do mecanismo de formação das imagens. Queria entender as imagens não decodificadas que se ocultavam nas projeções radiográficas. Acabou se atentando a detalhes que até aquele momento eram desvalorizados, como tonalidade das sombras, o tom e a densidade, e chegou à conclusão que eles valiam muito. Desse seu esforço pessoal, nasceu um artigo científico, intitulado *Densimétrie Pulmonaire*, material que posteriormente apresentou à Academia de Medicina de Paris, onde foi acolhido por Antoine Béclère.

Assim como minimizou a sua tese de doutoramento, desprezando o seu valor, Manoel de Abreu fez o mesmo com aquela que foi sua primeira contribuição à ciência médica. "O estudo em apreço não tinha valor algum". Mas não era essa a opinião do mestre Béclère, que elogiou o jovem pelas conclusões a que chegou. "Acredito que é um progresso em escala que ele (o estudo) nos traz", disse o membro da academia. E estava certo. *Desimétrie Pulmonaire* seria a base para a concepção da radiogeometria, teoria formulada por Abreu que daria enfim à interpretação das imagens radiológicas uma base lógica.

A estada no Laënnec aproximou Manoel de Abreu de algumas das figuras mais proeminentes da medicina francesa, como Pierre Ameuille e Georges Kuss. Aproximou-o também daquela que foi uma das piores pestes nos tempos de guerra: a tuberculose. Os números da doença, que estavam estáveis em Paris, começaram a subir a partir de 1917, atingindo naquele ano uma média de 180 casos para cada 100 mil habitantes; subiria para 190 e 208 nos dois anos seguintes. Com isso, era cada vez maior o número de doentes que batiam à porta dos hospitais com sinais visíveis do problema. A situação agravava-se

na cidade, onde as péssimas condições sociais, a aglomeração e o consumo excessivo de álcool favoreciam a proliferação do problema. Nas trincheiras, o inimigo invisível também encontrou um terreno propício para se espalhar, causando numerosas baixas às forças militares. Dessa forma, não precisava mais que um resfriado que teimava em não passar, uma tosse impertinente e febre para que se acendesse o sinal de alerta. Geralmente, quando os doentes eram conduzidos para um centro médico, a doença já estava instalada e pouco se podia fazer. O diagnóstico chegava sempre tarde.

Desde sempre tinha sido assim. Tuberculose era um atestado precoce de óbito. Abreu estava diante de um inimigo visivelmente mais forte, contra o qual muito já se tinha tentado sem resultados animadores. A cada doente que entrava, a cada morto que saía, mais aquele problema o fustigava. A solução ele já sabia: diagnosticar precocemente. Mas como fazer? E ainda, conseguindo, como massificar o processo para que atingisse grandes populações? Sua pequena experiência como médico indicava que a solução passava pelo Laboratório de Radiologia.

As duas questões começaram a consumi-lo. Na mesa dos cafés da Rive Gauche ou percorrendo as ruas parisienses, teorizava respostas, questionava a si mesmo, balbuciava sozinho palavras ininteligívies às pessoas próximas. Vislumbrou que talvez obtivesse a resposta se conseguisse fotografar a imagem radioscópica e revelar em um filme pequeno, o que responderia bem à questão econômica. No entanto, para funcionar, a imagem sensibilizada naquele documento minúsculo ainda teria de ser capaz de revelar com qualidade as lesões iniciais da doença. Daria certo? Estava na hora de voltar para o laboratório e observar tudo aquilo na prática. Seria sua primeira tentativa, mas estava adiantado em quase 20 anos. Falhou, assim como velho Guilleminot havia falhado em

suas tentativas no Hôtel-Dieu. Os motivos eram os mesmos: inviabilidade tecnológica. Ainda faltavam filmes, objetivas e écrans adequados. Ele estava ciente disso, tanto que tentaria outras duas vezes, antes de conseguir. "Não era um sonho para mim, ao contrário, era apenas uma sub-realidade, na qual eu já acreditava antecipadamente", confessou.

O malogro inicial não diminuiu o seu ímpeto juvenil. O frêmito que suas ideias causavam em seu espírito rendia longas conversas com o amigo Carlos Botelho, hábito que cultivava desde os tempos em que ambos trabalhavam na Île de la Cité. A amizade foi levada também ao Hospital Franco-Brésilien, onde Abreu foi convidado para chefiar o Serviço de Radiologia, servindo ali sem abrir mão de frequentar o Laënnec. A unidade, destinada a tratar dos feridos do conflito, foi montada com o patrocínio do governo brasileiro como esforço de guerra em apoio às tropas aliadas. O hospital ficava na Rue de Vaugirard, onde antes funcionara uma escola jesuíta que teve entre seus alunos Charles de Gaulle[2]. Seu corpo clínico era composto por profissionais brasileiros, ficando a direção a cargo de Paulo do Rio Branco, filho do Barão do Rio Branco. Paulo era cirurgião formado em Paris, mas, na época, era mais famoso como jogador de rúgbi. A equipe contava ainda com os doutores Mello Vianna, Paes de Carvalho, Eduardo Costa e Mota Maia. Ali, Abreu instalou um pequeno laboratório e manteve a sua rotina de pesquisa e atendimento.

Essa experiência no Hospital Franco-Brésilien[3] acabou resultando em um novo trabalho científico: *Extração de Corpos Estranhos sob Radioscopia*. Nada mais propício. Com o conflito militar, abriu-se uma porta para a radiologia de guerra,

2. Charles de Gaulle (1890-1970) foi um general e político francês que liderou a forças do seu país durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Foi presidente do país entre 1959 e 1969.
3. O Franco-Brésilien, sendo apenas uma unidade circunstancial, manteve suas portas abertas até 1918, quando encerrou a guerra. O prédio foi posteriormente adquirido pelo governo francês e colocado à disposição da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris.

permitindo ver e localizar projéteis alojados no corpo. Era algo revolucionário, mágico. Graças a trabalhos como o do Franco-Brésilien, o filho de Júlio e Mercedes teria, ao fim do conflito militar, seu nome inscrito na Legião de Honra, grau de Cavaleiro, e recebido as medalhas da Grande Guerra (oferecida pelo Serviço de Saúde do Ministério da Educação), da Reconaissance Française e Especial de Devotamento da Cruz Vermelha. Era o reconhecimento pelo seu trabalho. Mas ainda faltava o reconhecimento pelas suas ideias e conceitos. Isso só seria possível com a publicação de um livro.

Falhar na tentativa de registrar em um pequeno filme a imagem do tórax a partir da radioscopia (fotografia do écran fluorescente ou simplesmente fotofluorografia) não diminuiu o interesse de Manoel de Abreu pela Radiologia. Ao contrário, ele se manteve firme na busca para revelar os segredos que ocultavam aqueles filmes quase monocromáticos. Percebendo que as imagens ainda não dispunham de um padrão de identificação e que seria preciso criar um sistema e universalizá-lo, ele classifica as imagens pulmonares de acordo com critérios como morfologia, situação, tonalidade e evolução no tempo. O longo trabalho resulta no manuscrito de um livro escrito originalmente em francês, ao qual intitula de *Le Radiodiagnostic dans la tuberculose pleuro-pulmonaire*. Com esse material em mãos, toma coragem e vai até o número 120 do Boulevard Saint-Germain, no sexto *arroundissement*. A placa na porta indica que foi ao endereço certo: Masson et Cie. Éditeurs. Era a respeitada livraria da Academia de Medicina. Só os melhores tinham o privilégio de verem suas obras publicadas com aquele selo.

A casa, nascida em 1838, da associação de Chochard Nicolas com Victor Masson, vivia o período dos grandes tratados e já publicava o respeitado jornal médico *La Presse Medicale*. Ter um livro lançado por aquela editora significava receber o aval de qualidade. Mas, antes era preciso passar por uma temida comissão de especialistas. No caso de tuberculose, o grupo era presidido por Edouard Rist, um dos brilhantes médicos que trabalhavam no Hôpital Laënnec.

Na sede da Masson, Abreu foi recebido pelo gerente Henri Casalis, que posteriormente seria um dos sócios da casa. Casalis já estava acostumado a ter em sua sala jovens desconhecidos que traziam seus manuscritos para apresentar a ele na esperança de publicação. O brasileiro seria apenas mais um. Recebeu-o de forma educada, pegou o material e levantou. Quis sentir o peso como se buscasse saber a qualidade do calhamaço que tinha nas mãos. Não expressou nenhum sinal que pudesse ser traduzido por Abreu, que, do outro lado, mantinha um misto de esperança, preocupação e medo. Enfim, Casalis se pronunciou. Explicou o que o seu interlocutor já sabia sobre as comissões e sobre ser Rist o responsável por aquela que interessava ao jovem. Mas pediu algo mais:

— Procure pessoalmente o doutor Rist. Se ele consentir em prefaciar o seu livro, Masson & Comp Editores se encarrega da sua edição.

A frase lacônica foi interpretada por Abreu como uma forma polida do gerente para o dispensar. No entanto, se era aquele o caminho, procuraria sim o professor no Laënnec, onde eventualmente o via. Além disso, suas ideias já haviam sido transpostas para o papel, o livro já estava pronto e confiava na força do que havia escrito. Até então, a imagem que tinha de Rist era o de um médico ríspido, de aparência glacial, que não tinha tempo de conversar, ser amável ou de ver

alguém. Mesmo assim, venceu o temor que o mestre despertava nele até então e foi procurá-lo.

A opinião de Manoel de Abreu sobre Edouard Rist mudaria com o tempo, uma vez que ele passaria a frequentar por um longo período o serviço daquele quase cinquentão. "Pude conhecer a verdade sobre esse homem que era bom e sensível. Sua aparência glacial provinha da sua disciplina e trabalho", diria. No entanto, não seria naquele dia que obteria melhor acolhida do carrancudo. Como lhe era peculiar, o professor encurtou a conversa, pediu que o material fosse deixado sobre a sua mesa e que Abreu voltasse no fim de semana seguinte para saber seu veredito.

Longos foram aqueles dias. Conjecturava se teria valido a pena procurar o professor, se ele leria realmente algumas páginas e até a frase curta com a qual Rist lincharia ou aprovaria seu esforço. Vencida a ansiedade, na data marcada, procurou novamente aquele "juiz". Teatralmente, Rist empurrou tranquilamente o manuscrito que estava sobre a mesa para as mãos daquele jovem. Abreu consultou as primeiras páginas e viu algumas anotações. Interrompeu aquela ação diante da uma frase do seu interlocutor:

— Seu livro é muito interessante...

Quebrou a frase neste ponto como se buscasse fazer a leitura da reação do jovem. Por outro lado, Abreu, tomado de ansiedade, mentalmente se antecipava à conjunção que o professor usaria para conectar a primeira parte de sua frase com a oração seguinte. Seria "mas", para sugerir falhas irreconciliáveis? Ou "portanto" ou "logo", para expressar que seria um prazer fazer parte daquela obra? Rist continuou:

— Se concordar em alterar os pontos marcados (continuou o professor, apontando as páginas a serem refeitas), no que se refere à suposta superioridade da Radiologia sobre a Estetacústica, somente neste caso, farei o prefácio para o seu livro.

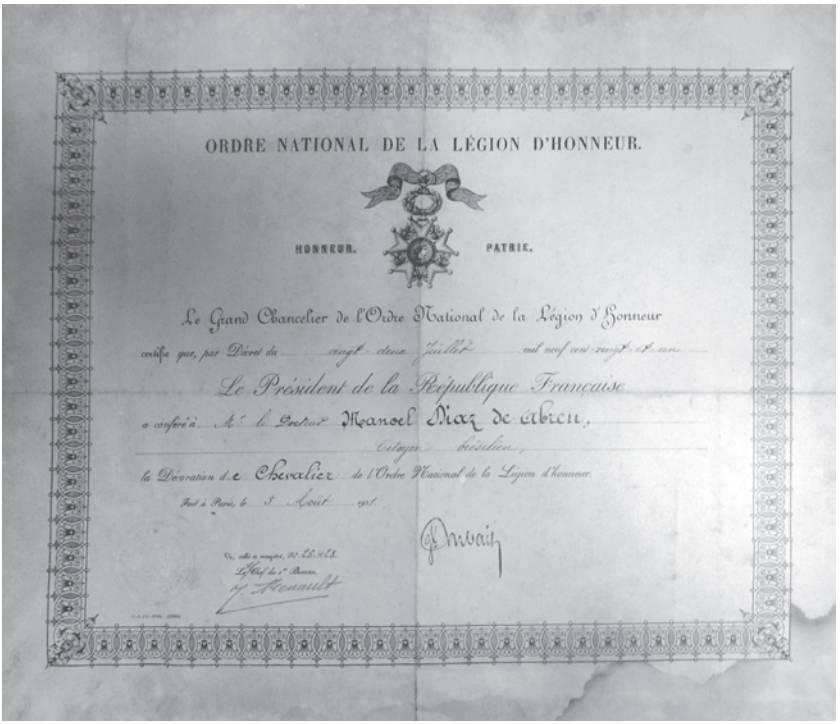
Antes que ele terminasse a frase, Abreu já fazia sinal de positivo com a cabeça, evidenciando sua plena aceitação. Nunca demonstrou arrependimento por isso. Suas ideias estavam ressaltadas ali, ainda que de uma forma menos apaixonada. "As novas ideias se propagam pela sua própria fascinação que é irresistível. Sendo assim, é melhor expor, afirmar, provar", diria. Foi o que Rist o ajudou a fazer. Despiu *Le Radiodiagnostic dans la tuberculose pleuro-pulmonaire* do seu ardor juvenil e planfetário, deixando nele apenas os conceitos vigorosos e irrefutáveis.

Feitas as alterações, Rist cumpriu a sua palavra. Quando em 1921, o livro foi lançado, trazia palavras elogiosas do grande mestre. Foi racional: "O que poderia pretender um livro que não solicitasse a discussão? Este, na sua concisão premeditada, tem o grande mérito de ser perfeitamente claro". Foi marqueteiro: "Melhor guia que Manoel de Abreu não pode encontrar quem começa a pensar como anatomista ou fisiologista". Foi carinhoso: "É um livro feito com honestidade ao qual desejo de todo o coração um bom êxito."

Os votos de Rist se concretizaram. Prova disso foi a repercussão do livro e a aceitação dos novos conceitos. A obra foi citada, copiada, repercutida e inspiradora de novos trabalhos. Nada mal para um material cuja produção foi feita em parte nas mesas dos cafés parisienses. Apesar de, mais uma vez, Abreu destacar que aquela sua criação "tinha pouco valor", o que para ele, como já deu para perceber, significa um auto-elogio, reconhecia naquelas páginas um pensamento profético, que levaria ao nascimento de "uma nova maneira de ver e pensar no domínio da medicina torácica".

Aos 30 anos, Manoel de Abreu já estava apresentando suas credenciais para obter um lugar junto aos grandes da radiologia. Ele se fez em Paris. Aprendeu com os melhores e deu provas de sua competência. Dessa forma, quando a Cidade Luz

já estava em paz, recuperando-se dos transtornos da Grande Guerra e oferecendo oportunidades promissoras, seguiu no contrafluxo. Decidiu que era hora de colocar suas condecorações e medalhas na mala, seu livro debaixo do braço e as melhores lembranças daqueles oitos anos na memória e retornar para o Brasil. Sempre amaria Paris, "onde tudo parecia estar no seu devido lugar, mesmo o drama da vida". A Cidade Luz o conquistou. Ainda assim, fez o caminho de volta. Dessa vez, era ele que teria de conquistar uma cidade, um país, o mundo. Era 1922. Faria isso em um cenário mais tropical.


ORDRE NATIONAL DE LA LÉGION D'HONNEUR.

HONNEUR. PATRIE.

Le Grand Chancelier de l'Ordre National de la Légion d'Honneur

certifie que, par Décret du vingt cinq Juillet mil neuf cent vingt et un

Le Président de la République Française

a conféré à M. le Docteur Manoel Diaz de Abreu,

Citoyen brésilien,

la Décoration de Chevalier de l'Ordre National de la Légion d'Honneur.

Fait à Paris, le 3 Août 1921

A dedicação durante a Primeira Guerra foi reconhecida com títulos e medalhas

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

MÉDAILLE
DE LA
RECONNAISSANCE
FRANÇAISE

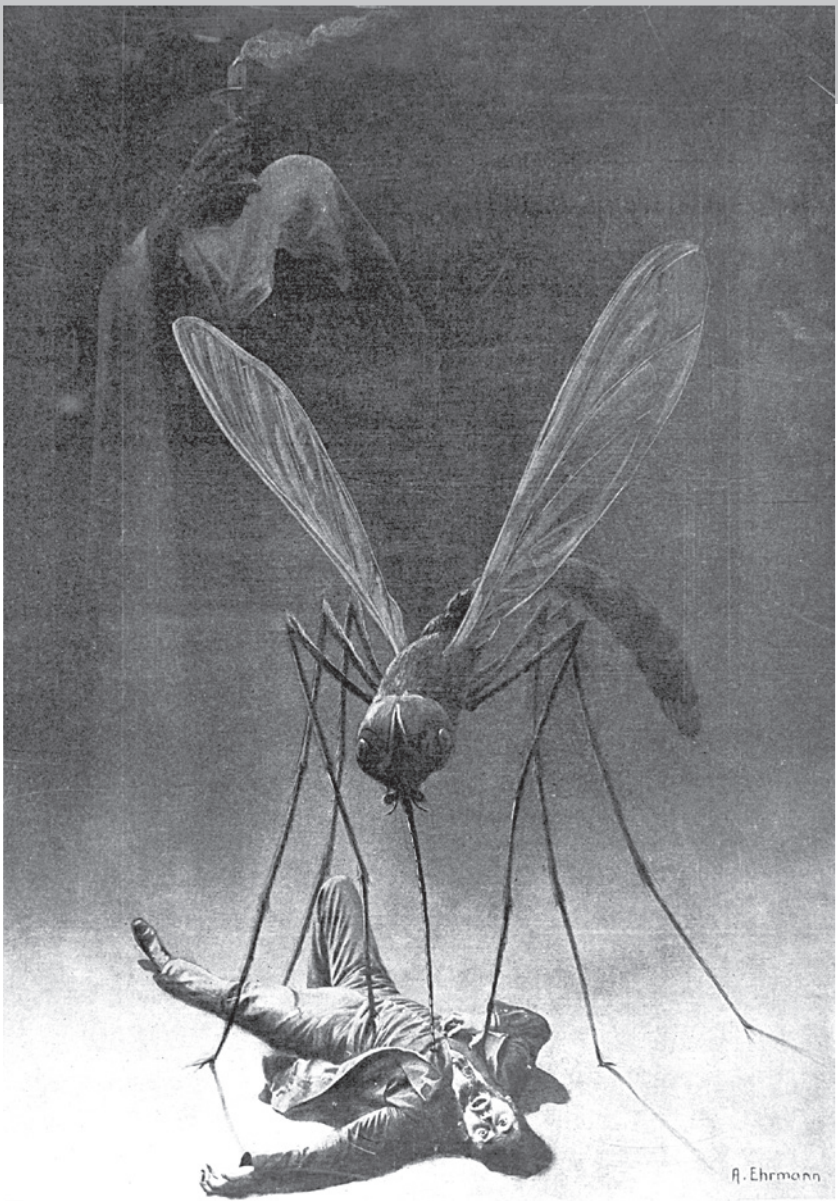
Le Président de la République
par Décret en date du 10 Novembre 1920 a conféré
à Monsieur Dias de Abreu Manuel de nationalité Brésilienne
la Médaille de 3e Classe de la Reconnaissance Française

Fait à Paris, le

Le Membre du Conseil de l'Ordre National de la Légion d'Honneur Président de la Commission :

Le Ministre des Affaires Etrangères
Le Ministre Plénipotentiaire
Chef du Service du Protocole

Vu, enregistré N° 7073
Le Secrétaire Général,



O *Aedes aegypti* (da febre amarela) e os ratos (peste bubônica) proliferavam facilmente na então capital federal

De volta ao Rio de Janeiro

Quando chegou ao Brasil, Manoel de Abreu não quis se instalar em São Paulo, sua terra natal. Por isso, optou por trocar a capital francesa pela então capital federal, lugar que, em sua visão, ofereceria muito mais oportunidades de futuro para um jovem talento recém-chegado do Velho Mundo.

No entanto, retornar à cidade após a passagem de oito anos na Europa causou um grande impacto ao radiologista. Afinal, aparentemente, o Rio de Janeiro pouco mudara desde os tempos em que cursara a Faculdade de Medicina: as epidemias, o mesmo atraso científico e de ideias e o pior, a ausência do charme e refinamento ao qual se acostumara. Sentia demais a falta das boas discussões, travadas sempre em alto nível, com colegas e estudiosos que ficaram do outro lado do Atlântico. Sem amigos, buscou isolamento na clínica que acabara de abrir, no centro, e nas letras de renomados escritores. Um de seus livros de cabeceira nessa época foi o clássico *Memórias da Casa dos Mortos*, de Fiódor Dostoievski. Na obra, o autor russo narra os sofrimentos físicos e mentais

que sentiu na pele quando foi condenado à prisão, entre os anos de 1850 e 1854.

Assim como Dostoievski, Abreu, de certa maneira, também se sentia no degredo. Isso porque havia falta de afinidade com aquele cenário tropical ao qual se revelava um estranho. Não foram poucas as vezes que pensou em tomar o caminho de Paris, mas lutava contra essa ideia. Queria, conforme suas palavras, "participar daquele drama semicolonial" e fazer parte de uma geração que ajudaria a plantar o "Brasil civilizado".

Semicolonial é um adjetivo polido para descrever a realidade do Rio de Janeiro do início da década de 1920, assolada pela tuberculose. Estimativas da época apontavam cerca de 300 mortes para cada grupo de 100 mil pessoas, número muito pior àquele enfrentado por Abreu durante a Primeira Guerra. Para agravar a situação, não existiam ações práticas e medidas profiláticas para evitar a propagação da doença, o que transformou a capital federal em um terreno propício para a elevação de casos. Viver ali significava fazer parte do grupo de risco.

"Havia óbitos, não havia doentes, os quais se ocultavam, sem diagnóstico, na espessa massa da população." Foi assim que o médico lembrou, mais tarde, desse período. E as nuances tornavam-se ainda mais sombrias quando Abreu comparava o que presenciava ali com a estrutura que existia em Paris, com seus hospitais bem instalados e aparelhados, repletos de médicos ilustres e equipamentos de ponta. No Rio, minguado era o número daqueles que poderiam receber o nome de tisiologistas e a rede médico-hospitalar era composta apenas por poucos pontos de atendimento: a centenária Santa Casa, as Ordens de Beneficência, a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, a Policlínica do Botafogo, o Hospital São Sebastião, o Hospital Copacabana, o Hospital Evangélico, o Hospital Alemão, o Instituto Moncorvo Filho, alguns hospícios, como o Nacional (na Praia Vermelha), dois postos de

assistência pública (um no centro e outro no Méier) e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde o próprio Abreu havia se formado oito anos antes.

Era evidente para aquele jovem médico de alma francesa a calamidade que era a saúde no Rio. Ainda mais para uma cidade que desde os seus primórdios era assolada de tempos em tempos pelos mais variados tipos de pestes. Mudava-se a moléstia, mas igual era o despreparo da cidade e das autoridades de saúde para o combate. Para se ter uma ideia, entre dezembro de 1849 e setembro de 1850, a febre amarela levou pânico aos cariocas e tornou-se uma das primeiras epidemias a se alastrar pela cidade. Na época, mais da metade dos moradores contraiu a doença (90,6 mil casos em uma população de 170 mil), dos quais mais de 4 mil morreram. Outros dois ciclos epidêmicos do mesmo mal matariam, cada um deles, número parecido de pessoas, em 1873 e 1876. Ao mesmo tempo, outras graves moléstias, como cólera, varíola, peste bubônica, malária e gripe espanhola não davam folga[1]. Tudo parecia colaborar com as pestilências: das ruas sem calçamento (que favoreciam as poças de água e a proliferação de insetos) aos insalubres cortiços, do esgoto a céu aberto à falta de higiene que causavam náusea aos europeus.

O panorama catastrófico só mudaria parcialmente a partir de 1902, com a ascensão do paulista Francisco de Paula Rodrigues Alves à Presidência da República e a adoção de uma série de medidas em prol do saneamento do Rio de Janeiro, conforme os apelos e a cartilha dos higienistas[2]. O próprio Rodrigues Alves morreria vítima da gripe espanhola, em 1919, o que o impediu de tomar posse pela segunda vez como presidente; já a

1. Doenças e epidemias no Rio de Janeiro (1850-1880). Disponível em http://homolog.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/trajetoria/volta_brasil/busca_doenca.htm. Acesso em 17/10/2011.
2. O movimento higienista surgiu entre o fim do século XIX e início do XX e tinha como bandeira primária a melhoria das condições de saúde coletiva da população.

tuberculose seria a algoz do ex-presidente Prudente de Moraes (1894-1898), naquele mesmo ano de 1902.

Inconsciente do seu destino, o novo presidente aceitou travar aquela batalha. Para ajudá-lo nessa tarefa, contou com o auxílio do engenheiro Francisco Pereira Passos (nomeado prefeito) e ninguém menos que o bacteriologista Oswaldo Cruz, a quem designou a direção da Saúde Pública. Enquanto o primeiro promoveu uma extensa reforma urbanística, criando, nos moldes franceses, amplas avenidas e imponentes edifícios, o segundo iniciou um árduo e criticado trabalho de exterminação dos focos do mosquito *Aedes aegypti* (responsável pela febre amarela) e de ratos (peste bubônica), que culminou com o extermínio de aproximadamente 50 mil roedores e a erradicação da peste bubônica no Rio. Em 1907, o médico passou a investir contra a varíola, mas se deparou com a forte rejeição da sociedade da época. Isso porque o único remédio contra a doença era a vacinação (descoberta mais de 100 anos antes) e na época havia se espalhado um boato de que o medicamento transmitia sífilis e tuberculose; em outros casos, apelava-se para a moral e bons costumes, o que impedia que mulheres se submetessem ao processo para não mostrarem a coxa.[3].

Manoel de Abreu não chegaria a conhecer pessoalmente Oswaldo Cruz, que morreu em 1917. Mas seria amigo próximo de um de seus discípulos: Carlos Chagas, pesquisador e descobridor do protozoário desencadeador da doença que leva seu nome. Em homenagem ao mestre – um dos pais da investigação científica do País – Chagas batizou o micro-organismo causador com o nome *Trypanosoma cruzi*. Em pouco tempo, suas descobertas no ramo científico chamaram a atenção da opinião pública e, em 1919, Carlos Chagas é nomeado pelo

3. ZANCHETTA, Maria Inês. Oswaldo Cruz: tudo pela saúde. Disponível em http://super.abril.com.br/cotidiano/oswaldo-cruz-tudo-pela-saude-438798.shtml. Acesso em 17/10/2011.

presidente Epitácio Pessoa para dirigir a Diretoria Nacional de Saúde Pública (DNSP), momento que marca a entrada do Estado na luta contra a tuberculose, a epidemia da vez. É nesse contexto, apenas um ano depois, que nasce a Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose, iniciativa que mudaria definitivamente a trajetória de Manoel de Abreu.

A inspetoria tinha poder de ação limitado à capital federal e entre suas atribuições consistiam o registro dos casos notificados, o exame bacteriológico gratuito dos escarros, o isolamento hospitalar ou familiar do doente e visita e inspeção de casas e estabelecimentos públicos e privados. Era uma gota d'água na tentativa de apagar um grande incêndio. Mas é um marco importante por ser, de fato, o primeiro organismo governamental brasileiro voltado para combater a tísica. Para dirigi-lo foi convidado Plácido Barbosa.

Quase dois anos depois de Manoel de Abreu se instalar no Rio, em março de 1924, o telefone da sua clínica toca: era Plácido Barbosa. Abreu ainda não tinha travado contato com o mineiro, apesar de saber quem era o importante tisiologista e sanitarista que estava do outro lado da linha. Ainda assim, Barbosa se apresentou, felicitou o colega por ter escolhido a capital para se estabelecer e, por fim, marcou um encontro na própria inspetoria, no número 15 da Rua Tenente Passolo, para tratar de um assunto que era de interesse de ambos: o combate à tuberculose. Terminada a conversa, Abreu ainda manteve por alguns instantes o olhar para o telefone e anteviu uma porta que se escancarava à sua frente.

No encontro, o diretor mostrou ao convidado todas as instalações, que ainda nem haviam sido concluídas, elogiou a iniciativa do governo e profetizou um futuro menos sombrio para

a cidade e para os doentes. Falava com a propriedade de quem havia lançado recentemente a obra *Um Plano de Combate à Tuberculose na Cidade do Rio de Janeiro*, em 1917, e *Os serviços de Saúde Pública no Brasil: 1808 a 1907*, lançado em 1909. Abreu ouvia pacientemente, evitando fazer interrupções.

Por fim, os dois seguiram para a biblioteca da inspetoria, onde Plácido Barbosa retirou o livro de Abreu publicado pela Masson e disse:

— Li estas páginas com a máxima seriedade e, ao lhe telefonar, pretendia instalar um laboratório de radiologia que teria a sua direção. Mas, infelizmente, a soma limitada de que dispomos não me permite realizar o referido plano.

Abreu foi pego de surpresa e não escondeu seu descontentamento. Não entendia aquela contradição em que se instalava uma dita Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose e não reservava verba para o serviço radiológico. Passado o baque, ponderou a sua análise e resumiu:

— Sem um laboratório de radiologia, que é o único meio de estabelecer o diagnóstico, a sua inspetoria será uma farsa, senhor Barbosa.

Abreu não era o único que pensava assim. Dois meses antes daquela conversa havia sido inaugurado o serviço de pneumotórax terapêutico dentro do Dispensário Central, localizado na Rua do Rezende. A aplicação da técnica cirúrgica[4], coadjuvante no tratamento da tuberculose, estava sob a responsabilidade de Mazzini Bueno e seus colaboradores. A carência técnica do lugar se revelava quando esse grupo precisava de alguma radioscopia, indispensável ao controle do tratamento. Para fazer esse exame, os pacientes eram encaminhados ao Hospital São

4. O pneumotórax artificial consistia em injetar ar ou substâncias inertes na cavidade pleural, o que diminuía a movimentação pulmonar. Acreditava-se que essa redução da atividade do pulmão propiciaria a morte do bacilo causador da doença, favorecendo assim a cura.

Francisco de Assis, o primeiro criado a partir da política de Carlos Chagas, na região do Mangue. Quanto à radiografia, "era apenas uma aspiração", como lembrou Genésio Pitanga, um dos que viveram esses dias.

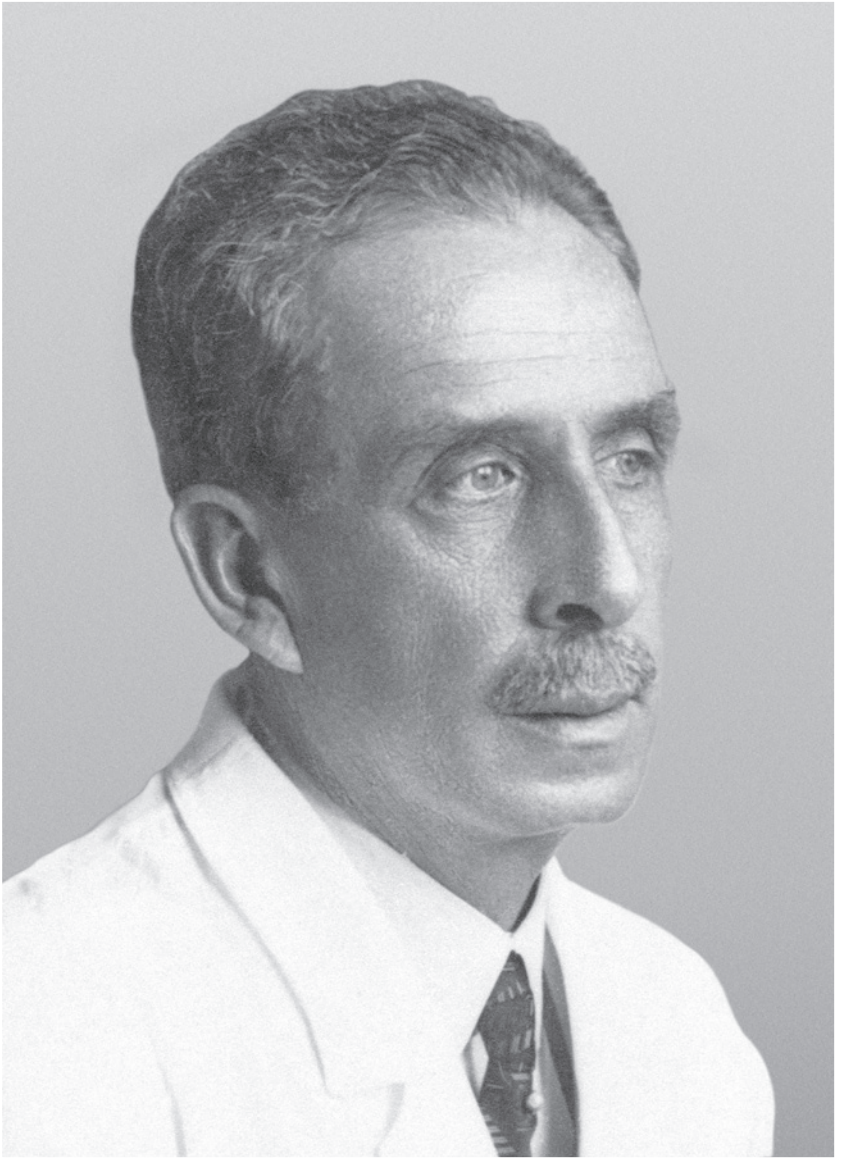
A necessidade de equipar a inspetoria era algo imperativo. E diante do verbo lapidado do seu interlocutor, Plácido Barbosa, foi deixando se convencer. No dia seguinte, o diretor voltou a telefonar para o radiologista. Concordou com Abreu. Mais importante: disse já ter obtido os recursos necessários para criar o tão sonhado e necessário laboratório, que ficaria sob a chefia daquele jovem moreno. Nascia ali uma grande amizade.

"Eu não conhecia Plácido; pareceu-me um homem inteligente, metódico, o qual não sabia o que era tuberculose senão em teoria, mas sabia perfeitamente que era preciso criar a profilaxia dessa terrível doença." Assim expressou Abreu sua primeira impressão sobre o diretor da inspetoria. Tinha suas razões para ter essa opinião daquele que foi um dos seus primeiros amigos no Rio de Janeiro. Afinal, uma das teses que o mineiro defendia era que a alta mortalidade por tuberculose no Rio era devido à grande população de negros e mestiços, que seriam muito mais frágeis e suscetíveis à doença.

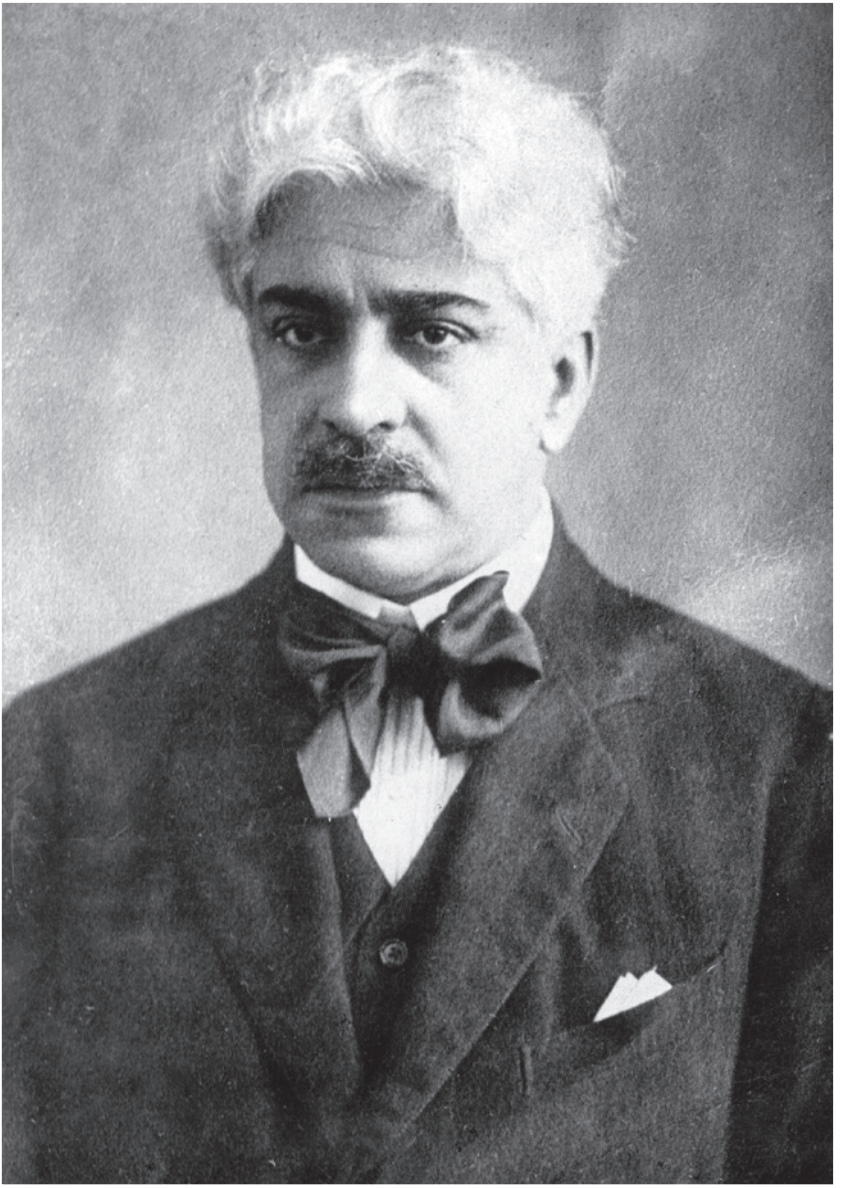
Tempos depois daquele primeiro encontro, Abreu adentrou no pequeno espaço do seu laboratório, que funcionava dentro do primeiro dispensário do Rio de Janeiro inaugurado pela inspetoria e subordinado ao Departamento Nacional de Saúde Pública. Ali conheceria na prática a realidade da tísica e do doente do peito na capital federal. E era mais assustador que os números frios dos estudos que já tinha lido. Os tuberculosos que chegavam ao dispensário se encontravam, geralmente, em fase terminal, restando pouco o que fazer em termos de tratamento. Ainda assim, o chefe do laboratório trabalhava duro, fazendo cerca de 50 exames radioscópicos por dia.

Além disso, fazia cuidadosos relatórios do trabalho desenvolvido nos quais não mencionava as condições precárias do pequeno espaço coberto por uma laje de cimento e que, sob o sol escaldante dos trópicos, se transformava em uma verdadeira estufa. Lá dentro, a temperatura chegava a 40º C. "Eu parecia o condenado mitológico cujo crime havia sido o de conhecer a verdade", escreveu Abreu. Mas, enfim, foi nestas condições, naquele cenário desanimador que ele estabeleceu uma rede das primeiras amizades na cidade, tendo como companheiros, além de Mazzini Bueno e Genésio Pitanga, Ary Miranda, Heitor Achiles e Alexandre Stockler. Ao se enturmar, ganhou de novo ânimo para recomeçar as pesquisas que estavam interrompidas desde o retorno de Paris. Finalmente, tinha motivos para permanecer no Rio.

Cartaz de uma das campanhas contra a tísica: combate incipiente



Carlos Chagas, o chefe da Diretoria Nacional de Saúde Pública (DNSP), nomeado pelo então presidente Epitácio Pessoa



Oswaldo Cruz: o pioneiro no combate aos focos do mosquito *Aedes aegypti*

AL MÉRITO SANITARIO

S. E. el Jefe del Estado

Se ha dignado conceder a V. E. por Decreto de 24 de septiembre de 1954

el ingreso en la Orden Civil de Sanidad con la categoría de Gran Cruz, por haber justificado, con arreglo a lo establecido en el Decreto orgánico de 27 de julio de 1943, merecer por los servicios prestados y méritos en ellos adquiridos, el ingreso en dicha Orden.

Y en consecuencia ordena se expida el presente Diploma el cual, una vez tomada razón del mismo por la Dirección General de Sanidad, le autoriza al uso de las insignias correspondientes y al disfrute de los honores y distinciones de los demás componentes de la Orden Civil de Sanidad de igual categoría.

Confiando que por las cualidades que le distinguen, ha de esmerarse en contribuir al mayor prestigio de la misma.

Madrid, 26 de septiembre de 1954.

Tomé Razón
El Director General de Sanidad

MINISTERIO DE LA GOBERNACIÓN
ORDEN CIVIL DE SANIDAD

Expedido Diploma de ingreso en la Orden Civil de Sanidad con la categoría de Gran Cruz, a favor del Excmo. Sr. Don Manoel de Abreu

Registrado en esta Cancillería con el número 142 del folio 98.

Em uma de suas passagens por Madri, Abreu recebeu a Gran Cruz da Ordem Sanitária das mãos do general e ditador Francisco Franco

Um trabalhador compulsivo

Se na capital francesa Manoel de Abreu se transformou em um boêmio, no Distrito Federal o médico se tornaria um verdadeiro *workaholic*. "Daria a minha vida, se fosse necessário", diria, tempos depois, a respeito de seu embate contra a tuberculose. Ao trabalho de sua clínica foram se acumulando outras responsabilidades. Algumas delas, inclusive, sem receber qualquer tipo de salário, como era o caso da árdua missão que desenvolvia na Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose. Para executá-las se cercou de bons colaboradores que, ao lado dele e sob sua orientação, cresceriam e ganhariam espaço nas páginas dedicadas aos pioneiros da radiologia no Brasil. Um deles é Carlos Osborne, que, na ordem cronológica, foi o primeiro assistente de Abreu em seu retorno ao Brasil e, assim como seu mentor, anos mais tarde, faria parte da Academia Nacional de Medicina.

Neste primeiro momento, conforme lembrança de outro discípulo, Mauricéa Filho, o então Instituto Manoel de Abreu estava abrigado no palacete Lafond. O charmoso prédio da dé-

cada de 1910, caracterizado por uma imponente cúpula, estava localizado na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Santa Luzia e era vizinho ao Clube Militar. Muitas foram as vezes em que Mauricéa teve de ir até ali para conversar com Abreu, que havia se tornado o orientador de sua tese de doutoramento. Tantas idas àquele consultório fizeram, tempos depois, com que o jovem se acostumasse com o ambiente de flagrante desorganização, sempre tomado de peças anatômicas, clichês, desenhos, filmes, livros e cheiro de cigarro no ar.

Mauricéa conheceu Manoel de Abreu na Casa de Saúde Pedro Ernesto, em 1923, quando era interno da instituição, ao lado de outros, como Aguinaldo Lins. Ali Abreu chefiava os serviços de radiologia daquela policlínica, inaugurada em 1918, sendo uma das primeiras do Rio especializada em cirurgia, ginecologia e obstetrícia. Seu fundador, o pernambucano Pedro Ernesto Batista, foi um cirurgião dos mais respeitados no seu tempo, vindo a ser membro do Colégio Americano de Cirurgiões e da Academia Francesa de Medicina. No entanto, seria mais conhecido por suas posições políticas incendiárias e por ser participante ativo das conspirações tenentistas das décadas de 1920 e 1930. Ainda assim, foi nomeado interventor do Distrito Federal (1931-1934), por Getúlio Vargas, e seria o primeiro prefeito eleito, ainda que de forma indireta, da história do Rio de Janeiro (1935-1936). O mandato seria encurtado devido à sua prisão, a pedido do mesmo Vargas.

Pedro Ernesto foi um dos primeiros contatos de Abreu no Rio e um dos primeiros a acreditar no seu trabalho. Ambos tinham formação sólida e projetos grandiosos e, cada um do seu jeito, se preocupavam com o destino das massas. Nas palavras do paulista, o pernambucano "era um homem bom e sonhador que lia os homens dia e noite, cuja cultura estava na substância sensível dos homens". As afinidades fizeram com que se aproximassem naturalmente e mantivessem a amizade até 1942, ano da morte do médico-político.

Na Casa de Saúde Pedro Ernesto, Abreu estava cercado de jovens que, pela primeira vez, tomavam contato com a radiologia. A forma amistosa como os tratava e o conhecimento que demonstrava sobre o tema impressionavam a seus discípulos, sendo grande o número daqueles que buscavam travar contato com aquele mestre recém-chegado do Velho Mundo. Dali sairiam algumas teses de doutoramento orientadas por Abreu.

A de Mauricéa Filho seria apresentada em 1925. Na época, o aluno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tinha dúvidas sobre que tema deveria abordar em seu trabalho de doutoramento. Quando Abreu sugeriu a ele que pesquisasse sobre as possibilidades da roentgendactiloscopia, o interno não escondeu seu desconhecimento sobre o tema. Abreu riu da expressão lida na face de Mauricéa e explicou que se tratava de um novo capítulo da medicina forense, voltado à investigação dos pormenores das impressões digitais por meio de filmes radiológicos.

Abreu introduziu o tema falando das primeiras tentativas de identificar foras da lei pela simples e bárbara amputação. Discorreu sobre a técnica baseada na antropometria, de Alphonse Bertillon, chegando ao que existia de mais atual até aquele momento, que eram os processos de identificação por meio de digitais, desenvolvidos por Juan Vucetich e pela dupla Galton-Henry. A bertilhonagem e o vucetichismo (papiloscopia) já estavam consagrados àquela altura[1] e não era aspiração de Abreu destruir ou destronar qualquer um deles. Seu interesse era trazer novas perspectivas à investigação criminal e ao uso dos raios X.

Aquela forma de abordagem proposta por Abreu realmente era original e Mauricéa percebeu isso quando começou a pesquisar sobre o assunto. Sobre a roentgendactiloscopia pouco encontrou, além de uma monografia de Henri Béclè-

1. A datiloscopia continua sendo atualmente o principal método empregado na identificação de suspeitos e criminosos.

re, o mesmo professor com quem seu mestre travara contatos durante seus oito anos em Paris. Ao francês Abreu enviou uma carta solicitando exemplar do material e foi atendido. Partia dali a investigação do estudante.

Vez ou outra, enquanto Mauricéa ia preparando seu material radiológico necessário para comprovar a sua tese e organizando os capítulos, era surpreendido por uma visita ou um chamado do seu orientador. Abreu ouvia uma espécie de relatório sobre como estava o andamento do trabalho, fazia algumas considerações e, quando tudo parecia ter sido abordado, costumava emendar:

— Tenho algo que lhe dizer ainda... tome nota!

E a conversa parecia reiniciar dali. Era praxe apresentar os prós e os contras de cada obra usada na pesquisa, prever os ataques da banca e sugerir possíveis respostas. "Muitas vezes eu o observei impugnando-se a si mesmo e defendendo-se das próprias impugnações. Era um exímio pugilista intelectual", ponderou Mauricéa sobre seu mestre. Assim, com seu jeito manso, tolerante e bom, Abreu angariava respeito e se impunha como mestre de fato no vigor de seus trinta e poucos anos. Dessa forma, quando seu imberbe discípulo apresentou a tese intitulada *Da Roentgendactiloscopia*, a aprovação foi sem retoques. Naquele mesmo período, de 1923 a 1925, outros colegas da mesma faculdade e internos da Casa Pedro Ernesto, como Aguinaldo Lins e Álvaro Amaral, tiveram a mesma honra. Eram também os pioneiros da nova radiologia brasileira, que nascia sob as bases da ciência e dos sonhos de Manoel de Abreu.

Era 1924 quando Vitor Côrtes, um estudante do quinto ano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi procurado por um colega, Aguinaldo Lins, para que traduzisse alguns artigos e trechos de livros alemães. Lins buscava ajudar Manoel de Abreu,

seu chefe na Casa de Saúde Pedro Ernesto, que, por sua vez, estava envolvido em uma polêmica científica com Roberto Duque Estrada, outro gigante da radiologia brasileira, sobre o valor e a originalidade de um novo método de medição do calibre da aorta, desenvolvido pelo paulista. A acirrada discussão se dava dentro da prestigiada Academia Nacional de Medicina e dividia a casa.

Abreu se empenhava para o embate de ideias. Precisava dirimir ataques bem elaborados aos seus conceitos e, principalmente, deixar claras as diferenças entre o que estava propondo com o que já havia comunicado outros autores alemães. Além disso, estava em jogo a aceitação da base de sua teoria de interpretação das imagens radiológicas dos órgãos mediastinais[2]. Alguns simplesmente duvidavam da exatidão das medidas dos calibres vasculares apresentados por Abreu, mensurados a partir das análises de filmes e de cadáveres. Nestes dias tumultuados, sobressaía uma de suas características mais destacadas por aqueles que o conheceram: a educação nos revides, a elegância na oposição e a agudeza de seus pensamentos.

Côrtes fez as traduções e foi pessoalmente entregar ao interessado, que, a essa altura, mantinha seu consultório na Rua Evaristo da Veiga, 20. O estudante não conhecia Abreu e imaginava encontrar um senhor carrancudo ou um típico "cientista maluco", com roupas desalinhadas e cabelos desgrenhados. Surpreendeu-se. Do outro lado, um rapaz moreno, esbelto, agitado e de sorriso fácil. Falastrão, Abreu contou com entusiasmo a que se destinavam aquelas traduções, sem perceber que faltava entendimento ou mesmo interesse ao seu interlocutor.

Os dois não se veriam mais até que o próprio Aguinaldo Lins, um grande admirador da figura Manoel de Abreu, cien-

2. O mediastino encontra-se na cavidade torácica e compreende uma massa de tecido entre os pulmões, o que inclui estruturas como coração, timo, esôfago, traqueia e alguns grandes vasos sanguíneos, como a aorta.

te de que se estabeleceria em Recife, sua cidade-natal, após a conclusão do curso de Medicina, em 1925, indicou o nome de Vitor Côrtes a Abreu. Dessa forma, Côrtes passou a frequentar o consultório se preparando para tomar o lugar do amigo quando o momento chegasse.

Abreu desenvolvia uma intensa atividade profissional por essa ocasião. De manhã, atendia no consultório e na Policlínica Geral do Rio de Janeiro; à tarde, na Casa de Saúde Pedro Ernesto e de novo no consultório. Além disso, em dias alternados, seguia também para a Inspetoria de Profilaxia de Tuberculose, onde, além do próprio Côrtes, tinha também como assistentes Humberto Cezar e Geraldo Vieira. A tudo isso ainda se somava a dedicação à pesquisa, sendo comum, em função dessa entrega apaixonada à ciência, que as atividades em sua clínica seguissem até tarde da noite. Graças a ele, finalmente, o campo da pesquisa estava agitado no Rio.

Simultaneamente a toda essa correria, o médico se depara quase que diariamente com o drama da tuberculose no Rio, principalmente na Inspetoria de Profilaxia. Incomodava a ele deixar um problema (o diagnóstico precoce da doença) sem resposta. Já havia teorizado a solução em Paris, fotografar adequadamente o écran, mas até então esbarrara na deficiência tecnológica. Sentia-se impotente ao observar o quanto era ineficaz o trabalho que se desenvolvia ali. Era preciso agir.

O ano de 1924 ainda não tinha terminado quando, pela segunda vez, ao examinar seus pacientes da inspetoria, tentou reproduzir em filme a tênue imagem que aparecia na tela radioscópica. Mas, de novo, não obteve sucesso. Usara na experiência ferramentas muito primitivas, como um écran de platino-cianureto de bário, que, embora fosse próprio para a radioscopia da época, não iluminava o suficiente a ponto de permitir sua captação pelo filme fotográfico. Só a partir de 1933 outros modelos mais potentes apareceriam. Os primeiros que permitiriam o

uso com películas de 35 mm, que era o desejo de Abreu, seriam feitos de sulfeto de cádmio e zinco[3]. "Não desisti, não esqueci, também não descansei", diria Abreu.

Na sua busca por um exame de massa, sabia que estava no caminho certo, mas era preciso esperar. Enquanto isso, se enchafurdava em seus estudos em que buscava dar fundamentos lógicos à interpretação das imagens radiológicas, problema que igualmente o inquietava desde Paris. Até então, era um terreno dos mais abstratos.

Um ano antes, em 1923, Abreu percebeu algo novo quando estudava a crossa da aorta, a curvatura da maior e mais importante artéria do sistema circulatório, que sai do ventrículo esquerdo do coração. De maneira exaustiva, fez com que o feixe de raios X incidisse na região sob diferentes posicionamentos dos pacientes e ângulos. Ao analisar a projeção das imagens nos filmes radiográficos percebeu um padrão tão nítido nos resultados que se admirou do fato de ninguém antes ter chegado às conclusões que estavam começando a formatar em sua cabeça. "Naquele momento, havia para mim uma nova claridade em que a formação das imagens tinha um fundamento lógico."

Abreu analisou as diferentes nuances das imagens combinando-as com a direção dos raios e percebeu que, a partir disso, conseguia explicar o mecanismo do contorno, da nitidez ou subnitidez e do apagamento das imagens. Era a chave para a boa leitura dos exames. Mas ainda era preciso organizar aquelas ideias iniciais e submetê-las ao crivo da ciência. Começou ali um longo trabalho para explicar aquela teoria que colocava por terra a maneira antiga e abstrata de interpretação radiológica, substituindo-a por uma base nova e científica. Era o que se chamaria de radiogeometria. "Tudo estava certo. Se havia alguma falha não era na minha teoria, mas em mim

3. SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e Obra de Manoel de Abreu – o criador da abreugrafia*, p. 79.

mesmo, pois a vasta e completa aplicação da radiogeometria exigia um modo de ver diferente, uma mentalidade nova que eu mesmo ainda não tinha", resumiria Abreu.

Dessa forma, naquele mesmo ano de 1924, em novembro, apresenta na Academia Nacional de Medicina dois trabalhos: *Teoria Geométrica da Formação das Imagens* e *Ensaio Sobre uma Nova Radiologia Vascular*. Esses artigos, com seus conceitos originais, são encorpados e condensados em um livro escrito em francês que, menos de dois anos depois, sai publicado pela Masson, com o título *Essai sur un nouvelle radiologie vasculaire*. Com isso, Abreu prova que não é preciso estar nos grandes centros para fazer reverberar suas ideias. Lá fora, no mundo civilizado, uma importante editora dava valor e se interessava pelo que pesquisava e escrevia. Não pararia por aí.

Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

FUNDADA EM 1886

MENÇÃO HONROSA

Confere, a Assembléa Geral realisada em 14 de Dezembro de 1926, ao trabalho "Ensaio de uma nova Radiologia vascular" Snr. Dr. Manoel de Abreu de accordo com o parecer da respectiva commissão.

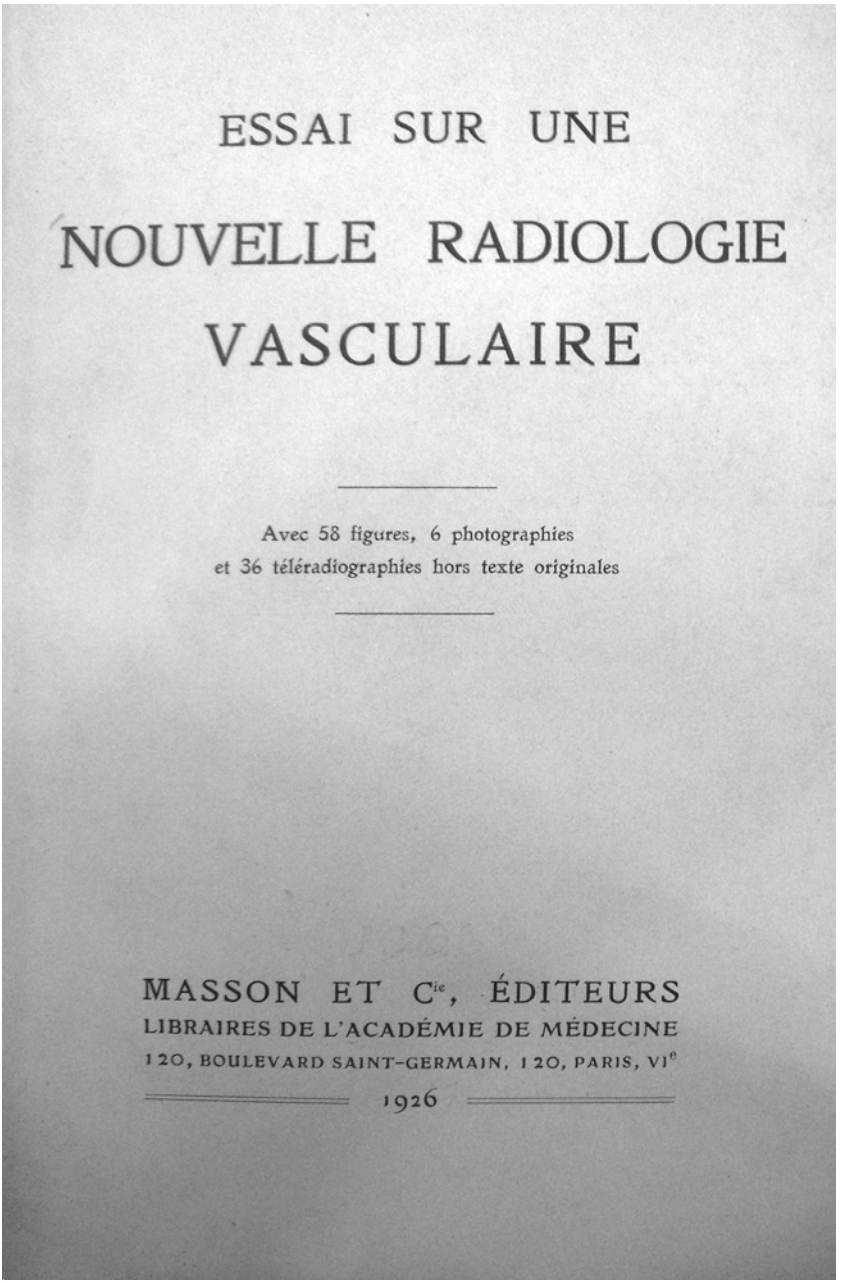
Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1926.

O Presidente

O Secretario Geral

O Relator

Produzir no Brasil não foi obstáculo para que o obstinado radiologista conseguisse repercutir suas ideias nos centros mais avançados



ESSAI SUR UNE

NOUVELLE RADIOLOGIE VASCULAIRE

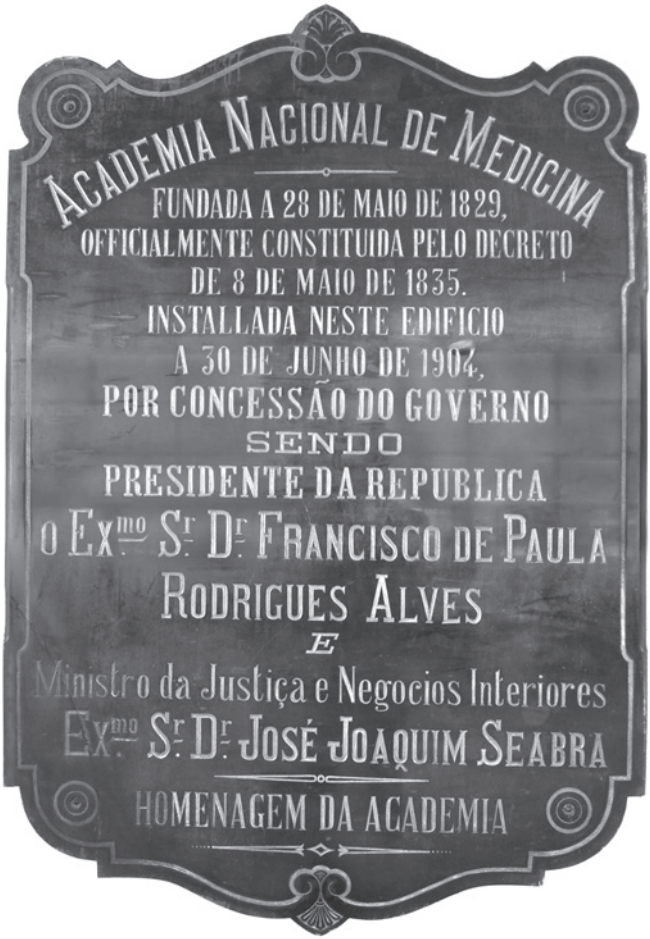
Avec 58 figures, 6 photographies
et 36 téléradiographies hors texte originales

MASSON ET Cie, ÉDITEURS
LIBRAIRES DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE
120, BOULEVARD SAINT-GERMAIN, 120, PARIS, VIe

1926

Com *Nouvelle Radiologie Vasculaire* Abreu deu novas bases para a Radiologia

Terno e gravata para uma visita ao litoral paulista



Na centenária Academia Nacional de Medicina, Abreu se relacionou e polemizou com os maiores brasileiros do seu tempo

Paris e Berlim

Manoel de Abreu era a efervescência em pessoa. Estava sempre preocupado com algo, tinha sempre um problema a resolver. Segundo Mauricéa Filho, "foi em toda a sua vida o estudante feito mestre. Só parava de estudar para pensar e de pensar para inventar". Talvez essa seja a melhor definição do estado de espírito característico de Abreu. E foi imbuído dessa capacidade criativa que, em 1927, apresentou na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro um novo equipamento voltado para ajudar na auscultação parcial dos sons e movimentos cardíacos.

Ao engenhoso aparelho deu o nome de meroscópio, que, conforme o próprio explicou, é uma combinação das palavras gregas "meros" (parte) e "scopein" (observar, examinar). Destinava-se à investigação dos distúrbios do sistema cardiovascular em um tempo que ainda não se falava em ecocardiografia, muito menos em ultrassom com Doppler.

O dispositivo de Abreu, que mereceu destaque na prestigiada publicação francesa *La Presse Medicale*, de abril daquele mesmo ano, era uma caixa composta basicamente por oscilô-

metro, estetoscópio, esfigmomanômetro, além de algumas peças móveis e fixas, resistor, eletroímã e interruptor. Não obstante a simplicidade, com ele era possível obter gráficos da revolução cardíaca e identificar possíveis disfunções.

O interesse de Abreu por questões relacionadas ao coração vinha desde os tempos de Paris. Em 1920, examinou um paciente do serviço do professor León Bernard, no Laboratório Central do Hospital Laënnec. A suspeita era que o doente tivesse sido vítima de um derrame pericárdico, mas, no final, foi comprovado que se tratava apenas de uma hipertrofia do coração. A partir daí, começou a estudar o quadro e maneiras de facilitar o diagnóstico diferencial. Com isso, acabou desenvolvendo uma técnica que permitia, por meio de exames radiográficos e da análise da ação da gravidade sobre a massa líquida cardíaca, identificar e distinguir um problema do outro.

Com esse passado, não soou estranho quando, diante da necessidade de apresentar um trabalho inédito para concorrer a uma vaga na Academia Nacional de Medicina (ANM), mais uma vez se dedicasse a um tema correlato. Foi assim que nasceu *Contribuição ao Estudo Radiológico do Mediastino na Criança*, trabalho dividido em três partes em que faz uma análise pormenorizada e original do coração, dos vasos de base e do timo.

Isso foi em 1928. Àquela altura, Abreu já era uma das figuras mais respeitadas da medicina no Rio de Janeiro. Dessa forma, não lhe faltava quem o incentivasse a batalhar por uma vaga na prestigiada academia, que reunia a nata da medicina brasileira. O empurrão definitivo veio do dermatologista e acadêmico Werneck Machado. Este o procurou e disse que estaria passando para a categoria de membro honorário, deixando em aberto uma cadeira na seção de Medicina Especializada. O amigo o aconselhou a postulá-la e orientou sobre como fazê-lo.

Tempos depois, o então presidente da ANM, Miguel Couto, recebe uma carta escrita de próprio punho por Abreu, datada

de 24 de maio, na qual o radiologista pede para ser incluído entre os candidatos à vaga de Werneck. Na curta mensagem, esclarece que apresentará em tempo oportuno seus títulos e trabalhos, que comprovarão sua capacidade de fazer parte da tradicional entidade.

A conclusão desse processo, que exigia dos postulantes visita a outros acadêmicos em uma espécie de campanha eleitoral em menor escala, se dá na seção de 13 de setembro, quando Manoel de Abreu é eleito membro titular da casa. No encontro seguinte (em 23 de setembro), ele é recepcionado pelos seus pares e empossado. Foi teatralmente introduzido no recinto pelos colegas Werneck Machado, Octavio Pinto e Moreira da Fonseca, respectivamente primeiro e segundo secretários da casa. Da sua cadeira, Miguel Couto não escondeu o seu fascínio pelo jovem que alguns anos atrás fora seu aluno na Faculdade de Medicina. "Na bagagem intelectual do nosso novo companheiro tanto entram as ciências como as letras, em doses iguais", destacou na ocasião o respeitado presidente, que havia passado por aquele mesmo processo quatro décadas antes.

A Academia Nacional de Medicina foi a primeira das sociedades médicas a abrir as portas para Abreu[1]. Ao final de sua vida, faria parte de quase 50, do Brasil e do exterior, seja como membro titular, honorário, colaborador, correspondente ou afim. Algumas, presidiu, como da Sociedade de Cirurgia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (1940-1941); outras, ajudou a fundar, como as Sociedades Brasileiras de Tuberculose (1928) e de Radiologia (1929).

1. Manoel de Abreu ficaria na seção de Medicina Especializada até 13 de abril de 1944, quando pediu transferência para a seção de Ciências Aplicadas à Medicina, ocupando a vaga do acadêmico Hélion de Menezes Póvoa, falecido em 9 de abril daquele ano.

Logo depois de se tornar acadêmico, Manoel de Abreu se viu obrigado a voltar para o Velho Mundo. O pai, Júlio, estava doente, padecia com um câncer na língua em estágio já avançado, e foi-lhe recomendado tentar um tratamento cirúrgico na França. Se não fosse tão nobre o motivo, dificilmente o médico retornaria à Europa no segundo semestre de 1928. Naquele momento de sua vida, já havia descoberto o poder do amor, graças a uma jovem igualmente paulistana de nome Dulcie, neta de nobres suecos. Enfim, partiria, mas com promessa de casamento tão logo retornasse ao Brasil.

Sendo a viagem tão necessária quanto inevitável, preparou-se para a jornada. Mas, antes do embarque, providenciou alguns materiais relacionados ao seu trabalho. Já que estaria em Paris, cuidaria de irradiar suas ideias sobre radiogeometria e, se oportunidade houvesse, também em Berlim. Na bagagem, levava um farto material iconográfico preparado pelo fotógrafo e amigo Mario Greco: filmes e os manuscritos de dois livros a ser oferecidos à Masson Editores.

A programação inicial era que ficaria fora por apenas dois meses. Acabou ficando quase um ano, devido aos cuidados que a saúde do pai requeria. Era tempo mais que suficiente para rever velhos amigos e, principalmente, visitar os principais hospitais, serviços e especialistas mais importantes. Tal qual um bom e incansável vendedor, elegantemente vestido e com materiais de baixo do braço, bateu mais uma vez a várias portas, tendo conseguido proferir algumas conferências onde lhe foi dada tal oportunidade. Diante da ocasião rara de falar diretamente ao seu público interessado, não se deixou fascinar pela atraente Cidade Luz. Os tempos da boemia juvenil ficaram para trás e havia muito trabalho a ser feito.

De Paris escreve frequentemente para Vitor Côrtes, e vai atualizando o amigo sobre seus passos e avanços na capital francesa. Em carta de 14 de novembro informa que já havia

deixado os seus manuscritos na Editora Masson e narra seu encontro com Edouard Rist, no Hôpital Laënnec, e Divelis, no Hotel-Dieu. "A impressão é boa, parece que o terreno está preparado para receber a radiogeometria", conclui a partir desses primeiros contatos.

Duas semanas depois, escreve às pressas outra correspondência para Côrtes, em que demonstra um otimismo flagrante diante do rumo que sua estadia em Paris está tomando. Para ele, a viagem "está se desenvolvendo com um sucesso maior, muito maior que o previsto." Tinha motivos para tanto. Afinal, a essa altura, já havia recebido o aval da editora para a publicação das duas obras e, dessa vez, sem a necessidade de submetê-las à apreciação de qualquer comissão.

Fizera também a primeira conferência no serviço do professor Pierre Duval, na Clinique Thérapeutique Chirurgicale. A clínica, que daria origem ao hospital Vaugirard, estava localizada no mesmo lugar onde anos antes, durante a Primeira Guerra, existiu o Hospital Franco-Brésilien. Entre os presentes, além do respeitado cirurgião, seu assistente Jean-Charles Roux e o radiologista Henri Béclère, velho conhecido do brasileiro.

Duval era uma verdadeira referência na medicina parisiense. Foi ele que ajudara a criar aquela casa, que ficaria sob sua chefia desde 1921, ano da fundação, até 1941. Neste período, dedicou-se quase que exclusivamente à cirurgia digestiva e fez escola, tendo entre os seus discípulos vários médicos brilhantes, como o próprio Jean Gosset, a quem Abreu também procuraria mais tarde. Junto com Roux e Henri Béclère assinaram um encorpado atlas de radiologia clínica em dois volumes sobre as doenças do estômago, do duodeno e das glândulas anexas.

Terminado aquele encontro, que girou em torno de radiologia nefrocolecísitca, o tema de um dos livros entregues à Masson, Duval gostou daquilo que lhe foi apresentado. Tanto que encomendou um artigo a Abreu, que seria publicado na *Revista*

de Cirurgia, deixando por conta do brasileiro a liberdade para escolher as imagens que melhor lhe conviessem para ilustrar o texto. Além disso, pediu que voltasse no sábado seguinte para realizar na prática o processo a ele apresentado, deixando separados alguns doentes para esta ocasião. "Foi a primeira conferência e estou agora certo que as outras, na Sociedade de Radiologia e nos diferentes serviços, vão fazer a mesma impressão", escreveu, na mesma carta de 14 de novembro.

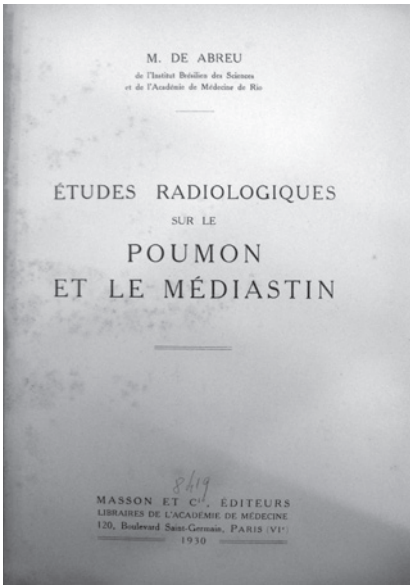
E foi assim, despido do receio inicial, que seguiu, apresentando seus conceitos a Fernand Widal, Gaston Lion, Jean Gosset e na Sociedade de Radiologia Médica da França, ora discorrendo sobre radiogeometria, como neste último caso, ora sobre volumetria pulmonar e ainda sobre radiologia nefrocolecística. Estava contente. Sentia que depois de anos de dedicação e "sacrifício obscuro" estava tirando das sombras suas ideias e atingindo as mentes mais ilustres do seu tempo. Pouco havia mais o que fazer em Paris. Foi o que concluiu naquele primeiro mês de 1929, quando seguiu para Berlim.

Na capital alemã, Abreu tinha dois endereços em vista: o Charité e o Moabit Hospital. O primeiro, nascido como leprosário em 1710, foi a casa de médicos renomados. Por ali passaram Robert Koch (famoso por identificar o bacilo da tuberculose e prêmio Nobel de 1905), Hermann Oppenheim (um dos pioneiros da neurologia) e, àquela altura, era dirigido por Ernst Ferdinand Sauerbruch, considerado um dos cirurgiões mais importantes da primeira metade do século XX. Mas, naquele hospital universitário, quem interessava a ele era Henri Chaoul, chefe do Serviço de Radiologia, e seu assistente, Albert Adam. Chaoul era um dos discípulos de Sauerbruch e havia chegado ao Charité um ano antes, juntos com o seu mestre. Dessa forma, o brasileiro tinha motivos para estar feliz naquele sábado, 2 de fevereiro de 1929, depois de ter proferido uma conferência naquela secular instituição.

Antes disso, conversou brevemente com Karl Frik, que era diretor Instituto Werner-Siemens de Pesquisa sobre Raios X, que funcionava dentro do Moabit Hospital. Mas, ali, a recepção não foi das mais calorosas. O experiente Frik, ex-oficial médico durante a Primeira Guerra, lembrou das críticas que Abreu havia feito à sua teoria de "enchimento mediastinal". A opinião de Abreu sobre esse alemão não foi das melhores. Para Côrtes, em carta de 1º de fevereiro, o radiologista confidenciou, sem esconder o menosprezo e certo escárnio: "para falar francamente tive a impressão que Frik não entende nada de radiologia mediastinal e que na quinta-feira próxima, por ocasião da minha conferência no Moabit, eu terei ocasião de iniciá-lo verdadeiramente nestas questões transcendentes".

Com a passagem por Berlim era hora de voltar ao Brasil. Os resultados de sua peregrinação aparecem já no ano seguinte, com a publicação de *Études Radiologiques sur le Poumon et le Médiastin* e *Radiografie Néphro-Cholécystique*, nos quais o médico brasileiro expõe suas principais ideias sobre radiologia e que foram apresentadas por ele a seus pares europeus. Já era uma figura respeitada, que se fazia ouvir e trilhado um longo caminho dentro da especialidade que escolheu. Mas iria muito mais longe.

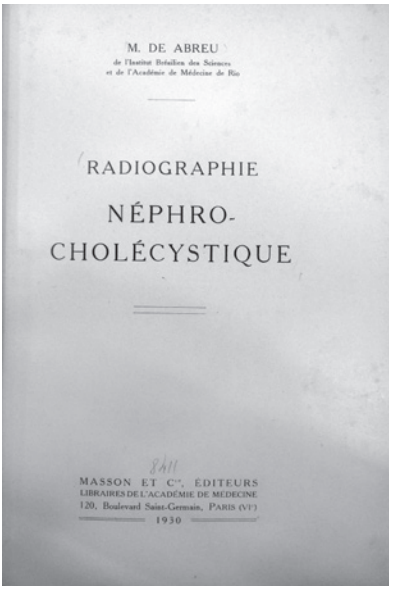
O balanço do seu périplo pelo Velho Mundo seria completamente positivo se não fosse o prognóstico para o seu pai. O câncer era um legado maldito dentro da família e o próprio Abreu, no seu devido tempo, haveria de se sucumbir a ele. No caso de Júlio, as células cancerosas já haviam invadido outros tecidos, dando origem à metástase. Nada mais havia que os radioterapeutas parisienses pudessem fazer. Ele voltava para o Rio, para viver seus últimos dias sob os cuidados do filho médico e querido. Estava prestes a realizar o seu encontro definitivo com o destino. E isso não tardaria a acontecer.


M. DE ABREU
de l'Institut Brésilien des Sciences
et de l'Académie de Médecine de Rio

ÉTUDES RADIOLOGIQUES
SUR LE
POUMON
ET LE MÉDIASTIN

8419

MASSON ET Cie, ÉDITEURS
LIBRAIRES DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE
120, Boulevard Saint-Germain, PARIS (VIe)
1930

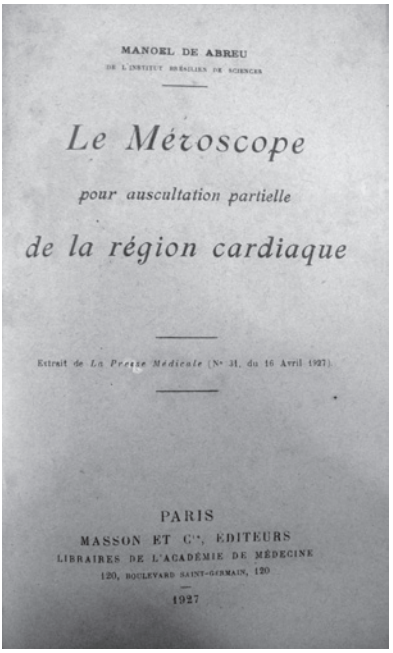

M. DE ABREU
de l'Institut Brésilien des Sciences
et de l'Académie de Médecine de Rio

RADIOGRAPHIE
NÉPHRO-
CHOLÉCYSTIQUE

8411

MASSON ET Cie, ÉDITEURS
LIBRAIRES DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE
120, Boulevard Saint-Germain, PARIS (VIe)
1930

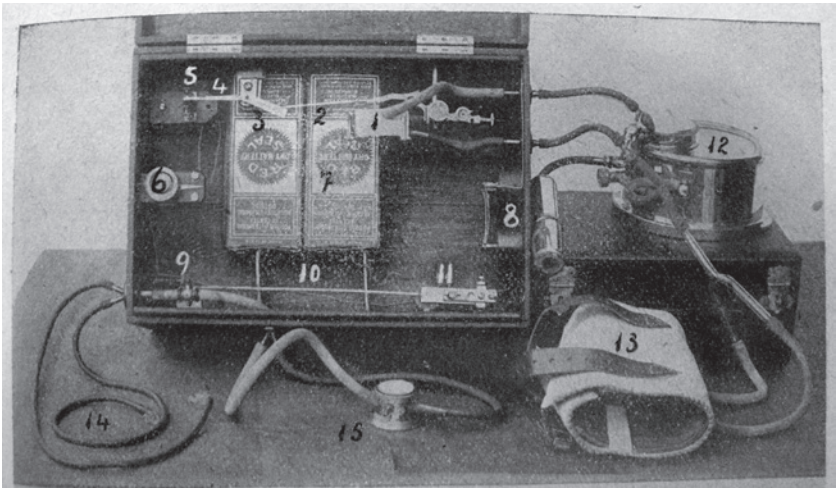
Trabalhos consistentes e originais fizeram de Abreu uma figura respeitada pelos pares estrangeiros


MANOEL DE ABREU
DE L'INSTITUT BRÉSILIEN DE SCIENCES

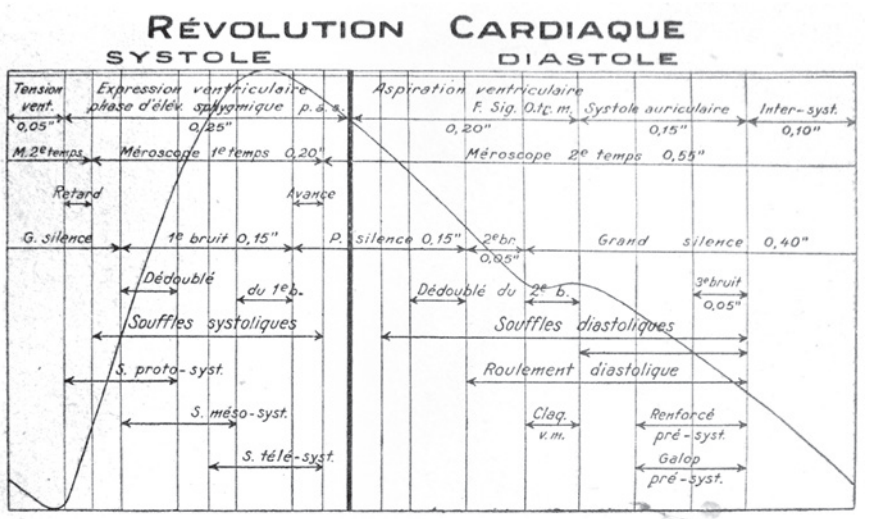
Le Méroscope
pour auscultation partielle
de la région cardiaque

Extrait de *La Presse Médicale* (N° 31, du 16 Avril 1927).

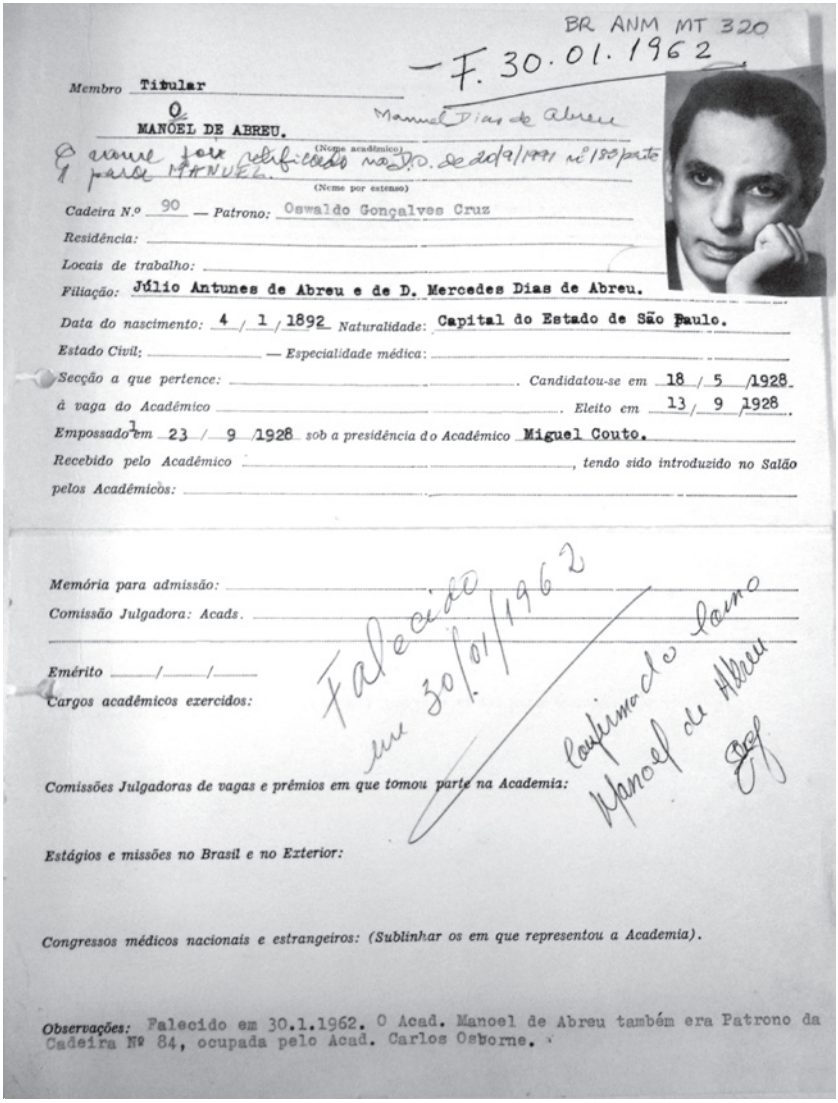
PARIS
MASSON ET Cie, ÉDITEURS
LIBRAIRES DE L'ACADÉMIE DE MÉDECINE
120, BOULEVARD SAINT-GERMAIN, 120
1927



O rústico meroscópio, mais uma das criações do inquieto inventor; as investigações sobre os distúrbios cardiovasculares mereceram destaque na *Presse Medicale*



Rústico, sim. Mas, funcional. Gráfico gerado a partir do meroscópio



BR ANM MT 320

— F. 30.01.1962

Membro Titular

O.

MANOEL DE ABREU.

(Nome acadêmico)

Manuel Dias de Abreu

O nome foi retificado na D.O. de 20/9/1971 nº 150 parte 1 para MANUEL.

(Nome por extenso)

Cadeira N.º 90 — Patrono: Oswaldo Gonçalves Cruz

Residência:

Locais de trabalho:

Filiação: Júlio Antunes de Abreu e de D. Mercedes Dias de Abreu.

Data do nascimento: 4 / 1 / 1892 Naturalidade: Capital do Estado de São Paulo.

Estado Civil: — Especialidade médica:

Secção a que pertence: . Candidatou-se em 18 / 5 /1928.

à vaga do Acadêmico . Eleito em 13 / 9 /1928.

Empossado em 23 / 9 /1928 sob a presidência do Acadêmico Miguel Couto.

Recebido pelo Acadêmico , tendo sido introduzido no Salão pelos Acadêmicos:

Memória para admissão:

Comissão Julgadora: Acads.

Emérito / /

Cargos acadêmicos exercidos:

Falecido em 30/01/1962

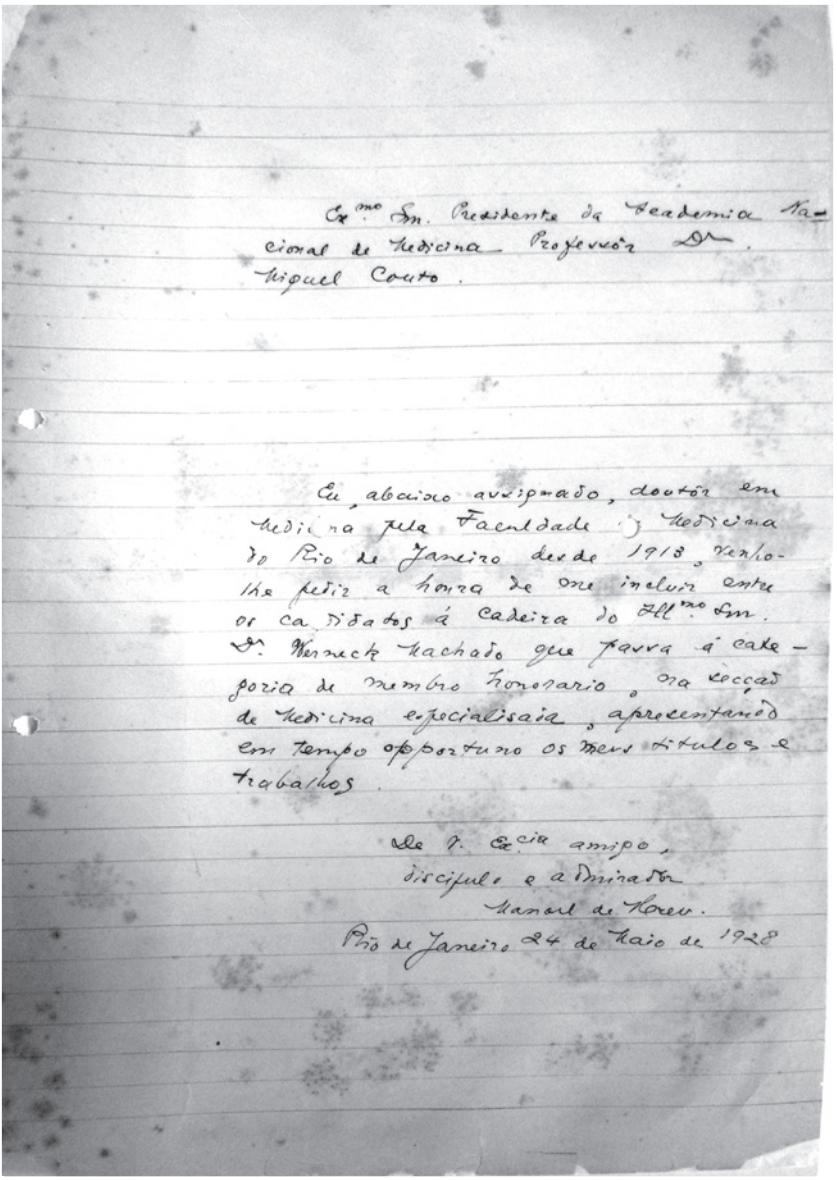
Comissões Julgadoras de vagas e prêmios em que tomou parte na Academia:

Estágios e missões no Brasil e no Exterior:

Congressos médicos nacionais e estrangeiros: (Sublinhar os em que representou a Academia).

Observações: Falecido em 30.1.1962. O Acad. Manoel de Abreu também era Patrono da Cadeira Nº 84, ocupada pelo Acad. Carlos Osborne.

A ficha do ilustre membro da Academia Nacional de Medicina

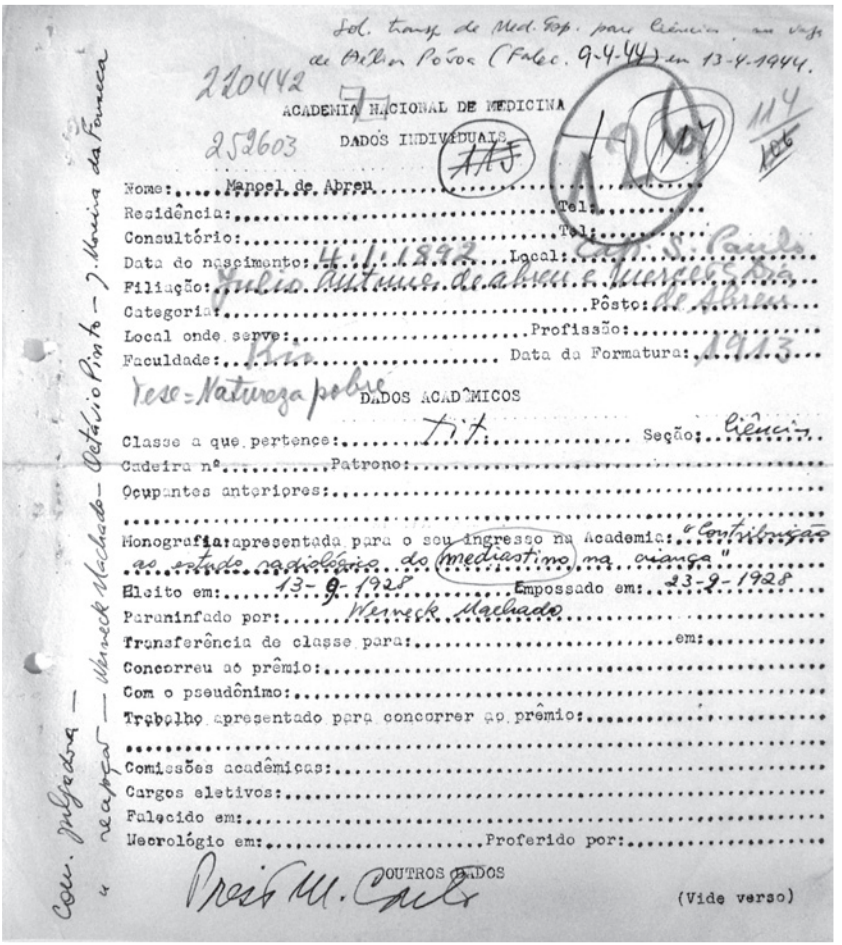


Ex.mo Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina Professôr Dr. Miguel Couto.

Eu, abaixo assignado, doutôr em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro desde 1918, venho-lhe pedir a honra de me incluir entre os candidatos á cadeira do Ill.mo Sr. Dr. Wernecke Machado que passa á categoria de membro honorario, na secção de Medicina especialisada, apresentando em tempo opportuno os meus titulos e trabalhos.

De V. Ex.cia amigo,
discipulo e admirador
Manoel de Abreu.
Rio de Janeiro 24 de Maio de 1928

Carta escrita de próprio punho se candidatando a uma cadeira na ANM



Sol. transf. de Med. Esp. para Ciências, na vaga de Hélion Póvoa (Falec. 9-4-44) em 13-4-1944.

220442

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

252603

DADOS INDIVIDUAIS

~~115~~ 12 107 114 ~~106~~

Nome: Manoel de Abreu

Residência: Tel:

Consultório: Tel:

Data do nascimento: 4-1-1892 Local: Cap. S. Paulo

Filiação: Julio Antunes de Abreu e Mercedes Dias

Categoria: Pôsto: de Abreu

Local onde serve: Profissão:

Faculdade: Rio Data da Formatura: 1913

Tese = Natureza pobre

DADOS ACADÊMICOS

Classe a que pertence: Tit. Seção: Ciências

Cadeira nº Patrono:

Ocupantes anteriores:

Monografia apresentada para o seu ingresso na Academia: "Contribuição ao estudo radiológico do mediastino na criança"

Eleito em: 13-9-1928 Empossado em: 23-9-1928

Paraninfado por: Werneck Machado

Transferência de classe para: em:

Concorreu ao prêmio:

Com o pseudônimo:

Trabalho apresentado para concorrer ao prêmio:

Comissões acadêmicas:

Cargos eletivos:

Falecido em:

Necrológio em: Proferido por:

OUTROS DADOS

Presid. M. Carlos

(Vide verso)

Com. julgadora — " reapção — Werneck Machado — Octávio Pinto — J. Moreira da Fonseca

A primeira ficha na AMN, aparentemente, preenchida às pressas

A irmã Mercedes passeia acompanhada do filho,
Antônio Nelson de Abreu Cervone

O Sete de Setembro

Depois de anos de entrega completa ao trabalho, era hora de Manoel de Abreu cuidar também de sua vida pessoal. Ao voltar da Europa, finalmente cumpriria a promessa feita a Dulcie, filha de Charles e Eugênia Moreira César Evers (já falecida àquela altura). Com ela, o médico pôde deixar um pouco de lado o empirismo que a Ciência exige e se entregar às coisas abstratas, típicas de quem ama.

A partir do namoro, os densos e herméticos textos dos seus artigos científicos, nos quais ora falava sobre úlcera penetrante, ora sobre estenose inflamatória do piloro e tantos outros temas envolvendo a radiologia, deram lugar a cartas apaixonadas nas quais imprimia sua saudade e amor pela jovem que, naquele momento, estava longe. Ele, no Rio; ela, em São Paulo. Dessa forma se expressa a Dulcie, um pouco antes de partir para Paris:

> "Ah! Meu amor, meu amor, como a minha vida está dentro da tua vida. Tudo é teu, tudo que me cerca e que está em mim. E é incrível essa magia! Eu não compreendo. Não tem explicação. Os

> meus pensamentos giram em torno da tua graça... O meu sonho mora na arquitetura do teu amor. Eu não vivo mais a minha vida. E não sabes a influência distante que tens sobre mim! Essas horas longas em que eu sofro a saudade mais triste, mais pungente, a saudade de um bem que não posso tocar... a saudade que me desvaira neste momento tu não sabes... Dulcie! Dulcie! Dulcie!... não me adianta gritar..."[1]

Abreu e Dulcie se conheceram no hoje demolido Hotel dos Estrangeiros, na praça José de Alencar. Ele, como solteiro, procurava o lugar regularmente para fazer suas refeições. Ela casada, "de papel passado", com um americano, com quem se encontrava hospedada naquele estabelecimento. Como nas grandes histórias de amor, bastou apenas um olhar para que houvesse um encantamento mútuo entre os dois. A recatada Dulcie confessaria décadas mais tarde:

— Quando vi aquele moreno, com aqueles olhos, me apaixonei. Olhei para o meu marido ao lado e o achei horrível. Fiquei louca por ele".

Ela não exagerava. Outros jantares, outros olhares. Tempos depois, para o ouriço do pai, já estava separada e pronta para mergulhar de cabeça a um novo amor. Ambos já eram experientes. Abreu era do tipo que fazia sucesso com as mulheres. Na definição da prima Maria de Lourdes, "ele era muito levado". No seu histórico, constava um relacionamento duradouro, nos tempos de Paris, com uma manequim de nome Marcelle. Mas esse era um caso do passado. Quando voltou da Europa, desta última vez, e um amigo perguntou se tinha visto a francesa, respondeu ironicamente para demonstrar o quanto o tempo pode ser impiedoso com a beleza:

— Vi sim. Mas ela não era mais ela.

---

1. SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e obra de Manoel de Abreu*, pp. 90-91.

Foi marcado o casamento, religioso e civil, para o mesmo dia. Aconteceria no feriado de 7 de setembro de 1929, um sábado, na casa do noivo, que ficava em uma travessa da Rua São Luiz, no Centro de São Paulo. Dulcie morava no número 6 desta mesma rua, portanto, eram praticamente vizinhos. Semanas antes, dirigiram-se ao 12º Tabelião de Notas, no Rio de Janeiro, e ali lavraram, conforme consta na folha 22 do livro 257, um pacto antenupcial para definirem o regime de bens pós-casamento.

Como acontecia naqueles tempos, a data cívica que marca a Independência do Brasil era ocasião de grandes eventos públicos. Sendo assim, enquanto cerca de 100 mil pessoas se acotovelavam na Avenida do Estado, em frente ao monumento do Ipiranga, para assistirem à grande parada (que reunia militares, alunos e esportistas), Abreu e Dulcie diziam seu sim, diante do padre Silvestre Murari, pároco da Igreja Matriz da Consolação.

Para a cerimônia religiosa, Abreu convidou como padrinhos os pais e o colega de profissão Pedro Ernesto, que foi representado pelo também médico Raul Margarido, especialista em lepra. Já Dulcie, chamou João Álvares de Lima e a esposa. Já para o evento civil os escolhidos dela foram o conde Sílvio Álvares Penteado e esposa, enquanto o noivo optou pelos irmãos Júlio e Mercedes.

Os convidados presenciaram a alegria dos nubentes, que, diante das leis divinas e dos homens, se preparavam para dar uma guinada em suas vidas. Dulcie, aos 33 anos[2], mergulhava para a vida a dois com um amor definitivo. Já Abreu, aos 38 anos, completava com louvor aquilo que se esperava de um homem na sua posição. Já era bem sucedido profissionalmente; agora estava casado com a mulher que amava, filha de uma respeitada família paulistana, que descendia de nobres suecos.

2. Dulcie Evers de Abreu nasceu na cidade de São Paulo, em 24 de fevereiro de 1896, conforme consta em sua certidão de casamento civil

Não poderia ter escrito roteiro melhor. Sim. Era feliz. Ainda assim, queria mais. Desejava ardentemente um filho.

Ele veio. Antes mesmo que estivessem casados oficialmente e que o processo de desquite já tivesse concluído. Mas, igualmente, como nas grandes histórias de amor, teve drama. Muito antes daquele 7 de setembro, enquanto visitavam a obra de um prédio em que pretendiam comprar um apartamento para morar, Abreu sofreu um acidente. Já grávida de três meses, Dulcie viu o futuro marido cair no fosso de um elevador. Ele se machucou muito. Sangrou muito. O susto e o desespero por assistir àquela cena teriam graves consequências. O aborto espontâneo, seguido de hospitalização na Casa de Saúde São Sebastião e curetagem, colocaria em definitivo um fim ao sonho de ter um filho. Depois do ocorrido, ela nunca mais engravidou novamente, para tristeza do casal.[3]

Dulcie estaria sempre ao lado de Abreu, como uma sombra, submissa, como se esperava de uma mulher da época. Ainda que ofuscada pelo brilho do marido, destacava-se por sua elegância e traquejo social, sendo uma excelente anfitriã para as visitas ilustres que o esposo recebia. Por outro lado, Abreu era um sacerdote da profissão, que, como disse Carlos Drummond de Andrade, "não cuidou de si e de sua mulher. A bem dizer, só cuidou dos outros." E isso teria consequências no futuro.

Dois outros importantes acontecimentos ainda marcariam a vida de Abreu antes que 1929 chegasse ao fim. O primeiro, extremamente positivo, foi a fundação da Sociedade Brasileira de Radiologia e Electrologia, iniciativa encampada pelos jo-

3. Conforme depoimentos de Maria Manuel d'Almeida de Abreu Elvas e Maria de Lourdes Antunes de Brito.

vens Alkindar Monteiro Junqueira e Og de Almeida e Silva. A reunião pioneira aconteceu em 12 de dezembro, na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, na Rua Mem de Sá, 197. Doze especialistas se fizeram presentes, inclusive Abreu, e outros dois (Roberto Duque Estrada e Arnaldo Campello) justificaram por escrito a ausência.

Mais duas reuniões ainda aconteceriam em dezembro, sendo que, no primeiro encontro de 1930, em 2 de janeiro, estava marcada a eleição da diretoria e das diversas comissões. A presidência deveria ficar a cargo de Duque Estrada, mas uma carta enviada pelo famoso radiologista, em resposta a outra encaminhada por Damasceno de Carvalho, fez com que os 22 sócios presentes pensassem em outra opção à altura do grande mestre.

> Meu caro Damasceno,
>
> Acabo de receber a sua delicada carta, onde fico informado que um grupo de amigos pretende levantar a minha candidatura à presidência da Sociedade de Radiologia e Electrologia. Penhorado por essa prova de estima e distinção, que muito me honra, devo, entretanto, dizer que declino desta situação privilegiada, porque o cargo de presidente exigiria de minha pessoa um dispêndio de atividade que, no momento, não seria possível dedicar à Sociedade.
>
> Aos meus amigos, peço não vejam neste gesto um menosprezo à sua iniciativa que, ao contrário, muito me sensibiliza e desvanece. Do amigo grato
>
> Roberto Duque Estrada

Terminada a eleição, foi escolhido o nome de Manoel de Abreu como primeiro presidente da recém-criada instituição. A Sociedade de Radiologia seguiria se reunindo com periodicidade mensal até novembro de 1932, encerrando não ofi-

cialmente suas atividades de maneira abrupta. Volta à ativa em 1943, agora por iniciativa de outros jovens, como Nicola Caminha, João Baptista Pulchério Filho, Evaristo Machado Netto, Alfredo Nogueira de Castro, Tanner de Abreu e Júlio Pires Magalhães. Mais uma vez o já cinquentão Abreu é escolhido para conduzir aquele grupo, ocupando a presidência até dezembro de 1944, quando é sucedido, na diretoria seguinte, por Duque Estrada.

Já o segundo fato relevante ocorrido no finalzinho de 1929 caiu como uma bomba no apartamento da família Abreu, no bairro do Flamengo. A edição de 26 de dezembro do jornal carioca *A Crítica* trazia estampada em sua capa uma manchete com título em letras garrafais: "Entra hoje em juízo nesta Capital um rumoroso pedido de desquite". Em um primeiro momento, narrava o fim do casamento do médico João Thibau Júnior com a jornalista Sylvia Seraphim, de 27 anos. No entanto, o texto sugeria que o pivô daquela separação era ninguém menos que o "grande radiologista doutor Manoel de Abreu", de quem, segundo o jornal, Sylvia seria amante[4].

A Crítica era um matutino de oito páginas criado pelo pernambucano Mário Leite Rodrigues, pai do renomado dramaturgo Nelson Rodrigues. Sua característica principal era exagerar no seu apelo popularesco e passaria para a história como a publicação mais virulenta do jornalismo nacional. Pesava nas análises, a ponto de chamar uma figura do porte do conde Francisco Matarazzo de ladrão, e de urubu sanguinolento o ex-presidente Arthur Bernardes. No entanto, se não era dos mais respeitados, era muito lido.

Na longa matéria de página inteira, que trazia uma ilustração de um homem examinando as pernas de uma mulher, era

4. Conforme a obra "O Anjo Pornográfico", de Ruy Castro.

contado com detalhes o processo de desquite amigável do casal Thibau. Mas algumas frases faziam com que o coração de Abreu sobressaltasse ainda mais:

> "Segundo pudemos apurar, madame Thibau teria sido seduzida pelo médico Manoel de Abreu."
>
> "O doutor Manoel de Abreu, apaixonado pelos imprevistos da ciência que professa, teria sido atraído indisfarçadamente por aquela criatura loura e cheia de encantos que, não obstante ser médico o seu esposo, era circunstancialmente sua cliente."
>
> "Algum tempo se teria passado sem que o idílio fosse além, mas, como nada há que se eternize e a fraqueza da matéria é fato comprovado pelos conselheiros Acácios de todas as épocas, teriam ambos sucumbido."

Aquela reportagem sensacionalista era um presente de Natal que Abreu não desejava nem para o seu pior inimigo. Ele não sabia o que fazer. Como ficaria a sua reputação? Já Sylvia sabia muito bem como proceder. Em defesa de sua honra e tomada pelo calor dos acontecimentos, se dirigiu à Rua do Carmo, endereço da redação do jornal. Antes disso, passou em uma loja de armas, "A Espingarda Mineira" e adquiriu um revólver "Gallant" e munição calibre 22. Era pequeno o suficiente para caber em sua bolsa. Passava das 14h quando finalmente chegou ao seu destino e procurou, nesta ordem, por Mário Rodrigues e Mário Rodrigues Filho, que hoje empresta seu nome ao Estádio do Maracanã. Ambos não estavam. Naquela quinta-feira, poucas pessoas foram trabalhar, estavam apenas os escalados para o plantão do pós-Natal.

Mas entre o pequeno grupo masculino que conversava despretensiosamente na redação estavam Nelson, que tinha apenas 17 anos de idade, e Roberto, de 23, outros dos filhos do

dono do jornal. Não puderam deixar de prestar atenção à bela jovem, loira, corpo esguio, parecida com as musas do cinema da época. Ela pediu para falar com Roberto, o cartunista responsável pela ilustração da matéria, e com quem ela estivera na noite anterior, naquela mesma redação, implorando para que aquele texto não fosse publicado.

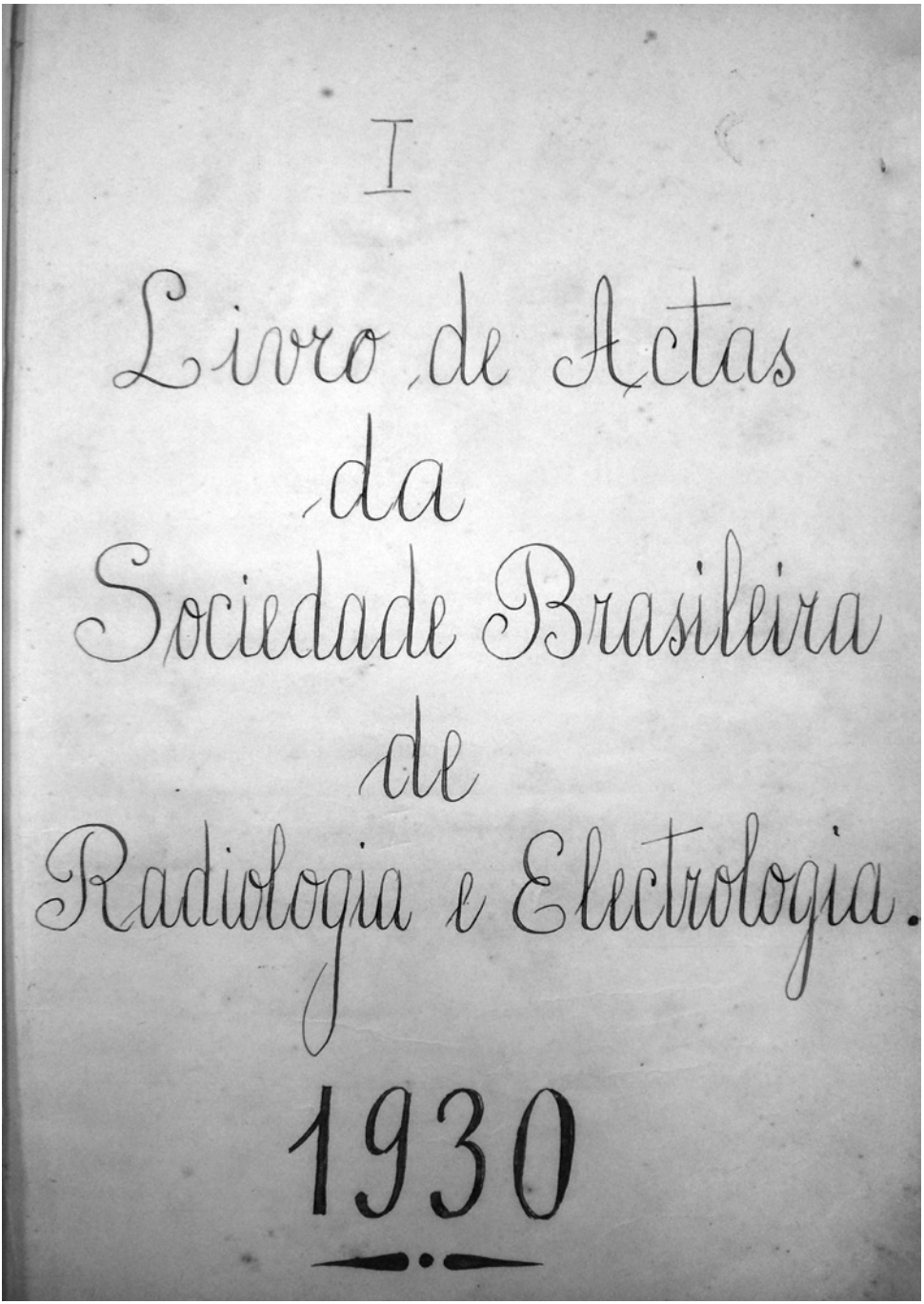
Os dois foram deixados a sós. Nelson Rodrigues ainda estava na escada do prédio, a caminho de uma lanchonete, quando ouviu o estampido de um tiro. Sylvia acabara de alvejar Roberto, que morreria três dias depois. Mais tarde o já famoso dramaturgo confessaria: "o meu teatro não seria como é, nem eu seria como sou, se eu não tivesse sofrido na carne e na alma, se não tivesse chorado até a última lágrima de paixão o assassinato de Roberto."

O caso agitou a imprensa da época e colocou de um lado *A Crítica* e os jornais do poderoso Assis Chateaubriand. O *Diário da Noite* estampou no letreiro do seu prédio, no mesmo dia do ocorrido: "Justo Atentado". Já o jornal dos Rodrigues iniciou uma campanha sem medidas, em que adjetivos como "meretriz assassina", "cadela de rua", "cachorra", "sifílica" e outros sinônimos eram usados para se referir à algoz de Roberto.

Manoel de Abreu acompanhou tudo pelos jornais. E viu a opinião pública mudar em relação à Sylvia, passando para o lado dela. Apenas alguns meses depois da tragédia, a jornalista seria absolvida do crime. O médico testemunhou também a virulência de *A Crítica* ser exterminada, com o golpe de Estado que levaria Getúlio Vargas ao poder. O jornal da família Rodrigues apoiava o regime vigente, que tinha Washington Luís, como presidente, e Júlio Prestes, como presidente eleito. Foi fechado para nunca mais voltar à ativa. Percebeu que havia se encerrado uma fase na política.

Em meio a tudo isso, ainda teve de lidar com o sofrimento de perder o pai, morto em 23 de junho. Aos 74 anos, o pa-

triarca Abreu perdera em definitivo a luta contra o câncer que há tempos o consumia. Terminado 1930, era o momento de ele próprio superar esses dias difíceis e encontrar no trabalho um antídoto para as suas dores e decepções. Mas não encerrava ali um ciclo em sua trajetória. Para completar essa fase ainda era preciso vencer o seu desafio contra a tuberculose. Era hora de voltar com mais afinco ao batente e fazer do seu laboratório um abrigo.


I
Livro de Actas
da
Sociedade Brasileira
de
Radiologia e Electrologia.
1930

"Sociedade Brasileira de Radiologia e Electrologia"

1ª Reunião – em 12, Dezembro, 1929.

— Da Incorporação e Fundação da Sociedade.

(1ª Sessão Preliminar)

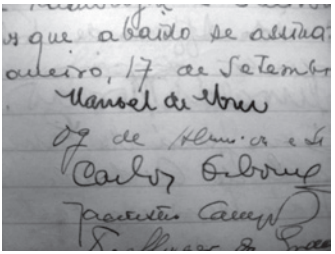
— Convocada a maioria dos especialistas nas materias que constituem a razão de ser da Sociedade, lograram comparecer doze, e dois justificaram a sua ausencia.

Reunidos na séde da "Soc. de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", deu inicio aos trabalhos o Dr. Alkindar M. Junqueira, que depois de explicar o fim daquella reunião, propoz que fosse convidado o Dr. Benigno Siqueira afim de dirigir os trabalhos da mesa. Foram seus auxiliares, a convite seu, os Drs. Og de Almeida e Silva e Alkindar M. Junqueira.

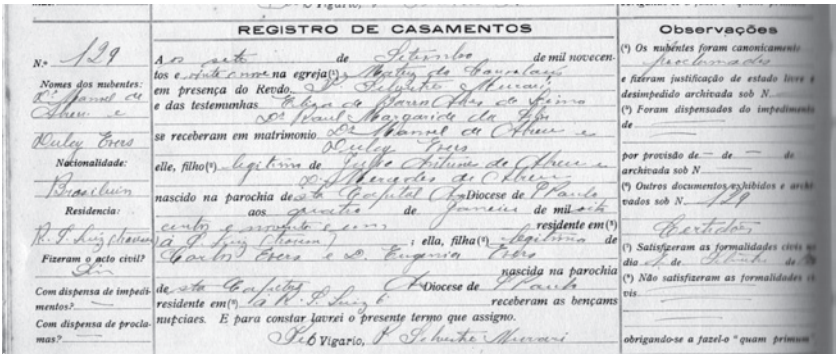
Depois de trocadas as idéas entre os presentes, ficou deliberada a fundação da "Sociedade Brasileira de Radiologia e Electrologia", pelo que se lavrou o termo de fundação, que se acha assignado pelos presentes á reunião.

Termo de Fundação

Aos doze dias de Dezembro de 1929 (mil novecentos e vinte e nove), presentes os medicos abaixo assignados, na séde da "Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro", ficou, pelos mesmos, deliberada a fundação da "Sociedade Brasileira de Radiologia e Electrologia", com séde na cidade do Rio de Janeiro. A vida da Sociedade será regida por estatutos a serem elaborados e approva-



A ata da primeira reunião na Sociedade de Radiologia e a marca do médico em um desses documentos



REGISTRO DE CASAMENTOS

Observações

N.º 129

Nomes dos nubentes: Dr. Manoel de Abreu e Dulcy Evers

Nacionalidade: Brasileiro

Residencia: R. S. Luiz (Chacara)

Fizeram o acto civil? Sim

Com dispensa de impedimentos? —

Com dispensa de proclamas? —

Aos sete de Setembro de mil novecentos e vinte e nove na egreja(1) Matriz do Consolação em presença do Revdo. Dr. Silvestre Murari e das testemunhas Elisa de Barros Alves de Lima Dr. Raul Margarida da Silva se receberam em matrimonio Dr. Manoel de Abreu e Dulcy Evers elle, filho(2) legitimo de Julio Antunes de Abreu e D. Mercedes de Abreu nascido na parochia de Sta. Capital Ao Diocese de S. Paulo aos quatro de Janeiro de mil oito centos e noventa e um residente em(3) à R. S. Luiz (Chacara); ella, filha(2) legitima de Carlos Evers e D. Eugenia Evers nascida na parochia de Sta. Capital Ao Diocese de S. Paulo residente em(3) à R. S. Luiz 6 receberam as bençams nupciaes. E para constar lavrei o presente termo que assigno.

Pelo Vigario, P. Silvestre Murari

(1) Os nubentes foram canonicamente proclamados e fizeram justificação de estado livre e desimpedido archivada sob N. —

(2) Foram dispensados do impedimento de —

por provisão de — de — de archivada sob N. —

(3) Outros documentos exhibidos e archivados sob N. 129

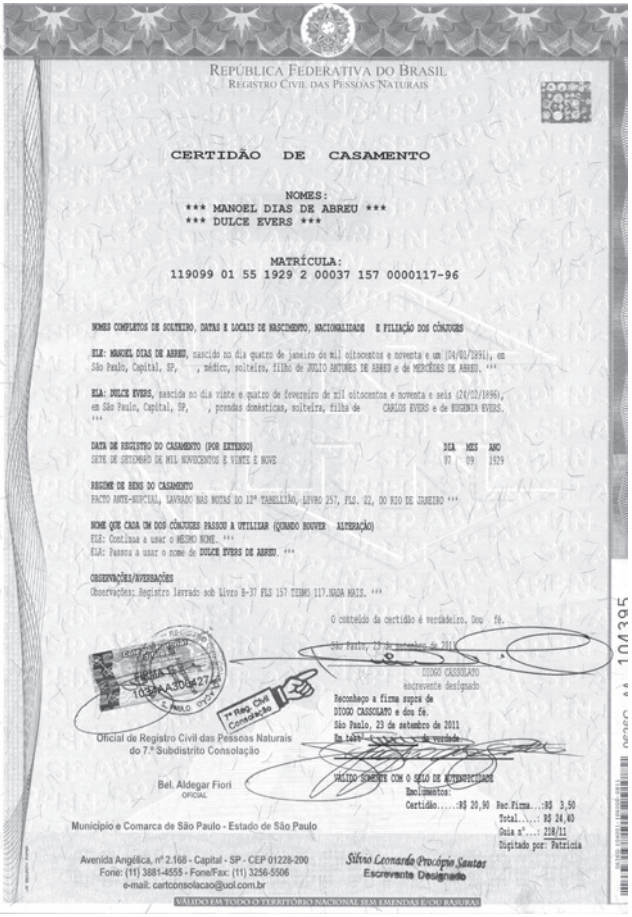
Certidão

(1) Satisfizeram as formalidades civis no dia 1 de Setembro de 19

(3) Não satisfizeram as formalidades civis —

obrigando-se a fazel-o "quam primum"

Para os documentos oficiais, Abreu nasceu em 1891



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE CASAMENTO

NOMES:
*** MANOEL DIAS DE ABREU ***
*** DULCE EVERS ***

MATRÍCULA:
119099 01 55 1929 2 00037 157 0000117-96

NOMES COMPLETOS DE SOLTEIRO, DATAS E LOCAIS DE NASCIMENTO, NACIONALIDADE E FILIAÇÃO DOS CÔNJUGES

ELE: MANOEL DIAS DE ABREU, nascido no dia quatro de janeiro de mil oitocentos e noventa e um (04/01/1891), em São Paulo, Capital, SP, , médico, solteiro, filho de JULIO ANTUNES DE ABREU e de MERCÊDES DE ABREU. ***

ELA: DULCE EVERS, nascida no dia vinte e quatro de fevereiro de mil oitocentos e noventa e seis (24/02/1896), em São Paulo, Capital, SP, , prendas domésticas, solteira, filha de CARLOS EVERS e de EUGENIA EVERS. ***

DATA DE REGISTRO DO CASAMENTO (POR EXTENSO) — DIA MES ANO
SETE DE SETEMBRO DE MIL NOVECENTOS E VINTE E NOVE — 07 09 1929

REGIME DE BENS DO CASAMENTO
PACTO ANTE-NUPCIAL, LAVRADO NAS NOTAS DO 12º TABELLIÃO, LIVRO 257, FLS. 22, DO RIO DE JANEIRO ***

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO)
ELE: Continua a usar o MESMO NOME. ***
ELA: Passou a usar o nome de DULCE EVERS DE ABREU. ***

OBSERVAÇÕES/AVERBAÇÕES
Observações: Registro lavrado sob Livro B-37 FLS 157 TERMO 117.NADA MAIS. ***

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.

São Paulo, 23 de setembro de 2011

DIOGO CASSOLATO
escrevente designado

Reconheço a firma supra de DIOGO CASSOLATO e dou fé.
São Paulo, 23 de setembro de 2011
Em testemunho da verdade.

VÁLIDO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE

Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais do 7.º Subdistrito Consolação

Bel. Aldegar Fiori
OFICIAL

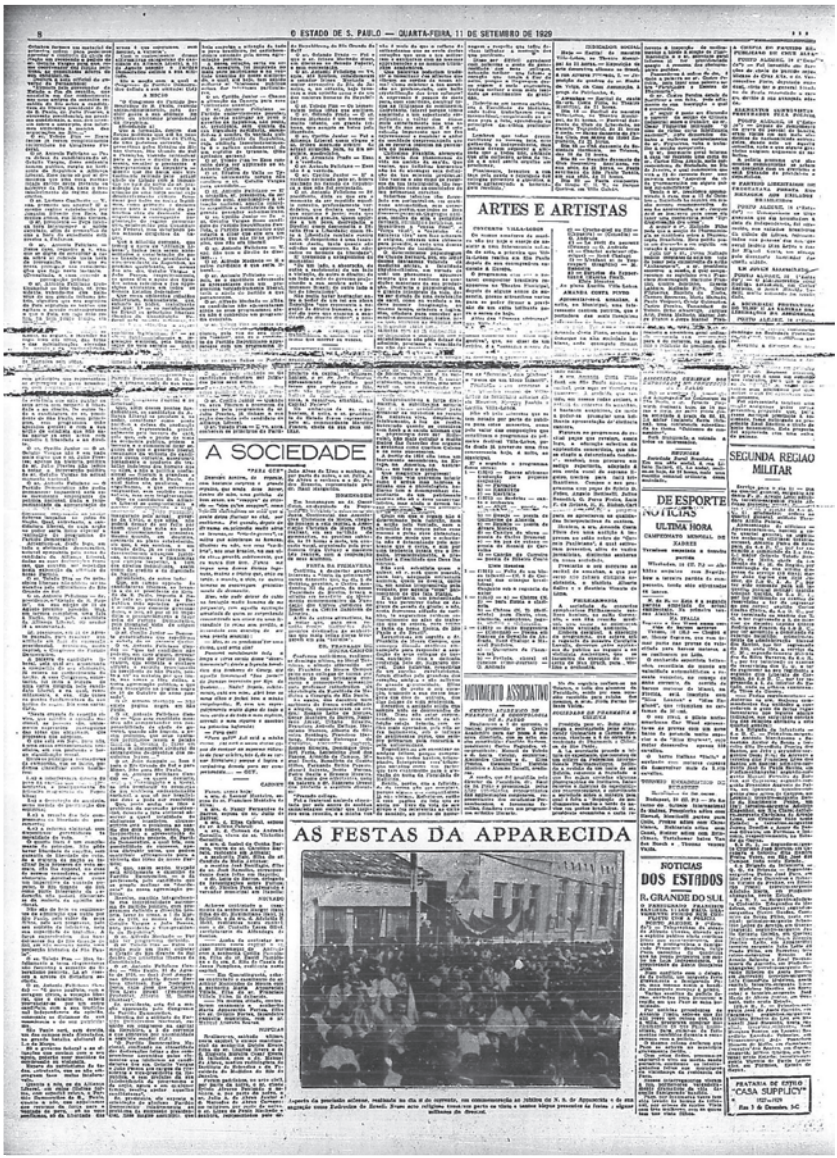
Município e Comarca de São Paulo - Estado de São Paulo

Avenida Angélica, nº 2.168 - Capital - SP - CEP 01228-200
Fone: (11) 3881-4555 - Fone/Fax: (11) 3256-5506
e-mail: cartconsolacao@uol.com.br

Silvio Leonardo Procópio Santos
Escrevente Designado

VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL SEM EMENDAS E/OU RASURAS

Abreu e Dulcie: um relacionamento fora dos padrões para a época, mas para a vida inteira



8 O ESTADO DE S. PAULO — QUARTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1929

ARTES E ARTISTAS

A SOCIEDADE

SEGUNDA REGIAO MILITAR

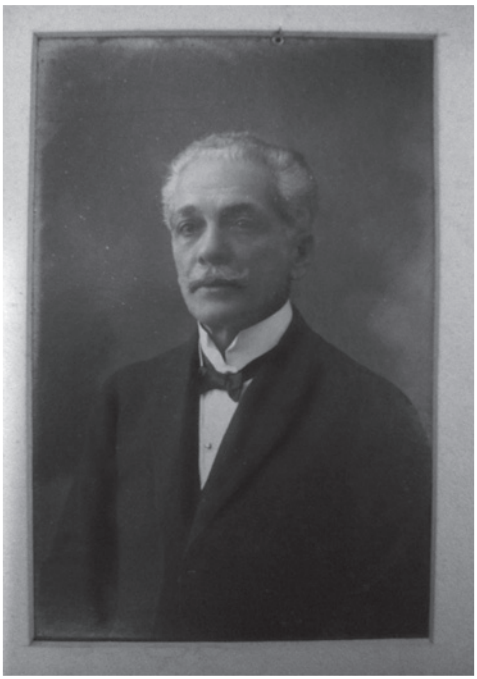
DE ESPORTE NOTICIAS ULTIMA HORA

AS FESTAS DA APPARECIDA

NOTICIAS DOS ESTADOS

O *Estado de S.Paulo* do dia 11 de setembro de 1929 trouxe a notícia do casamento

A matriarca Mercedes, ladeada pela filha, Yayá, e Dulcie, esposa de Abreu



Aos 74 anos, Júlio de Abreu sucumbiu a um câncer, em junho de 1930

Um divisor de águas

Depois da morte do pai, a quem muito estimava, Manoel de Abreu embrenhou-se no trabalho. Afinal, este era o seu único antídoto contra qualquer esmorecimento. Em 1935, a convite do amigo pernambucano Pedro Ernesto (que de cirurgião respeitado passou a prefeito do Distrito Federal), Abreu foi comandar o Serviço de Radiologia do Hospital Jesus, onde seus pacientes seriam única e exclusivamente crianças. Até então, a cidade do Rio de Janeiro, já com 2 milhões de habitantes, contava com somente uma unidade pediátrica do gênero, inaugurada em 1924, quando Carlos Chagas ainda era diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública: o Hospital Arthur Bernardes (rebatizado de Fernandes Figueira).

E foi ali naquele espaço, presenciando o dia a dia daqueles pequenos pacientes, que Abreu se indignou. Ao perceber o real estrago que a tuberculose fazia entre as crianças, sensibilizou-se profundamente com o cenário aterrador. Era médico, mas, acima de tudo, era um homem que se deixava tocar pelas tragédias humanas. E assistia a várias delas nos corredores e

salas do Hospital Jesus. "Foi uma experiência nova para mim. Fiquei surpreso a princípio, depois revoltado. Em poucos meses pude reunir centenas de casos de tuberculose primária, em que dominava a forma miliar ou a adenopatia tráqueo-brônquica", lembrou, tempos depois, em um de seus relatos.

Ciente de que a maioria daquelas crianças já apresentava um quadro avançado da doença e que poucas eram suas chances de vida, Abreu analisava os exames já sabendo que, provavelmente, seria o portador de más notícias junto a colegas e familiares. E era esse papel, de arauto da morte, que o incomodava. Se pudesse escolher seria Zéfiro, tido pelos poetas como o mais suave dos ventos e que, na mitologia grega, é associado a boas novas e fatos auspiciosos. Porém, sabia que, para mudar esse cenário, seria necessário apelar para a teimosia e bater novamente na tecla da importância do diagnóstico precoce de larga escala. No fundo, tinha certeza de que era possível tirar esta ideia do plano teórico e transformá-la em uma realidade, o que pouparia milhões de vidas. Por isso, tentaria pela terceira vez a fotografia em miniatura da tela radioscópica, na esperança de, dessa vez, conseguir atingir o seu objetivo.

Um encontro realizado na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro o animou a seguir em frente. A pauta do evento foi mortalidade infantil e Abreu era um dos palestrantes. Havia pouco mais de um mês que atendia em um hospital pediátrico, mas já tinha sido o suficiente para ele amealhar um farto material concernente à peste branca neste grupo. Tomou a palavra. Naquela noite de setembro, apresentou aos colegas, com entonação dramática e firme, o que era a tuberculose para a criança carioca.

Emocionou a jovem plateia que o ouvia e deixou-se igualmente emocionar. Terminada a reunião, foi parabenizado por alguns, paparicado por outros. Despediu-se dos mais próximos e entrou no seu elegante Packardt, estacionado do

outro lado da avenida Mem de Sá. Ali ficou por algum tempo. Não percebeu o prédio da sociedade fechar nem todos os demais colegas desaparecerem do entorno. Ficou só, tomado apenas de suas reflexões.

Nem ele próprio soube dizer quanto tempo ficou ali absorto em suas ideias. Estava cansado de lidar com uma doença que, na maior parte dos casos, não tinha cura. Aparentemente, todo o seu esforço de décadas na luta contra aquele mal parecia insignificante. Poderia se contentar com o papel de mensageiro dos maus agouros, mas se sentia melhor trabalhando para infundir a esperança entre uma população cada vez mais temerosa e doente. Para se ter uma ideia, naquele mesmo ano cerca de 6 mil moradores da cidade do Rio de Janeiro morreriam em decorrência da doença. E esse número seguiria crescendo até 1945, quando, finalmente, a linha desse gráfico começaria a cair vertiginosamente. Já era resultado do equipamento que Abreu estava prestes a criar combinado com as novas armas medicamentosas que surgiriam tempos depois.

No dia seguinte ao encontro na Sociedade de Medicina, o radiologista foi cedo para o seu laboratório. Estava disposto a fazer mais uma tentativa e para isso juntou ele mesmo todo o material que julgou necessário para a experiência. A novidade era o écran fluorescente de tungstato de cálcio, muito mais luminoso que outros usados nas ocasiões anteriores, de 1918 e 1924. Empregou também uma objetiva de abertura 1/1,5 e emulsões fotográficas das mais sensíveis que existiam àquela altura. Usou tubos de raios X lineares de catódio incandescente e com raios na faixa de tensão entre 80 e 90 quilovolts (kV). Para o teste, o tempo de exposição foi de 0,5 a 0,8 segundo.

De forma rudimentar, estava feito. Era preciso apenas revelar a película de 35 mm para ver o que o destino lhe reservava. Correu apressadamente com o pequeno rolo de filme para a câmara escura. Ali o depositou no velho recipiente de sempre, já prepa-

rado com a emulsão fotográfica. Longos minutos se passaram naquele ambiente sem luz. Enfim, uma imagem ainda ininteligível começou a se fixar naquela base plástica. Não dizia nada ao próprio Abreu. Tirou-a dali, lavou-a em água corrente por outro tempo imensurável e secou-a, em seguida. Só então, olhou fixamente para a imagem enevoada, tentando decodificá-la.

Lembrou então da lente de dois graus que estava a uma esticada de braço dele e sacou-a com rapidez e certo frenesi. Olhou a imagem longamente, dedicando a cada detalhe. Ali, sozinho, ria largamente expressando a sua vitória frente ao ceticismo. Sim. Tinha em suas mãos as primeiras fluorografias. "Não havia a menor dúvida, a fluorografia já nascia perfeita, em condições de ser empregada no exame das populações", diria. Exageros à parte, o resultado carecia de ajustes, mas era por si só fabuloso e muito promissor. Estava ali a gênese do processo. O que viria depois seriam apenas melhorias, dele próprio e de outros ao longo do mundo.

Os trabalhos de aperfeiçoamento seguiriam, mas, a partir dali, dentro do Serviço de Radiologia do Hospital Alemão, do qual Abreu também era chefe. Foi munido dos resultados da experiência neste laboratório que o médico procurou os engenheiros da Casa Lohner, a representante da Siemens no Brasil, para que construísse o primeiro aparelho projetado para a produção de radiografias do tórax em miniatura. Apesar da incredulidade inicial, eles foram ágeis no desenvolvimento e já no primeiro semestre de 1936 esse equipamento estava em teste dentro do Hospital Alemão[1].

Inaugurado dois anos antes pela colônia germânica, a unidade da Rua Itapagipe era tida com uma das mais modernas

1. Nascido como Hospital Alemão, o estabelecimento foi rebatizado de Hospital Itapagipe, para evitar complicações devido ao cenário político que se descortinava na Europa, com a ascensão do Nazismo. Não funcionou. Foi arrestado pelo Governo Brasileiro em agosto 1942 e passou a se chamar Hospital Central da Aeronáutica, nome que mantém até o momento atual.

do Rio de outrora. Ali Abreu obteve a confirmação da funcionalidade do seu invento e foi com base naqueles exames iniciais que preparou a nota prévia que apresentou à Sociedade de Medicina e Cirurgia, em junho, e a seguir, em setembro daquele mesmo ano, à Associação Paulista de Medicina. No documento, chamou sua invenção de "Röntgen-photographia", aceitando também as denominações fluorografia, radiofotografia, radiografia indireta ou simplesmente fotografia do écran fluoroscópio. Ali dava uma panorâmica de sua batalha para chegar até sua criação, diferenciava-a da radiografia e da radioscopia e já levantava a bandeira do cadastro torácico da população por meio do aparelho recém-nascido.

O advento da fluorografia era a peça que faltava para colocar em prática um plano audacioso: submeter ao exame do tórax grandes massas populacionais, sejam fábricas, corporações militares, funcionários públicos ou mesmo cidades inteiras. A ideia do cadastro torácico em massa não era original de Abreu. O primeiro a trabalhar com essa hipótese foi Louis-Félix-Achille Kelsch, em 1887, pouco mais de um ano depois de Wilhelm Conrad Roentgen ter anunciado a descoberta dos raios X. O francês foi pioneiro em empregá-los para realizar exames torácicos de maneira sistemática dentro do Serviço de Saúde Militar da cidade de Lyon.

Tempos depois, o mesmo seria feito entre os integrantes da polícia de Bremen, com os estudantes de Munique, ambas na Alemanha, na Academia Militar da Suíça e também entre os convocados para prestar o serviço militar argentino. No país sul-americano, a partir de 1933 e da iniciativa dos médicos Luis Ontaneda e Eugenio Galli, os recrutas foram submetidos a exames de radioscopia como medida de investigação da tu-

berculose. A medida se estendeu também para a Universidade Nacional de Buenos Aires. O serviço de tisiologia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro também empregava a técnica entre os indivíduos que conviviam com os doentes já matriculados, buscando identificar aqueles que, embora assintomáticos, já eram portadores de lesões pulmonares.

Mas, em todos esses exemplos, a aplicação era limitada. Abreu falava de um emprego generalizado e absoluto, o exame pulmonar de toda a população ou de grupos sociais, conforme já havia sido sugerido por Franz Redeker na década de 1920 e que outros colegas contemporâneos julgaram impossível, uma verdadeira "utopia". Apesar da suspeição quanto à viabilidade, ninguém duvidava que somente assim seria possível vencer a tuberculose.

Abreu estava convicto que a profilaxia da enfermidade deveria se basear em uma fórmula aparentemente simples. Primeiramente era preciso investir no diagnóstico precoce, na identificação dos casos assintomáticos, cujos doentes, ignorantes de sua condição, se misturavam à população, servindo de foco de contágio para os indivíduos verdadeiramente sadios. Feita essa triagem, era preciso oferecer cuidados especiais aos doentes, com tratamento inicial nos sanatórios ou hospitais e controle permanente, que incluía o saneamento das habitações.

A experiência dele no combate àquela enfermidade lhe dava o entendimento de quanto era urgente fazer algo, ainda que na base do erro e do acerto. Com a sua invenção e a ideia de recenseamento torácico em larga escala estava oferecendo uma oportunidade de lançar luz a um terreno até então sombrio. Seria possível, por exemplo, saber quantos eram os doentes, o número de crianças e adultos ameaçados, regiões com maior índice de tuberculose e, inclusive, a relação entre a tísica e o estilo de vida ou a profissão.

"Estamos certos de que está reservado ao recenseamento total um papel fundamental e a surpresa será grande e amar-

ga quando soubermos que em certos bairros pobres do Rio a incidência atinge mais de 5% da população regional", alertou. Não era uma ameaça vazia. A estimativa mais aceitável na época era que havia 25 mil tuberculosos no Distrito Federal e o registro de 5 mil mortes por ano. Mas, para Abreu, a base mais verdadeira era muito superior. Seriam 40 mil infectados e 7 mil o número anual de óbitos pela tuberculose. Isso significava um tuberculoso para cada 50 habitantes ou 2% de doentes sobre a população total. O cenário era realmente desolador.

Com o aparelho de Abreu, os dispensários se tornariam completos e ganhariam um dinamismo que nunca tiveram até então. Essas unidades, destinadas à profilaxia e à educação sanitária, desempenhavam um papel importante até aquele momento[2]. O primeiro deles nasceu em 1887, em Edimburgo, pela ação do médico escocês Sir Robert Philips. O conceito foi bem aceito na França, onde se generalizou sob a orientação de Edouard Rist, Léon Bernard, Fréderic Dumarest e Georges Küss, sendo este último o primeiro presidente da rede de sanatórios franceses.

No Brasil, o primeiro foi criado em 1902, no Rio de Janeiro, pela Liga Brasileira contra a Tuberculose, entidade fundada por médicos e intelectuais sensíveis ao problema. Dois anos depois, outra unidade foi aberta em São Paulo, na Rua Líbero Badaró, graças aos esforços de Clemente Ferreira, importante figura da tisiologia nacional e um dos heróis brasileiros da luta contra a doença. Todos tinham como principais funções identificar, buscar e tratar o doente, oferecendo ainda assistência social, seja no suprimento de medicamentos ou mesmo de roupas e alimentos, além de educação sanitária.

Na metade da década de 1930, os dispensários também já tinham à disposição novas tecnologias, como a vacina BCG,

2. O dispensário diferenciava de um sanatório, uma vez que este último era usado para o isolamento do paciente.

a baciloscopia (exame do escarro) e empregavam diferentes técnicas de cirurgias torácicas. Já o diagnóstico por imagem se restringia à radioscopia, pouco eficiente e mais perigosa, e a radiografia, muito mais cara. Enfim, para se juntar a esse arsenal estava chegando um equipamento que era o mais moderno no seu tempo, superior em qualidade ao primeiro, e muito mais econômico que ambos. Era o aparelho de Abreu, a roentgenfotografia, que pelas três décadas seguintes não teria concorrente à altura na investigação precoce da tuberculose e ajudaria a mudar aquele jogo.

A grande vantagem de Manoel de Abreu para "vender seu peixe" era a economia. Enquanto a radiografia de tórax era feita em películas especiais de 30 x 40 cm, a alternativa oferecida por ele necessitaria apenas de filmes fotográficos comuns, de 35 mm, cujo custo era, evidentemente, bem inferior, permitindo assim o uso em larga escala. Para tornar isso mais claro, Abreu simulou o exame de 1 milhão de pessoas usando os três métodos, considerando o investimento inicial com a compra dos equipamentos e gastos com radiologistas, auxiliares e filmes fotográficos.

No caso da radioscopia, a despesa inicial com equipamento para se conseguir essa proeza seria o mais alto entre os três, 2 mil contos de reis. Já no caso da radiografia o obstáculo seria o custo dos filmes, que ficaria em 12 mil contos de réis. Enfim, no cômputo final, a roentgenfotografia era 10 vezes mais em conta que a radioscopia e 20 vezes inferior se comparada com a radiografia.

	Investimento inicial	Despesas anuais
Radiografia	240 (US$ 21.600)	12.360 (US$ 1.112.400)
Radioscopia	2.000 (US$ 180.000)	4.500 (US$ 405.000)
Roentgenfotografia	240 (US$ 21.600)	460 (US$ 41.400)

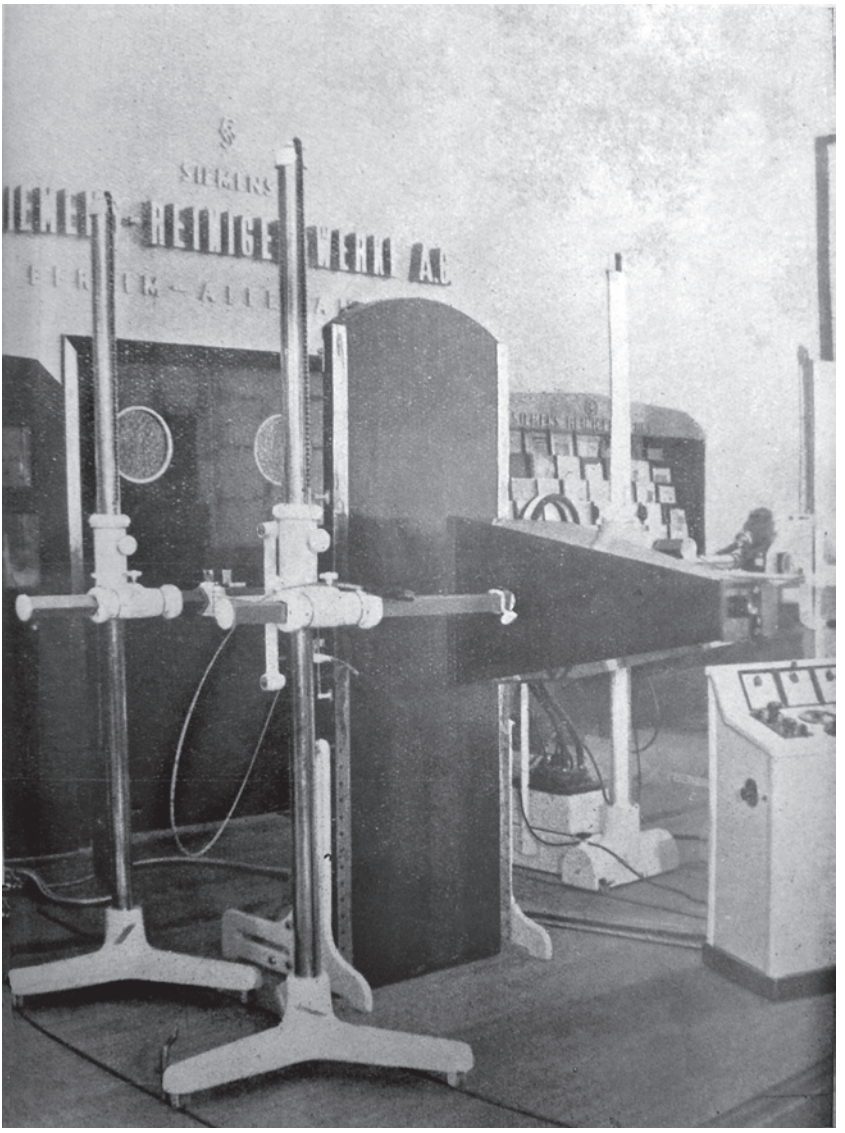
(*) Valores expressos em contos de réis e atualizados em dólar[3]

Para países pobres como o Brasil, aqueles números eram mais do que convincentes. Em suma, bastariam três dos equipamentos criados por Abreu em operação para que se conseguisse atingir aquela meta. Pelos cálculos do radiologista, cada equipe poderia fazer até mil exames por dia (logo, 3 mil, sendo três em operação), o que significaria 90 mil por mês e cerca de 1 milhão por ano. Isso era aproximadamente metade da população do Rio de Janeiro em 1936. "A tuberculose é a nossa mais grave endemia social (...) Precisamos de leis que permitam o exame obrigatório", já bradava. Sua ideia era que para o exercício de qualquer profissão ou ingresso em qualquer instituição fosse obrigatória a apresentação da ficha torácica.

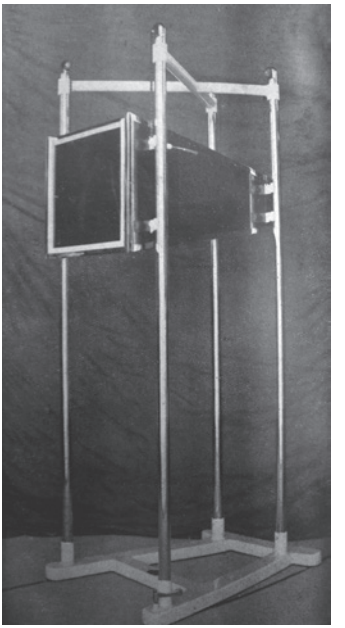
A obrigatoriedade, na opinião de Abreu e conforme exemplos vindos de fora, era a única forma de fazer com que a população corresse aos dispensários para se submeter ao exame. "Os diagnósticos não serão tardios, mas precoces, permitindo o emprego das medidas indispensáveis: tratamento dos doentes e proteção dos sãos, principalmente jovens", ressaltava. Também recomendava que esses exames se repetissem anualmente ou, no mais tardar, a cada dois anos.

3. Atualização conforme HOLLOWAY, T.H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. p. 268. Disponível em http://www.ocaixa.com.br/bancodedados/dolaranualmedio.htm. Acesso em 11/11/11.

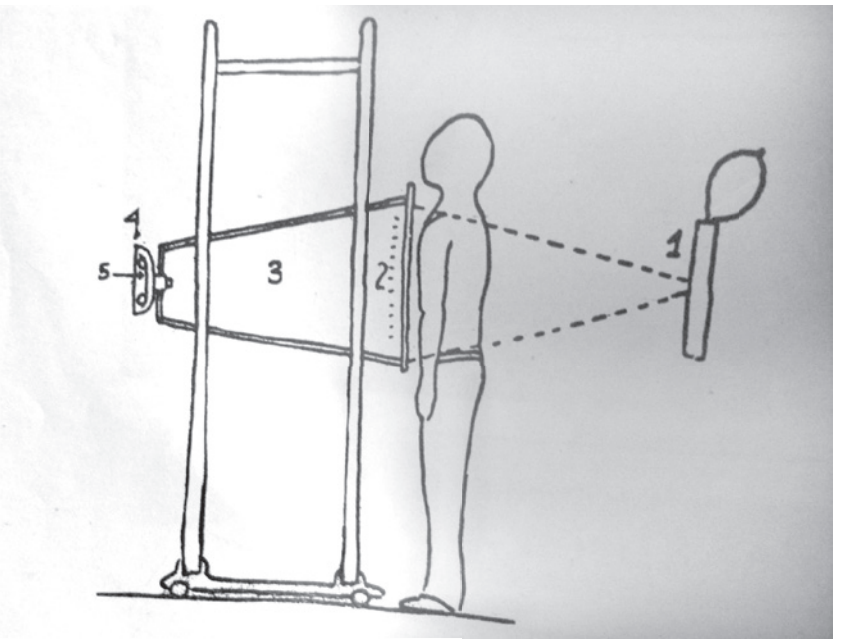
Seus argumentos se baseavam em Hermann Brauening, que, em parceria com o também alemão Franz Redeker, foi o primeiro a perceber que a tuberculose era assintomática em sua fase inicial. Desse modo, seria muito mais valioso procurar os doentes entre aqueles aparentemente sadios. Para Brauening, em 66% dos casos a evolução ocorreria em menos de dois anos e, em 80% deles, o diagnóstico se dava de forma muito tardia. Era preciso mudar aquele jogo, que até aquele momento da história sempre fora favorável para a tuberculose. E isso estava prestes a acontecer.



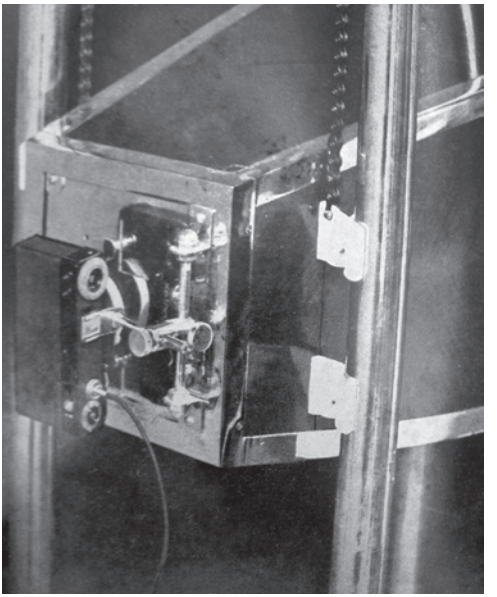
O primitivo aparelho de roentgenfotografia, construído pela Casa Lohner segundo orientações de Abreu



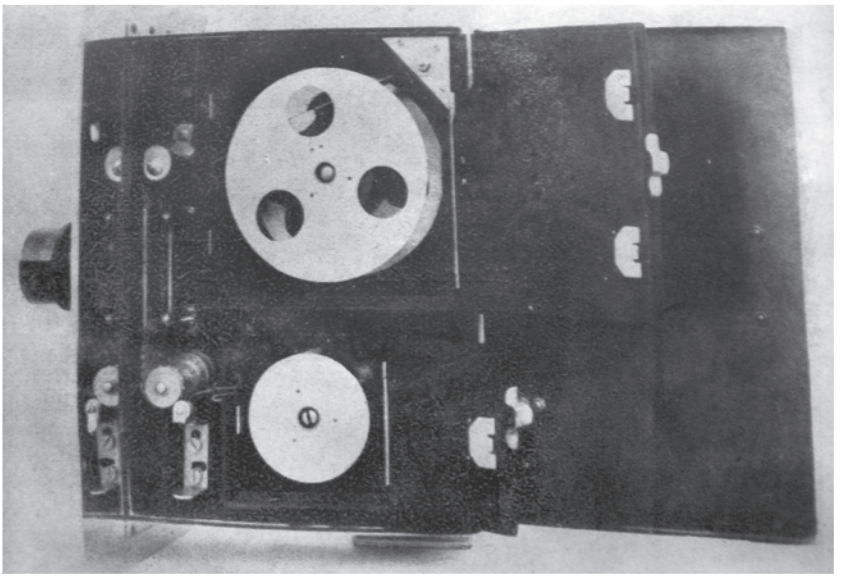
Abreu ao lado do engenheiro Dobner da Casa Lohner, dr. Ontaneda, do exército argentino, e o farmacêutico Paulo Seabra



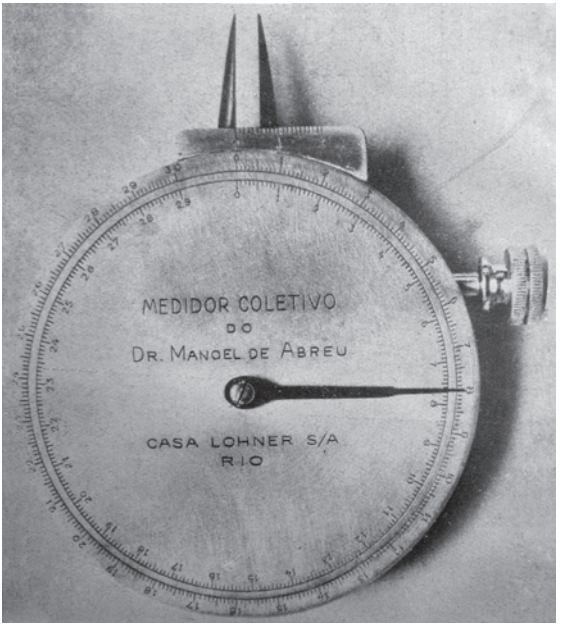
Um esquema explicativo do funcionamento da roentgenfotografia, com o feixe de raios X incindindo a partir das costas do paciente



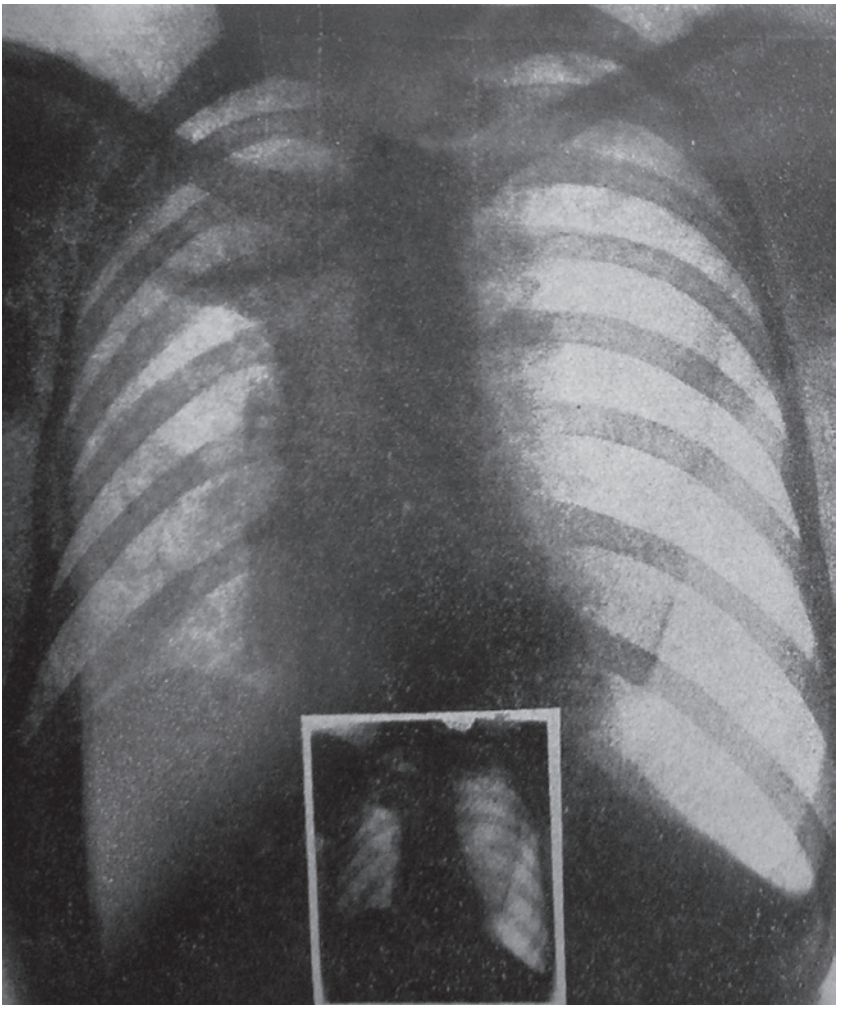
O sistema de fixação da máquina fotográfica permitia o deslocamento e rotação nos dois sentidos



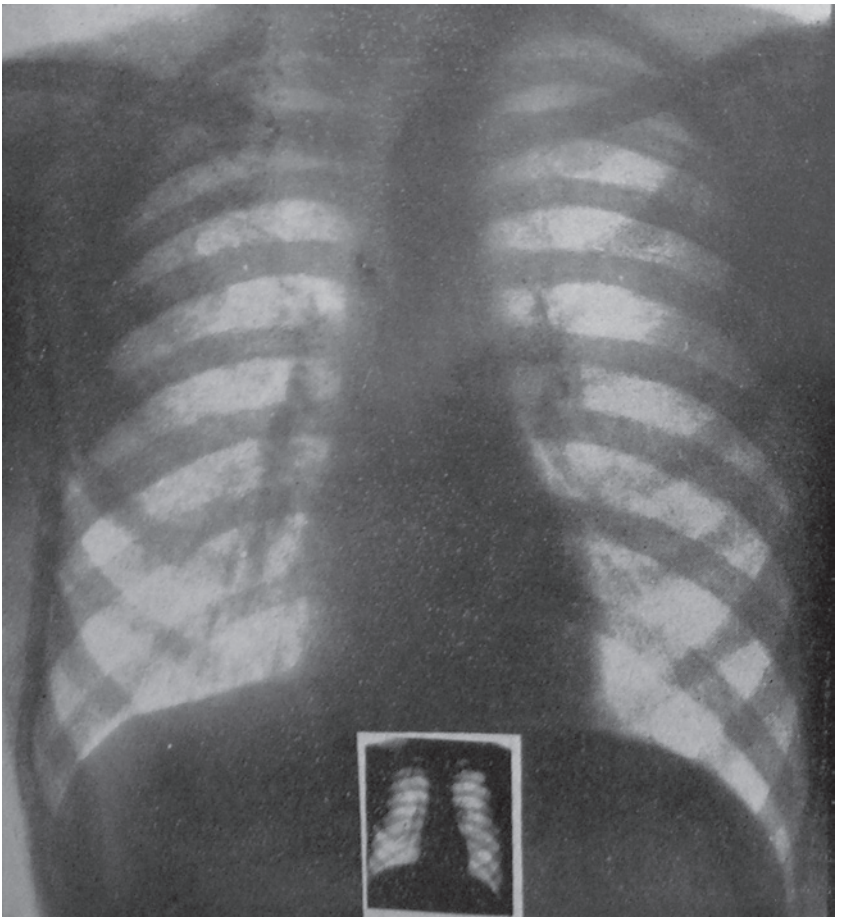
Detalhe da "moderna" máquina fotográfica, dotada, entre outras coisas, de numeração automática e navalha para corte do filme



Medidor micrométrico personalizado para Abreu: dispositivo permitia cálculos em centímetros e milímetros dos diâmetros cardiovasculares



Primeira minirradiografia do tórax, realizada em maio de 1936 dentro do Hospital Alemão, em um doente do Serviço de Tisiologia da Policlínica Geral, que estava sob a direção do dr. Afonso Mac Dowell



Conforme diagnóstico de Abreu, este paciente apresentava "sombras discretas na axila esquerda, de aspecto fibroso e inativo"

Placa em uma das salas do histórico prédio da Rua do Rezende (hoje uma unidade do Inca) marca o local onde funcionou o primeiro posto de abreugrafia

Eis a Abreugrafia

Apesar de ser conhecido por sua tranquilidade ao falar e seu grande poder de oratória, naquele 2 de dezembro de 1936 Manoel de Abreu estava aflito. Nervoso, roçava as mãos uma na outra e sentia-se inseguro, como não se sentia desde que procurou Edouard Rist com o pedido de que prefaciasse o seu livro. A inquietação não era em vão. O médico aguardava o parecer de uma comissão indicada pela Sociedade Brasileira de Tuberculose sobre a eficácia da roentgenfotografia no diagnóstico precoce da doença que se alastrava pelo País.

Formada por notáveis como Arlindo de Assis, Genésio Pitanga, Hamilton Nelson e Vitor Côrtes, a comissão inteirara-se atentamente do novo processo. E depois de comparar a roentgenfotografia com a radiografia e radioscopia foi unânime em aprovar a invenção de Abreu, ressaltando a simplicidade do método, destacando sua relevância no combate à tuberculose e fazendo coro ao médico-inventor, conclamando os poderes públicos a fazer uso daquela arma em benefício da população.

> "Admitido o valor científico da Röntgenfotografia, a Comissão é de parecer que sejam estimuladas e favorecidas pelos poderes competentes as experiências de aplicação, inicialmente aos agrupamentos profissionais e mais tarde à coletividade urbana, a fim de poder ser devidamente apreciado o valor prático do método, e então definitivamente julgado."

Feliz, Abreu comemorou aquele momento com entusiasmo. Mas o seu equipamento jamais seria uma unanimidade. Um fato curioso é que outra comissão, organizada dentro da Secretaria de Saúde e Assistência do Distrito Federal, rejeitou a técnica. Vitor Côrtes também fazia parte desse grupo e foi voto vencido, firmando posição em separado, mais uma vez aceitando completamente o valor do aparelho. No entanto, cabia ao professor Clementino Fraga, na época o chefe do órgão, acatar ou não a posição daquele conjunto de pessoas designadas para o estudo. Dessa forma, acabou "peitando" aquela maioria e impondo sua posição em favor de Abreu.

Assim a notícia se espalhou e as vozes dos grandes cientistas que abalizavam a obra do radiologista ecoaram nas altas esferas governamentais. Por isso, dias depois do ocorrido, Abreu recebeu em seu gabinete uma carta, assinada por João de Barros Barreto, diretor geral do Departamento Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social, órgão subordinado ao Ministério da Educação e Saúde.

O remetente era um amigo dos tempos da Faculdade de Medicina e, ao lado de José Paranhos Fontenelle, foi responsável por uma reforma na Saúde, dois anos antes. Barreto havia sido um dos cérebros na luta contra a febre amarela durante seu segundo surto no Rio de Janeiro, em 1928. Na época, era secretário de Clementino Fraga, que foi convocado pelo presidente Washington Luís para assumir o cargo de diretor da Saúde Pública e chefiar a batalha contra a doença, que assolou

de forma alarmante a capital federal. A partir dali, Barreto consolidou a sua carreira de grande sanitarista, passando a ocupar altos cargos dentro da saúde pública. Na carta escrita a Abreu, o carioca se dirigiu ao amigo nestes termos:

> "Prezado e distinto colega
>
> Dr. Manoel de Abreu
>
> Cogitando esta Diretoria de aplicar na Inspetoria dos Centros de Saúde para o diagnóstico precoce da tuberculose, o método da radiofotografia de vossa criação, tenho o prazer de dirigir-vos um convite, a fim de trazer, graciosamente, o concurso de vossa competente direção, orientando e coordenando a execução dos serviços de radiofotografia a serem instalados naquela Inspetoria.
>
> Certo de que acedereis ao convite de que sou intérprete, quero apresentar-vos os meus agradecimentos antecipados, pedindo que aceiteis os protestos de minha alta estima e consideração.
>
> João de Barros Barreto
>
> Diretor-Geral"

Começa ali a história dos postos de cadastramento torácico. Já em março de 1937 inaugurava-se o primeiro, no Centro de Saúde nº 3, na Rua do Rezende, 128. Foi para lá que se voltaram os olhos de boa parte dos tisiologistas do mundo. Não demoraria muito para aquele conceito se espalhar para o planeta inteiro e transformar o nome Manoel de Abreu em uma marca de respeito, fazendo dele uma das estrelas mais cintilantes da medicina do seu tempo.

O otimismo se justificava. O tratamento do tuberculoso se restringia ao chamado regime higiênico-dietético e ao uso das cirurgias torácicas e só era bem-sucedido nos casos da lesão

pulmonar ser mínima. Agora, com o uso do aparelho e do cadastro da população, criava-se a chance de descobrir especialmente esses casos e oferecer ao doente uma real chance de cura, além de eliminar o foco de contágio.

O aparelho foi instalado às pressas e Abreu começou a trabalhar sozinho. Foi ali que estreitou a amizade com Aloysio de Paula, diretor do Centro de Saúde, e grande apoiador das ideias do radiologista. Teria também, em seguida, a companhia de Francisco Benedetti, Paulo Côrtes e Mário Greco. "Éramos apenas cinco. Hoje, quase vinte anos mais tarde, somos uma legião espalhada em todos os recantos do mundo", escreveria Abreu no comunicado intitulado *Notas sobre a Origem da Fluorografia em Massa*, encaminhado à Academia Nacional de Medicina.

O número de postos de cadastro também cresceu de forma rápida. Antes mesmo da instalação no Centro de Saúde nº 3, Abreu recebia visitas de curiosos e médicos interessados em ter em seus serviços ou cidades um dos aparelhos criado pelo radiologista. Um deles foi do capixaba Jayme Santos Neves, criador da Liga Espiritossantense contra a Tuberculose, que teve o seguinte diálogo com o paulista:

— Professor, é fantástico! Eu quero comprar o aparelho.

A forma direta como o jovem colega expressou sua vontade de adquirir seu invento surpreendeu Abreu.

— Só tem o meu no mundo inteiro. Só tem o meu.

Respondeu Abreu de forma educada e com um largo sorriso nos lábios. Mas Santos insistiu:

— Eu sei, mas... isso vai generalizar. Isso é uma coisa fantástica para distribuir para a coletividade. Eu quero comprar.

Continuou o capixaba, tão incisivo quanto uma criança diante do seu objeto de desejo. O radiologista esclareceu:

— Bem... eu não sei o preço, não sei coisa nenhuma sobre valor.

Abreu não mentia. Apesar de exímio matemático, não era dado a questões de contabilidade. Mas isso não pareceu empecilho para Santos:

— Não importa. Eu quero ser o primeiro do mundo a ter um aparelho desses. E quero dois.

Abreu voltou a reiterar a questão do valor, mas o colega foi taxativo:

— Não discuto o preço. Eu quero dois.[1]

E o tisiologista não estava blefando. Tanto que depois do aparelho instalado no Hospital Alemão e no Centro de Saúde nº 3, foi a vez de Vitória, a capital do Espírito Santo, em junho de 1937, receber o seu equipamento de fluorografia em massa. Neste mesmo período, o Hospital Central da Marinha, no Rio de Janeiro, também recebeu o seu.

A expansão segue no ano seguinte, dentro do Brasil e no exterior. Em São Paulo, o Instituto Clemente Ferreira, a Liga Paulista contra a Tuberculose e o Hospital Municipal foram contemplados; outros seis equipamentos seguiram para as Saúdes Públicas da Bahia, de Niterói (RJ) e de Nova Iguaçu (RJ) e também para a Policlínica Militar, o Hospital Central do Exército e a Municipalidade do Rio de Janeiro, esses três últimos pertencentes ao antigo Distrito Federal.

A invenção de Abreu rapidamente chegou aos ouvidos dos vizinhos Uruguai e Argentina, além de Cuba, Estados Unidos e Europa. O método foi amplamente difundido na Argentina por Gumersindo Sayago, Raúl Vaccarezza e Rodolfo Vaccarezza. A Liga Argentina contra a Tuberculose, sob a direção deste último, inaugurou o primeiro centro de cadastramento torácico em Buenos Aires, em 1939, batizado com o nome do brasileiro.

---

1. Depoimento de Jayme Santos Neves, *Memória da Tuberculose*, Arquivo Sonoro, COC/Fiocruz, 1990, fita 3, lado A.

Entre os americanos, Abreu recebeu a visita do doutor D.O.N. Lindberg, futuro diretor médico do sanatório do Estado de Utah (Oregon). Percebendo o potencial do invento, Lindberg aprendeu no Rio a fazer as fotofluorogramas e levou esse *know-how* para os Estados Unidos, onde foi o pioneiro no emprego dessa técnica. Tempos depois, a National Tuberculosis Association (atual American Lung Association) se tornaria a primeira entidade daquele país a reconhecer a eficácia do aparelho de Abreu.

Os Estados Unidos também aceitaram bem a invenção do brasileiro. Dentro da divisão de Tuberculose do Serviço de Saúde Pública, médicos como Herman Hilleboe, Francis Weber e Robert Anderson adotaram o aparelho como ferramenta de trabalho e o empregaram em todos os Estados do país, fazendo um amplo estudo em massa em todas as cidades com população acima de 100 mil habitantes. Dessa forma, só em 1949, foram realizadas mais de 14 milhões de fotofluorogramas no território norte-americano, dando uma mostra do sucesso da técnica. Lá foi feita uma modificação no processo. Ao invés de filmes de 35 ou 70 mm, foram utilizadas películas radiográficas de 10 por 12,5 cm, eliminando a necessidade do uso da lupa para a leitura do exame.

No entanto, o principal garoto propaganda da fluorografia em massa foi Hans Holfelder, o médico coronel da SS e membro do partido nazista, que visitara Abreu no fim de 1937. O professor de Frankfurt foi levado até o Centro de Saúde nº 3 por Wilhelm Dobner, gerente da Casa Lohner, onde foi recebido por Benedetti e Paulo Côrtes. Depois do almoço oferecido aos congressistas que vieram do Chile, em 1937, no Jockey Club, Holfelder ainda foi convidado para visitar a clínica particular de Abreu, onde teve acesso a mais materiais, inclusive a esquemas do aparelho.[2]

2. Conforme RIBEIRO, Gil. *Manoel de Abreu*, p. 54.

Não se sabe quais os argumentos que Holfelder usou para convencer Abreu, mas, após uma longa conversa, o médico alemão saiu do consultório levando rolos de filmes, os esquemas técnicos e a promessa de fazer melhorias no equipamento na Alemanha. O coronel cumpriu a sua palavra. Cerca de dois anos depois, o exército de Hitler já usufruía da eficácia do aparelho de raios X criado pelo brasileiro, antes mesmo de começar a Segunda Guerra Mundial. Usando o método em larga escala, finalidade para o qual fora criado, Holfelder realizou o primeiro cadastro torácico do Exército do *Führer*, excluindo de forma indiscriminada da tropa os portadores de sombras pulmonares. Entre 1939 e 1944, cerca de 10 milhões de alemães foram examinados por ele.

"O êxito alcançado na Alemanha com o método de Abreu despertou a curiosidade do mundo médico", destacou Reginaldo Fernandes, contemporâneo de Abreu e testemunha de alguns dos eventos ocorridos na vida do paulista. Outras forças armadas seguiram o exemplo, como a norte-americana e a britânica. Dessa forma, revelou-se ao mundo o quanto era poderoso aquele equipamento, como arma profilática e epidemiológica contra as doenças pulmonares, principalmente, e outras de base cardíaca. Quanto custava tamanha revolução? A bagatela de 700 réis por documento ou algo em torno de seis centavos de dólar[3]. Uma verdadeira pechincha.

Até 1939, o método criado por Abreu foi chamado de roentgenfotografia, conforme o próprio inventor o havia batizado, ou por variáveis, como fotofluorografia, radiofotografia e outras.

3. De acordo com estimativas de Manoel de Abreu. Conversão para o dólar de 1936 e 1937, conforme HOLLOWAY, T.H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. p. 268. Disponível em http://www.ocaixa.com.br/bancodedados/dolaranualmedio.htm. Acesso em 11/11/11.

No exterior, também não havia uniformidade. Com exceção dos autores de língua espanhola, especialmente do continente americano, que também se referiam ao método como "roentgenfotografia", todos os demais mantinham sua peculiaridades. Entre os que falavam inglês, a forma preferida era "mass radiography" ou "miniature chest radiography"; os italianos o chamavam, de "Schermografia", e os franceses de "radiophotographie".

No entanto, já na seção de abertura do I Congresso Nacional de Tuberculose, realizado pela Sociedade Brasileira de Tuberculose, seu presidente, Ary Miranda, propôs que dali em diante o método criado por Manoel de Abreu fosse rebatizado de abreugrafia. O nome foi largamente empregado e aceito entre os médicos brasileiros. Como destacou Itazil Benício dos Santos, em sua *Vida e Obra de Manoel de Abreu*, se tornou comum o uso da expressão "o Abreu" para se referir à fluorografia, sendo incorporada à rotina frases como "já fez o Abreu?" ou "que revela o Abreu?".

Mais uma vez, argentinos e uruguaios se solidarizaram com os brasileiros e acataram a sugestão de Miranda, graças ao apoio importante de respeitados profissionais desses países, como Gregório Araos Alfaro, Egídio Mazzei, Raúl e Rodolfo Vaccarezza e Gumersindo Sayago (na Argentina), e Pedro Barcia, Lluis Sayé e Nicolás Caubarrere (no Uruguai). Abreu agradeceu visitando esses dois países, em 1940, por ocasião do V Congresso Pan-Americano de Tuberculose, que aconteceu em Buenos Aires entre 13 e 17 de outubro. Na oportunidade, o radiologista chefiou a delegação brasileira que tinha entre seus membros Aloysio de Paula, Reginaldo Fernandes, Ulisses Nanohay, Valois Souto, Décio Queiroz Teles, Lincoln de Faria, Tisi Neto, Diógenes Certain, Álvaro Osório e Fernando Paulino.

Abreu cumpriu uma agenda agitada, repleta de homenagens, visitas e palestras. Pôde enfim conhecer o posto de cadastramento torácico que lhe prestava honra, localizado na Avenida Santa Fé,

onde recebeu das mãos de Rodolfo Vaccarezza um pergaminho com 300 assinaturas. Os tributos se seguiram em Montevidéu, onde esteve na companhia de Juan Morelli, diretor do Instituto de Tisiologia do Hospital Fermin Ferreira, e do catalão Lluis Sayé, que havia organizado um posto de cadastro na capital uruguaia. Eram os primeiros louvores fora do Brasil em reconhecimento ao criador da Abreugrafia. Mas muitos outros ainda lhe aguardavam, nos Estados Unidos e na Europa. Nascia o ícone Manoel de Abreu, um brasileiro realmente popular, com projeção internacional, cujo apagamento da memória coletiva dificulta dimensionar o que representou para a história da humanidade.

A opção por chamar aquele tipo aparelho de raios X de abreugrafia era mais que uma justa homenagem: era um aviso, um posicionamento claro de parte das comunidades científicas nacional e sul-americana de que o inventor do equipamento que finalmente permitiu o cadastro torácico em massa não era outro senão Manoel de Abreu. A mensagem fazia sentido uma vez que o brasileiro teve de batalhar e se esforçar para comprovar a sua precedência sobre aquele método.

Apesar de serem muitos os estrangeiros que, a partir de 1937, tiveram acesso ao trabalho de Abreu de forma direta e indireta, alguns autores germânicos começaram a lhe "roubar", por lapso ou deliberadamente, o mérito daquela conquista, resultado de árduo trabalho de duas décadas. Negavam-lhe a paternidade do seu filho mais querido. Ainda assim, inicialmente, Abreu, de maneira quase filosófica, manteve uma posição estoica diante do fato. "Não importa que o nosso nome seja muitas vezes esquecido. O que importa são as ideias, cuja prodigiosa vida se desdobra acima dos interesses transitórios, acima de nossa própria pessoa", costumava dizer.

Mas a justiça, aparentemente, não se faria naturalmente. Os lapsos e omissões ao seu nome se seguiam, levando à indignação daqueles que eram testemunhas do seu labor por uma causa apaixonada, da qual jamais desistiu. Enfim, uma reação foi organizada por entidades médicas, inclusive com forte apoio dos médicos argentinos, uruguaios e chilenos, o que acabou sensibilizando ao próprio Abreu. Não sendo homem de fugir de uma luta justa, foi para a frente de combate e ele mesmo empunhou a bandeira de sua defesa.

Entre 1936 e 1939, período em que seu papel de inventor da fotofluorografia foi colocado em dúvida, manteve uma rica correspondência com personalidades alemãs. A lista inclui Rudolf Grashey, um dos fundadores da Sociedade Alemã de Radiologia (Deutschen Röntgengesellschaft) e autor de livros importantes, como *Atlas Radiológico Cirúrgico-Patológico*, de 1905. Foram arrolados também Theodore Sehmer, diretor da matriz da Siemens-Reiniger-Werke A.G., em Berlim, e Hans Holfelder, autor de inovações ao aparelho original.

Grashey recebeu a extensa carta do brasileiro na condição de editor da mais antiga e prestigiada publicação alemã voltada para a radiologia, a *Fortschritte auf dem Gebiet der Röntgenstrahlen* (RöFo). Colocando-se na posição de amigo, discípulo e admirador, Abreu defende sua precedência na corrida para conseguir a fluorografia em massa, usando depoimentos dos alemães Holfelder e Helmuth Ulrici, do italiano G. Toreli e do argentino Rodolfo Vaccarezza, além de citar outros médicos renomados que compartilhavam dessa mesma opinião.

"Não havia ainda nos espíritos a noção real das vantagens desse método, nem a da sua verdadeira finalidade – o exame torácico coletivo", diz Abreu, mostrando ao editor que antes de ele demonstrar a eficiência do seu aparelho de raios X – o consenso era que a fluorografia não era capaz de diagnosticar sombras discretas – não poderia ser usado no

exame coletivo e que não poderia substituir a radioscopia e a radiografia.

Um dos artigos publicados na Alemanha deixou estremecida a relação entre Abreu, Siemens e Holfelder. Intitulado *Emprego das Radiologias Seriadas* (*Die auswertung des Röntgezuhenbildner*), era assinado por Friedrich Berner, principal assistente de Holfelder. Nele, é omitido o nome do brasileiro do aparelho da fabricante alemã, sendo dado o crédito da invenção apenas ao seu mestre. De acordo com Berner, a designação do equipamento, que ainda não constava no catálogo da Siemens, seria "seriógrafo (roentgenreihenbildner) segundo Holfelder", o que Sehmer se adiantou em negar, em uma carta de 20 de junho de 1939.

Sehmer pede desculpas pelo descontentamento de Abreu e da comunidade médica brasileira com o fato e justifica que a denominação usada pelo compatriota não é a que será empregada pela empresa. "Nós denominamos oficialmente o nosso equipamento de Schirmbildgerat Siemens (fluorógrafo Siemens) ou Schirmbildgerat segundo Abreu, com melhoramento segundo indicações do professor Holfelder". Na opinião do gerente, a falha de Berner foi uma tentativa de demonstrar sua veneração pessoal ao seu mestre.

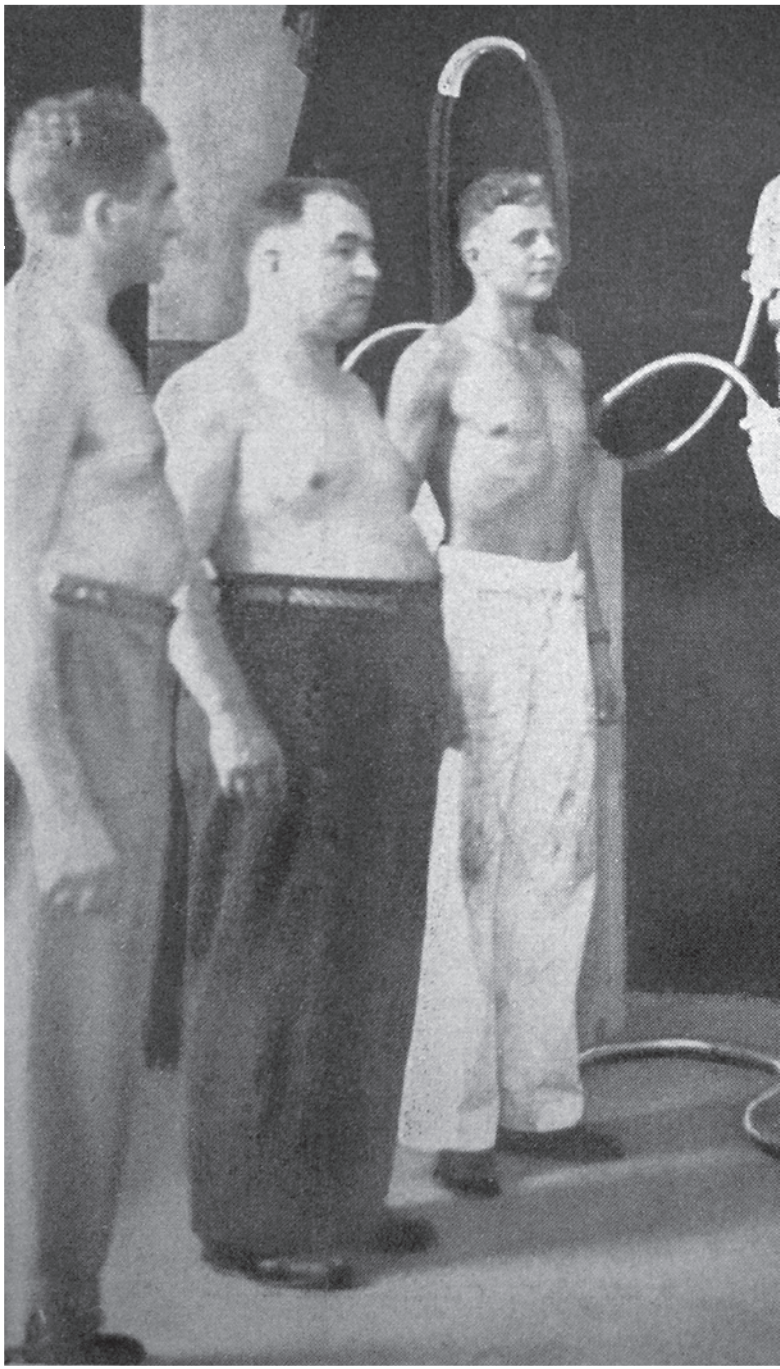
Na mesma carta, o remetente ainda lembra que o próprio Wilhelm Conrad Roentgen, descobridor dos raios X, foi alvo de injustiça, uma vez que países como Inglaterra e França não aceitaram a nomenclatura raios Roentgen, em homenagem ao alemão, optando pela forma que hoje é a mais usual. "A invenção fala por ela mesma e tanto como o nome de Roentgen está inseparavelmente ligado aos raios X, também o nome Abreu ficará sempre citado em primeiro lugar em relação ao aparelho seriográfico", pondera Sehmer, antes de citar uma série de conferências e publicações em que é dada ao brasileiro a paternidade da fotofluorografia. Termina convidando o colega

para a XI Conferência da União Internacional contra a Tuberculose, que aconteceria em Berlim, em setembro de 1939. E ele estaria lá. Mas a eclosão da Segunda Guerra impede a realização deste evento e o Netúnia, vapor no qual Abreu seguia para a Europa, em agosto daquele ano, fica detido em Montevidéu e impedido de seguir viagem.

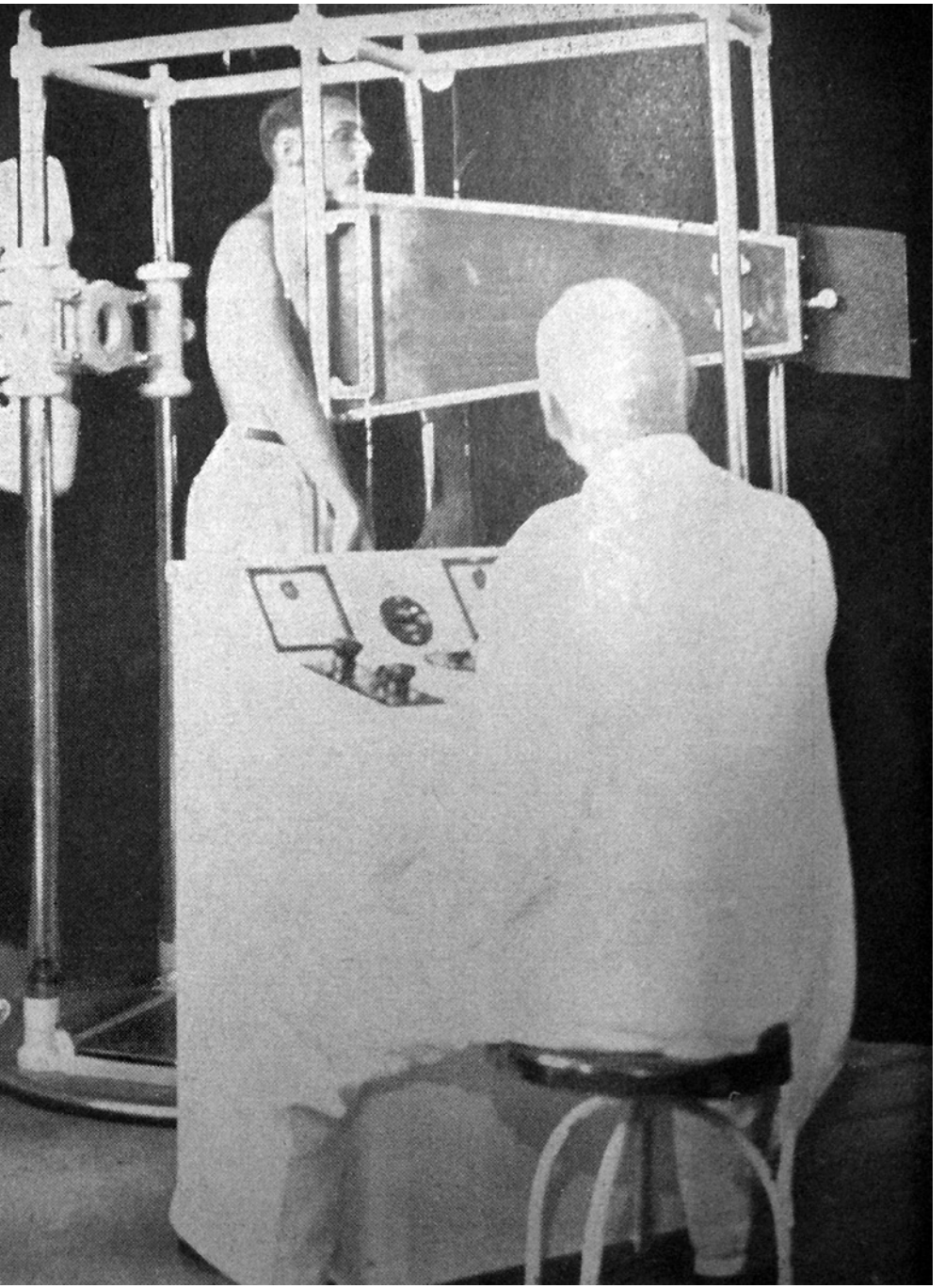
Já Holfelder escreve a Abreu e lembra o grande número de cartas trocadas entre eles, chama-o de mestre e amigo, destacando que sempre enalteceu a prioridade do paulistano no advento da roentgenfotografia coletiva. "Fiquei consternado quando ouvi dizer que no Brasil existe a impressão de que na Alemanha e, principalmente da minha parte, não são reconhecidos os grandes méritos de vossa senhoria no que se refere à primeira aplicação da fotografia do écran fluoroscópico para a roentgenfotografia coletiva", escreve.

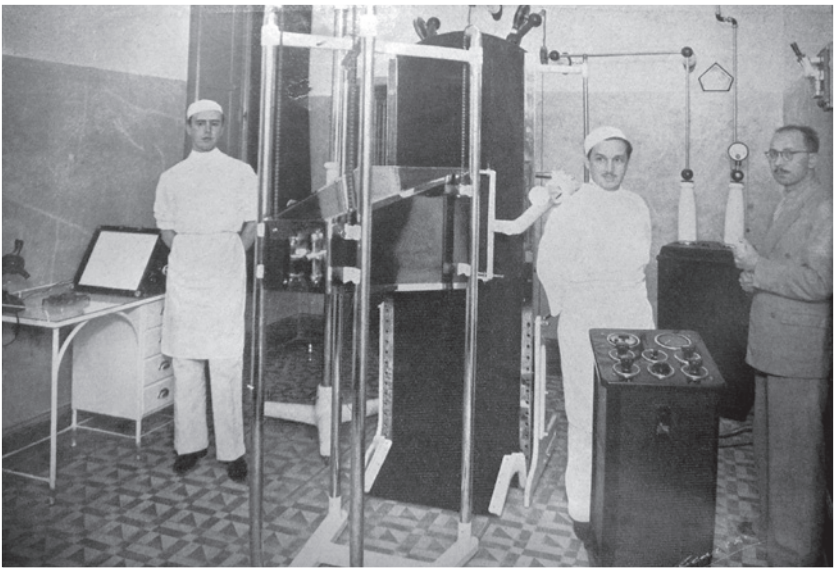
Enfim, as contestações ficariam para trás e, como escreveu Gil Ribeiro, limitadas no tempo (1936-1939) e no espaço (Alemanha). O certo é que antes de Abreu, alguns idealizaram a fotofluorografia, como o velho Guilleminot, ou o cadastro torácico, como Redeker; depois dele, outros melhoram sua criação, com o próprio Holfelder e Berner. Mas coube primeiro a ele combinar todos os requisitos técnicos necessários (tubo de raios X, écrans fluorescentes, lentes de grande abertura e filmes adequados) para que fosse possível a radiologia em larga escala. Não queria dinheiro por isso. Apenas o reconhecimento. E isso viria nos anos seguintes.

Clementino Fraga: um importante apoiador do trabalho desenvolvido por Abreu

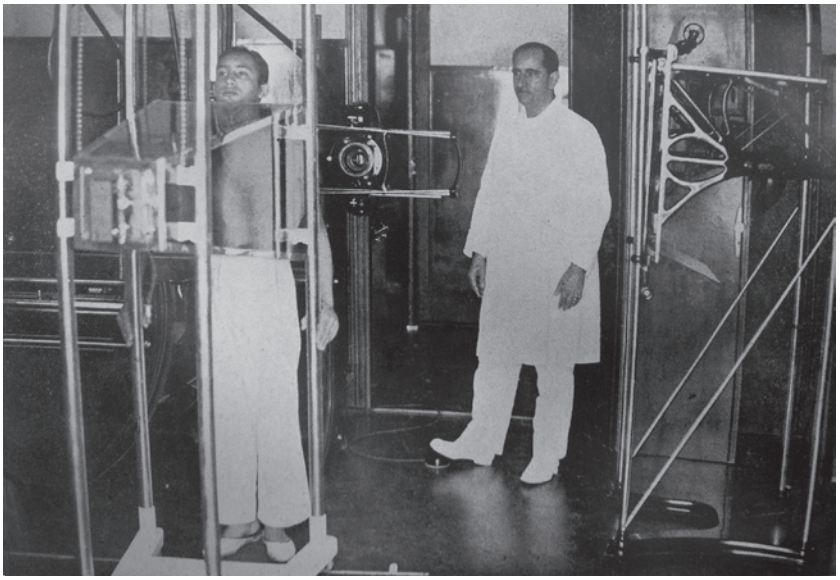


Pacientes aguardam a sua vez de se submeterem ao exame do tórax, sem qualquer tipo de proteção

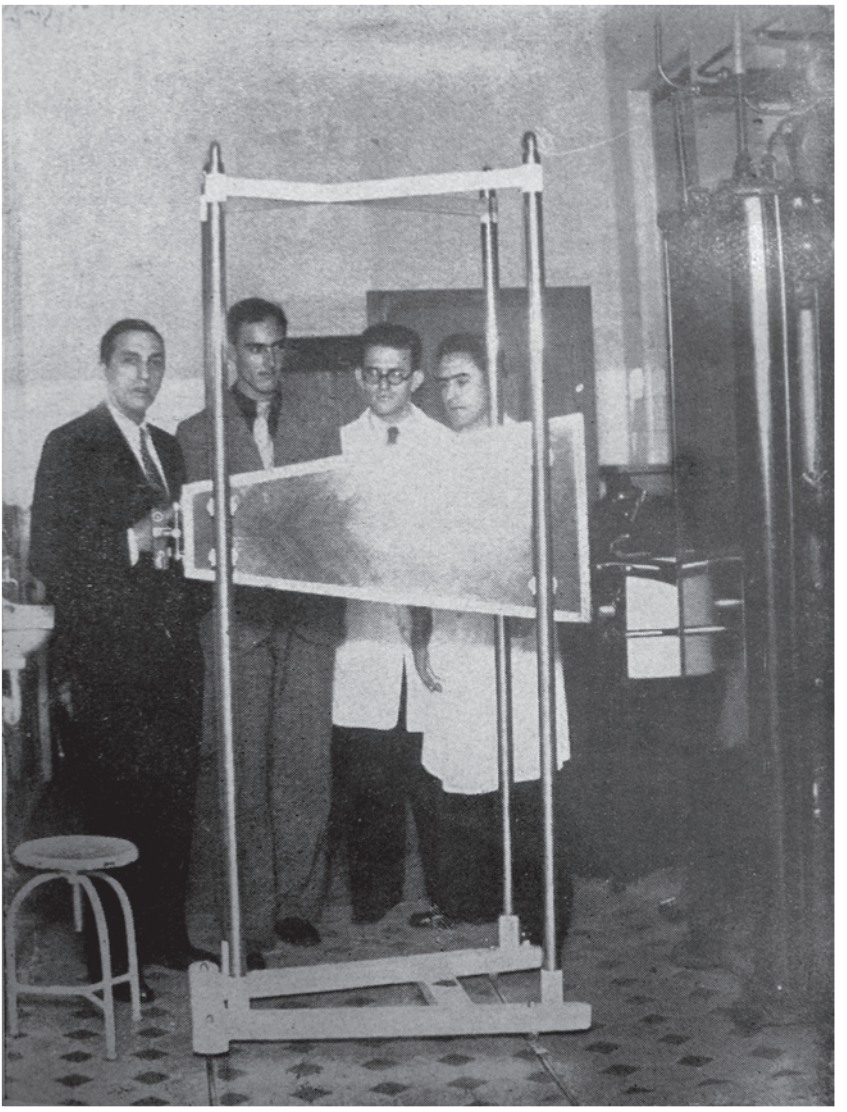




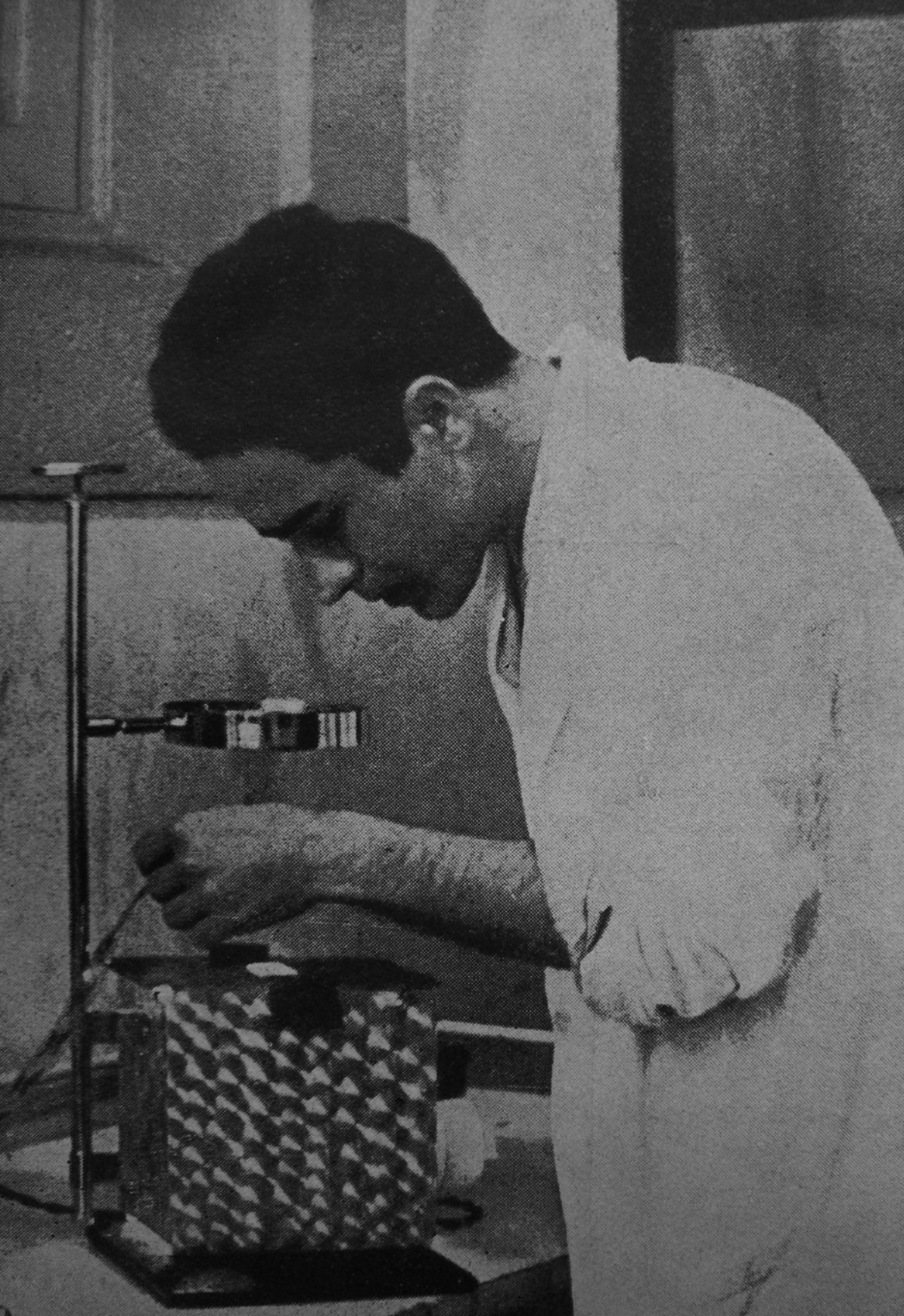
Posto da Saúde Pública de Vitória (ES). No centro, o chefe do serviço, dr. Napoleão Rousseau Castelo

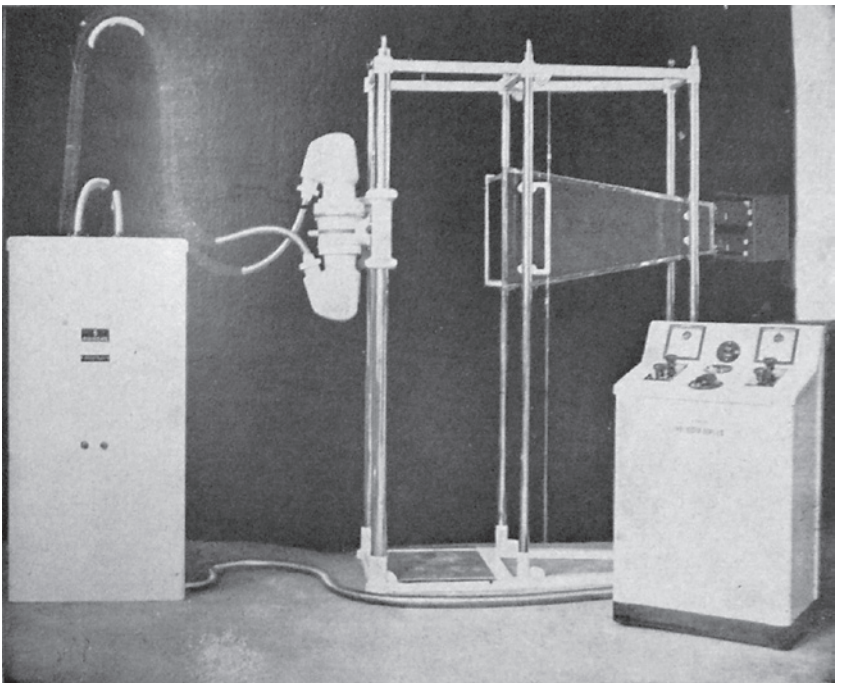


O capitão de fragata dr. Fábio de Vasconcelos (ao fundo) chefiou o serviço de abreugrafia dentro do Hospital da Marinha, no Rio de Janeiro



Centro de Saúde nº 3, maio de 1937: visita de Raul Karacik (ao lado de Abreu); Paulo Côrtes (último à direita) também está presente





Aparelho de Abreu atualizado, fabricado no Rio de Janeiro pela subsidiária da Siemens

O assistente de Abreu, Paulo Côrtes, observa os minúsculos filmes abreugráficos com a ajuda de um negatoscópio

Nº. FICHA INDIVIDUAL DATA

NOME SEXO CÔR

IDADE PÊSO BIOT. NAC.

PAÍS ou ESTADO CID. ou Z. Ru.

FIL. PAT. MAT.

RESP. END.

PROF. ou ESC. END.

MORADIA

FICHA Nº

casa isol.
avenida
casa de com.

Nº pessoas
Nº mulheres
Nº menores

DATA DO EXAME d. m. a.

T.P. familiar
T.P. Extrapulm.
T.P. Conciente
Reumatismo
Wassermann
Von Pirquet
Mantoux

SINTOMAS PUL.: Fadiga, Tosse, Expectoração, Febre, Emagrecimento, Hemoptise, Baciloscopia

S. CAR.: Palpitações, Dispnéa, Insônia

S. CAR.: Dôres prec., Aritmia, Edema, Cianose

COLAPSOTER.: Pneumot., Secção de ad., Frênico-ex., Tamponam., Toracop. p., Toracop. t.

CORAÇÃO - VASOS NOR. ANOR.

DATA DO EXAME

CORAÇÃO NOR. ANOR.

D. longitudinal
D.L. normal
D. transversal
D.T. normal
F: Ml, L, SL, SC, C, MC
SF: T, I, E
P: F, R, G, MG, E, A
COMP: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Derrame per.
Hidro-pn. per.

EVOLUÇÃO

FAVORÁVEL
ESTABILIZAÇÃO
DESFAVORÁVEL

AORTA NOR. ANOR.

ÍNDICE VOL.
ÍNDICE NOR.
DIAM. TRAQ.
DIAM. NOR.
DIL. d. m. a.
ALON. d. m. a.
CALCIFICAÇÃO

ART. PUL. NOR. ANOR.

DIL. tronco
DIL. ramos

Observações.

A parte frontal da ficha usada nos postos de recenseamento torácico

O criador e suas outras criaturas

A década de 1940 foi muito especial para Manoel de Abreu. Após ter de provar a eficácia e a paternidade de sua técnica, começou o período de colher os louros da conquista sem abrir mão de seu gênio criativo, principalmente com foco na luta contra a tuberculose. Isso acabaria por levá-lo à presidência da respeitada Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, à indicação do Prêmio Nobel e também a muitos lugares do planeta. Um dos primeiros deles é Washington, DC. Em maio (de 1940), ele acompanha uma delegação de brasileiros à capital dos Estados Unidos, onde acontece o 8º Congresso Científico Americano. O grupo, chefiado por Antonio Cardoso Fontes, tem ainda Barros Barreto, Evandro Chagas, Vital Brazil e outros.

É primavera no Hemisfério Norte e Abreu se impressiona com o verde que toma conta da bela cidade por essa ocasião e com o grande número de cerejeiras espalhadas pela capital. Gosta mais ainda quando o amigo George Pfhaler explica o significado daquelas árvores, dizendo ser um presente dos ja-

poneses, oferecido em 1912, para simbolizar a amizade entre o Japão e os Estados Unidos.

Pfhaler, um dos pioneiros da radiologia norte-americana, foi um dos fundadores da Philadelphia Roentgen Ray Society, criada em 1905. Ele conheceu Abreu poucos meses antes, quando, em uma viagem de turismo, aproveitou a parada no porto do Rio de Janeiro do navio em que viajava para procurar o brasileiro. Queria conhecer o já afamado colega pessoalmente e debater com ele uma questão relacionada à radioterapia, que Abreu havia abordado em um artigo.

No dia seguinte, o americano ainda foi levado ao Serviço de Cadastro Torácico do Departamento de Inspeção Médica da Secretaria de Saúde e Assistência, do qual Abreu havia se tornado chefe por aqueles dias. O carinho e atenção dispensados por Abreu durante sua curta estadia no Rio fez com que Pfhaler retribuísse a gentileza, promovendo, em homenagem a ele, uma festa na Filadélfia por ocasião do 8º Congresso Científico.

Quanto ao posto de cadastro do centro de perícias, visitado pelo americano e chefiado por Abreu, foi a primeira unidade do tipo inaugurada pelo poder municipal a partir da iniciativa do então secretário do órgão, Clementino Fraga. Ali se realizará a missão de submeter à abreugrafia todo o funcionalismo municipal. Para isso, Abreu teria ao seu lado companheiros como Gil Ribeiro, com quem estabelecerá uma amizade para a vida inteira.

O mineiro Gil Ribeiro, formado em 1930 pela antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi apresentado ao paulista pelo ginecologista Maurity Santos, quando Abreu ainda era chefe da Policlínica Geral. Depois desses primeiros passos, quando teve acesso à obra do grande mestre, Ribeiro faz carreira nos serviços públicos carioca e fluminense e é assim que é designado como assistente no nascente centro de perícias médicas.

Em 1942, Gil Ribeiro vai trabalhar também na clínica particular de Abreu e, dois anos depois, quando seu mestre se tor-

na chefe da Comissão de Revisão de Diagnóstico, cujo serviço funcionava dentro do Hospital São Sebastião, Ribeiro também o acompanhará, compondo a equipe de radiologistas. A nomeação de Abreu para o cargo foi de iniciativa de Alberto Renzo, então diretor do departamento de tuberculose da Secretaria de Saúde e Assistência, incumbindo-o da responsabilidade de esclarecer o diagnóstico dos portadores de "sombras" suspeitas.

Explica-se: a abreugrafia não era um método de diagnóstico definitivo. Revelava apenas sombras patológicas, um indício de que algo poderia estar errado no tórax do paciente. Aquele sinal poderia realmente significar uma tuberculose pulmonar ou outras infecções e moléstias, como câncer, derrame pleural ou pericardite. Diante dessa importante triagem inicial, partia-se para métodos conclusivos, que revelavam, enfim, o que representava aquelas áreas brancas irregulares com seu entorno escurecido. No caso da tuberculose, a baciloscopia (pesquisa do bacilo de Koch) fechava o diagnóstico.

Com o uso cada vez maior da fotofluoroscopia crescia proporcionalmente o número dos portadores de sombra. Estes acabavam ficando por um longo tempo sem diagnóstico definitivo uma vez que a investigação bacteriológica era muito mais demorada. Segundo Abreu, permaneciam esperando de seis meses a um ano para saber se tinham uma afecção não tuberculosa, tuberculose ativa (evolutiva e contagiosa) ou inativa (não evolutiva e não contagiosa).

A investigação do *Micobacterium tuberculosis*, bactéria causadora da doença, era mais fácil e confiável quando o paciente tinha expectoração. Bastava colher esse material (o escarro) e submetê-lo à análise. No entanto, quando a liberação desse muco não existia ou era em quantidade insuficiente, recorria-se à técnica conhecida como lavado gástrico, que consistia na coleta da secreção gástrica pela manhã e com a pessoa em jejum. Esse método não era acurado e apresentava baixo índice

de positividade. Por duvidarem de sua exatidão, era comum médicos ignorarem o resultado desse exame e partirem para a colapsoterapia (pneumotórax artificial), muitas vezes sem a devida necessidade.

Na opinião de José Rosemberg, o pneumotórax artificial foi o primeiro tratamento racional até a chegada dos quimioterápicos. A introdução de ar no espaço intrapleural, técnica desenvolvida pelo italiano Carlo Forlanini, em 1882, teve fundamental importância até o início da década de 1950, quando as drogas antituberculosas começaram a se popularizar. O método tinha indicações precisas, como lesões recentes, mas no Brasil seu emprego acabou sendo banalizado. No dispensário da Rua do Rezende, no Rio, e no Instituto Clemente Ferreira, em São Paulo, por exemplo, faziam-se filas, com mais de 100 pessoas para se submeterem ao procedimento. Nas palavras de Rosemberg, à medida que elas chegavam, "iam tirando a camisa e deitando-se com o braço sobre a cabeça. Rápida passada de algodão embebido em álcool e a agulha era espetada; mal o paciente se erguia, e já outro se deitava."

Como chefe da Comissão de Revisão de Diagnóstico e ciente tanto do problema da longa espera pelo resultado quanto da falta de precisão, no caso do lavado gástrico, Abreu acabou se debruçando sobre a questão. Afinal, a conclusão rápida da investigação era fundamental, definindo se o portador de sombra iria precisar se submeter ao pneumotórax ou mesmo se poderia ser admitido em uma empresa, licenciado ou aposentado. Para aqueles que já estavam em tratamento, a pesquisa do bacilo de Koch também servia para comprovar uma cura ou a estabilidade de uma lesão já avançada.

Nas dependências do Hospital São Sebastião, Abreu aproveitou sua experiência no uso da broncoscopia e adentrou também no terreno da bacteriologia, desenvolvendo outra técnica, batizada de lavado tráqueo-bronco-alveolar, ou simplesmente

lavado pulmonar. O procedimento inaugural, executado pelo próprio mentor em 17 de agosto de 1944, foi feito nas dependências daquele que foi o primeiro hospital de isolamento do Rio de Janeiro. Com a nova técnica, a secreção para a análise era coletada com o auxílio de uma sonda diretamente da região broncopulmonar dos pacientes com sombra e igualmente sem expectoração adequada.

Desse jeito, com a supervisão de Manoel de Abreu e o auxílio de uma equipe que, além de Gil Ribeiro contava ainda com os bacteriologistas Fontes Magarão e José Dauster e os clínicos Benigno Girão e Machado Filho, criou-se uma técnica mais precisa e simples, que levava a um maior número de positividade quando comparado com o procedimento até então usual, o lavado gástrico. Resultado: acabou entrando para a rotina médica.

Depois daquele 17 de agosto, Abreu ainda repetiu pessoalmente o procedimento em outros dois pacientes, apresentando a Severino Rezende as suas particularidades. Acompanhou e orientou o colega na realização do processo e o deixou responsável por executá-lo nas próximas vezes. Apenas uma semana depois, fez oficialmente o comunicado do fato à Academia Nacional de Medicina, cravando sua prioridade a respeito da paternidade daquele tipo de exame. Fez bem. Mais de três anos depois, em outubro de 1947, já como presidente da Sociedade Brasileira de Tuberculose, usou a tribuna da entidade para se defender de um artigo publicado na *Revista Médico-Cirúrgica*, dando a outros a concepção do método e deixando-o como figura secundária. Apoiados no relatório e nos documentos apresentados, os membros da instituição se pronunciaram atribuindo a Abreu a condição de idealizador e primeiro realizador do método.

Pensar e agir. Esse binômio caracteriza muito bem a personalidade de Manoel de Abreu como cientista. Estava sempre envolto com alguma inovação, fosse no campo da radiologia ou da tisiologia. Simples ou complexos, eram métodos e ideias voltados a dinamizar e potencializar a árdua batalha contra a tuberculose. A uma dessas pequenas intervenções chamou de paralelepípedo retangular somático. Para desenvolvê-lo, ainda em 1940, usou de suas habilidades matemáticas trazendo à luz uma tabela de referência para estabelecer o tempo de exposição de cada indivíduo ao feixe de raios X, em função do peso e da altura do paciente.

Os aparelhos mais modernos da época já vinham dotados de *photo timer*, dispositivo que fazia isso automaticamente. No entanto, era inexistente nos mais modestos. Dessa forma, a iniciativa de Abreu serviu para agilizar o trabalho dos operadores dos equipamentos de abreugrafia, uniformizar os resultados e permitir uma melhor interpretação. Até então, a exposição era definida pelos próprios técnicos, de uma maneira bem abstrata, orientando-se por sua observação e experiência. "Os erros eram numerosos, inutilizando vários documentos ou depreciando o valor de fitas inteiras", lembrou Abreu.

Incansável, o médico também aperfeiçoou, segundo as suas necessidades, as técnicas de tomografia (planigrafia) disponíveis até então. Na sua busca por dinamizar o diagnóstico dos portadores de sombra, ele recorria também à tomografia localizada, que oferecia imagens superiores à fotofluorografia. No entanto, percebeu que era mais produtivo focar naquilo que mais lhe interessava. Abriu mão de examinar todo o tórax e limitou-se à observação das áreas suspeitas. Além disso, usou o mesmo princípio da abreugrafia, recorrendo a filmes menores e de tamanho variável (9x13, 13x18 e 24x30 cm) para reduzir custos. Chamou a técnica de tomografia localizada sistemática.

Depois disso, Abreu aplica a geometria para aperfeiçoar a técnica. Planígrafos, tomógrafos, estratígrafos (nomes diferentes para a mesma ferramenta) são os precursores da tomografia computadorizada e permitiam a realização da exposição radiográfica em planos. O protótipo pioneiro foi desenvolvido pelo polonês Karl Meyer, em 1914. Em 1921, o francês André-Edmond Marie Bocage construiu o modelo cujos princípios serviriam de base para os que se seguiriam a ele. Dez anos depois (1931), Bernard Ziedses des Plantes recriou o sistema de Bocage, batizando-o de planígrafo. Esse holandês também teorizou a planigrafia multisseccional, em que várias folhas de écrans são alojadas no chassi para radiografar simultaneamente diversos planos.

Coube a Abreu pegar essa ideia de des Plantes e iniciar o trabalho de criação de um aparelho tendo como finalidade o aproveitamento de múltiplos planos. Ele tinha ciência que para cada imagem captada na tomografia, um "número infinito" de outras eram perdidas, a partir do momento que os raios X seguiam sua trajetória. Para aproveitá-las, desenvolveu um modelo em que era empregado um chassi com vários filmes superpostos, conseguindo assim registrar a imagem desses cortes perdidos no formato tradicional com uma só exposição à radiação. De uma forma objetiva e autoexplicativa, chamou aquela técnica, apresentada em 1947, de tomografia simultânea.

Segundo Gil Ribeiro, seu mestre surpreendeu a todos no consultório quando anunciou que iriam fazer uma experiência para comprovar o princípio geométrico da tomografia. Não se sabe por quanto tempo ele refletiu sobre aquela questão, uma vez que até o dia anterior nenhum dos seus assistentes mais próximos o ouvira referir àquele problema. "Trazia um bloco de papelão em forma de escada cujos degraus mediam 0,4 cm, tendo cada degrau uma letra de chumbo: A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, N, V. Realizadas as séries de tomografias com

os filmes separados por cartões de 0,4 cm, verificou-se que em cada corte uma letra era nítida. Estava experimentalmente confirmada a teoria geométrica", escreveu Ribeiro, em sua biografia sobre Abreu.

Tempos antes, em setembro de 1945, enquanto Abreu trabalhava arduamente, um grupo de cinco proeminentes médicos do Rio de Janeiro recebiam uma importante carta. O remetente era o Karolinska Institutet, da Suécia, que lhes pedia para cumprir a honrosa missão de indicar nomes para concorrer ao Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina do ano seguinte. Estava começando ali um processo que demoraria cerca de um ano, até a entrega ao ganhador, em 10 de dezembro, aniversário de Albert Nobel, o patrono daquela empreitada.

O passo seguinte seria a seleção preliminar dos nomes indicados pelo Comitê do Nobel, constituído por cinco membros e um secretário. Aqueles que ultrapassarem essa fase são submetidos à avaliação de um *expert* indicado pelo comitê. Com base na avaliação desses especialistas, o comitê elabora um relatório recomendando uma lista de candidatos para a apreciação final pela Assembleia do Nobel, no Karolinska Institutet. A escolha é feita por maioria simples e, em outubro, é anunciado o vencedor.

Tal láurea, como se sabe, é concedida àqueles cujo trabalho levou a descobertas, invenções ou aperfeiçoamentos que resultaram em benefício à humanidade. Para o ginecologista Arnaldo de Moraes, o psiquiatra Henrique Britto de Belford Roxo e os cirurgiões Ugo de Castro Pinheiro Guimarães e Alfredo Monteiro[1], Abreu, com o desenvolvimento da fluorografia em massa, atendia a esse critério. Não tiveram

1. Agenor Porto, clínico de grande prestígio, o outro que recebeu a solicitação do Comitê do Nobel, recomendou o argentino Bernardo Houssay, por suas pesquisas sobre o papel dos hormônios da glândula hipófise na regulação da quantidade de glicose no sangue. Embora não tenha sido agraciado em 1946, Houssay foi o vencedor no ano seguinte.

dúvidas ao indicá-lo. Com isso, o radiologista se juntava a Carlos Chagas (indicado em 1913 e 1921), Antonio Cardoso Fontes (1934) e Adolpho Lutz como, até então, os únicos brasileiros a serem recomendados ao Comitê do Nobel, embora nenhum tivesse sido escolhido. Abreu chegava com grandes chances àquela disputa. Já era um nome internacionalmente conhecido e sua invenção era amplamente usada em todos os cantos do planeta.

No entanto, ainda não seria daquela vez que um brasileiro seria agraciado com o diploma, a medalha e os 10 milhões de coroas suecas. Mais do que isso: ter o pleno reconhecimento do trabalho por aquela respeitada entidade mundial. O nome de Abreu foi acolhido e recomendado pelo Comitê do Nobel e nas etapas seguintes foi avaliado preliminarmente por Erik Lysholm, e de forma completa por Anders Kristenson. No entanto, para o ano de 1946, o escolhido foi o geneticista norte-americano Hermann Joseph Muller, pela descoberta das mutações produzidas pela irradiação de raios X. A Abreu restariam mais duas chances. Foi indicado em 1951, recomendado pelo Nobel de 1949, o português Antonio Egas Moniz[2], e 1953, pelo tisiologista argentino Francisco d'Ovídio. Mas, nestas duas vezes, seu nome não passou pela avaliação preliminar do Comitê do Nobel.

Enquanto se desenrolava o processo de indicação ao Nobel, consciente ou não do processo (já que essas informações deveriam ser mantidas em segredo por 50 anos), Abreu continuou o seu trabalho se dedicando à sua principal preocupação. Na

2. O neurologista Egas Moniz levou o Nobel por suas descobertas do valor terapêutico da leucotomia em certas psicoses. O prêmio foi compartilhado com o suíço Walter Rudolf Hess.

prática, expandia-se o número de postos de cadastro torácico e o uso das minirradiografias pulmonares. No entanto, o impacto sobre a tuberculose foi tímido, o que alimentava os ataques dos críticos da abreugrafia em massa, para os quais não se justificavam os gastos diante do retorno.

De fato, no Rio de Janeiro, depois de quase uma década de uso da metodologia, o número de exames não chegou a 1 milhão, embora estudos do próprio criador enfatizassem que com três ou quatro equipamentos a pleno uso se conseguiria isso em um ano. Mas a realidade era outra. Saltou de 20 mil, em 1937, para apenas 70 mil, em 1945. Para piorar as estatísticas, o número de mortes por 100 mil habitantes aumentou de 309 para 349 em igual período. No entanto, é justamente a partir deste teto que os índices da doença começam a cair vertiginosamente e de maneira constante, chegando a 200 óbitos para cada grupo de 100 mil habitantes em 1950. Abreu justifica a façanha reportando a elevação significativa da quantidade de unidades de exame fixas e móveis – que já chegavam a 50, e de fotofluogramas, que atingiu 400 mil em 1949 – associada ao surgimento de técnicas terapêuticas mais eficientes.

Número de abreugrafias no Rio de Janeiro	
1937	20 mil
1938	30 mil
1939	50 mil
1940	50 mil
1941	40 mil
1942	40 mil
1943	50 mil
1944	60 mil
1945	70 mil
1946	100 mil
1947	220 mil
1948	300 mil
1949	400 mil

Óbitos por tuberculose no Rio de Janeiro para cada 100 mil habitantes					
1930	**1935**	**1940**	**1945**	**1949**	**1950**
308	309	327	349	242	200

Fonte: *Diagnostic et traitement precoces. Facteur decisif dans la prophylaxie de la tuberculose*, de Manoel de Abreu

Mas tal estatística só demonstra a precariedade das cidades brasileiras. Para efeito de comparação, em 1941, o governo britânico solicitou um relatório sobre a minirradiografia em massa. O primeiro aparelho entrou em operação ali dois anos antes,

no Hospital da Marinha Real, em Chartham, sob os cuidados do diretor médico Sir Sheldon Dudley[3]. A novidade foi muito bem acolhida na terra da rainha e, com novas aquisições, permitiu o exame de quase 3,6 milhões de pessoas em apenas um ano, que resultaram na descoberta de 6.359 casos de tuberculose e 2.476 de neoplasias. O número era muito superior ao 1,5 milhão conseguidos por Abreu nos primeiros 14 anos de operação da fotofluorografia em massa na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda assim, a boa notícia da queda do número de mortos é marcada pela chegada de medicamentos mais eficazes contra a tísica. Em 1945 é apresentada a estreptomicina, o primeiro antibiótico que se mostrou realmente capaz de combater a doença. O ucraniano naturalizado americano Selman Abraham Waksman[4], com a colaboração de Elizabeth Bugie e Albert Schatz, teve o mérito da descoberta. No ano seguinte, surgiu o ácido para-amino-salicílico (PAS) e, em 1952, chegou a isoniazida. Juntos e somados a outros medicamentos que viriam depois, iniciaram uma revolução no tratamento da peste branca e fariam dela uma moléstia curável.

A ideia de que a tuberculose poderia ser tratada com o uso de medicamentos era tão antiga quanto a própria doença. Ao longo da história, foram usadas fórmulas à base de arsênico, iodo, mercúrio, prata e até mesmo ouro. Na década de 1920, por exemplo, o produto da moda para tratar os tuberculosos era a sanocrisina, composto com o precioso metal dourado. Embora inócua, daí cair em desuso algum tempo depois, a droga não oferecia risco ao organismo (e isso já era uma qualidade). Algumas não eram tão inocentes assim, como deixa claro o testemunho do médico capixaba Germano Gerhardt Filho. "No

3. TUOTO, Elvio Armando. *De pulmões abertos*. Disponível em http://www.revistadehistoria.com.br/historiadaciencia/2010/12/de-pulmoes-abertos. Acesso em 22/11/11.
4. Pela descoberta da estreptomicina, Waksman recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1952.

Hospital Santa Maria a gente começou a ver doente pulando do terceiro andar, quarto andar, sem nenhuma razão. Depois a literatura foi registrando e nós começamos a ver que a ciclocerina era uma droga extremamente psicotrópica."[5]

O advento da quimioterapia faria Manoel de Abreu se tornar obsoleto. Até ali, os médicos do exterior vinham ao Brasil para aprender. Depois disso, viriam para ensinar. Mas isso não seria de imediato, uma vez que a estabilização e retração dos dados relacionados à tuberculose se dão antes mesmo do uso efetivo dos antibióticos no Brasil, algo que só começa a acontecer a partir da década de 1950. A extensão do uso das novas drogas apenas potencializaria a função primária da roentgenfotografia, que era a oferta do diagnóstico precoce. Sem isso, pouco valeriam essas novas armas, conforme ressaltou o então secretário geral da Academia Nacional de Medicina, Reginaldo Fernandes, durante um pronunciamento no Senado Federal:

> Não se atribua, como desejam os negativistas, que tão benéficos resultados se devem exclusivamente aos antibióticos e quimioterápicos porque se não dispuséssemos do aparelho de Abreu para o pronto e verdadeiro diagnóstico precoce ou se continuássemos diagnosticando tardiamente quando já se mostrassem ultrapassadas e perdidas as melhores oportunidades de recuperação clínica, seria mais do que evidente que o milagre das drogas maravilhosas jamais se teria operado.[6]

A partir da década de 1950, Abreu começou a ler, vez ou outra, artigos que destacavam o poder "mágico" dos novos medicamentos, escamoteando a relevância do seu trabalho pioneiro no campo do diagnóstico precoce. Mas ainda era inegável a sua

5. Depoimento de Germano Gerhardt, Memória da Tuberculose, Arquivo Sonoro, COC/Fiocruz, 1990, fita 1, lado B.
6. Revista Brasileira de Tuberculose, vol. 30, nº 212, p. 67.

importância, inclusive no dinamismo dos hospitais especializados em tuberculose. Graças à ação do seu aparelho, diminuíram significativamente a mortalidade dos internados, os riscos cirúrgicos e o tempo de internação do paciente. A relação era aparentemente simples: com o diagnóstico da doença em sua fase inicial, os tuberculosos eram encaminhados às unidades em melhores condições, possibilitando a cura.

Dessa forma, e críticas à parte, Abreu ainda era uma sumidade no meio médico, tanto dentro quanto fora do País, como demonstra o expressivo número de homenagens e condecorações que receberia nos continentes americano e europeu. Ainda em 1949, por exemplo, tem seu nome inscrito no Livro de Mérito, pelo conjunto do seu trabalho, em especial na contribuição dada ao combate à tuberculose. Recebeu o diploma representativo dessa ordem honorífica, oferecido pelo governo brasileiro, das mãos do então presidente, o marechal Eurico Gaspar Dutra. Mas muito mais estaria reservado a ele na década seguinte. Essa era uma rotina que tinha especial prazer em cumprir.

Manoel de Abreu recebe do presidente Eurico Gaspar Dutra o diploma alusivo à inclusão do nome do radiologista no Livro do Mérito

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

LIVRO DO MÉRITO

O Presidente da República, tendo em alto apreço os merecimentos do Sr. Doutor Manoel Dias de Abreu e em testemunho público do reconhecimento nacional pela prestação de serviços relevantes para o enriquecimento do patrimonio material e espiritual do Brasil, mandou fosse feita a inscrição do seu nome no Livro do Mérito instituido pelo Decreto-Lei nº 1706 de 27 de Outubro de 1939, e para constar foi passado o presente Diploma.

Dado no Palácio da Presidencia da República, no Rio de Janeiro, em 5 de Abril de 1949

Raul Fernandes
Presidente da Comissão

Eurico G. Dutra
Presidente da República

Evento de posse da nova diretora da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, que teve Abreu como presidente (da esq. para a dir.): **1.** Oswaldo Paixão; **2.** Raul Pitanga Santos; **3.** não identificado; **4.** Reginaldo Fernandes;

5. Carlos da Silva Araújo; **6.** não identificado; **7.** MANOEL DE ABREU; **8.** Ugo Pinheiro Guimarães; **9.** Estelita Lins; **10.** José Messias do Carmo; **11.** não identificado; **12.** Aresky Amorim; **13** e **14.** não identificados

O casarão da família na Avenida Angélica, em São Paulo: automóvel e chofer de prontidão

Anos dourados

Um avião levanta voo no Rio em um domingo de junho de 1950 com destino aos Estados Unidos. A bordo segue Abreu, acompanhado de sua esposa, Dulcie, dos irmãos Mercedes e Julinho, da cunhada Sofia[1], uma tenista de expressão na época, e do amigo Reginaldo Fernandes. Antes de partir para aquela que já considerava "a viagem mais bonita" de sua vida, o bom filho posta para a mãe uma carta carinhosa, expressando de antemão a sua saudade. "Quando em breve voltar, feliz de a rever e beijar, terei a impressão de haver sonhado consigo. Tudo terá sido um leve sonho em que viajamos juntos, mais unidos, no mundo da imaginação, bom e luminoso"[2], escreve.

O grupo desembarca em São Francisco (Califórnia), onde Abreu é esperado para receber uma medalha e um certificado do American College of Chest Physicians por seus trabalhos no

1. Sofia de Abreu foi a principal tenista nacional na década de 1940 e a maior expressão feminina deste esporte no País até o surgimento de Maria Esther Bueno. Foi vencedora do Campeonato Brasileiro de Tênis em 1943, 1945, de 1947 a 1949 e de 1951.
2. SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e obra de Manoel de Abreu*, p.165.

campo das doenças do tórax. Fundada em 1935, por Murray Kornfeld, a instituição já era uma referência mundial e oferecia aquela que era a mais prestigiada premiação da especialidade. Para estar ali, Abreu foi selecionado por um comitê, que o escolheu entre outras proeminentes figuras mundiais, que, assim como ele, eram especialistas em moléstias torácicas.

No grandioso banquete anual, realizado em 24 de junho no Hotel St. Francis, o brasileiro obteve o prêmio das mãos de Jay Arthur Myers, presidente do comitê de prêmios. Myers emocionou o laureado ao fazer um resgate de sua trajetória, do nascimento à passagem pela Faculdade de Medicina, lembrou de sua veia poética e de suas principais realizações no campo científico. "Aqui está um médico que viveu e continua vivendo uma vida devotada em benefício da humanidade. Suas contribuições resultarão para uma vida mais longa e mais feliz e para maior eficiência dos povos", cravou o norte-americano.

Durante os seus dias nos Estados Unidos, Abreu visitou um posto de cadastro torácico em Los Angeles, que estava sob a direção do também brasileiro Paulo Pamplona, acompanhado de Robert Anderson, diretor do Serviço de Tuberculose do Ministério de Saúde daquele país. Depois disso rumou para a Europa, onde tinha uma agitada agenda a cumprir. Em Londres, apresenta, assim como fez na América do Norte, seu trabalho *Diagnostic et traitement precoces, facteurs décisifs dans la prophylaxie de la tuberculose*. Nele destaca que só a associação perfeita do cadastro torácico e do tratamento adequado podem permitir o controle precoce da doença.

Em uma carta escrita da capital inglesa ao assistente e amigo Gil Ribeiro, datada de 27 de julho, Abreu esbanja felicidade com tudo que está vivendo até ali. "Pelo destaque estupendo da abreugrafia e as homenagens recebidas, creio que a viagem continua feliz e vitoriosa. Sei que você, meu mais íntimo colaborador, participará sinceramente de minha alegria."

Uma dos espectadores desse momento de glória de Abreu é justamente Reginaldo Fernandes, que se surpreendeu com a popularidade do amigo e como os seus colegas estrangeiros o admiravam e respeitavam. "Sou testemunha da admiração e do respeito que o mundo médico lhe rendia. A sua palavra era sempre ouvida com o maior acatamento", ressaltou Fernandes. Como parte da delegação e na qualidade de diretor do Departamento de Tuberculose do Distrito Federal, ele também seguiu com o radiologista para Copenhague (Dinamarca), onde aconteceu, em 6 de setembro, a XI Conferência da União Internacional contra a Tuberculose (UICT), e para Roma (Itália), palco do I Congresso Internacional da American College of Chest Physicians.

O respeito à figura de Manoel de Abreu pode ser medido na escolha do seu nome como presidente da prestigiada UICT, com sede em Paris, para o período 1950-1952. Igualmente, de forma unânime, foi votado para presidir as duas reuniões seguintes, tanto a conferência quanto o congresso, que aconteceriam simultaneamente em 1952, na cidade do Rio de Janeiro. Era uma prova da valorização da estratégica pioneira brasileira pelo exame torácico sistemático e do homem que viabilizou a sua criação.

E Abreu se esforçou muito para agradar os cerca de mil delegados (e suas respectivas esposas) que desembarcaram na Cidade Maravilhosa dois anos depois, contando inclusive com o apoio do governo do presidente Getúlio Vargas. O evento da União Internacional Contra a Tuberculose aconteceu de 25 a 27 de agosto de 1952, e foi seguido imediatamente do congresso do colégio americano, que se desenrolou entre os dias 28 e 30. Na sessão inaugural, ocorrida no domingo (24), no auditório do Ministério da Educação e Saúde, a Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro se apresentou aos participantes. Já Abreu discursou agradecendo o apoio governamental e a

escolha da cidade para sediar os dois importantes encontros. Entre outros figurões, era ouvido pelo ministro da Saúde Simões Filho, pelo francês Etienne Bernard (secretário-geral do congresso da UICT) e pelo americano Andrew Banyai, presidente do American College of Chest Physicians.

Naqueles dias, Abreu estava como gostava, cercado de mentes brilhantes com quem pôde conversar e debater em alto nível. Um deles era o sueco Jorgen Lehmann, que, na ocasião, recebeu a medalha do American College por ter desenvolvido o ácido para-amino-salicílico, usado no tratamento da tuberculose. Outro que também esteve no Rio foi o bacterologista Alexander Fleming, com quem Abreu já estivera em Roma, na edição anterior do congresso do colégio americano. Coube ao sueco, a partir de pesquisas realizadas em 1928, a descoberta da penicilina, o que o levou a revolucionar o tratamento das infecções e ganhar o Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1945.

Enquanto o presidente dos congressos corria de um lado para o outro para atender as demandas que a sua função exigia, Dulcie, e uma comissão de senhoras, ficaram responsáveis pelo entretenimento das mulheres dos congressistas. Durante a semana, coube à esposa de Abreu capitanear uma equipe responsável por promover passeios turísticos, almoços e jantares destinados às mulheres vindas dos cinco continentes.

Para deleite de todos os participantes das reuniões, embaixadas dos vários países que tinham representantes no Rio promoveram recepções, sendo a mais concorrida a patrocinada pelo embaixador americano no Brasil, Herschel Johnson. Mas o ápice daqueles animados dias foi mesmo o banquete no salão nobre do Copacabana Palace, na noite de sábado, que marcou o encerramento dos debates científicos.

Entretanto, os momentos de lazer ainda não haviam chegado ao fim. Na segunda-feira (30), um grupo foi convidado pelo governador Lucas Nogueira Garcez, do Estado de São

Paulo, para visitar o Instituto Butantan, na capital paulista. A eles foi colocada à disposição uma aeronave e um ônibus, que ficaram a postos no aeroporto de Congonhas. Dessa forma, chegavam ao fim os congressos da União Internacional contra a Tuberculose e do American College os Chest Physicians, com os gringos elogiando a cordialidade e a recepção por demais calorosa dos colegas brasileiros.

Deu tão certo que as duas instituições resolveram manter a parceria para o evento seguinte, em Madri. Ali, Manoel de Abreu foi recebido como a principal figura do evento. Os espanhóis que estiveram no Rio, como Navarro Gutierrez, ainda lembravam da forma como foram tratados no Brasil. "Sem sua incessante atividade, sua energia indomável, sua generosidade sem limites, aquele não seria o excepcional congresso que foi. Graças a ele, seu país acolheu paternalmente a todos os congressistas, dando-lhes acomodação, alimentação e distração, sem que isso tenha custado um centavo", escreveu o médico em um artigo de boas-vindas publicado pela imprensa madrilenha. A passagem do brasileiro pelo país ibérico é coroada ao ser agraciado com a Gran Cruz da Ordem Sanitária, recebendo o distintivo das mãos do general e ditador Francisco Franco, que governou a Espanha de 1938 até 1973.

As viagens se seguiam. Dessa forma, ano após ano, o mais ilustre cientista brasileiro mantém a participação em encontros, sendo regularmente homenageado. Neste seu périplo quase universal, volta mais algumas vezes para a Europa. Em abril de 1955, participa da reunião anual da Associação Nacional de Prevenção contra a Tuberculose, em Londres. No ano seguinte, segue para Colônia (Alemanha), onde participa do IV Congresso Internacional do American College of Chest Physicians, que acontece em agosto. Antes disso, tem compromisso na sua amada Paris, como presidente de honra do II Congresso Internacional de Radiologia.

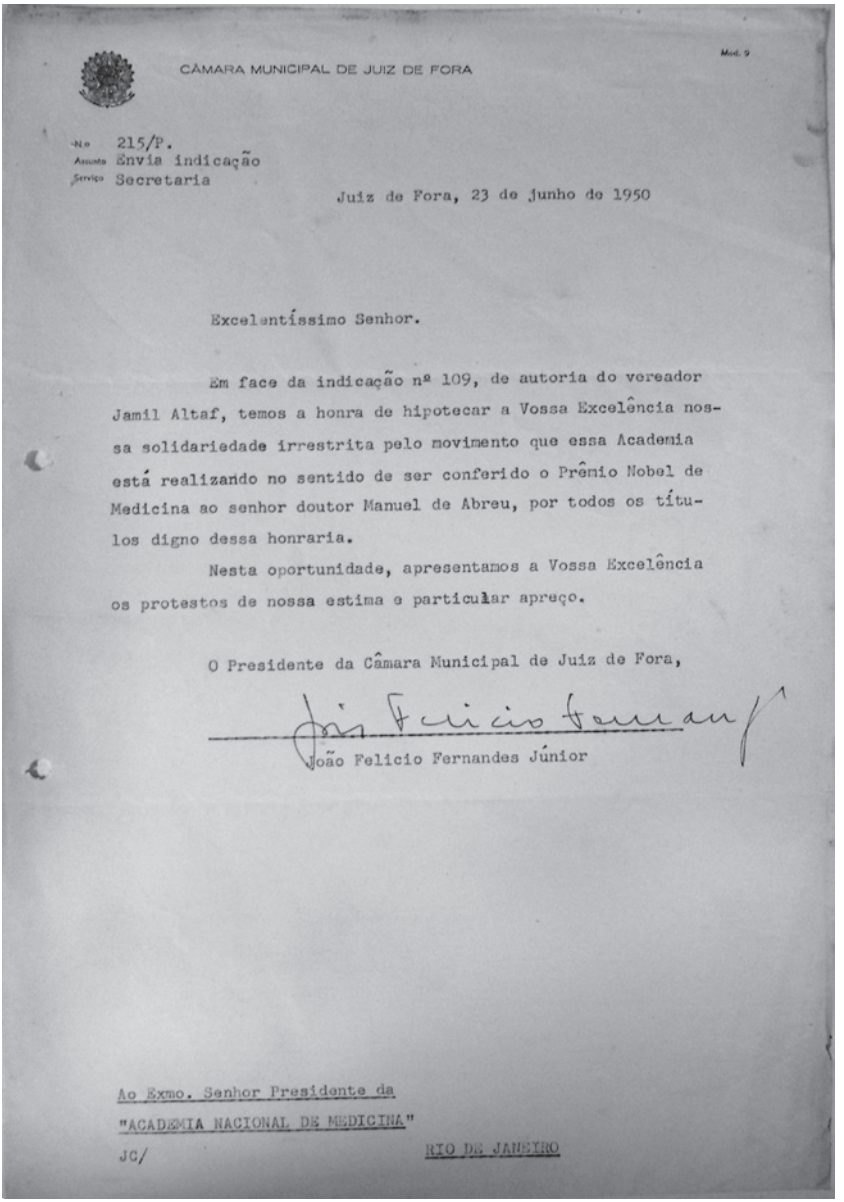
Na Cidade Luz aproveitou para visitar o Hotel-Dieu, onde, no passado, se encontrou pela primeira vez com Augustin Nicolas Gilbert. Entrou na sala onde ainda jovenzinho assistia às aulas desse professor, a quem coube iniciá-lo na medicina parisiense. Isso já fazia mais de quarenta anos. Foi tomado de saudades. O mestre já não estava mais lá, havia morrido em 1927. Tudo parecia diferente, com exceção das imagens de Armand Trousseau e de seu discípulo favorito Georges Dieulafoy, que seguiam ornando a secular parede como outrora. "Os retratos ali continuam, mais pálidos, mais distantes, como se nada houvesse mudado, embora tudo tenha mudado na medicina", definiu Abreu aquele momento de pura nostalgia, em que sentira saudades dos agitados anos de guerra e de descobertas.

E é assim, tomado pelas recordações e envolto de homenagens e questionamentos sobre sua invenção, que Abreu vê, pouco a pouco, os anos passarem. No mesmo Congresso de Paris, naquele ano de 1956, acompanha a discussão sobre o aparelho abreugráfico e seu custo-benefício, que já não parecia tão atraente quanto era nos seus primórdios. O debate em solo parisiense, no entanto, era apenas uma brisa do que, tempos depois, se tornaria um vendaval, que varreria em definitivo a abreugrafia da rotina médica.

Os burburinhos, no entanto, não tirariam o brilho e a importância de sua contribuição junto à medicina. Dois anos depois, já com 67 anos, participa do último grande evento no Velho Mundo. Em Estocolmo (Suécia), em 1958, é novamente escolhido como o presidente de honra do III Congresso Internacional de Radiologia. Ocupa a função demonstrando o mesmo carisma e agudeza de pensamento que o caracterizaram ao longo de 45 anos de sacerdócio dedicado ao combate de um dos principais flagelos que já assolaram a humanidade.

Nas palavras do contemporâneo britânico C.M. Smith, a radiologia em massa era um dos mais importantes instrumentos

de prevenção e isso por si só já bastaria para que o nome de Abreu fosse "incluído na relação de honra dos grandes batalhadores contra tuberculose". O período que vai de 1950 até o ano de sua morte, em 1962, representa o momento em que ele foi mais homenageado e condecorado. Foram mais de duas dezenas de eventos desse tipo. Era apenas o reconhecimento de sua obra. Gostava disso. Fizera por merecer.



CÂMARA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA

Mod. 9

Nº 215/P.
Assunto Envia indicação
Serviço Secretaria

Juiz de Fora, 23 de junho de 1950

Excelentíssimo Senhor.

Em face da indicação nº 109, de autoria do vereador Jamil Altaf, temos a honra de hipotecar a Vossa Excelência nossa solidariedade irrestrita pelo movimento que essa Academia está realizando no sentido de ser conferido o Prêmio Nobel de Medicina ao senhor doutor Manuel de Abreu, por todos os títulos digno dessa honraria.

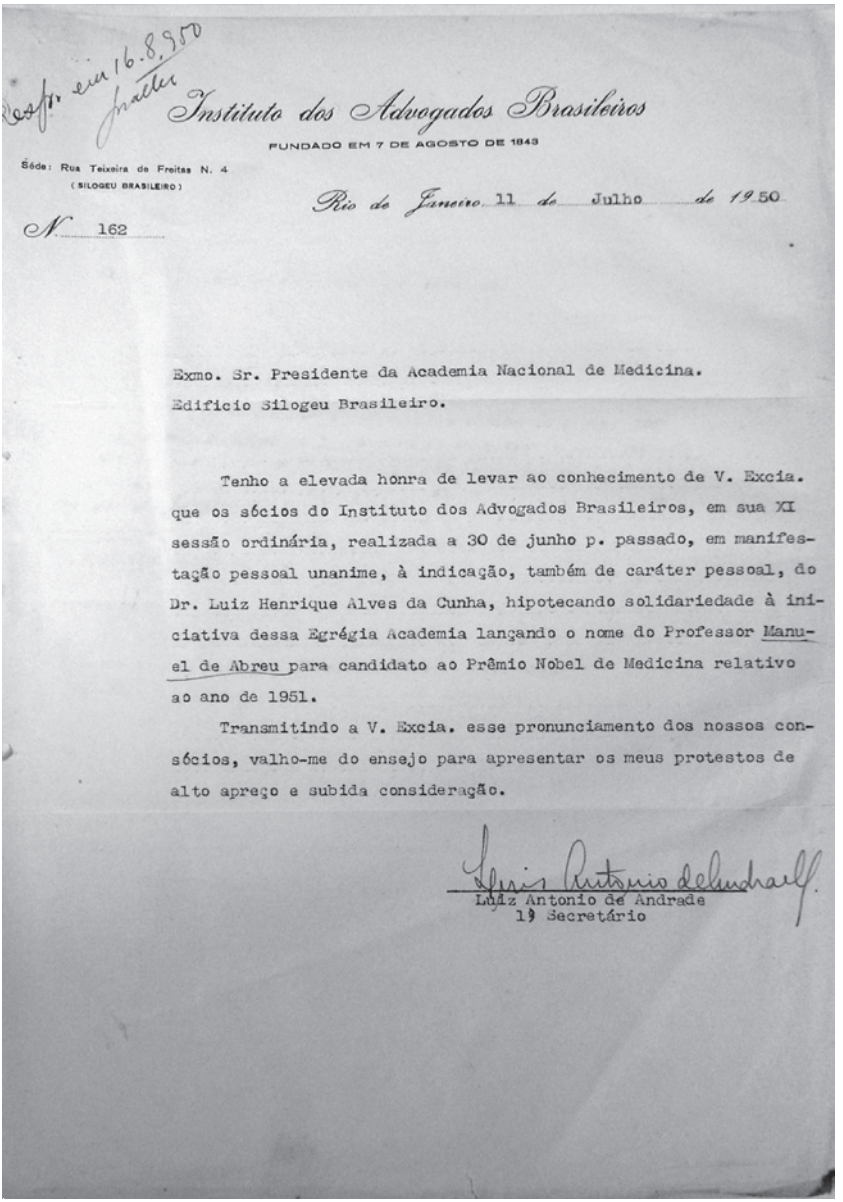
Nesta oportunidade, apresentamos a Vossa Excelência os protestos de nossa estima e particular apreço.

O Presidente da Câmara Municipal de Juiz de Fora,

João Felicio Fernandes Júnior

Ao Exmo. Senhor Presidente da
"ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA"
JC/ RIO DE JANEIRO

Não faltaram apoiadores à causa do Nobel para Abreu; até a Câmara de Juiz de Fora empunhou essa bandeira



Resp. em 16.8.950
Inaller

Instituto dos Advogados Brasileiros

FUNDADO EM 7 DE AGOSTO DE 1843

Séde: Rua Teixeira de Freitas N. 4
(SILOGEU BRASILEIRO)

Rio de Janeiro 11 de Julho de 1950

N. 162

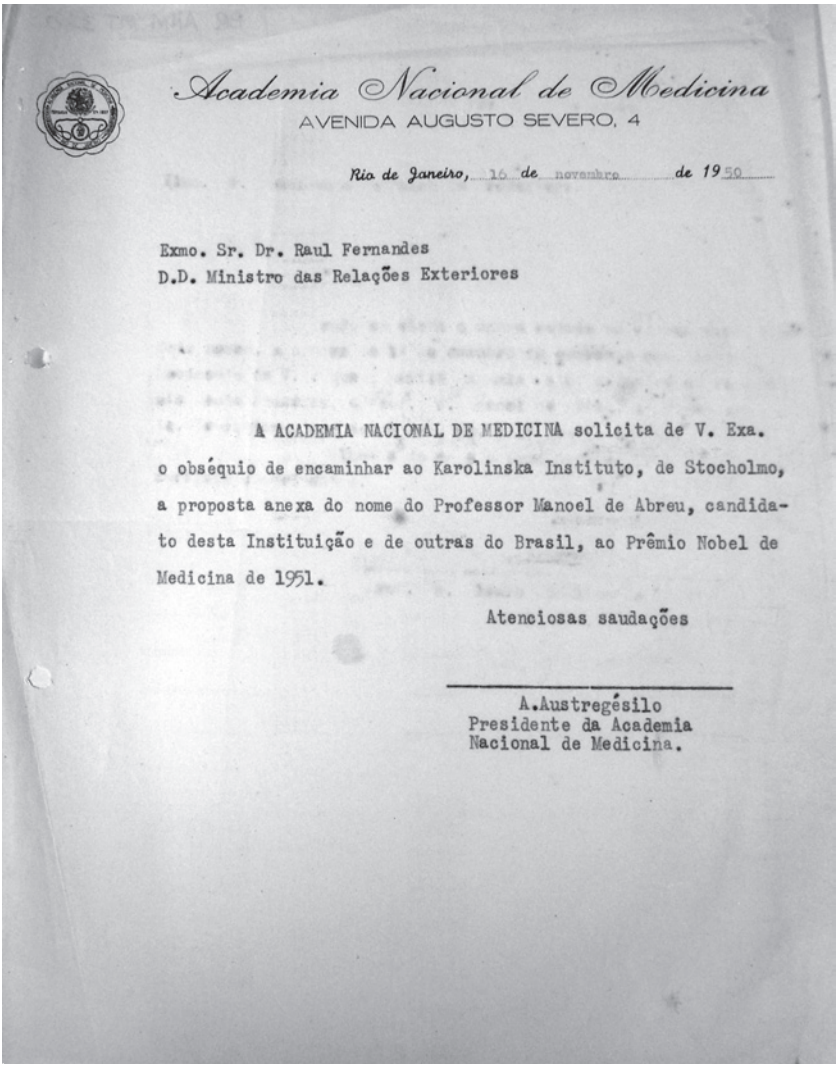
Exmo. Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina.
Edificio Silogeu Brasileiro.

Tenho a elevada honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que os sócios do Instituto dos Advogados Brasileiros, em sua XI sessão ordinária, realizada a 30 de junho p. passado, em manifestação pessoal unanime, à indicação, também de caráter pessoal, do Dr. Luiz Henrique Alves da Cunha, hipotecando solidariedade à iniciativa dessa Egrégia Academia lançando o nome do Professor Manuel de Abreu para candidato ao Prêmio Nobel de Medicina relativo ao ano de 1951.

Transmitindo a V. Excia. esse pronunciamento dos nossos consócios, valho-me do ensejo para apresentar os meus protestos de alto apreço e subida consideração.

Luiz Antonio de Andrade
1º Secretário

Em carta, o Instituto de Advogados do Brasil expressa o mesmo desejo de ver Abreu premiado na Suécia



Academia Nacional de Medicina
AVENIDA AUGUSTO SEVERO, 4

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1950

Exmo. Sr. Dr. Raul Fernandes
D.D. Ministro das Relações Exteriores

A ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA solicita de V. Exa. o obséquio de encaminhar ao Karolinska Instituto, de Stocholmo, a proposta anexa do nome do Professor Manoel de Abreu, candidato desta Instituição e de outras do Brasil, ao Prêmio Nobel de Medicina de 1951.

Atenciosas saudações

A.Austregésilo
Presidente da Academia
Nacional de Medicina.

A Academia Nacional de Medicina pressiona o então ministro das Relações Exteriores, Raul Fernandes, a oficializar o nome do "candidato" Abreu ao Nobel

TELEPHONE
MOHAWK 4-0094

CABLE ADDRESS
AMCHEST

AMERICAN COLLEGE OF CHEST PHYSICIANS
An International Society

112 EAST CHESTNUT STREET • CHICAGO 11, ILLINOIS, U. S. A.

Executive Director
MURRAY KORNFELD

Executive Assistants
HARRIET L. KRUSE
MARGARET ROGERS
SAMUEL N. TURIEL

May 8, 1956

Professor Manoel de Abreu
Flamengo, 268
Rio de Janeiro, Brazil

Dear Professor de Abreu:

Enclosed you will please find a clipping from "Scope Weekly" which is published by The Upjohn Company and which I thought would be of interest to you.

It is quite possible that when this reaches you, you will still be in Europe and if so, I trust you will remain there long enough to help us celebrate the Fourth International Congress on Diseases of the Chest in Cologne, Germany, August 19-23.

I am sure that the Congress in Paris on Medical Radiophotography was a success and I know that your participation in this important congress was most beneficial.

Judy and I often speak of you and Dulce and we join in sending both of you our kindest personal regards.

Sincerely yours,

Murray

Murray Kornfeld
Executive Director

MK/sp

JAMES H. STYGALL*
INDIANAPOLIS, INDIANA
President

HERMAN J. MOERSCH*
ROCHESTER, MINNESOTA
President-Elect

BURGESS L. GORDON*
PHILADELPHIA, PENNSYLVANIA
First Vice-President

DONALD R. MCKAY*
BUFFALO, NEW YORK
Second Vice-President

CHARLES K. PETTER*
WAUKEGAN, ILLINOIS
Treasurer

ALBERT H. ANDREWS*
CHICAGO, ILLINOIS
Assistant Treasurer

BOARD OF REGENTS
JOHN F. BRIGGS, MINNESOTA, *Chairman**

DONATO G. ALARCON, MEXICO
CARLOS ARBOLEDA DIAZ, COLOMBIA
CARL C. AVEN, GEORGIA
JOSE IGNACIO BALDO, VENEZUELA
ANDREW L. BANYAI, WISCONSIN
ETIENNE BERNARD, FRANCE
OTTO L. BETTAG, ILLINOIS
LUCIEN BRULL, BELGIUM
MIGUEL CANIZARES, PHILIPPINES
JOHN S. CHAPMAN, TEXAS
DEAN B. COLE, VIRGINIA
CLARENCE CRAFOORD, SWEDEN
ANTONIO CRESPO ALVAREZ, SPAIN
MANOEL DE ABREU, BRAZIL
L. D. EERLAND, HOLLAND

SEYMOUR M. FARBER, CALIFORNIA*
M. JAY FLIPSE, FLORIDA
OVIDIO GARCIA-ROSELL, PERU
CARL H. GELLENTHIEN, NEW MEXICO
BENJAMIN GOLDBERG, CALIFORNIA
ALFRED GOLDMAN, MISSOURI
FERNANDO D. GOMEZ, URUGUAY
EDWARD A. GRECO, MAINE
ALVIS E. GREER, TEXAS
W. COTTER HARVEY, AUSTRALIA
EDWARD W. HAYES, SR., CALIFORNIA
JOACHIM HEIN, GERMANY
WILLARD B. HOWES, MICHIGAN
WILLIAM A. HUDSON, MICHIGAN
CHEVALIER L. JACKSON, PENNSYLVANIA

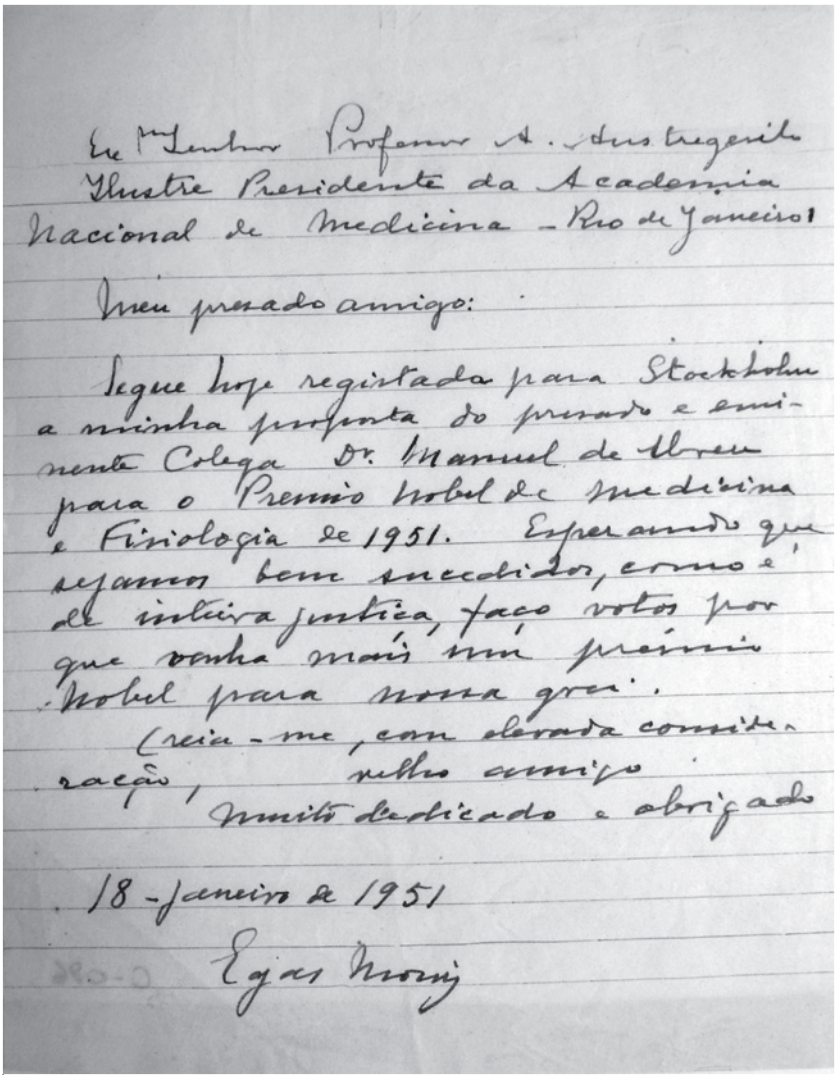
HOLLIS E. JOHNSON, TENNESSEE
HAROLD I. KINSEY, CANADA
WILLIAM LOEFFLER, SWITZERLAND
LOPO DE CARVALHO, PORTUGAL
AFFONSO MACDOWELL, BRAZIL
DAVID P. MARAIS, SOUTH AFRICA
SHELLEY U. MARIETTA, WASH., D.C.
A. VICENTE MASTELLARI, PANAMA
GUSTAV MAURER, SWITZERLAND
EDGAR MAYER, NEW YORK
EUGENIO MORELLI, ITALY
JAY ARTHUR MYERS, MINNESOTA
ANTONIO NAVARRETE, CUBA
JAMES M. ODELL, OREGON
N. OEKONOMOPOULOS, GREECE

WILLIAM E. OGDEN, CANADA
JO ONO, JAPAN
H. ORREGO PUELMA, CHILE
RICHARD H. OVERHOLT, MASS.
J. WINTHROP PEABODY, SR., WASH., D.C.
JOSEPH C. PLACAK, SR., OHIO
JAIME F. POU, PUERTO RICO
GUMERSINDO RAYAGO, ARGENTINA
JUAN TANCA MARENGO, ECUADOR
RICHARD R. TRAIL, GREAT BRITAIN
RAMAN VISWANATHAN, INDIA
HASTINGS H. WALKER, HAWAII
DAVID H. WATERMAN, TENNESSEE
IRVING WILLNER, NEW JERSEY
A. OMODEI ZORINI, ITALY

*Executive Council

DISEASES OF THE CHEST - The official Journal of the College

Respeitada entidade americana, que congregava especialistas em doenças torácicas, convida Abreu para mais um dos seus disputados congressos



Ex.mo Senhor Professor A. Austregesilo
Ilustre Presidente da Academia
Nacional de Medicina - Rio de Janeiro

Meu prezado amigo:

Segue hoje registada para Stockholm a minha proposta do prezado e eminente Colega Dr. Manuel de Abreu para o Premio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1951. Esperando que sejamos bem sucedidos, como é de inteira justiça, faço votos por que venha mais um premio Nobel para nossa grei.

Creia-me, com elevada consideração, velho amigo
muito dedicado e obrigado

18 - janeiro de 1951

Egas Moniz

Embora a indicação devesse ser secreta, o português Egas Moniz revela em carta à ANM a quem coube sua recomendação

Dr. Robert Anderson, à esquerda, e Abreu, ao centro, durante visita a Los Angeles, em junho 1950

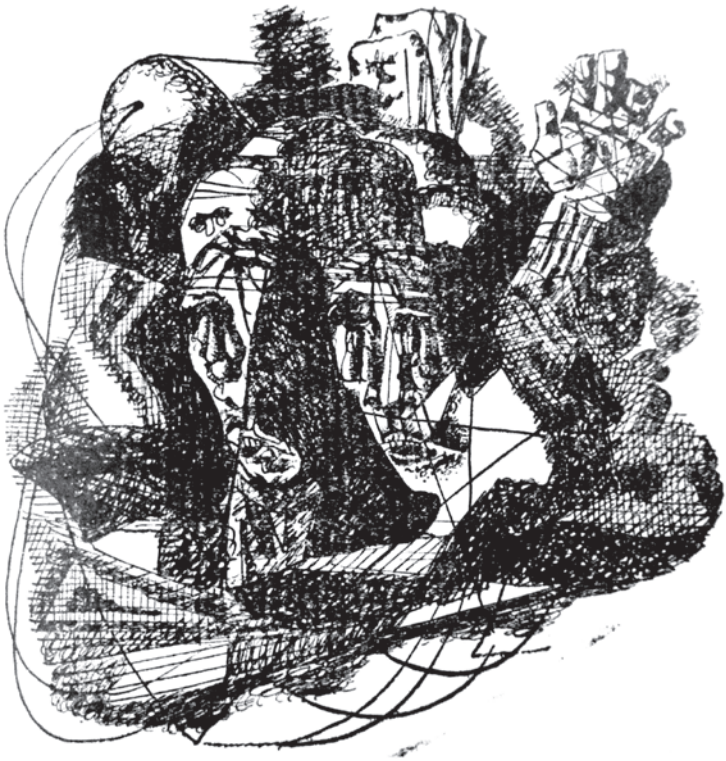


Ilustração do amigo Candido Portinari para o livro *Mensagem Etérea*, de 1945

O poeta

Em uma sala silenciosa e parcialmente escura, um homem, debruçado sobre a mesa, desliza sua caneta em um pequeno pedaço de papel. Sem seguir regras, padrões ou estilos literários, ele simplesmente rascunha fragmentos de experiências, pensamentos, emoções e sentimentos. Ali ele se revela, se desnuda, mostra a quem quiser ver o que pensa e o que sente. Em um jogo ardiloso de palavras, escreve versos onde brinca, protesta, expõe seus dilemas e homenageia as duas mulheres de sua vida (a mãe e a esposa) e outras pessoas queridas, como o pai, o sogro, Charles Evers, o avô materno, o capitão Francisco Antonio Dias, e outros nomes como Pedro Ernesto, Ronald de Carvalho, Filippe d'Oliveira e a Aguinaldo Lins.

Sim, o médico Manoel de Abreu, dono de uma mente tão profícua e multifocal, aproveitava o intervalo de um livro científico e outro para escrever poesias, hábito que cultivou a vida inteira. Por isso, era comum flagrá-lo em seu consultório, com lápis e folha sobre a mesa, dando vazão às suas criações. Não gostava de apresentá-las a ninguém. Porém, como vivia cer-

cado de amigos poetas, jornalistas, cronistas, críticos literários e escritores, nunca lhe faltou quem o incentivasse a seguir em frente e publicá-los.

Por conta disso, apesar da agenda repleta de compromissos e atividades, acabou encaixando em sua rotina um espaço especial para a poesia. Pertenceu à Fundação Graça Aranha, responsável por um dos mais prestigiados prêmios literários da época (que consagrou figuras como Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Jorge Amado e José Lins do Rego) e fez parte da Sociedade Felippe d'Oliveira, dedicada ao culto e à memória deste poeta gaúcho, morto em um acidente de carro em Paris, em 1933. Criada em agosto daquele mesmo ano, e tendo Abreu como um dos 15 membros fundadores, essa última foi responsável por unir influentes nomes das letras, tais como Manuel Bandeira, Álvaro Moreyra, Ronald de Carvalho, Alceu Amoroso Lima, Augusto Frederico Schmidt, Afonso Arinos de Mello Franco e Otávio Tarquinio de Souza. Essa nata literária também se encontrava durante eventos importantes, como recepções e homenagens a figurões do porte do milionário norte-americano Nelson Rockfeller e do diplomata e historiador espanhol Salvador de Madariaga.

Mas a ocasião mais aguardada no ano na Sociedade Felippe d'Oliveira era a divulgação e entrega do prêmio ao escritor de destaque do ano anterior. O valor da premiação era um atrativo à parte, Cr$ 10 mil, uma pequena fortuna na época, feito que atiçava uma grande atenção da imprensa. Para a escolha, os sócios se reuniam e indicavam suas preferências, sem a necessidade de candidatura ou inscrição prévia. Assis Chateaubriand, magnata brasileiro das comunicações e um dos que integravam o seleto grupo de intelectuais, dava grande destaque ao evento em seus veículos de comunicação. E tamanha divulgação e repercussão faziam daquele prêmio um momento único das letras nacionais e um distintivo de valor para qualquer autor, como Gilberto Freyre, agraciado em 1935 por seu "Casa Grande & Senzala".

Por isto, ter a sua obra publicada no boletim anual da Sociedade Felippe d'Oliveira era sinônimo de prestígio e reconhecimento de dever cumprido. E foi exatamente este reconhecimento que Manoel de Abreu sentiu ao saber que a publicação inaugural, lançada em 1934, trazia duas obras de seu terceiro livro de poesias, *Poemas Sem Realidade*, editado pela São Paulo Editora e ilustrado pelo próprio autor. Eram elas "Humildade" e "O Jogador". No primeiro, dedicado a Dulcie, faz um apelo à esposa:

> "Nada mais desejo,
> Além da humildade e da ternura.
> Aperta a minha mão
> Na tua mão pequena e honesta.
> Vem comigo,
> Longe do mundo, longe do rancor
> E da hipocrisia."

Percebe-se ali um texto fluido, não preso a rimas e métricas. Abreu opta pelo poema em prosa, característica também observada em Baudelaire, estilo que exige, conforme o especialista Alfredo Bosi, uma força rara de fantasia para compensar a indefinição ou a vaguidade do discurso não rítmico. Também é possível perceber, devido ao contexto social, histórico e cultural ao qual estava inserido, que sua obra sofreu influências do Modernismo tanto com relação à forma (versos assimétricos e linguagem próxima à prosa de ficção) quanto com relação à temática (nacionalista, social). No entanto, alguns trechos são marcados por aspectos do Simbolismo, principalmente com relação ao subjetivismo, o mergulho no inconsciente, a introspecção e a criação de uma atmosfera de mistério.

Quando questionado sobre porque escrevia, o Abreu poeta dizia fazer isso para simplesmente encontrar a paz. Sua poesia seria a fuga de uma realidade que o incomodava, mas que não

tinha coragem de mudar. Ele mesmo se qualificou como acomodado neste sentido. Dessa forma, seu lado lírico é revelador. Ao mergulhar no mundo dos devaneios e das palavras, mostra-se um homem muitas vezes agoniado por "sofrimentos obscuros", martirizado pelo remorso, descrente, crítico, pueril em alguns momentos, mas, ainda assim, que não abre mão da esperança de seu resgate como um último ato de sua existência. "Abstraído, longe da minha própria personalidade, eu encontrei o ritmo e a beleza de um mundo frio e estranho, mistura de nostalgia e aspiração, um mundo de sombras fatigadas de perfeição, mas não encontrei a paz", escreve no prefácio de um dos seus livros.

E foi dessa maneira, abstraída e até mesmo inesperada, que foram produzidas obras marcantes e reveladoras. De sua autoria foram publicados, além de *Poemas Sem Realidade*, *Não Ser* (1924), *Substância* (1928), ilustrado por Di Cavalcanti, *Meditação* (1936) e *Mensagem Etérea* (1945), sendo os dois últimos ilustrados por Cândido Portinari. Contudo, apesar de generosa, sua produção nunca chegou a ser popular. "Manoel de Abreu foi um poeta, um poeta dos grandes, inteligência multiforme, espírito inquieto, vivendo em permanente abstração. Por tudo se interessou e tudo que dele partia era sob a forma de poesia", destacou Darcy Soares, em discurso proferido por ocasião da morte do amigo. Para Soares, Abreu foi um poeta dentro e fora da medicina, sendo a abreugrafia seu poema épico.

De fato, aquele paulista de alma francesa encontrou a poesia muito antes de se entregar à medicina. Seu caráter dinâmico e sonhador sempre fora alimentado pelo culto ao belo, seja na forma de poesia, seja na pintura ou música. Era íntimo das letras e das artes como denunciam aqueles que o conheceram, nunca deixando que o arguto e combativo cientista camuflasse plenamente o ser sensível às emoções artísticas.

Sua inspiração, como nunca escondeu, veio dos versos do francês Charles Baudelaire, do português Antero de Quental e

do norte-americano Walt Whitman. Bebeu primariamente nestas fontes para trabalhar seus temas favoritos, como sofrimento, amor, ilusão humana, melancolia, remorso e ternura, de forma abstrata e transcendente. Para tanto, abusa da palavra sombra ou sombrio, revelador do seu próprio estado de espírito quando escreve. Assim, são lapidadas frases como "o sofrimento dos homens se esvai na sombra", "a perfeita beleza se oculta na sombra" ou "em mim, a descrença é sombra."

Manoel de Abreu evolui como poeta e de fato se torna um. O amadurecimento do homem e do profissional eleva também a sua veia artística, criando seu próprio estilo e merecendo tal status, conforme sinaliza o amigo, poeta, cronista e jornalista Álvaro Moreyra ao prefaciar "Meditação", seu quarto livro. "O poeta Manoel de Abreu tem sua a própria aparência de homem. Chegou. O que se anunciava. O que vinha vindo na profecia de seus livros anteriores. Aquele que não sumiu no 'vale triste'. Chegou ao mundo." E, para completar, dá sua sentença sobre o trabalho que tem em mãos: "Certas 'Meditações' são obras-primas. Obras-primas de um homem direito, do poeta na cidade dos homens. E misturado com os homens."

Os versos livres nada mais são do que a tradução para outra linguagem de sua forte base filosófica. É ora trágica ora nostálgica. "Eu, por mim, escrevi poemas em parte compreensíveis, que me deixaram apenas uma impressão de melancolia. São pueris, raramente odiosos", autoanalisa o médico-poeta. Em "Fome", dedicada ao casal Eugênia e Álvaro Moreyra, escreveu de maneira quase profética:

"No fim da vida,
No meu último instante
A piedade me vencerá.
Morrerei no seio da indulgência
A piedade me vencerá.
No meu semblante nada mais terei,
Nada mais, senão piedade."

A consciência de ser humano perecível margeou algumas de suas obras. À mãe escreveu:

"Mais tarde eu também partirei
Deixando o amor,
Partirei pensando
Em si.
Ah! Não, minha mãe,
Não queria não que fosse
Assim."

Era o poeta Abreu que sofria diante de sua própria pequenez. Não tinha dúvidas do seu legado para a humanidade, mas se inquietava por ver que sucumbiria diante do peso implacável do tempo e da história. "Hoje, apesar de grande, eu me sinto bem pequeno", lamenta no mesmo poema à dona Mercedes. Abreu, como todo bom poeta, sofre e transforma sua angústia em letras, que o tempo caprichosamente desbotou e escondeu em livros hoje envelhecidos e empoeirados, que ao serem abertos trazem à tona parte um homem vivo, que eternizou em versos fragmentos de sua preciosa memória. E parte desse talento pode ser apreciada nos exemplos a seguir:

O Jogador[1]

Nasceu jogador.
Todos em casa jogavam,
o pae, a mãe, o avô,
a avó já falecida,
o irmão mais velho e o mais moço,
um guri viciado.

1. Todos os textos são originais, seguindo a ortografia da época e conforme se encontram publicados nas respectivas obras. Portanto, que o leitor não estranhe a ausência de acentuação e grafia ligeiramente diferente em algumas palavras.

Jogava
e ganhava.
Diziam: que sorte!
Jogava outra vez
e ganhava.
No amor, na profissão, no esporte,
arriscava a própria vida
e pan! Ganhava.
Que sorte!
Ganhou,
ganhou,
ganhou.
Era demais.
Só perdeu
uma vez.
Foi a ultima que jogou.
Perdeu tudo o que tinha
e mesmo o que não tinha.
Todos disseram:
Coitado!

Fonte: Poemas sem Realidade

Humilde

Nada mais desejo,
alem
da humildade e da ternura.
Aperta a minha mão
na tua mão pequena e honesta.
Vem comigo,
Longe do mundo, longe do rancor
e da hipocrisia.

Então, veremos passar
a torrente alucinada
que a ambição chicotea.
O veneno do odio
encherá este vale triste,
onde as arvores mergulham as raízes
sedentas
e o sonho de fraternidade humana
Parece pequeno, miserável,
Quasi grotesco.

Tudo passa,
ilusão breve dos vinte anos.
O odio sobe,
mais grosso, mais acre, mais
impaciente,
sobe e embacia a vidraça
do nosso refugio

O orgulho e o tedio
glorificam
os poderosos de uma tarde.
Mulheres se vendem
para subir,
homens para descer,
ambos procuram a mesma volúpia
do desprezo.

Mas tu me darás
o sossego
da tua resignação,
O silencio da tua pureza,
me darás o mistério
que é teu
e está acima de ti mesmo,
o mistério humano da beleza
e do amor.

Sentirei contigo a piedade
desta sombra,
a libertação da tua doçura, realizarei o meu verdadeiro destino,
não possuir,
não vencer,
não odiar,
apenas viver,
humilde, feliz, desconhecido,
no estreito limite que separa
o teu corpo do meu.

Fonte: Poemas sem Realidade

Indefinível

Não sei onde começa e onde termina a virtude.
O mundo nasce obscuro e montanhoso, sem limite
Preciso,
Sob a bruma da emoção
Estou de joelhos e rezo baixinho.
A realidade prodigiosa se move no silencio
e na sombra.
Ninguem sobe na minha vida breve e sem finalidade.
Meus joelhos se apoiam nas margens de um rio
de homens afogados,
de homens que se afastaram da beleza e da paz.
As águas obedecem e adoram.
Os gigantes da floresta obedecem e adoram.
Minha voz é o murmúrio de um fio d'agua,
sob a luz do sol.
Mas o firmamento e o sol se separam de mim,
A beleza e a virtude também se separam de mim.
São os pensamentos que fogem, aves inquietas,
perseguidas, cansadas,

Fogem na direção da eternidade.
Eu não compreendo,
pareço um homem de pedra,
tenho o perfil de um bruto, a candura de um bruto.
Mas creio. Fui feito para crer.
As minhas noites são de obediência,
os meus dias de adoração.
Creio no indefinível.

Fonte: Meditação

Depois da Vida

Esta noite é uma noite de eternidade.
Os vivos amam, os mortos ressuscitam.
Recebemos na face a doce carícia das almas
que passam na sombra iluminada.
A solidão palpita de vozes humanas.
Sentimos o aroma das coisas que sempre existiram,
dos sentimentos que não morrem no coração.
Sob o esplendor sereno do firmamento
os amantes de outrora voltam misteriosamente,
Voltam mais ardentes.
O amor começa onde começa a eternidade.
No rumor do mar noturno, amam de novo
os que amaram,
e os felizes que não amaram, amam pela primeira vez.
Esta clara noite enluarada é a noite eterna.
Estamos em companhia de seres amigos,
Cuja ternura renasce em nossa própria ternura.
Sentimos a carícia numerosa dos que sonharam,
dos que amam depois da vida.

Fonte: Mensagem Etérea

Sombra

Eu sou apenas a Sombra, quasi nada.
Minha mão fria pousa no coração dos que sofrem,
meu corpo de veludo envolve o firmamento.
Onde eu passo a luz se apaga, as aves
cessam de cantar,
a ilusão se esvai para sempre.
Não tenhas medo, eu sou apenas a tua sombra,
quasi nada.
Minha mão fria pousa no jardim,
Na areia fina da praia, no pensamento
Sem começo e sem fim.
Não procures fugir, não chores,
eu sou a essência do amor e da vida.
Eu sou o último sonho da vida, quasi nada.
Minha face escura não tem olhos, não tem lábios
não tem hipocrisia,
eu vivo na alegria da tua bem amada,
Eu vivo na beleza da tua bem amada.
Ouve a minha voz de feiticeira e de anjo
da guarda,
recebe a minha carícia inútil,
eu só existo: a esperança é a leve sombra
Da minha sombra, quasi nada...

Fonte: Mensagem Etérea

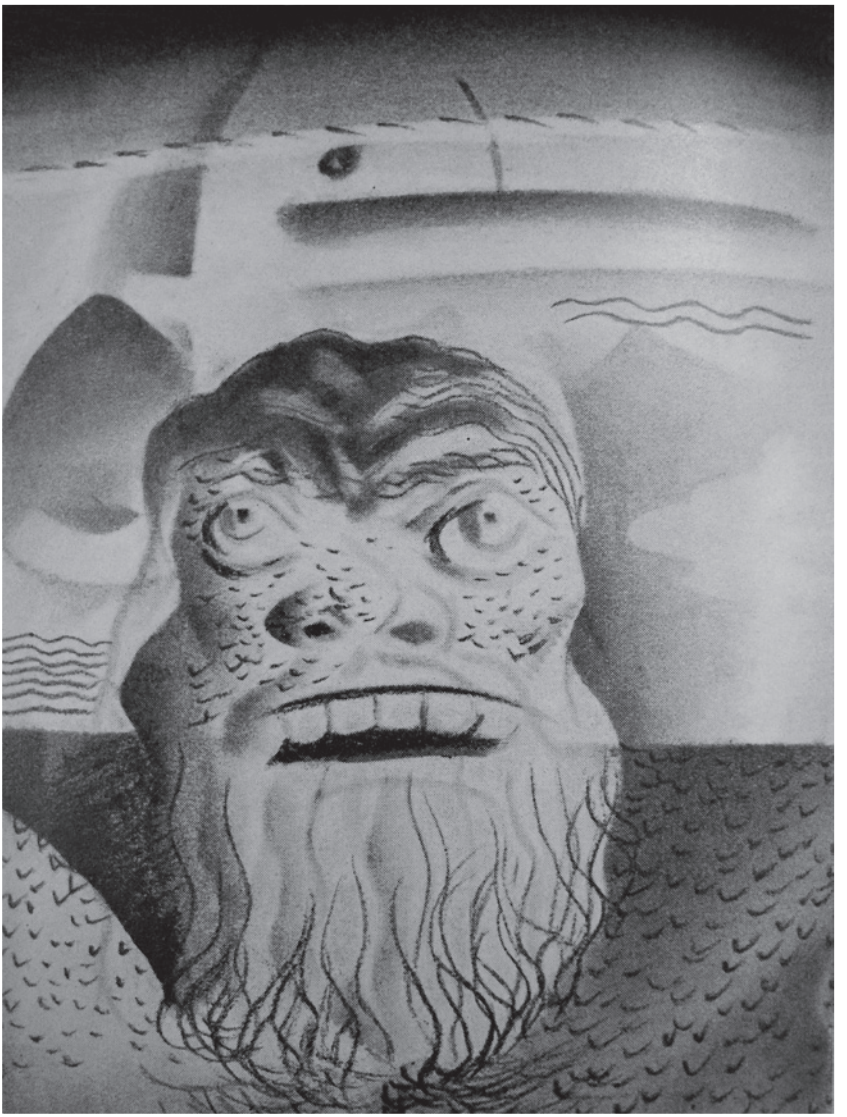


Ilustração de Portinari que acompanha o poema "Angústia do homem primitivo", do livro *Meditação*

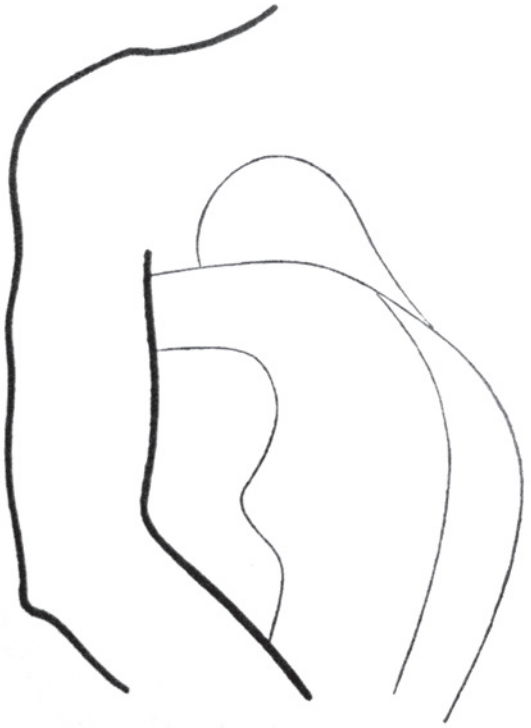
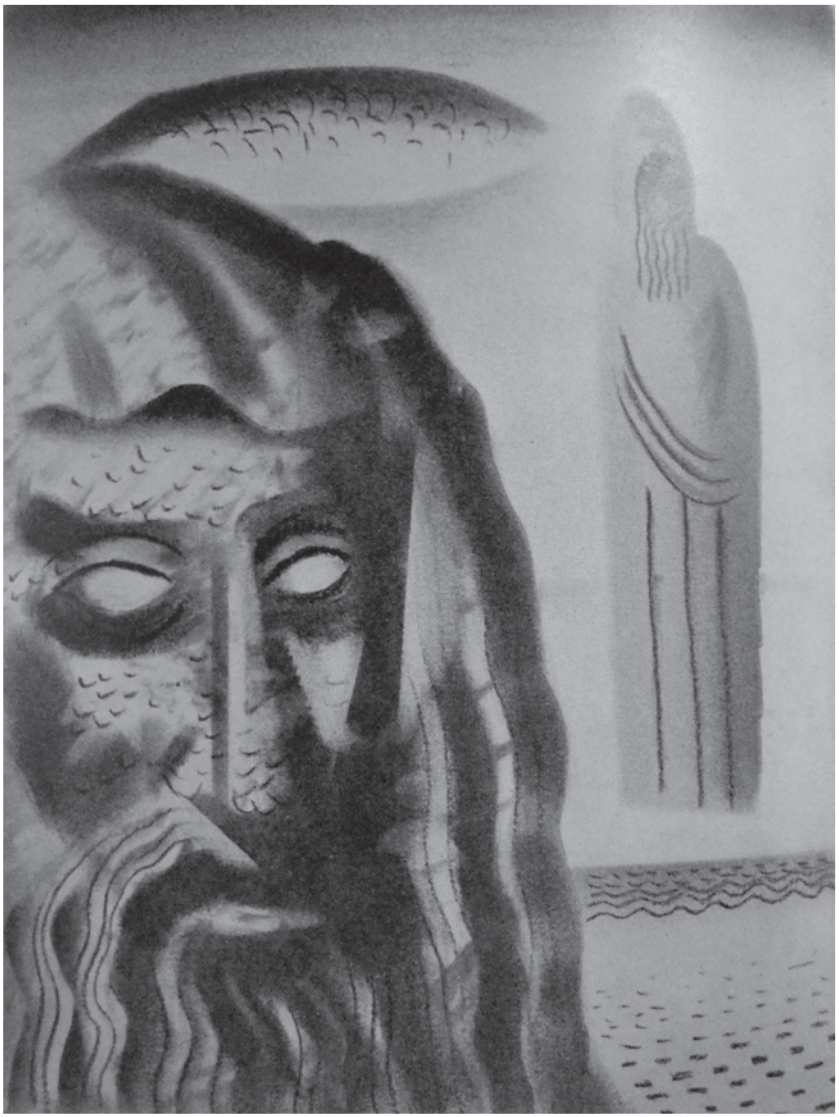
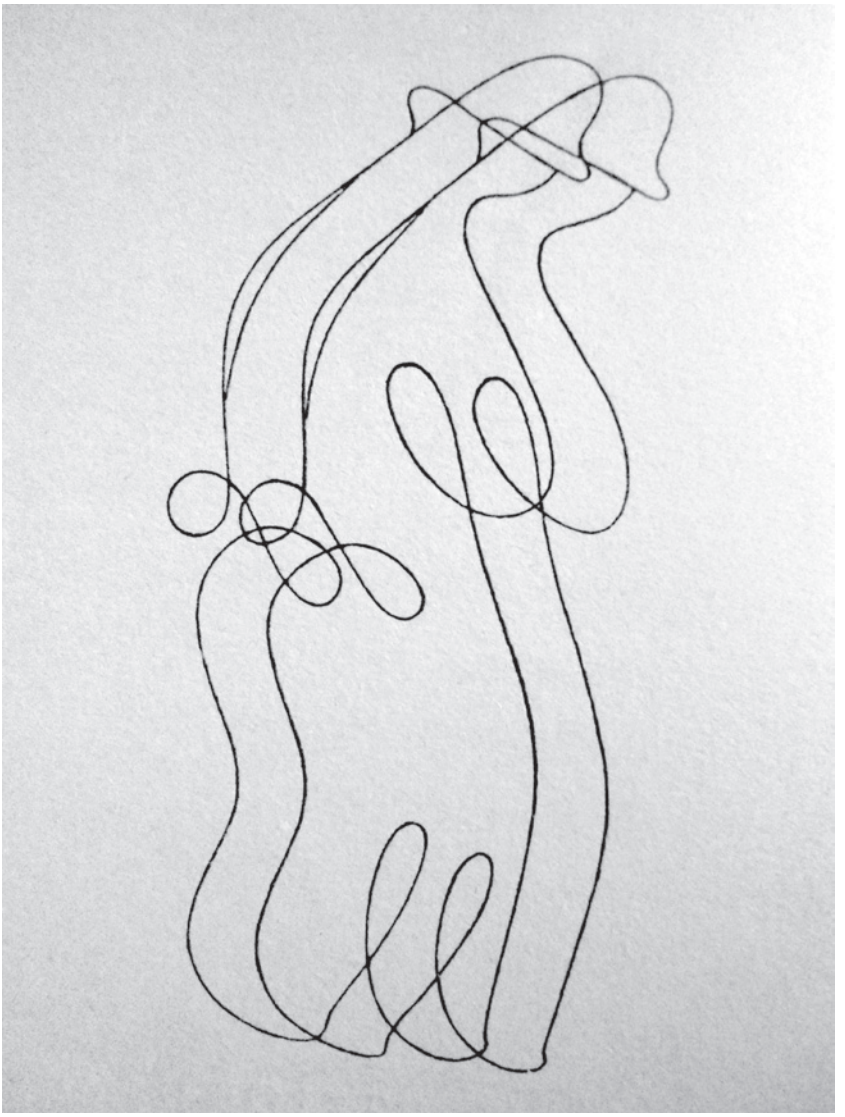


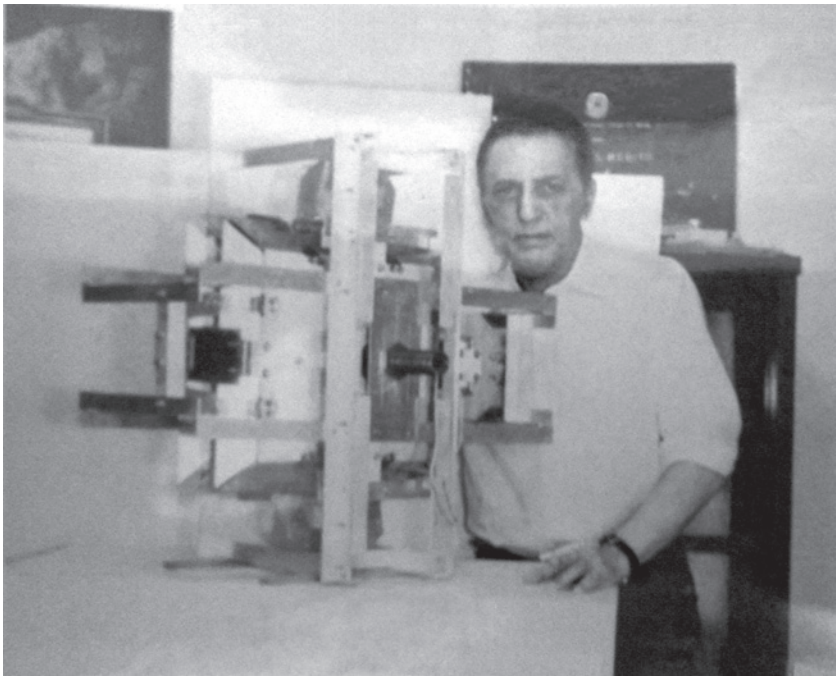
Ilustração com traço modernista do próprio Abreu, para representar o poema "Humilde", no livro *Poemas sem realidade*



"A montanha prometida", do livro *Meditação*, na concepção de Portinari



Representação de Abreu para o poema "Operários", da obra *Poemas sem realidade*



Abreu diante de um raro trabalho inacabado: um motor hidráulico para gerar energia barata e sem perda

O educador

A redação do vespertino *A Gazeta* ficava na antiga Rua da Conceição, atual Avenida Cásper Líbero, no centro de São Paulo[1]. Ainda era um dos principais jornais da cidade naqueles fins da década de 1950 e sua sede era muito bem frequentada por pessoas influentes, desde políticos e empresários a intelectuais e artistas. Para atender a essa categoria, o secretário Américo Bologna reservava o período da tarde, quando o jornal já estava fechado e nas mãos dos seus leitores por volta de meio dia. Dessa forma, quando Manoel de Abreu entrou na ampla sala encontrou-a praticamente vazia e silenciosa, em nada lembrando o burburinho, a correria e o som frenético das máquinas de datilografia que se verificavam na parte da manhã.

Abreu foi convidado pelo amigo Bologna para falar sobre o Dia da Abreugrafia, instituído em 1958, e da conversa inteligente e demorada saiu com a ideia de escrever um ensaio, em que apresentaria suas considerações sobre educação e desenvolvi-

1. O atual edifício que sedia a Fundação Cásper Líbero só foi inaugurado em 1966.

mento. Não era algo novo para ele. O quadro de atraso brasileiro diante das grandes potências mundiais era uma questão que sempre o incomodou, o que fez com que buscasse ao longo da vida uma explicação para isso. Se na juventude culpou o nosso clima tropical, que com suas temperaturas abrasadas impediam o trabalho e o desenvolvimento, em princípios da década de 1960 o vilão era outro: a educação precária.

Em *Natureza Pobre*, sua tese de doutoramento de 1914, ele já havia criticado o atraso acadêmico e científico do País. Mas esse já era o fim de um longo processo político-educacional. O foco do amadurecido médico e cientista àquela altura era a criança, onde tudo começava. Dessa forma, inspirado no largo emprego da abreugrafia, idealizou o ensino primário em massa, em um tempo em que 60% da população era formada por analfabetos.

O que saúde e educação têm a ver um com ou outro? Para Abreu, são problemas semelhantes e muitas vezes correlatos. "A doença e a ignorância são inaparentes; o homem que desconhece seu próprio estado não pode avaliar os benefícios da saúde e do estudo; em consequência, falta-lhe a indispensável vontade para se defender, procurando o médico ou o professor", teorizou no artigo *Ensino em Massa*, que foi publicado apenas depois de sua morte.

Nele se encontra a gênese de um educador, ora sonhador como fora em toda a sua vida, ora tão profético e atual, para infelicidade daqueles que se preocupam com o tema ou que ainda são vítimas dele. Apenas para usar adjetivos fora de moda, era um nacionalista e patriota, sempre preocupado com o destino do homem brasileiro e que apostava na saúde e na educação como sendo o caminho para o futuro.

Para a primeira questão, respondeu criando a abreugrafia, abrindo posto de exames gratuitos onde havia maior circulação de pessoas. Para a segunda, vislumbrou o investimento no ensino

básico, com o advento do que chamou de escola universal. "Onde está o ignorante está a pequena, a divina escola." Mais uma vez, Abreu está em busca do antídoto para a "barbárie" nacional, que se opunha à civilização americana e europeia. Como gostava de frisar, não era um especialista no assunto, mas tinha por certo que o analfabetismo era o caminho mais curto para a miséria, o que justificava a condição do Brasil de país pobre e atrasado.

"Estou certo de que a alfabetização total e imediata mudará de modo mágico a situação do nosso país e porá termo ao subdesenvolvimento", afirmava. Àquela altura, o Brasil tinha 36 milhões de iletrados. Cinquenta anos depois, esse número baixou para menos da metade, mas ainda restam quase 14 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais[2], algo como a população somada de Dinamarca e Suécia.

Para Abreu, nessa estatística encontra-se a raiz do atraso brasileiro. Diante desse quadro, pouco vale a riqueza do País, pois muitas são as nações que escondem verdadeiros tesouros sobre seus solos, seja na forma de jazidas minerais ou de poços de petróleo, e que ainda assim não conseguem comprar seu passaporte para a "civilização". "É preciso não confundir riqueza e civilização; não há riqueza sem civilização; no entanto, pode existir a mais adiantada civilização sem riqueza", argumenta.

Para justificar, cita como exemplo a Dinamarca, que teve a oportunidade de visitar em 1950. Desde aquela época, o país escandinavo já se destacava nos diferentes índices que medem qualidade de vida, distribuição de renda e geração de riqueza. No lado oposto, aponta os países exportadores de petróleo do Oriente Médio, detentores apenas de uma "riqueza aparente". Segundo Abreu, o drama do Oriente Médio se repete no Brasil, onde as vastas jazidas exploradas têm como destino outros centros industriais, onde movem as engrenagens da civilização.

2. Conforme o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"Não adianta ter, obter ou acumular a riqueza, sem primeiro preparar o homem para recebê-la; de outro modo será um potencial econômico sem dono, sem qualquer sentido humano, de tipo simbólico", destaca Abreu, para quem os fatores educacionais precedem os econômicos. Na sua concepção, quando faltam pessoas preparadas para lidar com a riqueza de um determinado lugar, ela simplesmente se evapora sem se transformar em benefício para a maior parte da população.

A relação entre economia e educação são duas faces da mesma moeda para Abreu. Só se conseguiria construir uma civilização de vanguarda com a presença do homem letrado. Ele escreve isso a partir da análise empírica de que nenhum país do mundo com alta taxa de analfabetismo apresenta economia desenvolvida. Por outro lado, nenhum país "culto" é atrasado economicamente. "Não há países pobres ou subdesenvolvidos, mas países incultos ou subletrados. À medida que a cultura cresce, o seu índice econômico também cresce", defende.

Para o médico, quem quiser mudar uma nação precisa antes mudar o homem; e o caminho para fazer isso passa pela educação. O discurso de meio século atrás ainda soa moderno no Brasil de hoje, em que ainda bastam números isolados do Produto Interno Bruto (PIB) para qualificar um país como rico ou pobre. "Não se pode medir o desenvolvimento de um país estabelecendo a relação entre a produção e o número de habitantes: tal quociente não tem o necessário rigor", critica o radiologista. A constatação vem quatro décadas antes de as Organizações das Nações Unidas criarem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que além da renda *per capita* inclui também outros indicadores sociais, como expectativa de vida e escolaridade.

O pensamento do educador Manoel de Abreu é apenas um reflexo da ideologia do nacional-desenvolvimentismo, que, desde princípios do século XX, promovia a exaltação do civismo e do patriotismo e que via no analfabetismo não apenas uma vergonha

nacional, mas uma verdadeira doença. Portanto, curá-la significava salvar a nação do atraso. Em princípio dos anos 1960, o grande mal a ser vencido era a questão da educação. Afinal, o processo de industrialização, outro pilar do nacional-desenvolvimentismo, já havia se iniciado 30 anos antes, com Getúlio Vargas, e já rendia seus frutos. Além disso, com o governo de Juscelino Kubitschek essa sensação de modernidade se tornava mais evidente. No entanto, uma coisa pouco havia mudado: a grande massa de brasileiros analfabetos, meio-cidadãos, que não tinham direito nem mesmo a voto.[3]

Já quase septuagenário, Abreu se interessa pelo assunto e quer também contribuir com os debates. Dessa vontade de colaborar, debruça também sobre a realidade da educação no País, faz suas considerações e constata que o subdesenvolvimento do Brasil e da América Latina não se dá em função de máquinas obsoletas, mas de homens atrasados. "Antes de qualquer medida no setor econômico é preciso fabricar o homem moderno. A fábrica do homem moderno está na escola, onde o aparelho primitivo, submetido à alfabetização, modifica definitivamente a sua estrutura", orienta.

Sendo assim, seria preciso construir aos montes esse novo homem brasileiro e é para isso que Abreu idealiza o seu plano de alfabetização em massa. Trata-se de uma campanha de ensino maciço, que parte do princípio que onde houver uma criança deve haver uma escola. Para isso, qualquer espaço é uma instituição educativa em potencial, seja casa ou apartamento, garagem ou clube, fábrica ou quartel. Para compor esses lugares, bastariam "um mobiliário simples, modesto, espartano", conforme definição do autor.

Tais afirmações podem fazer corar (de vergonha ou raiva) boa parte dos professores do século XXI, que considera que giz e lousa não são suficientes para promover o ensino. Mas, con-

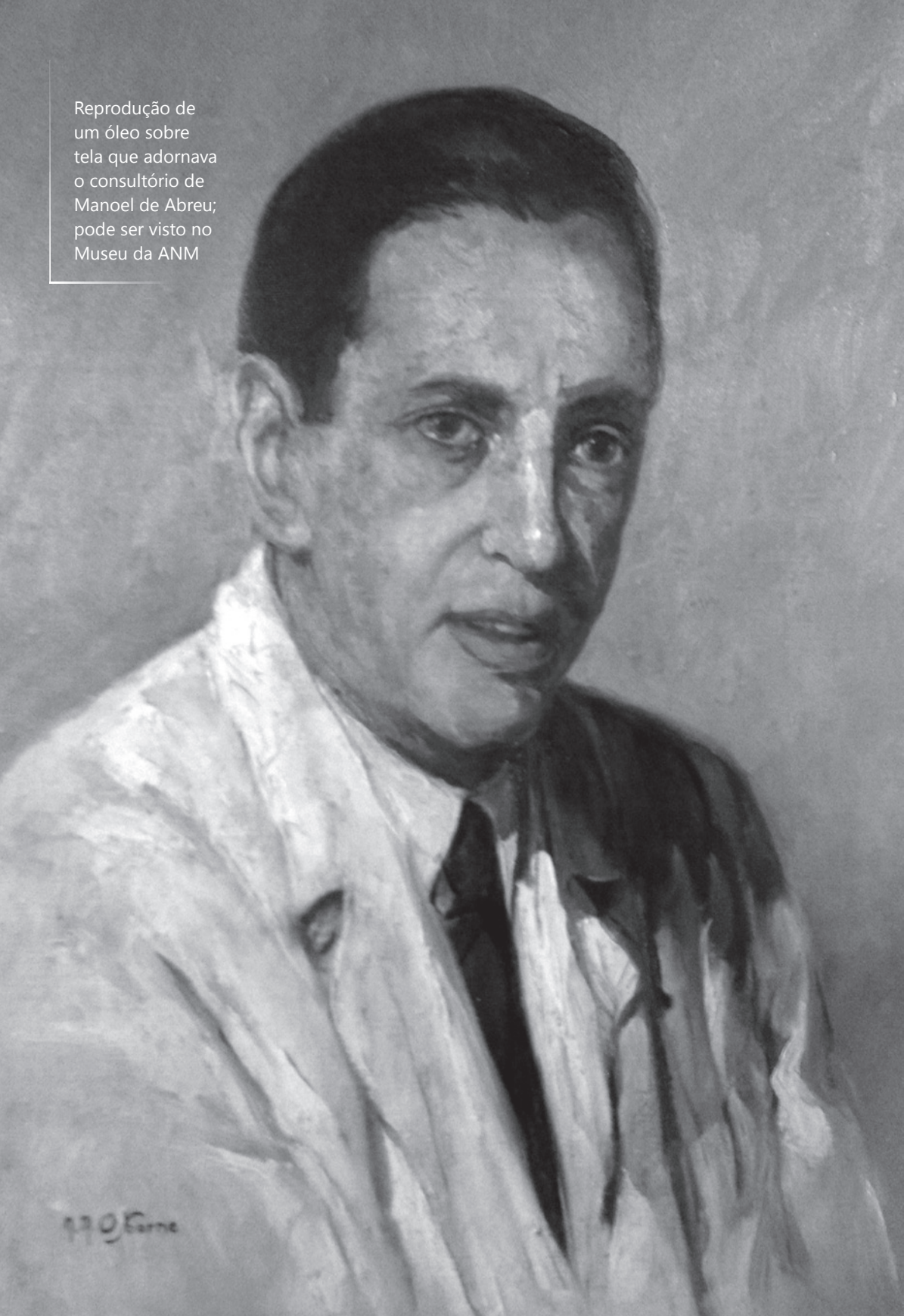
3. Os analfabetos só ganharam o direito de votar com a Constituição de 1988.

forme Paulo Freire, "o educador precisa estar à altura de seu tempo". Dessa forma, a urgência de Manoel de Abreu se dá conforme o cenário sombrio e catastrófico que tem diante de seus olhos, com o qual igualmente se sensibiliza e busca solução. Naquele momento, o País não dispunha nem de professores nem de instalações em número suficiente, caso resolvesse atacar de frente o problema do ensino básico. Para Abreu a solução seria a participação de voluntários que, movidos pelo idealismo, estariam dispostos a participar daquela campanha de educação em massa sem qualquer contrapartida financeira.

Todo esse esforço tem apenas um fim: mudar o homem brasileiro, um aparelho antiquado, que não atende às necessidades contemporâneas. Desse processo deve enfim resultar um ser civilizado, que na visão do educador Abreu não compartilha com a intolerância, o egoísmo, a discriminação, o fanatismo, o amor ao belicismo nem está fechado para os elementos externos. Para ele, o inverso disso é o que se observa nas grandes nações do mundo e é justamente o que não almeja para a nação brasileira. Esse suposto homem civilizado lhe mete medo.

Na escola livre e universal sonhada pelo pai da abreugrafia, a cultura e a ciência têm vez, devendo ser assim a viga mestra da sociedade. "Ela (a escola) conhecerá o homem, não o falso, mas o verdadeiro, saberá desmontá-lo e construí-lo de novo, segundo planos pré-estabelecidos, para que realize o seu destino de paz e fraternidade." É uma síntese da personalidade do próprio Manoel de Abreu, que por trás de sua utopia incorrigível jamais deixou de visualizar a realidade à sua volta. O velho Abreu percebeu que o flagelo educacional do País era ainda maior que o da tuberculose. Mas não viveria a ponto de ver o ocaso dessa epidemia nacional. E, mesmo que continuasse vivo, continuaria sem ver. Sendo assim, passados 50 anos do seu grito em favor da educação, sua voz continua ecoando, infelizmente, tão atual quanto em 1960.

O inseparável cigarro, que o acompanharia em todos os momentos e eventos de sua vida



Reprodução de um óleo sobre tela que adornava o consultório de Manoel de Abreu; pode ser visto no Museu da ANM

O filósofo

Em 1946, um livro, publicado pela José Olympio Editora chegou às livrarias sem nenhum alarde ou comoção. O título, *A Luta contra o Universo*, poderia sugerir que se tratasse de um épico ou de uma obra que abordasse a realidade brasileira, muito comum na safra dos novos autores nacionais daquela geração. Mas não era. O livro, que trazia na parte de cima a assinatura de Manoel de Abreu, era um apanhado de ideias próprias onde o médico descortinava um novo sistema filosófico.

Para os amigos, a façanha e o engenho de Abreu não eram nenhuma surpresa. Quem convivia com ele sabia que sua vida, seja como homem, cientista, poeta, sociólogo ou educador estava impregnada de filosofia. Era um exímio orador, detentor de um raciocínio rápido e agudo, leitor contumaz e guardião de uma cultura invejável. Também era prático. Dessa forma, não dedicou longos anos à meditação e maturação de suas ideias e conceitos. Preferiu pensar e escrever simultaneamente, redigindo cada página em segredo, sem saber ao certo que destino dar para o que resultaria daquele gesto.

Assim, em tempo curto, nasceu o ensaio, no qual se dedica à apreciação de um dos maiores problemas da filosofia: a oposição ser/não ser. A questão que desafia os pensadores desde a Grécia Clássica igualmente inquietava Abreu, que, para dar seu ponto de vista sobre o tema, faz uma viagem pela história do pensamento humano, desde as sociedades primitivas e totêmicas até o momento em que escreve.

Um dos seus princípios é que tudo no universo se relaciona, desde duas galáxias até dois elétrons. Segundo ele, a vida é uma eterna luta antropofágica do ser contra o universo para sobreviver, em que um devora o outro. Quando é bem sucedido, há alegria, amor, confiança. Quando é derrotado (devorado), aparecem temor, tristeza, ódio, vingança, morte. "A história da cultura é a história da luta do humano contra a sombra do não humano, ora vitoriosa e otimista, ora vencida e sombria", escreve.

O ensaio é uma autorrepresentação do autor. A seu modo, ora prolixo ora de um clareza didática, Abreu faz uma ode ao amor, à liberdade e à fraternidade humana. Por outro lado, denuncia a intolerância dos desejosos de poder e glórias imerecidos, a desigualdade humana e o privilégio dos mais aptos, mais fortes e mais dissimulados. Segundo ele, um cenário desse, controlado por aristocratas, impedem a realização de uma sociedade mais igualitária.

No filósofo Manoel de Abreu destacam-se o altruísmo e a aspiração de liberdade e igualdade, apesar de ter sido um fiel leitor de Friedrich Nietzsche. Lia para discordar. Eram antagônicos. Enquanto o alemão dizia: "Para que haja um solo mais largo, fértil e profundo onde a arte se desenvolva, a imensa maioria tem que se submeter como escrava ao serviço de uma minoria", Abreu preferia: "o sentimento de fraternidade humana constitui o único sonho bom e honesto de ser sonhado."

Nietzsche se caracterizou pelo sonho de domínio e contribuiu para uma sociedade mais egoísta. Exaltava a ousadia, a

crueldade e a ambição. Isso em nada se assemelha ao ascetismo, à bondade e à renúncia exaltados por Abreu. É um puro exemplo de que os seus escritos filosóficos nada mais são do que aquilo que já vivia na prática. "Creio haver mais intenso viver no coração dos sonhadores, idealistas e crentes; eles têm confiança nas suas ideias, na vida de suas ideias, em si mesmos", escreve, em resposta ao também germânico Oswald Spengler, para quem os ideais são covardias. Como haveria de concordar com o filósofo e historiador, autor de *O Declínio do Ocidente* (1918), uma vez que ele próprio era um idealista e sonhador?

Em *A Luta contra o Universo*, as ideias são seccionadas, mas sempre girando em torno dos elementos palpáveis (ser) e metafísicos (não ser). Nas suas explanações, o autor adentra pelo terreno da psicologia, psiquiatria, evolucionismo, direito, política, economia e literatura. Com isso, abrange uma série de assuntos, que vão de distribuição de riqueza à democracia, de questões terrenas a etéreas, do passado ao futuro.

No momento em que o mundo saía de uma guerra devastadora e via ruir as ditaduras nazifascistas, Abreu idealizava uma sociedade cuja hierarquia não fosse vertical e sim horizontal, em que o governo não fosse de um, mas de todos. "Para que se realize essa pura democracia será preciso que o sentimento de fraternidade humana vença a cobiça e a hipocrisia de uns, a ignorância e a boa fé de outros", afirmou, para depois se questionar: "será tal sonho realizável? Quando? Talvez nunca. Talvez amanhã."

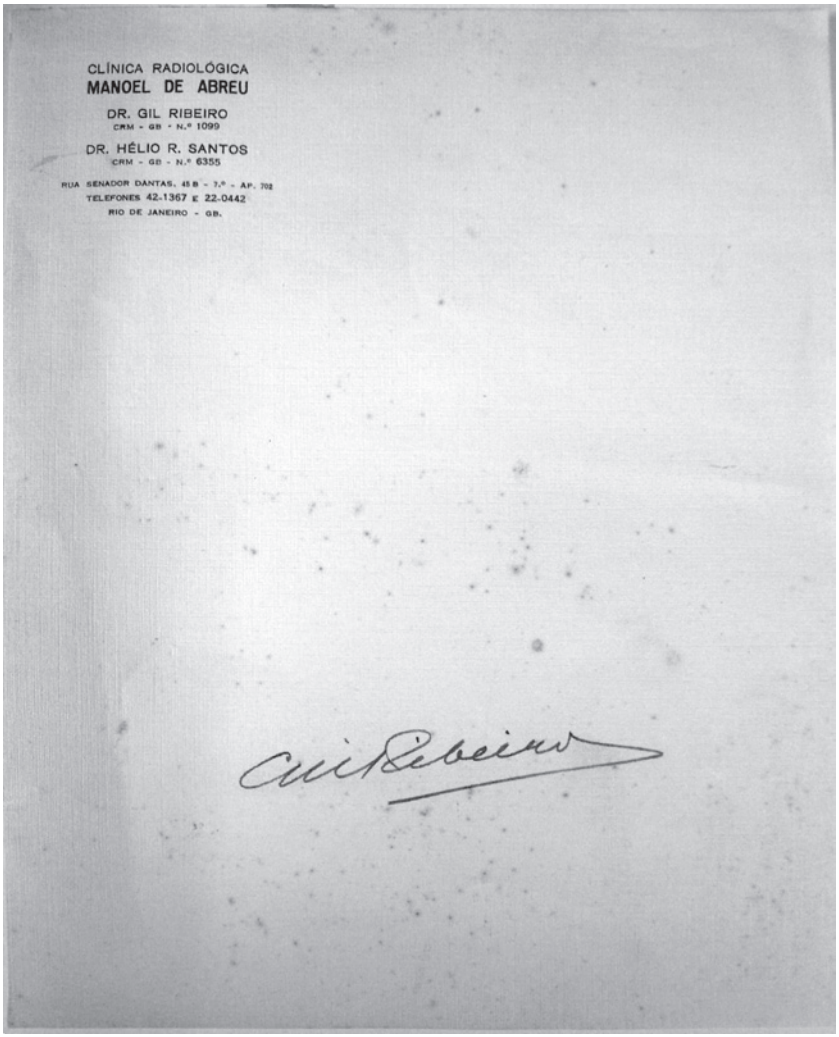
Quando esse dia chegar, os administradores, na visão do filósofo, não mais exercerão mandatos por prazos determinados. Neste formato, acredita, os governantes se tornam verdadeiros ditadores temporários. Na verdade, como um modelo similar ao parlamentarismo, exerceriam a função sem ter prazo, sendo garantidos apenas enquanto representarem a opinião geral. O exemplo de democracia nacional também é alvo das ponderações de Abreu. Para ele, a instituição do voto não garante a

soberania popular, uma vez que os candidatos disfarçam seus discursos conforme os anseios da maioria, mas seguem tendo personalidade, projeto e interesse próprios. "Eleito e empossado, tudo muda. De possuído, passa a possuidor".

Dessa forma, preferindo compreender as questões que o inquientam a esclarecê-las, o autor vai fazendo suas reflexões. Quando aborda literatura, não deixa de fora nem a si mesmo, colocando-se na condição de poeta ao lado dos seus preferidos: Charles Baudelaire, Walt Whitman e Edgard Allan Poe. Constata, então, que sua filosofia há muito vinha sendo apresentada em doses homeopáticas a cada poema que escrevia. Tratava da verdade, de dúvidas, da liberdade, do visível e do invisível, da eterna luta do ser contra o universo. Bastava apenas reuni-la e formatá-la. Fez isso.

Houve mudanças neste período que marca a passagem da mocidade para a maturidade, mas o essencial se manteve inalterado. Suas convicções eram estáveis, ele próprio concluiu. E, igualmente, tinha o seu valor. Ele não se adaptou à ordem vigente. Segundo o nosso filósofo, são os inadaptados que reagem mais intensamente e aceleram a evolução e criam formas novas. Quis com seu trabalho contribuir com a formação do homem do amanhã, preparado para viver em uma sociedade fraterna e igualitária. É uma filosofia que soa romântica e sonhadora, mas bem defendida e inteligente, tal qual seu autor. Parece inviável? Manoel de Abreu responderia que "a vida não é outra coisa senão a ideia do impossível que parece possível". E nisso ele pode ter razão.

Uma das últimas homenagens a Abreu: a inauguração do retrato do médico, na sede da Esso do Brasil, em 1961


CLÍNICA RADIOLÓGICA
MANOEL DE ABREU
DR. GIL RIBEIRO
CRM - GB - N.º 1099
DR. HÉLIO R. SANTOS
CRM - GB - N.º 6355
RUA SENADOR DANTAS, 45 B - 7.º - AP. 702
TELEFONES 42-1367 E 22-0442
RIO DE JANEIRO - GB.

Folha de receituário da Clínica Manoel de Abreu com a assinatura de Gil Ribeiro

Últimos anos

O auditório da Associação Paulista de Medicina (APM) estava tomado de figuras ilustres naquele 4 de janeiro de 1958. Era o aniversário de 67 anos de Manoel de Abreu. Mas o motivo daquela reunião solene nada tinha a ver com a data natalícia do médico inventor. Pelos menos diretamente. Todos estavam ali para celebrar pela primeira vez o Dia da Abreugrafia, instituído oficialmente em âmbito nacional pelo presidente Juscelino Kubitschek.

A iniciativa coube à Associação Paulista de Moléstias Pulmonares, que tinha como presidente o dr. Mário de Mello Faro. Abreu fora grande amigo do tisiologista Mello Faro, nascido em Santos e 30 anos mais jovem que ele. "Posso dizer que cresci vendo um porta-retrato que havia na minha casa com a foto de Abreu dedicada a meu pai", conta Fernando Mello Faro. Formado na Faculdade de Ciências Médicas da Escola Paulista de Medicina, em 1941, Mello Faro (o pai) trabalhou durante algum

tempo no Hospital Mandaqui[1], a primeira unidade governamental do Estado de São Paulo especializada em tuberculose. Também chefiou diversas campanhas para a difusão da abreugrafia e para a erradicação da tísica no Brasil. Assim, dessa relação de interesses comuns e sinceros, nasceram a amizade e o respeito mútuo. Isso pode ser percebido em uma dedicatória tão simples e direta quanto rica em significado, deixada por Abreu no livro "Mensagem Etérea", ofertado ao seu fiel aliado. Ali se lê: "para Mello Faro, amigo do coração."

A batalha pelo reconhecimento de uma data em favor da memória do feito de Manoel de Abreu começou em 1957. No despacho presidencial, JK acolheu bem a ideia, ressaltou a contribuição do método criado por Abreu no combate à tuberculose e considerou que era dever do Estado prestigiar aqueles que "contribuíram para o engrandecimento da Pátria e da cultura nacional":

> **Decreto nº 42.984, de 3 de Janeiro de 1958**
>
> Institui em todo Território Nacional, o dia da Abreugrafia, em homenagem ao Professor Manoel Dias de Abreu.
>
> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA,
>
> CONSIDERANDO a relevante contribuição prestada ao combate à Tuberculose e às afecções torácicas pelo eminente Tisiólogo e Radiologista Brasileiro Professor Manoel Dias de Abreu, com o método científico de sua invenção denominado "Abreugrafia";
>
> CONSIDERANDO a extraordinária repercussão que aquele método merecidamente teve em todos os centros de cultura e pesquisa médicas do exterior, pelas possibilidades que também veio proporcionar à pesquisa de outras moléstias, como o câncer, as cardiopatias e etc.; elevando assim o nome do Brasil no concerto das demais Nações;

1. O hospital foi inaugurado em 1º de dezembro de 1938, com as presenças do então interventor federal Adhemar de Barros e do presidente Getúlio Vargas.

> CONSIDERANDO que é dever do Estado distinguir os que trabalham em prol do engrandecimento da Pátria e da Cultura Nacional e ressaltar, para a posteridade como exemplo, os que assim dignificam sua existência; Decreta:
>
> Art. 1º Fica instituído, em todo o Território Nacional, o dia da "Abreugrafia" que será comemorado no dia 4 de janeiro de cada ano, em homenagem ao descobridor desse método científico de pesquisa, Professor Manoel Dias de Abreu.
>
> Art. 2º O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
>
> Rio de Janeiro, em 3 de janeiro de 1958; 137º da Independência e 70º da República.
>
> JUSCELINO KUBITSCHEK

O movimento que convenceu JK também influenciou o agora prefeito da capital paulista, Adhemar de Barros. O decreto 3.766, assinado por ele quatro dias antes do texto presidencial, em 30 de dezembro de 1957, igualmente instituiu o Dia da Abreugrafia no município de São Paulo e tornou obrigatório o uso do termo "abreugrafia" para se referir à radiografia em miniatura do tórax nas repartições da cidade.

Era em função dessas boas novas que ilustres como Darcy Vilela Itiberê, presidente da APM; Etienne Douat, presidente da Federação Brasileira das Sociedades de Tuberculose; e Lourival Ribeiro da Silva, diretor do Serviço Nacional de Tuberculose (SNT), capricharam no discurso, cheio de pompas e menções honrosas ao senhor da ocasião. Por fim, ele próprio, Manoel de Abreu, tomou a palavra. Falou longamente, não se esquecendo de agradecer a comissão organizadora daquela solenidade, nas figuras de Mello Faro, Sylvio Lemos do Amaral, Durval Amorim e Mozart Tavares de Lima e Filho, alguns dos que empunharam a bandeira pela instituição do Dia da Abreugrafia.

Abreu, que já havia recebido tantas outras homenagens, estava de fato comovido com aquele momento. Confessara aos amigos Sylvio do Amaral e José Maria Cabelo Campos[2], que o esperaram naquele 1º de janeiro de 1958 no aeroporto de Congonhas, o quanto se entusiasmou com a ideia daquela instituição. Estava por dentro do movimento e ciente dos nomes dos que contribuíram para o advento daquele momento especial. De Argos Meirelles a William Homsi Elias, de Edmundo Blundi ao grande Raphael de Paula Souza.

Amaral, evidentemente, também era um deles. Teve a honra, poucos dias antes do evento na APM, de ser eleito o presidente da recém-criada Sociedade Brasileira de Abreugrafia, que tinha Abreu como patrono e presidente de honra. A nova entidade, fundada em 20 de dezembro de 1957, foi estabelecida tendo como missão difundir o emprego da radiografia do tórax em miniatura e desenvolver constantemente o método. De imediato, instituíram o Prêmio Manoel de Abreu, conferido aos profissionais que se destacavam na área, e lançaram a *Revista Brasileira de Abreugrafia*, que circulou de 1959 até 1970. Além de Amaral e de Mello Faro, que era seu primeiro vice-presidente, a extinta sociedade tinha também como parte do seu corpo diretivo Edmundo Blundi, Antônio Jorge Abunahman, Dilermando Correia, Geraldo Nogueira de Castro, Argos Meirelles, Olavo Pazzanese, Cássio Santos Braga e Manoel Conde. Teria vida curta. Seria engolida pelos novos tempos.

2. Cabelo Campos foi um dos fundadores e primeiro presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia (1948-1953), sendo reeleito para o período 1957-1959.

Já era julho de 1960 quando Abreu visitou pela segunda vez Salvador (Bahia), para mais um evento profissional. A primeira foi em 1940, quando, a convite de César de Araújo[3], foi à capital baiana para inaugurar o primeiro posto de abreugrafia do Estado, no dispensário Ramiro de Azevedo. Desta vez estava como palestrante de um simpósio sobre radiografia em miniatura, que era parte integrante do XII Congresso Pan-Americano de Tuberculose, que aconteceu ali entre os dias 10 e 16 daquele mês.

Toda a negociação para que o médico e professor participasse do evento foi feito por Itazil Benício dos Santos, a pedido do presidente do congresso, José Silveira. O baiano já o conhecia de viagens anteriores e de formação que fizera ao Rio. Aos 43 anos, Itazil estava empolgado em cumprir aquela empreitada. Eram muitas as personalidades médicas que desembarcariam em Salvador naqueles dias, mas, para ele, nenhum outro nome lhe despertava maior interesse do que o brasileiro.

Para Abreu, o cansaço da viagem e a discussão de um tema com o qual havia lidado a vida inteira, e que pouco lhe teria a agregar, pesavam. Na verdade, pareciam sérios obstáculos para um senhor de 69 anos, cujo viço e energia já não eram o mesmo de outros tempos. Dessa forma, não se empolgou de imediato com a missão de dirigir o Simpósio de Abreugrafia.

Assoberbado que era, poderia alegar o excesso de compromisso, afinal cumpria uma rotina agitada. Ainda atendia diariamente no seu consultório e se mantinha como chefe do Serviço de Diagnóstico Pulmonar e Cadastro Torácico, cargo que exerceria desde 1944 até o ano de sua morte, em 1962, e como professor da Faculdade de Ciências Médicas. Mas acabou sendo

3. O tisiologista César de Araújo foi o primeiro inspetor técnico da antiga Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose. Nasceu em 1898 e formou-se em 1920 pela Faculdade de Medicina da Bahia, onde apresentou sua tese sobre a indicação e os resultados do pneumotórax artificial na tuberculose pulmonar.

convencido pelas remotas e boas lembranças que tinha da Bahia e pelo valor que dava em atender a um convite de um amigo.

Abreu e dona Dulcie encontraram Salvador fervilhando. Médicos e cientistas de 20 países estavam na capital baiana para participar do congresso organizado pela União Latino-Americana das Sociedades de Tuberculose. Os congressistas nacionais ficaram hospedados nos hotéis Bahia e Palace e na Casa de Retiro São Francisco. Já os que vieram do exterior ficaram em casas de famílias estrangeiras, devido à carência de lugares adequados para recebê-los.

Outra visita ilustre foi a do presidente JK. O mandatário desembarcou na cidade acompanhado de sua esposa, dona Sarah, e suas filhas, Márcia e Maristela, além de uma extensa comitiva formada de auxiliares, parlamentares e chefes militares. Todos esses personagens se encontraram no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, palco da abertura oficial do evento. No seu discurso, o presidente lembrou aos presentes que também era médico e que, apesar de se manter afastado da profissão, sempre acompanhou o progresso da ciência.

Da plateia, Abreu esboçou um leve sorriso quando o presidente mencionou que o diagnóstico precoce pela abreugrafia e os modernos recursos de tratamento continuariam sendo a base de ação contra a tuberculose. Concordou ainda quando JK falou do decréscimo da mortalidade nos países desenvolvidos e prenunciou a vitória sobre aquele mal, graças ao "diagnóstico em massa, precocemente efetivado, e, simultaneamente, às conquistas do tratamento clínico e cirúrgico."[4]

A viagem estava fazendo bem ao velho cientista. Estava entre amigos, com cérebros privilegiados e era o centro das atenções.

---

4. Discurso de Juscelino Kubistchek, na abertura do XII Congresso Pan-Americano. Disponível em http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jk/discursos-1/1960/42.pdf/at_download/file. Acesso em 02/01/12.

Os jornais baianos disputavam uma entrevista com ele e poucas coisas agradavam tanto ao radiologista do que falar. Poderia conversar por horas a fio sem ser interrompido, emendando assuntos díspares para os quais dava a devida conexão, sempre de uma forma inteligente e atraente. Para um jornalista de *A Tarde*, que o abordou no Hospital das Clínicas de Salvador, onde aconteciam algumas conferências do programa, deu uma prévia do que comentaria em sua palestra.

Lembrou que àquela altura, passados 24 anos de seu invento, a tuberculose ainda vitimava anualmente mais de 33 mil pessoas no Brasil, ou 41,5 mortes a cada grupo de 100 mil habitantes, e que a doença continuava em progressão no País. Para mudar essa situação sombria, defendia, entre outros pontos, dispensários bem aparelhados para diagnóstico e tratamento, exame obrigatório periódico para os trabalhadores, com intervalos de dois a três anos, e legislação adequada, que oferecesse amparo econômico ao doente e à família.[5]

Entre uma conferência e uma apresentação de capoeira, Abreu percebeu que ainda havia muito que fazer. Mas a armadura e a lança daquele Dom Quixote dos trópicos já lhe pareciam pesadas demais para o combate. O que seria da abreugrafia depois dele? Evoluiria ou seria engolida pela evolução? Qual o futuro do seu legado? Pensava em Dulcie. Estaria ela segura quando ele viesse a faltar? Como acostumara fazer ao longo da sua vida, questionava a si próprio. Mas as respostas às perguntas que o incomodavam já não pareciam tão claras nem satisfatórias. O ser estava perdendo a luta contra o universo, mas ainda não se dera conta.

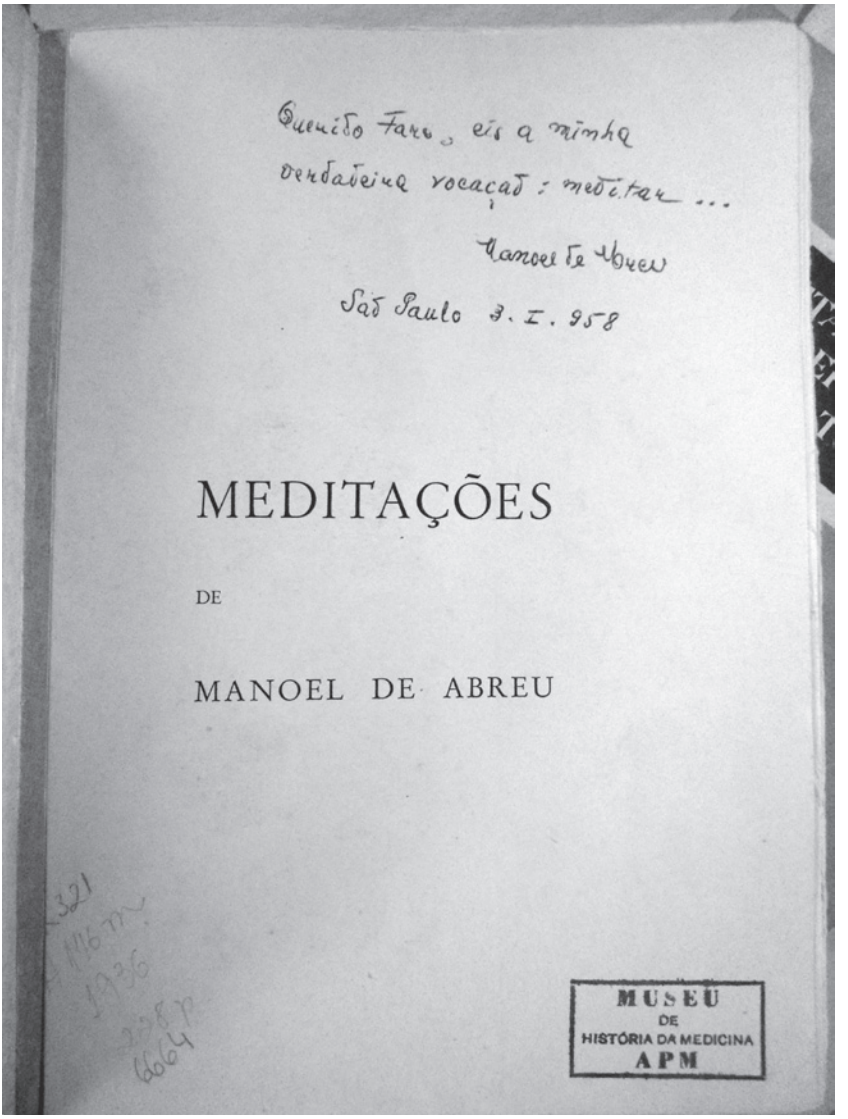
Em 23 de março de 1961, Abreu é convidado para ministrar uma aula magna na Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro. Da mesa em que se encontra, fita carinhosamente a

5. SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e Obra de Manoel de Abreu*, pp. 195-196.

plateia que anseia por suas palavras. É majoritariamente jovem. O mestre busca reconhecer a si mesmo na face de um dos presentes. Ali fala demoradamente. Dá um testemunho, mas não conta nada de sua história, apenas de sua filosofia. Fala da impossibilidade do ceticismo, da inexistência da verdade, da ciência como nova religião e dos cientistas como novos sacerdotes.

Para si próprio, reserva apenas uma analogia, comparando-se a um filósofo esquecido que não foi compreendido, não deixou livros nem discípulos, mas que, em voz baixa, disse o que imaginava. "Pensando no filósofo perfeitamente incompreendido e esquecido, eu recolho a mensagem que teria deixado se as circunstâncias fossem mais favoráveis: amar, mesmo sem liberdade." E assim, finalizou sua palestra. Aquele aforismo era uma justa medida da síntese de sua obra e sua vida. Muitos ali não entenderam que a aula foi apenas uma mensagem de despedida antecipada em dez meses.

Na Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear, em 1961: últimas homenagens



Querido Faro, eis a minha
verdadeira vocação: meditar...

Manoel de Abreu

São Paulo 3. I. 958

MEDITAÇÕES

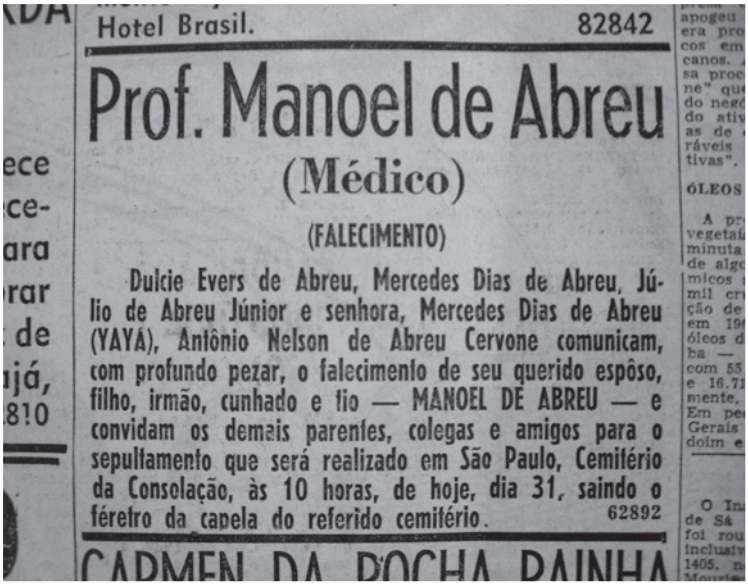
DE

MANOEL DE ABREU

MUSEU
DE
HISTÓRIA DA MEDICINA
APM

Uma dedicatória ao leal amigo Mário de Mello Faro

Da esquerda para a direita: Dulcie, dr. Itazil Benício dos Santos, Abreu e dona Adilza, esposa de dr. Itazil, durante visita a Salvador, em julho de 1960



Hotel Brasil. 82842

Prof. Manoel de Abreu

(Médico)

(FALECIMENTO)

Dulcie Evers de Abreu, Mercedes Dias de Abreu, Júlio de Abreu Júnior e senhora, Mercedes Dias de Abreu (YAYÁ), Antônio Nelson de Abreu Cervone comunicam, com profundo pezar, o falecimento de seu querido espôso, filho, irmão, cunhado e tio — MANOEL DE ABREU — e convidam os demais parentes, colegas e amigos para o sepultamento que será realizado em São Paulo, Cemitério da Consolação, às 10 horas, de hoje, dia 31, saindo o féretro da capela do referido cemitério. 62892

CARMEN DA ROCHA RAINHA

Correio da Manhã de 31 de janeiro de 1962 traz um pequeno anúncio da morte do paulistano Manoel de Abreu

Últimos dias[1]

O paulista radicado no Rio de Janeiro, Edmundo Blundi[2] era especialista em doenças do aparelho respiratório. Dedicado defensor da abreugrafia, apesar de não ser próximo de Manoel de Abreu, o médico não escondeu sua curiosidade quando, em 18 de agosto de 1961, recebeu uma carta escrita pelo grande cientista, que, entre outras citações, dizia acompanhar seu "esforço titânico" em favor do diagnóstico precoce e profetizava: "Você parece um personagem mitológico e investe heroicamente contra a doença e a morte (...). Eu estou cansado; ainda bem que você chegou a tempo."

A revelação feita ao conterrâneo começava a ser percebida pelos mais próximos. Ficou ainda mais nítida quando, além da

1. Este capítulo tem como base principal o livro "Vida e Obra de Manoel de Abreu", de Itazil Benício dos Santos, que foi quem melhor detalhou os instantes finais do biografado.
2. Edmundo Blundi foi diretor do Departamento Médico do Conjunto Sanatorial de Curicica, em Jacarepaguá, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e sucederia Hélio Fraga na superintendência da Campanha Nacional Contra a Tuberculose (CNCT), em 1968.

ausência de dinamismo e vitalidade, Abreu começou a apresentar falta de ar, uma dor no tórax e uma tosse que não mais lhe dava trégua e o irritava profundamente. Não era de se queixar. Sofreu em silêncio enquanto pôde. Fumou enquanto pôde, sem diminuir a intensidade. Enquanto observava a si próprio, continuava a consumir de três a quatro maços por dia. Mas, naquela sexta-feira, 22 de dezembro, ele entrou no seu consultório cabisbaixo e sem ter no canto da boca ou entre os dedos o tradicional cigarro.

O fato em si já causava estranheza aos demais funcionários. Porém, sua inquietação, ora levantando ora sentando, sua displicência e certa angústia chamavam a atenção. Sua secretária de longa data, Ayda Mendonça de Souza, acompanhava tudo sem até então nada dizer. Queria saber o que estava acontecendo, mas temia parecer invasiva. Entretanto, ela própria pressente a agonia que tomava conta do seu chefe e resolveu quebrar o silêncio:

— O que está acontecendo, doutor Abreu?

Esperava ouvir uma resposta vazia, convencional, mas a sinceridade do médico a assustou ainda mais. Abreu contou-lhe que aquela tosse rebelde lhe obrigou a parar de fumar e que ainda não tinha dito nada em casa, para não preocupar sua esposa. Ayda quis tranquilizá-lo, dizendo coisas que eram óbvias a um médico, mas que pareceu ter funcionado. Tanto que Abreu se encorajou a pegar mais uma peça do seu maço quase intocado e acender. Deu a primeira tragada. Como resposta, seu corpo reagiu com uma tosse incontrolável. A secretária se assustou com a cena. Abreu também. Mas, passado aquele acesso, temeu mais por saber que teria de abrir mão em definitivo do vício que o acompanhou ao longo de quase toda a sua existência.

Passou ensimesmado o restante do dia e, ao final, se despediu desejando um feliz Natal a todos, inconsciente de que não voltaria mais ali na condição de médico. A secretária ainda teve tempo de lembrá-lo que aguardava ele e dona Dulcie para

a ceia da véspera de Natal, uma rotina que vinha se repetindo há alguns anos. Abreu consentiu com a cabeça sem dizer mais nada e saiu levando sua tristeza e preocupações. No dia seguinte, Ayda recebe uma ligação. Era Dulcie informando que o marido não estava bem e que, infelizmente, não compareceriam ao jantar previamente combinado.

No domingo, 24 de dezembro, Ayda conversa com o irmão Lindolpho, advogado de Abreu, e decidem ir à casa do patrão, um apartamento na Rua Praia do Flamengo. Levam a ceia que se encontrava preparada. Abreu se apresenta à mesa já bastante debilitado. Os demais falam sem muita animação sobre diversos assuntos buscando inseri-lo na conversa. Nos temas da noite, comentaram extensivamente sobre o incêndio no Gran-Circus Norte-Americano, em Niterói, que matou centenas de pessoas. Falam também de um desastre aéreo com um avião da Varig, sobre o futuro do País com João Goulart presidente e dos seus próprios planos para 1962. Mas não adiantava. Nada despertava o interesse de Abreu. Ele, que sempre era o mais animado e falastrão naquele encontro anual, se reservava o direito de quase nada comentar.

Passado o feriado, não foi ao consultório na terça-feira (26). A ausência deixa Gil Ribeiro, assistente e amigo de todas as horas, ainda mais preocupado. Ribeiro não se contenta em ligar. Vai até o Flamengo buscar notícias. Não tem uma boa impressão do estado em que Abreu se encontra e, como médico experiente que era, não tinha outro conselho a dar senão pedir que o amigo fizesse uma radiografia do tórax. Abreu, no entanto, é enfático:

— Nada disso meu amigo. Sabe tanto quanto eu que já não preciso mais disso.

A veemência na resposta deixou Ribeiro sem ação. Como poderia o pai da abreugrafia, o homem que lutou para que populações inteiras fossem submetidas ao exame do tórax se re-

cusar à força reveladora dos raios X? Outras pessoas próximas tentaram fazê-lo mudar de ideia, incluindo uma Dulcie desesperada, mas em vão. "A radiografia nada mais adianta", respondia Abreu a ponto de irritar seus interlocutores. Mas estes não interpretavam a postura como apatia, e sim como um ato de coragem e resignação diante do inevitável. Nada desejava fazer senão esperar, sem compromissos de última hora.

A convite de Ribeiro entra em cena Edmundo Blundi. Ninguém melhor que esse especialista para examinar o criador da abreugrafia. O pneumologista conversou longamente com Abreu, mas, por mais experiente que fosse, seria leviano de sua parte fechar qualquer diagnóstico sem a ajuda de exames mais específicos, inclusive o radiológico. Pensou que poderia ser câncer, contudo ainda era um tempo que a palavra em si era maldita. Era uma moléstia inominável e, assim como hoje, cheia de metáforas para defini-la. Era a doença sombria, o mal irremediável. Diante disso, Blundi preferiu dizer que poderia ser um enfisema pulmonar e indicou antibióticos. Mais uma vez, o paciente se recusa a seguir a prescrição.

Os dias passam e o estado de saúde de Abreu continua se agravando. Os amigos o cercam de cuidados. Dois deles lhe servem como internistas: José Sarmento Barata, com quem mantém uma amizade de quatro décadas, e José Júlio Velho da Silva, diretor da Faculdade de Ciências Médicas[3], onde o paulista era professor catedrático de Radiologia Clínica desde 1937. Acaba 1961 e segue o calvário. Agora era a voz, instrumento ao qual Abreu usou tão bem ao longo da vida, que perdia força. O otorrinolaringologista Álvaro da Silva Costa o examina e percebe que nada pode fazer. Caminhava para uma afonia de forma irreversível. Ainda assim, pouco diz ao

3. Fundada em dezembro de 1935, a instituição hoje faz parte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

acamado sobre seu real estado, mas consegue, finalmente, convencê-lo a se submeter a uma radiografia.

O exame é feito em casa e o filme é levado para ser revelado no próprio consultório, na Rua Senador Dantas. O resultado não deixava dúvidas: era um tumor de pulmão. Sarmento Barata, Gil Ribeiro e Blundi estavam juntos naquela empreitada. Tinham o resultado, mas não sabiam o que fazer com ele. "Vivemos horas inenarráveis. Seria possível esconder do Mestre das Sombras a radiografia que mostrava seu inexorável destino?", diria Blundi tempos depois, rememorando a pergunta que o grupo se fazia diante daquela encruzilhada.

Já havia passado três horas desde que a radiografia havia sido feita e a apreensão tomava conta dos que esperavam no apartamento. Nesse meio tempo, Gil Ribeiro telefona para os cirurgiões Fernando Paulino e Jesse Teixeira. Quer uma segunda opinião, uma esperança no fim do túnel. Não a encontra. O tumor era grande demais e não era possível fazer uma operação para retirá-lo. Não tinha mais saída, assim como não tinha mais como retardar o encontro entre Abreu e a verdade que o atormentava.

Na volta ao apartamento, Gil Ribeiro entrega a radiografia a Abreu em mãos para que ele mesmo faça a leitura. Ele abre o envelope ansioso. Mesmo diante das evidências sombrias, uma nesga de esperança brilhava timidamente nos seus olhos. Suspende-a contra luz, um gesto que já fizera milhares de vezes ao longo de sua carreira de médico. Olha atentamente para a imagem do seu pulmão reproduzida naquele filme. Esmorece-se em poucos instantes. Com voz de lamento, anuncia à esposa que está ao seu lado:

— É um tumor... é grave.

Dulcie ainda tentou conter o choro, mas as lágrimas verteram abundantemente de seus olhos. A emoção tomou conta dos demais que assistiam à cena. Abreu não os enxergava

mais. Olhava fixamente para o horizonte, sem mais nada a dizer. Ficou assim por algum tempo. Voltou a si. Todos ainda o cercavam, como se esperassem dele qualquer tipo de orientação. Finalmente, se pronunciou:

— Sempre temi esse momento, disse com uma voz quase afônica.

Tomou um pouco de ar para continuar em seguida.

— Todos nós temos uma estrela. Eu também tive a minha. Por ela fui guiado até aqui. Agora chegou a vez de apagá-la. É o fim.

Essas palavras não trouxeram tranquilidade aos presentes. Apenas o desespero. No meio daquela agitação, alguém se lembrou de mencionar que ainda poderiam tentar a cobaltoterapia. A terapêutica, criada pouco mais de uma década antes, seria apenas um paliativo, mas ajudaria a controlar os danos no pulmão e aliviar os sintomas do câncer. Abreu continuou reticente. Não era preciso nada daquilo. Era perda de tempo, havia aceitado sua condição.

Blundi não desiste de convencê-lo, ainda que o seu mestre alegue que desejaria viver a vida apenas na sua plenitude, que não gostaria de sobreviver naquelas circunstâncias. Conversam a sós. Por fim, Abreu toma-o pelas mãos e cede, fazendo a devida ressalva:

— Mas cumprirei apenas esta indicação, para dar uma satisfação aos meus amigos e uma esperança à minha mulher.

No meio daquele turbilhão de emoções, pede para falar com seu advogado. Precisava fazer seu testamento e deliberar algumas questões das quais, a partir daquele momento, passaram a ter relevância.

Durante as sessões de cobaltoterapia, feitas conforme sua escolha com Osolando Machado[4], veio a metástase para o fí-

4. Osolando Machado era, assim como Manoel de Abreu, um dos 117 sócios fundadores da Sociedade Brasileira de Radiologia Médica, criada em 17 de setembro de 1943, em substituição à pioneira Sociedade Brasileira de Radiologia e Electrologia.

gado. A luta já estava irremediavelmente perdida. Restava apenas saber quando aquele combate se encerraria. Em 27 de janeiro foi internado na Casa de Saúde São Sebastião. Mais uma vez, contra a sua vontade. Preferia passar seus derradeiros momentos em casa, como um dia quis o seu pai, que igualmente, padeceu de um "mal irremediável". Ainda teria uma última conversa com Dulcie, no dia 29. Disse estar bem, sem tantas dores. Era, talvez, uma última tentativa de oferecer consolo à mulher que sempre estivera ali, como fiel escudeira. Heroísmo inútil. Naquele mesmo dia entrou em coma.

A partir disso, os que o acompanhavam participavam de uma lúgubre contagem regressiva. Dulcie e alguns amigos permaneceram nestes instantes ao lado de Abreu. Teciam comentários elogiosos a seu respeito, choravam de forma contida. Em algum momento, a face rígida, típica de um guerreiro em plena ação, deu lugar à serenidade e à paz. Um gemido de dor ecoa na sala e pelo hospital. Era a esposa que chorava abraçada ao seu marido. Os demais a acompanham no lamento. Era 4 horas da madrugada de 30 de janeiro. Tudo, enfim, estava consumado.

Uma ambulância branca segue solitária pela Via Dutra a caminho de São Paulo. Leva o corpo de um ilustre cientista. A pedido da mãe, dona Mercedes, já com 99 anos, e do irmão Júlio, que moram na cidade, Abreu faz sua última viagem em direção à sua terra natal, onde será enterrado. Dentro do veículo, impera o silêncio. Lá fora, o tempo está escuro e cai uma chuva fina, denunciando que aquele é um momento de profunda tristeza.

O féretro chegou ao seu destino no final da tarde daquele mesmo dia 30, sendo o corpo velado na residência dos seus familiares, um casarão localizado na Avenida Angélica, 1832. Para

lá seguem dezenas de amigos. Pessoas influentes dão declarações sobre o ilustre filho da terra, que servirão para rechear os textos jornalísticos que comunicarão o fato na edição do dia seguinte. O governador do Estado, Carvalho Pinto, se pronuncia, considerando Abreu uma das expressões mais luminosas da Medicina. "Um homem da extirpe de Oswaldo Cruz, Miguel Couto, Vital Brazil e Emílio Ribas", destaca o político.

Já o secretário de Saúde, Fauze Carlos, diz que o médico "figurará, sem dúvida alguma, com relevante destaque, na galeria dos imortais, sendo merecedor da gratidão de toda a humanidade." O secretário também prometeu que daria o nome de "Hospital Manoel de Abreu" àquele que seria o maior nosocômio de tuberculosos do Estado, o de Catanduva. Mas não cumpriria. A homenagem acabou sendo dirigida ao jornalista e deputado federal Emílio Carlos, morto em 1963.

Na manhã seguinte, dia 31, o corpo de Abreu seguiu para a capela do Cemitério da Consolação. Recebidas ali as últimas homenagens, foi finalmente conduzido à rua 18, terreno 51, o mesmo comprado pelo patriarca da família, em dezembro de 1889, e que já havia recebido os dois irmãos de nome Luís (que morreram ainda crianças), e o pai, Júlio. Na semana seguinte, alguns amigos e familiares voltariam a se reunir na Igreja da Consolação, no centro, para a missa de sétimo dia.

Seis meses depois, estariam de novo ali, dessa vez para render homenagens à quase centenária dona Mercedes, morta em 17 de julho de 1962. No mesmo mausoléu ainda se encontram os irmãos de Abreu, Mercedes (Yayá) e Julinho, falecidos respectivamente em março de 1966 e maio de 1981. A primeira foi vítima de um câncer gástrico (o terceiro caso de neoplasia na família). A última pessoa enterrada no mausoléu da família foi Dulcie, que sofreu uma parada respiratória em 19 de novembro de 1983. Tinha 84 anos.

Na tranquilidade do cemitério da Consolação, entre outras ilustres famílias paulistas, os Abreu só têm agora a companhia

fiel de um Cristo, de Elio di Giusto[5]. A escultura em granito do renomado artista, de cerca de 2 metros de altura, é uma das poucas coisas que lembram o brilho e a grandeza de outrora. Visitantes e turistas param diante dela e buscam saber quem seriam aqueles que descansam naquela sepultura mal cuidada. Encontram uma ou outra identificação. Olham na base onde se lê: "Família Julio Antunes de Abreu". Seguem seu caminho, inconscientes da figura colossal que têm sob seus pés. Ali Manoel de Abreu descansa em paz, anônimo e sem epitáfio.

5. O artista Elio di Giusto nasceu na Itália, em 1899, e chegou à São Paulo fugindo da Primeira Guerra Mundial, onde morreu jovem, em 1935. É uma das principais referências em obras nas necrópoles da capital paulista e tem obras expostas na Pinacoteca do Estado e no Museu Paulista.

Faleceu no Rio o inventor da Abreugrafia; hoje de manhã será sepultado na Consolação

DCT: inaugurado o serviço de telefone entre Rio e Recife

Rio-Recife

Posto em liberdade o major Bender

Regularização dos servidores da COFAP

Trabalhadores das barcas decidem se entram em greve

Lacerda requisita funcionarios ao Planalto

Nomeados para o Conselho de Educação

O ministro mexicano visita os estaleiros

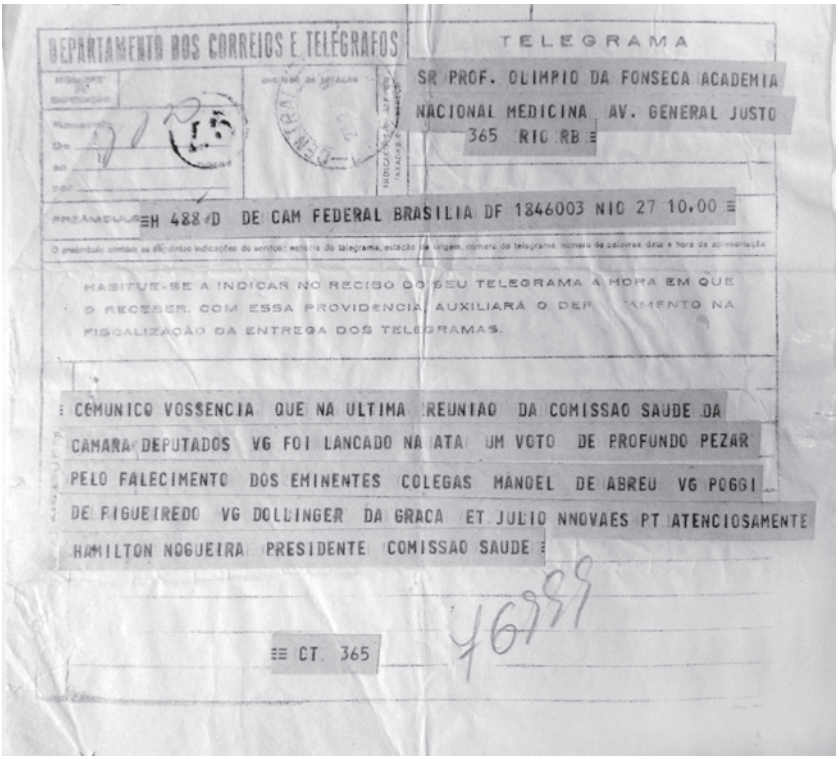
Volta Redonda: faleceu mais um operario

Drumond de Andrade aposentou-se

Entreposto de Pesca em Propriá

Prof. Manoel de Abreu

O *Estado de S. Paulo* trouxe, em 31 de janeiro de 1962, uma longa matéria sobre a morte de Abreu



DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

SR PROF. OLIMPIO DA FONSECA ACADEMIA NACIONAL MEDICINA AV. GENERAL JUSTO 365 RIO RB ≡

PREFIXO ≡H 488 D DE CAM FEDERAL BRASILIA DF 1846003 NIO 27 10.00 ≡

O preambulo contem as seguintes indicações: do centro: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora de apresentação

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDENCIA, AUXILIARÁ O DEP[illegible]AMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

≡ COMUNICO VOSSENCIA QUE NA ULTIMA REUNIAO DA COMISSAO SAUDE DA CAMARA DEPUTADOS VG FOI LANCADO NA ATA UM VOTO DE PROFUNDO PEZAR PELO FALECIMENTO DOS EMINENTES COLEGAS MANOEL DE ABREU VG POGGI DE FIGUEIREDO VG DOLLINGER DA GRACA ET JULIO NNOVAES PT ATENCIOSAMENTE HAMILTON NOGUEIRA PRESIDENTE COMISSAO SAUDE ≡

≡ CT. 365

A morte de Abreu repercutiu dentro de Câmara dos Deputados, que, a essa altura, já estava instalada em Brasília

Dona Mercedes morreu poucos meses depois de Abreu, em julho de 1962

O imponente Cristo de Elio di Giusto (ao lado) se destaca diante de um descuidado mausoléu localizado no terreno 51 do Cemitério da Consolação

Viúva do inventor da abreugrafia

Entre as recordações, uma queixa: a modesta pensão

— Pouco ajuda. Muitas pessoas ganharam e ganham fortunas com a invenção do meu marido. Eu vivo com pouco mais de Cr$ 9 mil por mês, se forem somados os dois salários-mínimos que recebo do Ministério da Fazenda com as pensões do Iperj e do INPS.

Foi o comentário de dona Dulce Evers de Abreu, viúva do médico Manuel de Abreu, o inventor da abreugrafia, ao receber a notícia de que o presidente João Figueiredo encaminhara anteontem ao Congresso Nacional um projeto elevando para três salários-mínimos a sua pensão vitalícia do Ministério da Fazenda.

— Meu marido não pensava nele, não era um homem materialista. Ele vendeu muitos de seus bens para obter recursos, que investiu na pesquisa sobre a abreugrafia — método que revolucionou o diagnóstico precoce da tuberculose em todo o mundo, ao resolver os problemas de custo e rapidez nos exames realizados em massa.

Dona Dulce Evers de Abreu vai recordando o marido, mostrando seus retratos e sua biblioteca. Ela mora sozinha num apartamento alugado na Praia do Flamengo. O casal não teve filhos e d. Dulce diz que não tem mais parentes.

— Eu fico constrangida quando tenho de mostrar meus contracheques. As pessoas me perguntam se eu já recebi um aumento. Sendo sozinha, eu tenho de viver com muito cuidado e fico admirada por receber uma pensão tão pequena, quando lembro que meu marido elevou o nome do País no campo da Medicina.

Ela explica que a pensão do Ministério da Fazenda foi conseguida há dois anos, através de um ato do presidente Ernesto Geisel. Anteriormente, ela vivia apenas com as pensões do Iperj e do INPS, de pouco valor diante da importância dos cargos que seu marido ocupou nos órgãos de saúde estaduais e federais.

BENEFÍCIOS

A nova técnica de radiografar o tórax foi anunciada, oficialmente, no dia 28 de julho de 1936, quando Manuel de Abreu relatou suas experiências à Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. O método revolucionário que consistia em fotografar uma radioscopia, teria ampla aplicação na identificação de outras enfermidades do tórax, como lesões cardíacas, tumores e o câncer pulmonar.

— Meu marido ficava impressionado de ver, no Hospital Jesus, onde trabalhava, as mães junto aos filhos. Ele sabia que poderia haver um contágio da doença (tuberculose), já que as pessoas pobres não tinham conhecimento do perigo. Foi por isso que ele distribuiu os aparelhos de tirar a abreugrafia nos centros de saúde e até mesmo na Central do Brasil, para atender a um grande número de pessoas. Os passageiros dos trens podiam tirar uma abreugrafia quando desciam na estação. Meu marido nunca ganhou financeiramente nada com isso, já que não patenteou seu invento. Ele era um homem superior às coisas materialistas.

Os retratos mantêm vivos em d. Dulce as recordações de Manuel de Abreu

HOMENAGENS

Dona Dulce Evers de Abreu é tímida, não gosta de ser fotografada. Ela, no entanto, perde a timidez quando fala do marido, com quem se casou em 1929. Mostra o diploma de Honra ao Mérito, que Manuel de Abreu recebeu do presidente Eurico Gaspar Dutra e a foto dele com o general Francisco Franco, ex-chefe de Estado da Espanha, durante uma solenidade em que foram homenageados três ganhadores do Prêmio Nobel. Manuel de Abreu não concorreu ao Prêmio Nobel porque o Brasil não se interessou em indicar seu nome, mas Franco fez questão de lhe oferecer a "Gran Cruz Civil de Sanidad". Manuel de Abreu também foi agraciado com a Legião de Honra da França, pouco depois de demonstrar seu invento aos médicos europeus.

Numa mesinha na sala de estar, há uma grande quantidade de cartas, que revelam a intensidade da correspondência mantida entre a viúva de Manuel de Abreu e outros médicos, inclusive do exterior. Ela mostra uma carta enviada pelo médico Keisuke Misono, diretor da Sociedade de Medicina do Japão.

— O dr. Keisono disse que com a abreugrafia foi possível erradicar a tuberculose no Japão. Agora, no Natal, ele me mandou um cartão de boas-festas.

SITUAÇÃO

Mas mesmo entregue às recordações do marido, que também escreveu livros de Poesia e Matemática, d. Dulce não esquece que tem de sobreviver com pouco mais de Cr$ 9 mil. Além dos dois salários-mínimos do Ministério da Fazenda, ela recebe Cr$ 1.361 do INPS e Cr$ 5.065,80 do Iperj. Ao morrer, Manuel de Abreu lhe deixou alguns bens, que ela perdeu pela má administração de pessoas, que a enganaram.

— Quando meu marido estava muito doente, eu me lembro de que ele perguntou o que seria de mim, se ele morresse.

Manuel de Abreu morreu, em 30 de janeiro de 1962, de uma doença que podia ser detectada por seu invento: câncer pulmonar. Ele teve seu nome ligado intimamente à história do combate à tuberculose a partir da publicação de um livro, editado em Paris, "Radiognostique de la tuberculose pleuropulmonaire", que estabelecia a radiologia pulmonar em bases científicas.

O trabalho reuniu uma série de idéias novas, sobre as quais seriam, mais tarde, estruturados os princípios que o levariam à descoberta da abreugrafia. Ele anunciou a descoberta em 28 de julho de 1936, mas dez anos antes, Manuel de Abreu já tinha conhecimentos sobre a possibilidade de se desenvolver um trabalho rápido para detectar a doença, quando examinou uma chapa radiológica de um tuberculoso, no Laboratório Central de Radiologia do Hôtel Dieu.

Dulcie: um fim melancólico para quem, ao lado do marido, viveu dias de glória. Matéria publicada em *O Globo*, de 3 de fevereiro de 1980

A viúva de Abreu

Em uma sala grande e arejada de um antigo apartamento localizado no aprazível bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, uma senhora octogenária conta parte de sua história a um jornalista de *O Globo*. Nostalgicamente, ela olha para os retratos que decoram a sala e a biblioteca e viaja para o passado, lembrando-se das glórias de outrora e dos momentos felizes que viveu ao lado do falecido esposo. Seu nome é Dulcie, seu marido, Manoel de Abreu.

De pé, ao lado das fotografias, a senhora Abreu começa a lembrar com detalhes passagens importantes da vida do marido. Tudo ainda parecia tão recente e tão vivo em sua memória. Só neste momento percebeu que quase 20 anos haviam se passado desde aquele 29 de janeiro de 1962, quando ouviu pela última vez a voz do seu amado. Desde então, muitas coisas haviam mudado. A começar pelas viagens e passeios. Sozinha, sem filhos ou parentes, Dulcie optou pelo ostracismo, saindo somente quando estritamente necessário. Em casa, apegou-se única e exclusivamente às lembranças felizes da juventude e aos anos dourados ao lado de Abreu.

Naquela altura da vida, tinha mais motivos para lamentar do que para sorrir. Afinal, o tempo e as vicissitudes foram implacáveis para com ela. Continuava a morar no luxuoso apartamento 502 do Edifício Biarritz, um dos mais belos exemplares em *art déco* do Rio de Janeiro. Mas aquele imóvel não lhe pertencia. A senhora que, ao lado do marido, tinha frequentado as altas esferas da sociedade, que havia se relacionado com figuras ilustres e descendia de uma linhagem de nobres suecos, agora vivia de aluguel. E não era só isso. Para se manter, Dulcie tinha de se contentar basicamente com uma renda mensal de CR$ 9 mil, aqui incluídos os dois salários mínimos que recebia do Ministério da Fazenda e as pensões do Instituto de Previdência do Estado do Rio de Janeiro (Iperj) e do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Os benefícios do Iperj e do INPS correspondiam a valores irrisórios, tendo em vista a importância dos cargos ocupados por Abreu na saúde pública estadual e federal. "Quando o meu marido estava muito doente, eu me lembro de que ele perguntou o que seria de mim, se ele morresse", rememorou Dulcie a certa altura da entrevista.

Já a quantia advinda do Ministério da Fazenda era o único reconhecimento oficial conseguido pela viúva referente ao trabalho prestado pelo marido. Mas não antes de muita luta e espera. A situação de "penúria", comparada ao requinte que sempre estivera acostumada, constrangia aquela idosa, que evitava falar sobre o assunto. Mas seus entraves financeiros já não eram segredo entre amigos. Sensibilizados, muitos trataram de agir. Um deles foi Renato Leão Aquino, que escreveu uma carta para o jornal *O Globo* destinada ao governador fluminense Floriano Peixoto Faria Lima. Publicada na edição de 3 de junho de 1976, trazia uma sábia solicitação: sugeria que se aproveitasse a ocasião dos 40 anos do advento da abreugrafia, que aconteceria em julho daquele ano, para que se concedesse um abono periódico condigno à subsistência de Dulcie Evers de Abreu.

Aparentemente, o pedido não surtiu efeito, pelo menos na esfera estadual. No entanto, um ano depois, na edição do *Diário Oficial da União* de 1º de setembro de 1977, foi publicada a Lei nº 6.440, que garantia pensão especial mensal, vitalícia e intransferível a Dulcie, em função dos trabalhos prestados pelo seu marido. O valor da gratificação, de dois salários mínimos, ou Cr$ 2.212,80[1], acabou causando desconforto e indignação ainda maiores que a ausência daquele pagamento. Essa quantia, corrigida pelo ICV/Dieese equivalia, em janeiro de 2011, a R$ 1.266,64[2]. "Fico constrangida quando tenho que mostrar meus contracheques (...) Sendo sozinha, eu tenho que viver com muito cuidado e fico admirada por receber uma pensão tão pequena, quando lembro que meu marido elevou o nome do País no campo da Medicina", desabafou Dulcie. Uma carta de Ernani Pinto, leitor do *Jornal do Brasil*, resumiu bem a sensação daqueles que esperavam algo mais do governo de Ernesto Geisel: "nunca vi fazer justiça com tanta injustiça", sentenciou.

O poeta Carlos Drummond de Andrade[3] foi outro intelectual que se consternou com a situação. Usando sua coluna no *Jornal do Brasil* lembrou aos incautos quem era Manoel de Abreu e ressaltou o quanto o País devia àquele homem. "Se cada brasileiro que ficou devendo a sua saúde e mesmo a sua vida a um diagnóstico preciso, alcançado por meio de registro radiográfico em filmes de 35 mm, desse Cr$ 10 para a instituição de um fundo financeiro nacional, teríamos acumulado um bom capital a ser aplicado em serviço de utilidade pública, de preferência no ramo sanitário", escreveu o poeta e cronista mineiro.

---

1. Conforme o valor do salário mínimo que entrou em vigor em 1º de maio de 1977, que era de Cr$ 1.106,40.
2. OLIVEIRA, Mariana. Veja evolução do salário mínimo desde sua criação, há 70 anos. Disponível em http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/02/veja-evolucao-do-salario-minimo-desde-sua-criacao--ha-70-anos.html. Acesso em 11/01/12.
3. O artigo de Drummond, intitulado "O Poeta da Abreugrafia e sua viúva" foi publicado em 4 de maio de 1977.

Para Drummond, o invento de Abreu, a quem chama de "poeta da medicina", ajudou a salvar milhões de pessoas, que, por sua vez, continuaram produzindo e gerando riqueza para o País, trazendo impacto no Produto Interno Bruto e na qualidade de vida. Ele ainda ironizou o valor pago em gratidão a quem tanto promoveu o nome do Brasil. Questionou, por exemplo, se os dois salários mínimos ofertados não afetariam em demasia "as combalidas finanças nacionais" e se existiria verba disponível para tamanho gasto. Na tentativa de corrigir a "injustiça", o presidente João Figueiredo, sucessor de Geisel, aceitou aumentar o valor da gratificação, passando de dois para três mínimos, conforme a Lei 6.818, de 9 de setembro de 1980, que revogou a anterior. No valor da época, a pensão especial subiria para Cr$ 17.366,40, quantia esta que, atualizada conforme o mesmo ICV-Dieese, passaria a R$ 2.058,14. Dulcie usufruiria do novo benefício por pouco mais de três anos.

E enquanto os dias passavam vagarosamente para aquela senhora, uma grande mudança ocorria dentro da radiologia. Aos poucos, o método criado por Manoel de Abreu e que se difundiu por todo o mundo foi perdendo a importância. A própria Organização Mundial de Saúde (OMS), por intermédio de um Comitê de Peritos em Tuberculose, recomendou, em 1974, o abandono do uso de equipes móveis de exploração radiológica em massa. Para o grupo, essa forma, em que profissionais se deslocavam em caminhões, barcos ou aviões munidos de aparelhos abreugráficos para exames, principalmente das populações distantes e menos favorecidas, era muito custosa, mesmo quando havia grande prevalência de tuberculose. Em São Paulo, o secretário estadual da Saúde, Walter Leser[4], também não era partidário do exame radiográfico em massa. E, assim, a abreu-

4. Walter Leser ocupou o cargo de secretário de Saúde em duas ocasiões: entre 1967-1970, no governo Abreu Sodré, e entre 1975-1979, na gestão Paulo Egydio Martins.

grafia era cada vez menos usada, embora ainda fosse obrigatória aos trabalhadores a apresentação de uma carteira de saúde com um exame de raios X do pulmão. No seu lugar, os médicos preferiam investir na baciloscopia. Perdia importância, inclusive em função do elevado custo dos filmes, que passaram a ser fabricados em quantidade irrisória. Dessa forma, o método via escapar seu principal atrativo, o econômico. A extinção era apenas questão de tempo.

Da solidão do seu apartamento talvez Dulcie ainda não antevisse isso. O lugar mais parecia um museu, onde ainda se mantinham preservados e expostos fotografias, condecorações, recortes de jornais, fichários e móveis que pertenceram ao marido. E mesmo após a morte de Abreu, continuava a ser assediada por cientistas estrangeiros. Na década de 1970, ainda recebia cerca de dez cartas por mês de especialistas de outros países interessados na vida e na obra do grande cientista. Em duas correspondências, Egidio Mazzei (presidente da Sociedade Argentina de Progresso em Medicina), e Manuel Castello, (presidente da Academia Nacional de Ciências de Buenos Aires), escrevem pedindo objetos de Abreu para exposição durante homenagens ao seu marido; em outra, Keisuke Misono, diretor da Sociedade de Medicina do Japão, destaca a importância do exame abreugráfico na luta antituberculose no país asiático.

"Meu marido foi um homem excepcional e os que tiveram privilégio de conhecê-lo jamais o esqueceram. Era um homem simples, despojado de qualquer ambição material que vivia para os humildes", dizia Dulcie. Com esse espírito, Abreu se entregou ainda ao desenvolvimento de um motor hidráulico até pouco antes de morrer. O objetivo era a geração de energia de forma barata e praticamente sem perda. Dedicou-se àquele invento por pelo menos dez anos. Em 2 de dezembro de 1952, ele apresentou, segundo Gil Ribeiro, um pedido de patente para um novo modelo, que substituía um anterior, registrado em fevereiro do

mesmo ano com o nº 60.910. Até seus últimos dias, trabalhou arduamente naquele projeto, muitas vezes até tarde da noite, nos fundos da sua clínica. Apresentou-o para alguns especialistas brasileiros que o atenderam por educação, mas não lhe deram crédito. Sua esperança estava no exterior. "O aparelho ficou pronto, mas a doença chegou quando ele estava se preparando para uma demonstração na Inglaterra, onde vários cientistas queriam conhecer detalhes do seu funcionamento", diria a viúva.

Se Abreu acertou em pedir o registro do motor hidráulico, falhou em não fazer o mesmo com a sua principal criação. Ansioso por apresentar ao mundo, em 1936, a técnica que permitia radiografar o tórax usando filmes em miniatura (afinal a luta contra a epidemia de tuberculose exigia celeridade), não pediu patente internacional do invento, que seria usado em todos os países do mundo. Para frustração maior, a fabricação dos aparelhos em solo nacional terminou junto com a Segunda Guerra Mundial (1945). Paradoxalmente, desde o fim desse conflito, o Brasil, país onde nasceu a abreugrafia, se viu obrigado a importar as máquinas dos Estados Unidos, da Alemanha ou da Holanda se quisesse equipar seus novos postos de cadastramento torácico.

"Vivo em dificuldade porque meu marido não registrou a patente do invento", lamentou-se Dulcie. "Se ele tivesse registrado o processo, seria talvez um dos homens mais ricos do mundo", continuou. A verdade é que, além da fama, Abreu não ganhou dinheiro com sua criação. Aliás, sem ajuda oficial, teve de vender alguns imóveis para financiar suas pesquisas. E, quando a abreugrafia já era uma realidade universal, ele bancou com recursos próprios, segundo a mulher, a construção das máquinas que seriam usadas no posto criado na Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

"Muitas pessoas ganharam e ganham fortunas com a invenção do meu marido. Já meu marido nunca ganhou financeiramente nada com isso, já que não patenteou seu invento",

disse uma resignada Dulcie ao mesmo jornalista de *O Globo*, que a entrevistava. No entanto, para que não soasse como um lamento ou crítica ao amado, cuidadosamente completou: "Ele era um homem superior às coisas materialistas." E não mentia. Terminada a conversa, o jovem profissional fechou seu bloquinho de anotações, agradeceu e se despediu. Por fim, tomou o elevador e seguiu direto para a redação, ciente de que tinha uma boa história para contar.

Desde a morte de Abreu, Dulcie não viajou mais para o exterior. Ela que estava acostumada a ir com frequência a Lisboa, Paris e sua amada Londres optou voluntariamente pelo recolhimento. Apesar de ter sido convidada, abdicou até mesmo de ir ao casamento do rei Carl XVI Gustaf da Suécia com Sílvia Renate Sommerlath, em junho de 1976. Apesar disso, não faltava quem lhe sugerisse mudança de ares. Uma delas era a portuguesa Maria Manuel de Abreu Elvas, filha de Júlio Gomes da Cunha de Abreu[5], o filho que o patriarca Júlio Abreu (pai de Manoel de Abreu) teve de sua segunda união, com Maria Gomes da Cunha de Abreu.

Desde 1971, depois que casou com o brasileiro José Elvas, a sobrinha "postiça" de Manoel de Abreu vivia no Rio de Janeiro. Dulcie a conheceu ainda criança, de outras viagens que fizera com o marido a Lisboa. Na Cidade Maravilhosa as duas mantiveram-se próximas e a portuguesa acabou se tornando confidente da introspectiva viúva. Era comum Dulcie ligar para a Clínica Botafogo, onde Maria trabalhava como psicóloga, para conversarem por alguns instantes ou marcarem encontros informais.

5. Júlio Gomes, irmão por parte de pai de Manoel de Abreu, também se especializou em radiologia. Morreu em 2004, aos 94 anos.

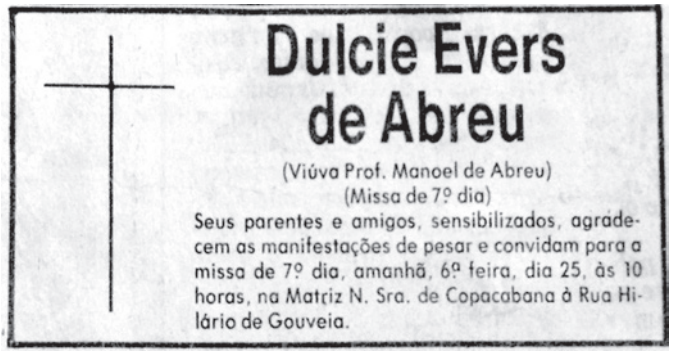
Mas as visitas de Maria Manuel eram exceção na rotina de Dulcie, que passava o dia na companhia da governanta Odete, espécie de anjo da guarda daquela senhora. A relação com essa funcionária há muito já havia ultrapassado os vínculos trabalhistas. Tanto que Dulcie era a madrinha de Francisco, o filho dessa empregada. Quem se mantinha por perto também era Ayda, a antiga secretária de Abreu, enquanto seu irmão, Lindolpho, continuava exercendo a função de advogado da família.

Todos esses que foram citados até agora não seriam esquecidos por Dulcie na hora de deixar seu testamento. Isso porque, apesar de se queixar por ver seus bens desaparecerem pouco a pouco desde a morte do marido, a viúva chegaria ao final de sua vida sendo ainda proprietária de três apartamentos, reminiscências da herança deixada por Abreu. Contraditoriamente, apesar de morar em uma casa alugada, Manoel de Abreu era proprietário de um prédio de dez andares na Rua 2 de Dezembro, 44, igualmente no Flamengo. O edifício residencial, com quatro apartamentos por pavimento, era uma de suas fontes de renda, já que todas as unidades eram alugadas a terceiros.

Com a morte do radiologista, metade daquilo passou a pertencer à viúva e a outra metade à mãe, dona Mercedes. E é parte disso que foi consumida ao longo dos anos. Como isso aconteceu? Na matéria não assinada "Entre as Recordações, uma queixa: a modesta pensão", publicada em *O Globo*, de 3 de fevereiro de 1980, o jornalista anônimo que a entrevistou é enfático ao sugerir que alguns bens se perderam "pela má administração de pessoas, que a enganaram."

Em meados de 1983, Dulcie começou a se queixar com mais insistência de uma hérnia. O quadro incomodava aquela senhora tímida e franzina de 87 anos. "Ninguém queria que ela fosse operada. Fora isso, estava com a saúde ótima", lem-

brou Maria Manuel. Ainda assim ela quis encarar o procedimento. Em outubro daquele ano se internou na Clínica São José. Inicialmente, a operação foi tranquila. Porém, de um dia para o outro, sua situação se agravou. Foi constatado um derrame pleural e ela passou a respirar com ajuda de aparelhos. Alguns poucos amigos se revezavam em busca de notícias. Já era tarde. Em 18 de novembro foi constatada a morte. Causa final: parada respiratória. O corpo seguiu para o Cemitério da Consolação, em São Paulo. Na edição de *O Globo* do dia 24 um pequeno anúncio convidava amigos e familiares para a missa de 7º dia, a ser realizada às 10h do dia seguinte, uma sexta-feira, na Matriz Nossa Senhora de Copacabana. Poucos foram aqueles que atenderam ao apelo.



Dulcie Evers de Abreu

(Viúva Prof. Manoel de Abreu)
(Missa de 7º dia)

Seus parentes e amigos, sensibilizados, agradecem as manifestações de pesar e convidam para a missa de 7º dia, amanhã, 6ª feira, dia 25, às 10 horas, na Matriz N. Sra. de Copacabana à Rua Hilário de Gouveia.

O Globo de 23 de novembro de 1983 traz o anúncio da morte da esposa de Manoel de Abreu

Professor Manoel de Abreu

Ilmo. Sr.
Dr. Lindolpho Mendonça de Souza
Rua Senador Dantas nº 20 - 10º andar - Grupo 1004
N E S T A

REF: Testamento da viuva do Professor Manoel de Abreu

Senhor Inventariante:

Acusamos o recebimento das peças que pertenceram ao Professor Manoel de Abreu, oferecidas a Academia Nacional de Medicina, por sua viuva conforme o testamento por ela feito.

Os objétos constantes do Item nº 4 do referido testamento, que ficarão guardados nas dependencias desta Instituição são os seguintes:

- Condecorações que pertenceram ao Professor Manoel de Abreu.
- Diplomas recebidos por ele quando vivo.
- Fotografias de momentos de seu trabalho.
- Biblioteca com livros cientificos e de literatura.
- Mesa de Trabalho de seu consultório
- Cadeira giratória.
- Sofá com duas poltronas na cor vermelho.

Sendo o que nos cabe, no momento.

Atenciosamente

E. Rocha

(Professor Eudorico da Rocha Junior)
SECRETÁRIO GERAL

CAIXA POSTAL 459 - CEP 20021 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

Em testamento, a viúva deixa parte da memória do marido à Academia Nacional de Medicina

Senhor Antônio Nelson de Abreu Cervone, o filho de Mercedes (Yayá) e sobrinho de Manoel de Abreu: vive atualmente no Rio e tem dois filhos, Flávia e André

Reprodução do ambiente de trabalho de Manoel de Abreu feita com peças do acervo doado pela viúva à ANM. Encontra-se no museu da entidade

O renascimento de um gênio

É difícil perceber quando se está diante de um gênio. Principalmente quando ele surge, de repente, com um sorriso simples, generoso e instigador. Manoel de Abreu era assim. Incansável pesquisador e apaixonado pelo seu trabalho, não teve dúvidas quando precisou escolher entre esperar pela patente ou colocar a sua principal criação – a abreugrafia – em prática. Ao ver a epidemia de tuberculose se alastrando pelo mundo, desenvolveu um aparelho único, capaz de diagnosticar precocemente casos da temida peste branca e, assim, aumentar a probabilidade de cura e evitar milhares de mortes.

E este não foi o seu único invento. Durante toda a sua vida, uniu muitas disciplinas e desenvolveu equipamentos capazes de potencializar o trabalho do médico frente à doença. Isso pode ser observado desde os seus primeiros desafios com a fotografia e a endoscopia ao aperfeiçoamento de algumas técnicas, como o lavado pulmonar e a tomografia simultânea. Enquanto criava, escrevia artigos, ministrava palestras e transmitia seus conhecimentos a milhares de pessoas. E, apesar da

rotina atribulada, repleta de trabalho e inquietação, encontrava tempo para filosofar, escrever livros e poesias, um dos *hobbies* que nunca abandonou. Produziu muito. Tanto que deixaria para trás seis obras inéditas, incluindo *O anjo embriagado*, *O futuro da Civilização*, *Viagem ao país de ninguém* e a versão para o francês de *Não ser*.[1]

Esse espírito pioneiro lhe fez brilhar entre os seus colegas de profissão e contemporâneos. E não faltaram homenagens em reconhecimento à importância do seu trabalho enquanto ainda era vivo. A última delas aconteceu em dezembro de 1961, ao ser condecorado pelo governo francês com a grã-cruz da Ordem da Saúde Pública[2] por serviços prestados à humanidade. Postumamente, outras tantas se seguiram em várias cidades do Brasil e do exterior, geralmente na forma de inauguração de retrato, busto ou placa de bronze ou ainda batizando algum espaço com o nome do cientista.

Um dos primeiros equipamentos públicos inaugurados tendo como patrono o inventor da abreugrafia foi uma escola municipal no bairro da Pavuna, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, em 6 de abril de 1962. Na ocasião, pouco mais de dois meses depois da morte de Abreu, estiveram presentes ali, além do governador do antigo Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, o amigo e assistente Gil Ribeiro e dona Dulcie. A unidade, feita às pressas e de maneira improvisada, com placas de isopor revestidas com madeira, era para durar apenas cinco anos. Mas, depois de reformada, continua lá, na Rua Auta de Souza.

No seu discurso, Ribeiro lembrou que o longo período que permaneceu na Europa não fez de Abreu um esnobe. Ao contrário, disse de forma emocionada, "acentuou-lhe traços carac-

1. Infelizmente, não foi possível durante as pesquisas para a produção desta biografia descobrir o paradeiro dessas obras.
2. A Ordre de la Santé Publique (em francês) foi encorporada pela Ordre National Du Mérite, instituída em dezembro de 1963 pelo presidente Charles de Gaulle.

terísticos de verdadeiro patriota." Na sua vez, Lacerda preferiu ressaltar os aspectos artísticos do homenageado, qualificando-o como um dos renovadores da literatura brasileira no movimento modernista. "Manoel de Abreu demonstrou que o sonho é indispensável a toda construção duradoura", disse Lacerda, antes de ser interrompido por demorados aplausos.

Em São Paulo, também não faltaram referências ao médico, filho ilustre da terra. Em maio de 1963, foi a vez do centro acadêmico da recém-criada Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa ser batizado com o seu nome. Dois anos depois, a láurea partiu da Sociedade Paulista de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (SPR). Naquele ano de 1965, um grupo de especialistas começou a se reunir para debater casos e promover o conhecimento e a formação dos profissionais do interior do Estado. Na hora de dar um nome para essas reuniões periódicas, os participantes não tiveram dúvida: Clube Manoel de Abreu. Nascia ali o embrião da tradicional Jornada Paulista de Radiologia (JPR), um dos principais eventos no mundo na área de radiologia.

A impressão que se tinha naqueles meados da década de 1960 era que a obra e a marca Manoel de Abreu eram indeléveis e que seu trabalho lhe havia garantido um lugar de destaque e definitivo no panteão dos grandes brasileiros. Aparentemente, pode até parecer que seus contemporâneos estavam certos, afinal, ainda hoje, o nome Manoel de Abreu se encontra espalhado por todo o Brasil, batizando uma série de ruas, avenidas, praça, rodovia, bairro, condomínio, diversos serviços e clínicas de radiologia e hospitais. Da baiana Salvador à paulista Bauru, da cearense Crato à acreana Rio Branco, encontra-se o nome do pai da abreugrafia em diversas placas.

No calor dos acontecimentos, o radiologista Mathias Octavio Roxo Nobre, um dos pioneiros da radioterapia no Brasil, foi um dos poucos que alertou sobre a memória curta do brasileiro, "pouco inclinado ao culto do nosso passado". Ciente disso, ele

aconselhou que a homenagem mais expressiva que se poderia prestar a Manoel Dias de Abreu seria ensinar "às gerações de todos os tempos a lhe dar o culto e o respeito que conquistou com seu esforço e talento."[3] Infelizmente, Roxo Nobre tinha razão de estar preocupado. Afinal, o tempo é o principal inimigo da memória. Sendo assim, não demorou muito para que a figura daquele incansável cientista fosse engolida pelas sombras da posteridade. E aquele que décadas atrás foi um importante personagem, por ter elevado o nome do País e das ciências brasileiras, perdeu espaço na memória coletiva nacional.

Como se sabe, a história não é um processo contínuo. Boa parte das vezes é feita de ciclos, em que se alternam glória, esquecimento e rememoração. Talvez neste momento, que marca 50 anos de morte desse incansável brasileiro, seja a melhor hora para resgatar sua obra e memória e alçá-las ao lugar que lhes são de direito, entre os grandes desta nação. Justificativas não faltam. Não é exagero dizer que, com Abreu, finalmente a radiologia deixou de ser apenas um obscuro processo auxiliar para se tornar uma especialidade de destaque e o radiologista passou de figurante a protagonista na incansável luta da Medicina contra as diversas enfermidades.

Enfim, ele, que se dedicou à investigação científica até seu último alento, que combinou persistência e genialidade, que criou mecanismos para facilitar a rotina médica e que ajudou a salvar milhões de vidas pelo mundo, merece ser trazido novamente à luz. Menos do que isso é pagar com injustiça e omissão a quem, em seu tempo, foi considerado, com sólidos motivos, um benfeitor da humanidade. Além do mais, um país tão carente de verdadeiros heróis não pode se dar ao luxo de negar-lhe dignas reverências.

---

3. Discurso proferido em solenidade na Associação Paulista de Medicina, em 27 de março de 1962.

Bibliografia

A SAÚDE DO MUNDO. Genebra, Organização Mundial de Saúde, edição especial, janeiro, 1982.

ABREU, Manoel de. *Natureza pobre*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1914.

_____. *Le radiodiagnostic dans la tuberculose pleuro-pulmonaire*. Paris: Masson, 1921.

_____. *Essay sur um nouvelle radiologie vasculaire*. Paris: Masson Editeurs, 1926.

_____. *Le méroscope pour auscultation partielle de la région cardiaque*. Separata de: La Presse Médicale, Paris, nº 31, p.1-7, abr. 1927.

_____. *Études radiologiques sur le poumon et le médiastin*. Paris: Masson Editeurs, 1930.

_____. *Radiographie néphro-colecystique*. Paris: Masson Editeurs, 1930.

_____. *Poemas sem realidade*. São Paulo: São Paulo Editora, 1934.

_____. *Meditações*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica Mauá, 1936.

_____. *Röntgen-photografia*. Revista da Associação Paulista de Medicina, São Paulo, v. IX, n. 6, p. 313-328, 1936.

_____. *Recenseamento torácico coletivo pela Roentgenfotografia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1938.

_____. *Mensagem etérea*. Rio de Janeiro: Revista Acadêmica Editora, 1945.

_____. *A luta contra o universo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1946.

_____. *Diagnostic et traitement precoces*. Facteur decisif dans la prophylaxie de la tuberculose. Separata de: Clínica Tisiológica, Rio de Janeiro, v.5, nº 18, p.45-60, 1950.

_____. *Bases de l'interprétation radiologique*. Radiogeometrie. Paris: Masson, 1954.

_____. *Importância da abreugrafia no diagnóstico e na profilaxia da tuberculose*. Separata de: Revista Brasileira de Tuberculose, Rio de Janeiro, ano XXVIII, nº 205, p. 1-10, 1960.

_____. PAULA, Aluysio. BENEDETTI, Francisco. *Röentgenfotografia*. Rio de Janeiro: Livraria Ateneu, 1940.

AMARAL, Sylvio Lemos do. *Manoel de Abreu e a abreugrafia*. Revista Paulista de Hospitais, São Paulo, nº 4, ano X, p. 38-40, abril, 1962.

ANDRADE, Luís Edgard de. *País de Abreu importa abreugrafia*. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 29, p. 48-51, 2/5/1959.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira et al. *A tuberculose através do século: ícones canônicos e signos do combate à enfermidade*. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1413--81232000000200010&script=sci_arttext. Acesso em 26/10/2011.

BEDRIKOW, Rubens. *Manoel de Abreu*. Jornal de Pneumologia, vol. 27, no. 1, São Paulo, Janeiro de 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-35862001000100010. Acesso em 23/09/2011.

BOLETIM DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. Rio de Janeiro, ano 100, nº 17, 1929. Não paginado.

CARVALHO, Delgado de. *O oitavo congresso científico de Washington*. Revista Brasileira de Geografia, v. 2, n. 4, 1940. Disponível em www.cantacantos.com.br/revista/index.php/rbg/article/view/457/402. Acesso em 2/12/11.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Publifolha, 2000.

DARMON, Pierre. *Le médecin parisien en 1900*. Paris, Hachette Littératures, 2003.

_____. *Vivre à Paris pendant la grande guerre*. Paris, hachette Littératures, Fayard, 2002.

DELAVIERRE, Ph. L'hôpital de Vaugirard: dês origines à nos jours. Disponível em http://www.biusante.parisdescartes.fr/sfhm/hsm/HSMx1978x012x002/HSMx1978x012x002x0153.pdf. Acesso em 03/10/2011.

FARO, Mario de Mello. *Abreugrafia: apogeu e decadência*. Suplemento Cultural da Revista da APM. São Paulo, nº 163, p. 7, dezembro, 2005. Disponível em http://issuu.com/associacaopaulistamedicina/docs/suplemento_dezembro05. Acesso em 05/01/12.

FRANCISCO, FC; MAYMONE, W; AMARAL, MAV; et al. *História da Radiologia no Brasil*. Rev. Imagem. São Paulo, nº 28, pp. 63-66, 2006. Disponível em www.imaginologia.com.br/dow/upload%20historia/A-Hist%C3%B3ria-da-Radiologia-Brasileira.pdf. Acesso em 23/09/2011.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Memória da Tuberculose: acervo de depoimentos*/Tania Maria Dias Fernandes (cood.), Dilene Raimundo do Nascimento, Anna Beatriz de Sá Almeida e Lorelai Brilhante Kury. – Rio de Janeiro: Fiocruz: Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Nacional de Saúde: Centro de Referências Prof. Hélio Fraga: Coordenação Nacional de Pneumologia Sanitária, 1993

GIKOVATE, Febus; NOGUEIRA, Diogo Pupo. *Abreugrafia sistemática em massa: inviabilidade econômica e eventuais perigos da exposição a radiações*. Rev. Saúde Pública v.40 n.3 São Paulo jun. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05/01/2012.

HIJJAN, Miguel Aiub; GERHARDT, Germano; et al. *Retrospecto do controle da tuberculose no Brasil*. Revista da Saúde Pública, 2007;41(Supl. 1):50-58. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41s1/6489.pdf. Acesso em 17/10/2011.

KERR, Fernando; FIGUEREDO, Joana (coord. geral). *Mackenzie: tradição e pioneirismo na educação*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004.

LACAZ, Carlos da Silva. *Vultos da Medicina Brasileira*. São Paulo: Editora Helicon, 1963.

_____. *Temas de Medicina: biografia, doenças e problemas sociais*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

LANTERNA VERDE. *Boletim da Sociedade Felippe D'Oliveira*. Disponível na biblioteca virtual do Grupo Literatura e História, da Universidade Federal de Santa Maria (RS), em http://w3.ufsm.br/literaturaehistoria/index.php/biblioteca-virtual/livros.html. Acesso em 29/11/11.

MAGALHÃES, Fernando. *O centenário da faculdade de medicina do Rio de Janeiro: 1832-1932*. Rio de Janeiro: Typ. A. P. Barthel, 1932.

LARRETA, Enrique Rodrigues; GIUCCI, Guillermo; BAPTISTA, Josely Vianna. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. Disponível em http://migre.me/8wka3. Acesso em 28/11/11.

LESSA, Carlos (org). *Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002. Disponível em http://books.google.com.br. Acesso em 20/12/11.

MANOEL DE ABREU revive na pena de um médico-escritor. O Médico Moderno, São Paulo, Serpel, vol. IV, no. 4, p. 29-33, jul., 1964.

MENDA, Mari Elizabeth; FREITAS, Valdir de. *Médicos Extraordinários*. São Paulo: Lemos Editorial, 2004.

MOLINA. MATÍAS M. *Campeão da virulência*. Disponível em www.valor.com.br/5091/1027412/campeao-da-virulencia. Acesso em 3/11/2011.

NASCIMENTO, L.M.O.; ALVES, M.D.S.; FORTE, B.P. Políticas de saúde e tuberculose. In: DAMASCENO, M.M.C.; ARAÚJO, T.L.; FERNANDES, A.F.C. (Org.). *Transtornos vitais no fim do século XX: diabetes mellitus, distúrbios cardiovasculares, câncer, Aids, tuberculose e hanseníase*. 1ª ed. Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999, v. 1, p. 115-134.

OSBORNE, Carlos. Manoel de Abreu, Patrono da Cadeira nº 84. *Revista da Academia Nacional de Medicina*, Rio de Janeiro, n.1, p.126-128, jan./fev./mar. 1965.

PALLARDY, G.; MABILLE, JP. Antoine Béclère (1856-1939). *Journal de Radiologie*, Vol 80, N° 6 - mai 1999, p. 600. Disponível em http://www.em-consulte.com/article/122734. Acesso em 13/10/11.

PAULA, Aloysio de. Abreugrafia. In: QUEIROZ, Júlio Sanderson de. *Memória da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro num Século de Vida*. Rio de Janeiro: RIOARTE/ MEC, 1986. v.2. p. 479-481.

PITTELLA, José Eymard Homem. *O processo de avaliação em ciência e a indicação de Carlos Chagas ao prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina*. Rev. Soc. Bras. Med. Trop., Uberaba, v. 42, n. 1, fev. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.

php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822009000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 24/01/2012.

REVISTA BRASILEIRA DE TUBERCULOSE E DOENÇAS TORÁCICAS. ABREU, Manoel de. Rio de JANEIRO, Departamento de Tuberculose da D.G.S. do Estado da Guanabara, nº 212, ano XXX, abril/junho, 1962.

REY, Amadeo Joaquín; PANGAS, Julio césar; MASSÉ, Raúl Jorge. *Tratado de Tisiologia*. Buenos Aires: Libreria El Ateneo Editorial, 1954.

RIBEIRO, Gil. *Manoel de Abreu*. São Paulo: Fundo Editorial Byk, 1989.

RIBEIRO, Lourival. *Figuras e Fatos da Medicina no Brasil***.** Rio de Janeiro: Editora Sul Americana S.A., 1964.

ROSEMBERG, José. *Tuberculose – Aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação*. Bol. Pneumol. Sanit. v.7 n.2 Rio de Janeiro dez. 1999. Disponível em http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-460X1999000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18/11/11.

SANGLARD, Gisele. *Hospitais: espaços de cura e lugares de memória da saúde*. Anais do Museu Paulista, vol. 15, no. 2, São Paulo, julho-dezembro/2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142007000200020&script=sci_arttext. Acesso em 17/10/2011.

SANTOS, Itazil Benício. *Vida e Obra de Manoel de Abreu: o Criador da Abreugrafia*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1963.

_____. *Itinerários de ideais e compromissos*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, s/d.

_____. *Vultos e fatos da medicina brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Pogetti, 1968.

TEIXEIRA, Luiz Antonio; FONSECA, Cristina Oliveira. *De doença desconhecida a problema de saúde pública: o INCA e o controle do câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2007.

TUOTO, E. A. "Precursores da Radiologia no Brasil". In: *História da Medicina by Dr Elvio A Tuoto* (Internet). Brasil, 2007. Disponível em http://historyofmedicine.blogspot.com/2007/05/radiologia--no-brasil-radiology-in.html. Acesso em 30/05/2011.

VACCAREZZA, Rodolfo A. *Creación y organización del primer centro de catastro roentgenfotográfico de M. de Abreu de la liga argentina contra la tuberculosis*. Disponível em: http://hist.library.paho.org/Spanish/BOL/v19n6p544.pdf. Acesso em 14/11/11.

VAL, Francisco Lanari do. *Manual de técnica radiográfica*. Barueri: Editora Manole, 2006.

WEGUELIN, João Marcos. *Prisão de Pedro Ernesto*. Disponível em Rio de Janeiro através dos jornais. http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj36.htm. Acesso em 25/10/2011.

ZANCHETTA, Maria Inês. *Oswaldo Cruz: tudo pela saúde*. Disponível em http://super.abril.com.br/cotidiano/oswaldo-cruz-tudo--pela-saude-438798.shtml. Acesso em 17/10/2011.

Outras fontes na Internet

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA. Disponível em www.biblioteca.presidencia.gov.br. Acesso em 20/12/2011.

CASA DE OSWALDO CRUZ / Fiocruz – Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br. Acesso em 09/09/2011.

DOENÇAS E EPIDEMIAS no Rio de Janeiro (1850-1880). Disponível em http://homolog.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/trajetoria/volta_brasil/busca_doenca.htm. Acesso em 17/10/2011.

HISTÓRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFRJ. Disponível em www.medicina.ufrj.br/colchoes.php?id_colchao=1. Acesso em 20/09/2011.

HISTÓRIA DA MEDICINA. Disponível em historyofmedicine.blogspot.com. Acesso em 20/09/2011.

PRÊMIO NOBEL. Disponível em www.nobelprize.org. Acesso em 15/01/2012.

Jornais consultados

– A Capital
– A Tarde
– Correio da Manhã
– Correio Paulistano
– Diário Popular
– O Estado de S. Paulo
– O Globo
– Jornal da Bahia
– Jornal da Imagem
– Jornal do Brasil
– O Fluminense

Índice onomástico

A

ABREU JUNIOR, Julio Antunes de Abreu (Julinho) : 29, 187, 249, 250
ABREU, Antonio d'Almeida: 32
ABREU, Dulcie Evers: 104, 115, 116, 117, 118, 127, 129, 187, 190, 203, 236, 237, 241, 245, 246, 247, 249, 250, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 272
ABREU, Júlio Antunes de (pai): 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 35, 36, 51, 70, 104, 107, 117, 129, 250, 263
ABREU, Júlio Gomes da Cunha de: 32, 33, 263
ABREU, Luís (primeiro filho que morreu): 25, 250
ABREU, Luís (segundo filho que morreu): 28, 250
ABREU, Luiz Antunes de: 33
ABREU, Manoel Antônio: 26
ABREU, Maria Gomes da Cunha de: 32, 263
ABREU, Maria Tereza (filha de Júlio Gomes com Maria Tereza): 32
ABREU, Maria Tereza d'Almeida(esposa de Júlio Gomes da Cunha de Abreu): 32
ABREU, Mercedes Dias de (Yayá): 29, 49, 61, 113, 129, 187, 250, 267
ABREU, Sofia de: 187
ABREU, Tanner de: 120
ABUNAHMAN, Antônio Jorge: 234
ACHILES, Heitor: 84
ADM, Albert: 106
AGUIAR, Souza (general): 40
ALFARO, Gregório Araos: 156
ALMEIDA E SILVA, Og: 119
ALMEIDA, Antonio José de: 32
ALMEIDA, Maria Joana Perdigão Queiroga de: 32
ALVES, Francisco de Paula Rodrigues: 79
AMADO, Jorge: 202
AMARAL, Álvaro: 92
AMARAL, Sylvio Lemos do: 233, 234
AMEUILLE, Pierre: 67
AMORIM, Aresky: 185
AMORIN, Durval: 233
ANDERSON, Robert: 154, 188, 199
ANDRADE, Carlos Drummond de: 118, 259, 260
ANTUNES, Felizardo Anacleto: 26, 27, 28
AQUINO, Renato Leão: 258
ARAÚJO, Carlos da Silva: 185
ARAÚJO, César de: 235
ASSIS, Arlindo de: 149
AUSTREGÉSILO, Antônio: 54
AZEVEDO, Ramiro de: 235

B

BANDEIRA, Manuel: 202
BANYAI, Andrew: 190
BARATA, José Sarmento: 246, 247
BARBOSA, Plácido: 81, 83
BARBOSA, Rui: 40
BARCIA, Pedro: 156
BARRETO, João de Barros: 20, 150, 169
BARROS, Adhemar de: 232, 233
BARROS, Dias de: 54
BATISTA, Benjamin: 54
BATISTA, Pedro Ernesto: 90, 117, 131
BAUDELAIRE, Charles: 41, 203, 204, 228
BÉCLÈRE, Antoine: 66, 67
BÉCLÈRE, Henri: 91, 105
BENEDETTI, Francisco: 152, 154
BENIGNO, Girão: 173
BENJAMIN, Antônio Paulino: 28
BERNARD, Claude: 54
BERNARD, Etienne: 190
BERNARD, León: 102, 137
BERNARDES, Arthur: 120
BERNER, Friedrich: 159, 160
BERTILLON, Alphonse: 91
BLUNDI, Edmundo: 234, 243, 246, 247
BOCAGE, André-Edmond Marie: 175
BOLOGNA, Américo: 217
BOSI, Alfredo: 203
BOTELHO, Carlos: 69
BOUCHARD, Charles: 58
BRAGA, Cássio Santos: 234
BRAUENING, Hermann: 140
BRAZIL, Vital: 8, 169, 250

BRITO, Maria de Lourdes Antunes de: 33, 116, 118
BUENO, Maria Esther: 187
BUENO, Mazzini: 82, 84
BUGIE, Elizabeth: 180

C

CALMETTE, Albert: 21
CAMINHA, Nicola: 120
CAMPELLO, Arnaldo: 119
CAMPOS, José Maria Cabelo: 234
CAMPOS, Luís Antônio de: 25
CAMPOS, Luiz Antunes de: 26
CARLOS, Emílio: 250
CARLOS, Fauze: 250
CARMOS, José Messias do: 185
CARVALHO, Cláudio: 27
CARVALHO, Damasceno: 119
CARVALHO, Paes de: 69
CARVALHO, Ronald de: 202
CASALIS, Henri: 71
CASTELLO, Manuel: 261
CASTELO, Napoleão Rousseau: 164
CASTRO, Alfredo Nogueira de: 120
CASTRO, Geraldo Nogueira de: 234
CASTRO, Ruy: 120
CAUBARRERE, Nicolás: 156
CERTAIN, Diógenes: 156
CERVONE, Antonio Nelson de Abreu (sobrinho): 113, 114, 267
CEZAR, Humberto: 94
CHAGAS, Carlos: 8, 80, 83, 86, 131, 177
CHAGAS, Evandro: 169
CHAMBERLAIN, George Whitehill: 30
CHAMBERLAIN, Mary: 30
CHAOUL, Henri: 106
CHAPLIN, Charles: 52
CHATEAUBRIAND, Assis: 122, 202
CHAUFFARD, Anatole: 55
COKE, Cruz: 22
CONDE, Manoel: 234
CORREA, Rivadavia da Cunha: 41
CORREIA, Dilermando: 234
CÔRTES, Paulo: 152, 165, 167
CÔRTES, Vitor: 19, 92, 93, 94, 104, 105, 107, 149, 150
COSTA, Álvaro da Silva: 246
COSTA, Eduardo: 69
COUTO, Miguel: 54, 102, 250
CRUZ, Oswaldo: 8, 80, 87
CUNHA, Euclides: 43

D

D'OLIVEIRA, Filippe: 201
D'OVÍDIO, Francisco: 177
DARMON, Pierre: 52
DARWIN, Charles: 41
DAUSTER, José: 173
DAVID, Maria: 26
DE GAULLE, Charles: 69, 272
DES PLANTES, Bernard Ziedses: 175
DI CAVALCANTI, Emiliano: 204
DI GIUSTO, Elio: 251, 254
DIAS, Francisco Antonio: 27, 201
DIAS, Joaquina da Rocha: 27
DIAS, Mercedes da Rocha (dona Mercedes): 25, 26, 27, 28, 33, 35, 70, 117, 129, 206, 249, 250, 254
DIEULAFOY, Georges: 192
DOBNER, Wilhelm: 143, 154
DOSTOIEVSKI, Fiódor: 77, 78
DOUAT, Etienne: 233
DUDLEY, Sheldon: 180
DUMAREST, Fréderic: 137
DUTRA, Eurico Gaspar: 182, 183
DUVAL, Pierre: 105

E

ELIAS, William Homsi: 234
ELVAS, José: 32, 263
ELVAS, Maria Manuel d'Almeida de Abreu: 32, 33, 118, 263, 264, 265
ESTRADA, Roberto Duque: 93, 119, 120
EVERS, Charles: 115, 201
EVERS, Eugênia Moreira César: 115

F

FARIA, Lincoln de: 156
FARO, Fernando Mello: 231
FARO, Mário de Mello: 231, 232, 233, 234, 240
FERNANDES, Raul: 196

FERNANDES, Reginaldo: 155, 156, 184, 187, 189
FERREIRA, Clemente: 138
FIGUEIREDO, João Baptista: 260
FLEMING, Alexander: 33, 190
FONSECA, Hermes da: 40, 41
FONSECA, Moreira da: 103, 104
FONTENELLE, José Paranhos: 150
FONTES, Antonio Cardoso: 169, 177
FORLANINI, Carlo: 21, 172
FRAGA, Clementino: 150, 161, 170
FRAGA, Hélio: 243, 278
FRANCO, Afonso Arinos de Mello: 202
FRANCO, Francisco: 88, 191
FREIRE, Paulo: 222
FREYRE, Gilberto: 202
FRIK, Karl: 107

G

GALLI, Eugenio: 135
GAMARD, Christophe: 66
GARCEZ, Lucas Nogueira: 190
GEISEL, Ernesto: 259, 260
GERHARDT FILHO, Germano: 180, 181
GILBERT, Augustin Nicolas: 57, 58, 192
GOSSET, Jean: 105, 106
GOULART, João: 245
GOUVEIA, Hilário de: 41
GRASHEY, Rudolf: 158
GRECO, Mario: 104, 152
GUÉRIN, Camille: 21
GUILLEMINOT, Edmé Hyacinthe: 58, 59, 60, 68, 160
GUIMARÃES, Ugo de Castro Pinheiro: 176, 185
GUSTAF, Carl XVI: 263
GUTIERREZ, Navarro: 21, 191

H

HESS, Walter Rudolf: 177
HILLEBOE, Herman: 154
HITLER , Adolf: 20,155
HOLFELDER, Hans: 20, 154, 155, 158, 159, 160
HOLLOWAY, T.H.: 139, 155
HOUSSAY, Bernardo: 176

I

ITIBERÊ, Darcy Vilela: 233

J

JOHNSON, Herschel: 190
JUNQUEIRA, Alkindar Monteiro: 119

K

KARACIK, RAUL: 165
KELSCH, Louis-Félix-Achille: 135
KOCH, Robert: 21
KORNFELD, Murray: 188
KRISTENSON, Anders: 177
KUBITSCHEK, Juscelino: 221, 231, 232, 233, 236
KUBITSCHEK, Marcia: 236
KUBITSCHEK, Maristela, 236
KUBITSCHEK, Sarah: 236
KÜSS, Georges: 137

L

LACERDA, Carlos: 272, 273
LAËNNEC, René-Théophille-Hyacinthe: 65
LAPOUGE, Georges Vacher de: 44
LEHMANN, Jorgen: 190
LEMAIRE (mademouselle): 58
LESER, Walter: 260
LIMA E FILHO, Mozart Tavares de: 233
LIMA, Alceu Amoroso: 202
LIMA, Floriano Peixoto Faria: 258
LIMA, João Álvares de: 117
LINDBERG, D.O.N.: 22, 154
LINS, Aguinaldo: 90, 92, 201
LINS, Estelita: 185
LION, Gaston: 55, 106
LISPECTOR, Clarice: 202
LUÍS, Washington: 122, 150
LUTZ, Adolpho: 8,17
LYSHOLM, Erik: 177

M

MAC DOWELL, Afonso, : 146
MACHADO FILHO : 173

MACHADO NETTO, Evaristo: 120
MACHADO, Osolando: 248
MACHADO, Werneck: 102, 103
MADARIAGA, Salvador de: 202
MAGALHÃES, Fernando: 40
MAGALHÃES, Júlio Pires: 120
MAGARÃO, Fontes: 173
MAIA, Mota: 69
MAINGOT, Georges: 66
MALLARMÉ, Stéphane: 41
MARCELLE (a francesa): 116
MARGARIDO, Raul: 117
MARTINS, Paulo Egydio: 260
MASSON, Victor: 71
MATARAZZO, Francisco: 120
MAURICÉA FILHO: 89, 90, 91, 92, 101
MAZZEI, Egidio: 156, 261
MEIRA, Rubião: 54
MEIRELLES, Argos: 234
MELO, Luísa Clara: 25, 26
MEYER, Karl: 175
MIRANDA, Ary: 84, 156
MISONO, Keisuke: 261
MONIZ, Antonio Egas: 177, 198
MONTEIRO, Alfredo: 176
MORAES, Arnaldo de: 176
MORAES, Prudente de: 80
MORELLI, Juan: 157
MOREYRA, Álvaro: 202, 205
MOREYRA, Eugênia: 205
MOTTA, Luiza de Abreu: 26, 28
MULLER, Hermann Joseph: 177
MURARI, Silvestre: 117
MYERS, Jay Arthur: 188

N

NANOHAY, Ulisses: 156
NELSON, Hamilton: 149
NEVES, Jayme Santos: 153
NICOLAS, Chochard: 71
NIETZSCHE, Friedrich: 226
NOBEL, Albert: 176
NOBRE, Mathias Octavio Roxo: 273, 274
NOVAIS, C.: 26

O

ODETE (governanta de Dulcie): 170
OLIVEIRA, Mariana: 259
OLIVEIRA, Oldair de: 9, 10, 11
ONTANEDA, Luis: 135, 143
OPPENHEIM, Hermann: 106
ORLEANS, Dona Maria Amélia: 32
OSBORNE, Carlos: 89
OSÓRIO, Álvaro: 156

P

PAIXÃO, Oswaldo: 184
PAMPLONA, Paulo: 188
PASSOS, Francisco Pereira: 80
PAUCHET, Victor: 55
PAULA, Aloysio de: 20, 152, 156
PAULINO, Fernando: 156, 247
PAZZANESE, Olavo: 234
PEIXOTO, Afrânio: 54
PENTEADO, Sílvio Álvares: 117
PESSOA, Epitácio: 81, 86
PFHALER, George: 22, 169, 170
PHILIPS, Robert: 138
PINTO, Carvalho: 250
PINTO, Ernani: 259
PINTO, Octavio: 103
PITANGA, Genésio: 83, 149
POE, Edgard Allan: 41, 228
POINCARÉ, Jules Henri: 54
PORTINARI, Candido: 199, 204, 212, 214
PORTO, Agenor: 176
PÓVOA, Hélion de Menezes: 103
PRESTES, Júlio: 122
PULCHÉRIO FILHO, João Baptista: 120

Q

QUEIROZ, Raquel de: 202
QUENTAL, Antero de: 41, 204

R

REDEKER, Franz: 136, 140, 160
REGO, Flaviano: 27
REGO, José Lins do: 202
RENZO, Alberto: 171

REZENDE, Severino: 173
RIBAS, Emílio: 8, 250
RIBEIRO, Gil: 160, 170, 171, 173, 175, 188, 189, 221, 230, 232, 245, 247, 261, 272
RIO BRANCO, Barão do: 69
RIO BRANCO, Paulo do: 69
RIST, Edouard: 65, 71, 72, 73, 105, 137, 149
ROCKFELLER, Nelson: 202
RODRIGUES FILHO, Mário: 121
RODRIGUES, Mário Leite: 120, 121
RODRIGUES, Nelson: 120, 121, 122
RODRIGUES, Roberto: 122
ROENTGEN, Bertha: 16
ROENTGEN, Wilhelm Conrad: 16, 17, 66, 135, 159
ROMERO, Silvio: 44
ROSEMBERG, José: 172
ROUX, Jean-Charles: 105
ROXO, Henrique Britto de Belford: 176

S

SANTOS, Itazil Benício dos: 19, 41, 95, 156, 187, 235, 237, 241, 243
SANTOS, Maurity: 170
SANTOS, Raul Pitanga: 184
SARNO, Armando: 22
SAUERBRUCH, Ernst Ferdinand: 106
SAYAGO, Gumersindo: 153, 156
SAYÉ, Lluís: 20, 21, 156, 157
SCHATZ, Albert: 180
SCHINDLER, Rudolph: 56
SCHMIDT, Augusto Frederico: 202
SCHWARTZ, Rubens: 12
SEABRA, Paulo: 143
SEHMER, Theodore: 158, 159
SERAPHIM, Sylvia: 120, 121, 122
SILVA, José Júlio Velho da: 246
SILVA, Lourival Ribeiro da: 233
SILVEIRA, José: 235
SIMÕES FILHO, Ernesto: 190
SMITH, C.M.: 192
SOARES, Darcy: 204
SODRÉ, Roberto Costa de Abreu: 260
SOMMERLATH, Sílvia Renate: 263
SOUTO, Valois: 156
SOUZA, Ayda Mendonça de: 244, 245, 264
SOUZA, Lindolpho Mendonça de: 245, 264
SOUZA, Otávio Tarquinio: 202
SOUZA, Raphael de Paula: 234
SPENGLER, Oswald: 227
STOCKLER, Alexandre: 84

T

TEIXEIRA, Jesse: 247
TELES, Décio Queiroz: 156
THIBAU JÚNIOR, João: 120
TISI NETO: 156
TORELI, G.: 158
TROUSSEAU, Armand: 192
TUOTO, Elvio Armando: 180
ULRICI, Helmuth: 158
UNVERRICHT, Walter: 20

V

VACCAREZZA, Raúl: 153, 156
VACCAREZZA, Rodolfo: 153, 156, 157, 158
VARGAS, Getúlio: 90, 122
VASCONCELOS, Fábio de: 164
VIANNA, Mello: 69
VIEIRA, Geraldo: 94
VON HIDDENSEN, Ferdinand: 53
VON KÖLLIKER: 18
VUCETICH, Juan: 91

W

WAKSMAN, Selman Abraham: 180
WEBER, Francis: 154
WHITMAN, Walt: 205, 228
WIDAL, Fernand: 54, 106

Z

ZANCHETTA, Maria Inês: 80

O autor agradece

Muitas foram as pessoas que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste projeto. Fica o agradecimento sincero pelo apoio ao longo de todo esse processo, desde a pesquisa e produção dos textos à finalização desta obra. Em especial à Sociedade Paulista de Radiologia, por acolher a ideia e patrocinar essa justa homenagem a Manoel de Abreu. E mais, à:

- Minha esposa Patrícia Morgado, pela maneira carinhosa com a qual fez a primeira leitura dos capítulos, sua crítica sincera e paciência;
- Marcelo Benício dos Santos, pelas informações e cessão de parte do acervo familiar do dr. Itazil;
- Todos os que gentilmente cederam seus depoimentos para a realização deste trabalho;
- Cyro Antonio Fonseca Jr. e Lucia Souza, respectivamente presidente e secretária da SRad-RJ, pelas importantes atas

da Sociedade Brasileira de Radiologia e Electrologia e da Sociedade Brasileira de Radiologia Médica;

- Michele Moraes (bibliotecária), Renata Ferreira da Silva (arquivista) e Katia Costa e Silva (museóloga), por abrir as portas da Academia Nacional de Medicina;
- Fabiana Bernardes e Amara Félix, que ajudaram a decodificar o Manoel de Abreu poeta;
- Isabel Campos e Valéria de Vilhena Lombardi, pelo atendimento atencioso nas respectivas bibliotecas da APM e Central da Faculdade de Medicina da USP;
- Ingrid Souza, Jair Mongelli Jr.,e Jean Marcel, pelo precioso auxílio junto aos arquivos do Centro Histórico do Mackenzie, da Cúria Metropolitana de São Paulo e do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD-COC).
- Francivaldo Gomes (o Popó), profundo conhecedor dos meandros e da história do Cemitério da Consolação.
- Daddy Mallagoli, pela ponte entre mim e a SPR, entre o sonho e a realidade.
- Dr. Rubens Schwartz, por acreditar e pelo importante apoio ao longo desta caminhada.

Arquivos e bibliotecas

- Arquivo da Academia Nacional de Medicina
- Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva
- Arquivo Público do Estado de São Paulo
- Biblioteca Alfredo Nascimento, da Academia Nacional de Medicina
- Biblioteca Central da Universidade de São Paulo (USP)
- Biblioteca da Associação Paulista de Medicina
- Biblioteca da Faculdade de Enfermagem da USP
- Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP
- Biblioteca do Instituto de Radiologia (InRad) da USP
- Centro Histórico do Mackenzie
- Cinemateca Brasileira
- Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD/COC)
- Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina da USP
- Museu Inaldo de Lyra Neves-Manta, da Academia Nacional de Medicina

Créditos das imagens

- Academia Nacional de Medicina – 22, 38, 50, 64, 74, 75, 96, 111, 112, 113, 130, 183, 184, 194, 195, 196, 197, 198, 223, 228, 230, 239, 253, 256, 258, 266
- Acervo familiar de Antonio Nelson de Abreu Cervone – 24, 27, 29, 36, 47, 48, 49, 60, 63, 64, 98, 128, 129, 216, 254, 255
- Acervo familiar de Marcelo Benício dos Santos – 241
- Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva – 126
- Arquivo Público do Estado de São Paulo – 127, 242, 252
- Centro Histórico do Mackenzie – 34, 35, 37
- Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz (DAD/COC) – 76, 85, 86, 87, 161
- DIBNER, B. The new rays of professor Röntgen, Norwalk Connecticut: Burndy Library Inc, 1963. Disponível em *www.minnisjournals.com.au/radiographer/articles.php?articleid=109* – 16, 18
- Dreamstime.com © by Nicku – 16
- Le Méroscope pour la auscultation partielle de la région cardiaque – 108, 109, 110
- Meditação – 212, 214
- Mensagem Etérea – 200
- Oldair de Oliveira – 97, 100, 148, 240, 267, 268, 270
- Pinheiros Terapêutico (s/d) – 144
- Poemas sem Realidade – 213, 215
- Recenseamento Torácico Coletivo pela Roentgen-Fotografia – 141, 142, 144, 145, 146, 147, 164, 165, 166, 169
- Revista Brasileira de Tuberculose (nov-dez/1938) – 162, 167
- Revista Brasileira de Tuberculose e Doenças Torácicas (jun/1962) – 199, 255
- SANTOS, Itazil Benício dos. *Vida e obra de Manoel de Abreu, o criador da abreugrafia*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1963 – 127
- Sociedade de Radiologia do Rio de Janeiro (SRad-RJ) – 124, 125

Depoimentos ao autor

- Antonio Nelson de Abreu Cervone
- Leonardo Lania
- Marcelo Benício dos Santos
- Maria de Lourdes Antunes de Abreu Brito
- Maria Manuel de Abreu Elvas

Depoimentos gentilmente cedidos pela Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), que fazem parte do projeto Memória da Tuberculose:

- Aldo Villas Boas, de 10/01/1991
- Aloysio Veiga de Paula, de 15/05/1990
- Raphael de Paula Souza, de 14/05/1990
- Jayme Santos Neves, de 14/11/1990
- Milton Fontes Magarão, de 20/10/1982
- José Silveira, de 12/09/1990
- Germano Gerhard, de 12/08/1992
- José Rosemberg, de 05/09/1991
- Newton Bethlem, de 18/07/1990

Abreu em frases

"Os que amam verdadeiramente não têm inimigos; os que amam até o sacrifício têm paz no coração e despertam a paz no coração do mundo."

"Eu creio invencivelmente que a ciência e a paz triunfarão da ignorância e da guerra, que os povos se entenderão, não para destruir, mas para edificar, e que o futuro pertencerá àqueles que mais tiverem feito pela humanidade sofredora."

"As grandes descobertas da medicina foram realizadas por seres sonhadores, sublimes, inspirados pelo amor."

"Todo aquele que fala em verdade é um religioso, está pregando a sua religião... Mas, a verdade não existe, logo a ciência, por si mesma, a ciência não conduz a nada."

"A ciência, divinizada pelo hiperbolismo moderno, tornou-se uma entidade mágica, a qual se apoia nela mesma, não depende senão dela mesma."

"Todas as doutrinas, inclusive a da igualdade social ou da paz, quando na embriaguês do delírio, são apenas palavras vastas que ocultam o medo e a intolerância."

"Só há uma ilusão que vale a pena viver e sonhar, é a amizade."

"Ou ensinamos a ler, a ler corretamente e venceremos, neste mundo amargo de competições, ou desapareceremos na sombra."

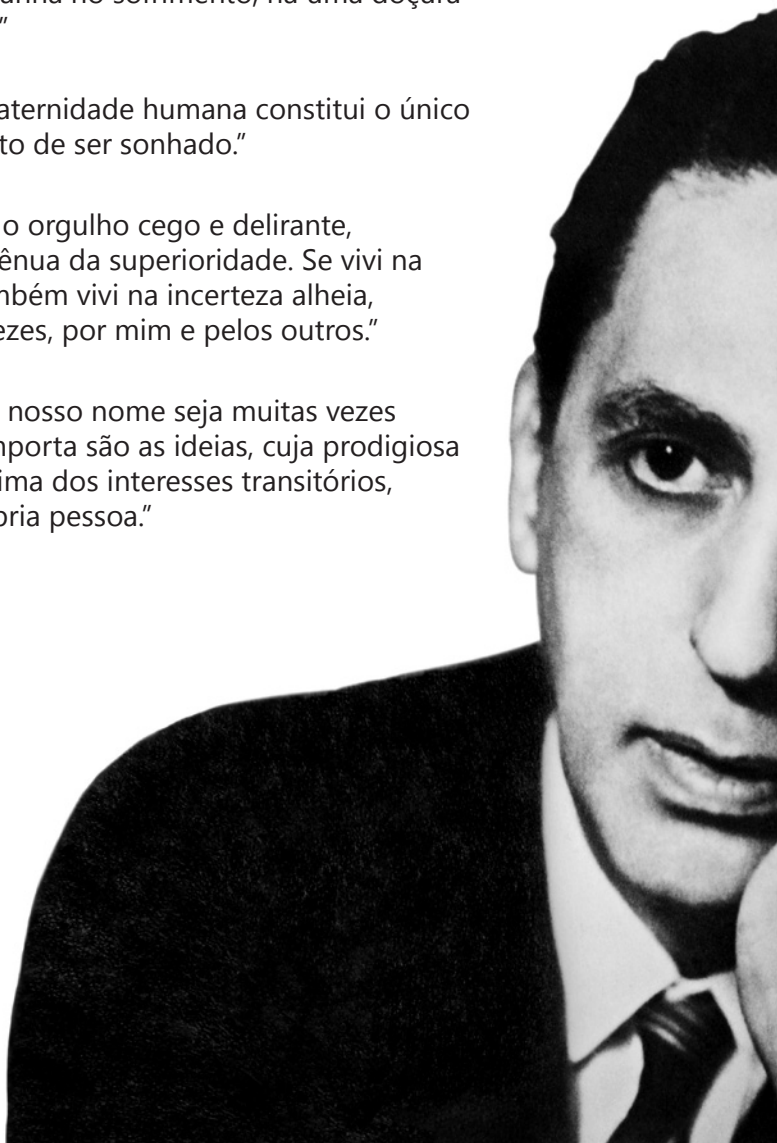
"A barbárie ensina apenas o que sabe, perpetuando assim a barbárie."

"Há uma beleza estranha no sofrimento; há uma doçura estranha no castigo."

"O sentimento de fraternidade humana constitui o único sonho bom e honesto de ser sonhado."

"Não cultivei jamais o orgulho cego e delirante, não fiz apologia ingênua da superioridade. Se vivi na minha incerteza, também vivi na incerteza alheia, tive piedade duas vezes, por mim e pelos outros."

"Não importa que o nosso nome seja muitas vezes esquecido. O que importa são as ideias, cuja prodigiosa vida se desdobra acima dos interesses transitórios, acima de nossa própria pessoa."



Foi mais de um ano de preparação e pesquisa para que o projeto de uma biografia definitiva do médico, inventor, poeta e filósofo Manoel de Abreu se tornasse realidade. Oldair de Oliveira, jornalista e historiador, foi a campo em São Paulo e no Rio de Janeiro, o que acabou por trazer novos elementos aos âmbitos pessoal e profissional de Abreu. Assim, pela primeira vez, a história de vida do inventor do aparelho que ficou conhecido como "abreugrafia" é apresentada de forma contextualizada, mostrando personagens e eventos que o cercaram. O resultado é uma história fascinante, que compreende desde suas raízes, passa por seu período áureo de investigações científicas e reconhecimento e vai até o falecimento de sua esposa, em 1983.

O Mestre das Sombras: um raio X histórico de Manoel de Abreu não simplesmente atualiza a vida e a obra do biografado; em 20 capítulos, o livro mostra o homem, e não apenas o mito, sujeito a paixões, erros, frustrações e, ainda assim, um personagem que ousou sonhar e persistir.

SPR

FAROL

ISBN 978-85-913455-0-2

9 788591 345502